

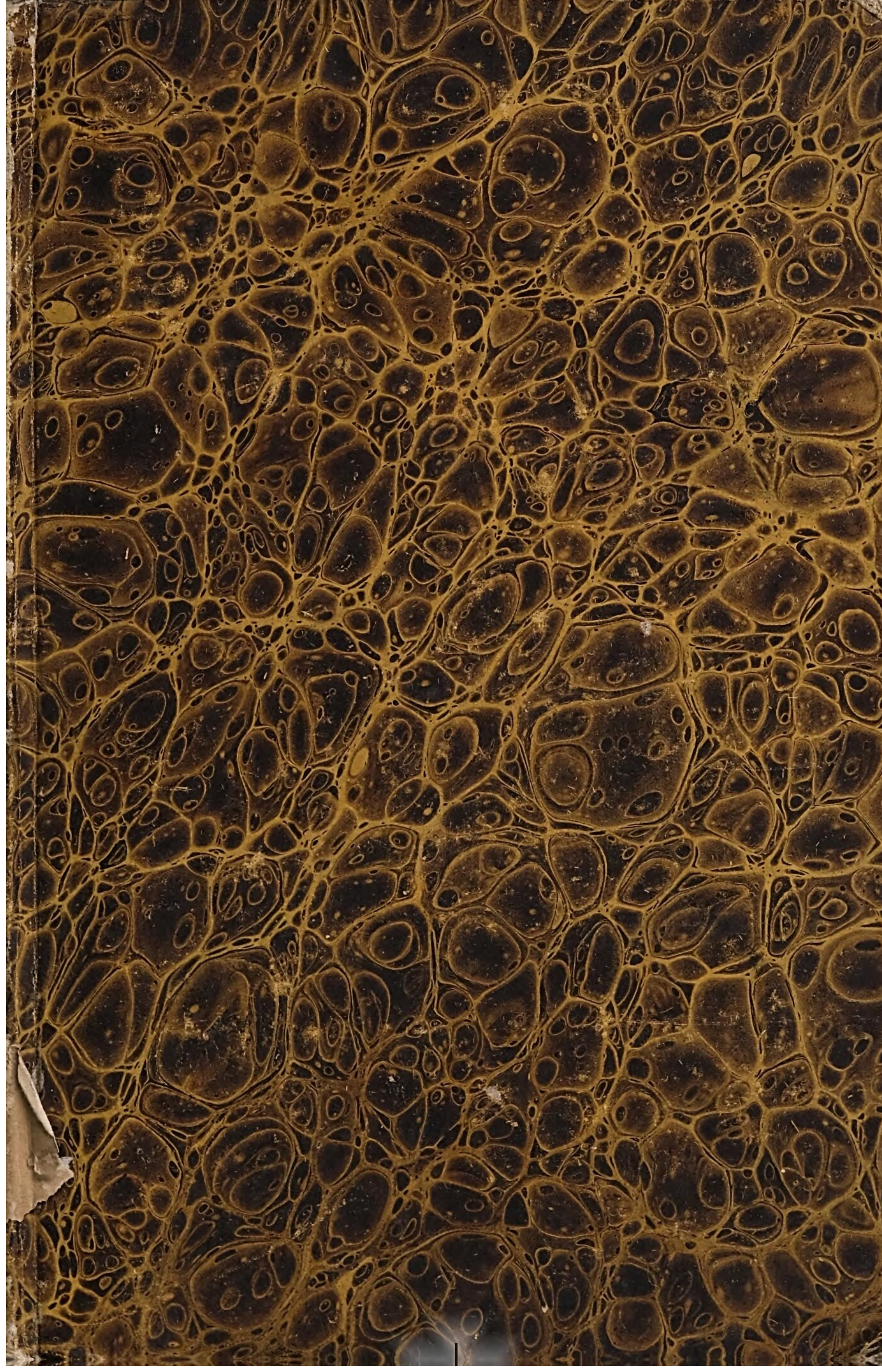
Brito, Bernardo de, 1569-1617

Collecção dos principoes auctores da Historia Portugueza

Bd.: 1

Lisboa 1806

Bamberg, Staatsbibliothek -- HV.Hist.490(1
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11695668-7



~~Ea XXVIII. 6.~~ III. 621.

(Dono Martinet)
Nov. 1836

H. V. Hest.

490

1

COLLECCÃO
DOS
PRINCIPAES AUCTORES
DA
HISTORIA PORTUGUEZA,
PUBLICADA COM NOTAS
PELO
DIRECTOR DA CLASSE DA LITTERATURA
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,
E
POR ELLA OFFERECIDA
A
S. ALTEZA REAL
O
PRINCEPE REGENTE
NOSSO SENHOR.

T O M. I.



L I S B O A

Na Typographia da mesma Academia.

ANNO 1806.

Com licença de S. ALTEZA REAL.



COLLECCAO

PRINCIPALES AUCTORES

HISTORIA PORTUGUEZA

PUBLICADA POR NOTAS

DE

DIRETOR DA CLASSE DA LITTERATURA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCAS

POR BILLY O'NEILL

S. ALBERTA REAL

O

PRINCIPES AUCTORES

NOTAS DE

TOM. I

LISBOA

Na Typographia da Real Academia

Anno 1806

Com licenca de S. ALBERTA REAL

TERCEIRA PARTE
D A
MONARCHIA LUSITANA.

QUE CONTEM A HISTORIA DE PORTUGAL
DESDO CONDE DOM HENRIQUE ATE²
TODO O REINADO DELREY DOM
AFONSO HENRIQUES.

*DEDICADA AO CATHOLICO REY DOM FILIPE
TERCEIRO DE PORTUGAL, E QUARTO
DE CASTELLA NOSSO SENHOR.*

P O R O

DOUTOR FR. ANTONIO BRANDÃO
ABBADE DO CONVENTO DE N. S. DO DESTERRO
DE LISBOA DA ORDEM DE S. BERNARDO,
E CORONISTA MÔR DE PORTUGAL.

TERCEIRA PARTE

DA

MONARQUIA LUSITANA

QUE CONTEM A HISTORIA DE PORTUGAL
DEDO CONDE DOM JESUQUE ALB
FOTO O REINADO DE D. J. DOM
ALONSO HENRIQUES

DIRETOR DA BIBLIOTECA E MUSEU
TERCEIRA DE PORTUGAL
DE ESTE LIVRO DE ALONSO

P. 10

DOUTOR M. ANTONIO BRANCO

AVISO DO LIVRO DE D. J. DOM
DE LITON DE ALONSO
E CO. DE LITON DE ALONSO

Licenças da Religião.

VI estes livros que se intitulação terceira, & quarta parte da Monarchia Lusitana, compostos pelo D. Fr. Antonio Brandão Coronista mór de S. Magestade, Monge deste Real Mosteiro de Alcobaça: parece-me obra muy digna de impressão, porque demais de não ter cousa que encontre nossa santa Fé Catholica, & bons costumes, contem muitas que servem ao bem comum, à honra, & ao credito de nosso Reyno. Descobre o Autor as cousas dos principios de Portugal com grande diligencia, apurandoas com muito exame, & verdade: o estilo he grave, & acomodado à historia, tras noticia de muitas cousas novas, & honrosas, por onde entendo que serão muy bem recebidas. Alcobaça 2. de Janeiro de 1630.

O Doutor Fr. Remigio da Assumpção.

La Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana que compos o Doutor Frey Antonio Brandão, Monge de nossa Ordem, & Cronista mór de Sua Magestade nestes Reynos de Portugal. Parece-me obra excellente, em que o Autor não descobre menor talento do que mostrou nos estudos da sagrada Theologia, lendoa muitos annos na Religião, & algum tempo na Universidade de Coimbra. Examinão-se as cousas antigas do Principio de Portugal com singular juizo, emendãose os erros de nossos historiadores, descobremse verdades nam sabidas. Tirãose a luz muitas cousas do credito deste Reyno, que a pouca diligencia dos Cronistas passados deixarão jazer sepultadas, & sobre tudo se confirmão estes escritos com tantas provas, & autoridades de doações, que não deixão lugar a duvidas, nem ha mais que desejar em fé humana. Por todas estas rezões, & sobre não terem cousa que encontre nossa santa Fé, & bons costumes, me parecem estes livros não sò dignos de impressão, mas de grande credito, & honra deste Reyno. S. João de Tarouca. 28 de Março de 1630.

O Doutor Fr. Pedro do Horto.

O Doutor Fr. Feliciano Coelho Dom Abbade do Real Mosteiro de Alcobaça Geral, & Reformador de todos os de sua Congregação nestes Reynos de Portugal, & Algarve, damos licença ao Doutor Fr. Antonio Brandão, Coronista mór desta Coroa, Monge de nossa obediencia, para que avidas as licenças ordinarias possa dar a impressão dous livros intitula-

dos. Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana , vista a informação dos Padres , a quem cometemos o exame dos ditos livros. Fr. Manoel Machado Secretario a fez por mandado de sua Reverendissima Paternidade. Alcobaça 22. de Abril de 1630.

*O Doutor Fr. Feliciano Coelho ,
Abbate Geral.*

POr mandado do nosso Reverendissimo Padre Geral Frey Bernardo de Attayde vi estes livros intitulados , Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana , compostos pelo Doutor Fr. Antonio Brandão Coronista mór de Portugal , & Abbade de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa , pareceme obra digna de muito louvor , em que o Autor mostra acertado juizo , boa eleição , estilo facil & grave , muita verdade na historia , & sobre tudo grande diligencia em descobrir , & apurar as materias de que trata , que era o que faltava às historias de Portugal. Por estas razões sobre não terem cousa repugnante à nossa santa Fè , & bons costumes , me parecem estes livros muy dignos de impressão. Coimbra no Collegio de S. Bernardo em 10. de Setembro de 1630.

O Doutor Fr. Paulo Brandão.

COnfirmamos a licença do Reverendissimo Padre Geral nosso antecessor para se imprimirem a Terceira & Quarta parte da Monarchia Lusitana , que compos o Padre Doutor Fr. Antonio Brandão , Abbade de N. S. do Desterro , & Coronista mór de Portugal. Alcobaça a 30 de Setembro de 1630.

*Frey Bernardo de Attayde ,
Abbate Geral.*

Licença da santa Inquisição.

VI estes livros intitulados , Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana compostos pelo Doutor Fr. Antonio Brandão da Ordem de S. Bernardo Coronista mór deste Reyno de Portugal , não tem cousa que encontre nossa Santa Fè , & bons costumes : antes he obra que me parece será muy aceita , & estimada de todos , principalmente os que zelão a honra de sua patria ; por concorrerem nella (demais de outras excellencias) novidade , verdade , & reputação. As cousas novas ategora não sabidas , nem tratadas que se descobrem são tantas , que em certo modo se pode dizer , que he mais o que de novo se
acre-

acrescenta , que o antigo de que tínhamos noticia. A verdade se prova com tanto exame , & confirma com taes fundamentos , que nem aos mais escrupulosos pode ficar duvida. A reputação finalmente que a todo Reyno se grangea com esta historia he muy grande , porque se tirão à luz muitas cousas de honra , & credito , de que ategora não avia muita noticia. Pelo que me parece muy digna de se estampar. Em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de JESU , em 10. de Fevereiro de 1631.

Doutor Jorge Cabral.

VI a Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana , compostas pelo Doutor Fr. Antonio Brandão professo na familia Cisterciense , Coronista mór desta Coroa ; & não achei cousa alguma em que se vá contra a nossa santa Fè , ou que possa corromper os bons costumes , ou desviar da guarda delles , antes sendo historia tão diífusa , que corre da vinda do Conde Dom Henrique illustrissimo progenitor dos Reys de Portugal , ate a morte de Dom Afonso Terceiro , em todo o discurso della se ha o Autor com notavel modestia , erudição , curiosidade , & subtiliza de juizo , trazendo à luz muitas antiguidades dignissimas de se perpetuarem nas memorias , & provandoas tão solidamente , que não ha mais que desejar , pelo que me parece não só merecer o Autor a licença que pede para a impressão , se não muitos agradecimentos , & louvores. Em Santo Eloy de Lisboa em 25 de Abril de 631.

O Doutor Vicente da Resurreição.

VIstas as informações podese imprimir a Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana que se apresentão , & depois de impressas tornem conferidas com seu original para se dar licença para correrem , & sem ella não correrão. Lisboa aos 30. dias de Abril de 631.

*G. Pereira. D.J. da Silva. D. Miguel de Castro.
Francisco Barreto. Fr. Antonio de Sousa.*

Licença do Ordinario.

DOu licença para se poder imprimir esta Terceira , & Quarta parte da Monarchia Lusitana , compostas pelo Doutor Fr. Antonio Brandão Monge de São Bernardo , Coronista mór de Portugal. Lisboa 12. de Mayo de 1631.

João Bezerra Jacome , Chantre de Lisboa.

Licen.

Licença do Paço.

P Or mandado de V. Magest. vi a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, compostas pelo Coronista mór o Doutor Frey Antonio Brandão, Monge da Ordem de São Bernardo ao presente Abbade do Convento de Nossa Senhora do Desterro nesta cidade de Lisboa. E se as Coronicas se escrevem pera se seguirem os bons exemplos, & se evitarem os maos, esta he hum exame de verdades: & por isto mais necessaria visto o que trata do valor, & piedade Christãa dos Portugueses, muito declinada nos tempos presentes; lição que os incitará a cobrar o perdido. Mostrãose muitas cousas que se não sabião, & muito importantes para o tal effeito, de que os Autores não tiveram noticia, pelo que não somente se lhe deve dar licença pera imprimir, mas tambem obrigalo V. Magest. com favores, & merces pera que o faça. Guarde Deos a Catholica, & Real Pessoa de V. Mag. como seus vassallos desejamos. 29. de Agosto, de 631.

Henrique Correa da Sylva.

Q ue se possa imprimir a Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, vista a licença do S. Officio, & ordinario. Lisboa 2. de Setembro. de 1631.

Araujo.

Salazar.

Barreto.

Conferi este livro da Terceira parte da Monarchia Lusitana impresso com seu original, está conforme, pelo que pode correr. Em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de JESUS, 8. de Junho de 632.

D. Jorge Cabral.

Vista a conferencia pelo Doutor Jorge Cabral, pode correr este livro intitulado, Terceira parte da Monarchia Lusitana. Lisboa 12. de Junho de 1632.

Gaspar Pereira. Dom João da Sylva. Francisco Barreto.

Taixão este livro em seiscentos e sincoenta reis em papel, a 9. de Junho de 632.

Cabral.

Salazar.

Barreto.

A ELREY NOSSO SENHOR.

SENHOR.

A Bonando o grande Rey Atalarico ao Senado Romano a Pessoa de Cassiodoro (*), que promovia a Prefecto do Pretorio (dignidade principal no Imperio) teve respeito particular á occupação da historia que lhe compusera, relatando com verdade as cousas daquelle tempo, & a antiga genealogia dos seus Principes Godos. Sendo grande esta mercê com que elRey Atalarico acrescentou à Cassiodoro, muito superior he a que tenho em mim experimentado da grandeza de V. Magest. pois não appre-
sen-

(*) *Cassiodoro variarum lib. 9. epist. 25.*

sentando eu a V. Magest. escritura de obras proprias , como Cassiodoro a Atalarico , mas estes dous volumes em que averigui com certeza a historia dos primeiros Reys Portuguezes : procedeo V. Magest. com tanta magnificencia , que não só os aceitou benignamente , mas quiz que eu os publicasse com titulo de Chronista mór de Portugal , que vagara por Dom Manoel de Menezes , mandando que eu lhe succedesse no mesmo cargo. Faço esta lembrança não como escritor officioso , mas como vassallo agradecido , para que , em quanto não estampo outras obras , da grandeza de V. M. se veja logo na entrada de meus escritos huma imagem de sua Real beneficencia , a qual mostre claramente ao mundo , quanto todos se devem empregar no serviço de V. Mag. pois quando assi gratifica V. Mag. os serviços alheos , com muito mayor grandeza remunerará os proprios. E tambem servirá para a fiança da verdade com que escreverei

as acções de V. Mag. pois comecei esta historia pelas vidas dos Reys antepassados , dos quais era impossivel esperar recompensa. Porem em quanto o tempo me não dà lugar a me ocupar todo em tão gloriosa empresa , offereço aos Reaes pés de V. Mag. esta obra com grande confiança ; porque sendo escrita com verdade , & tendose V. Mag. mostrado satisfeito della , nem a ella fica que temer , nem eu lhe podia mais desejar. Deos guarde â Catholica pessoa de V. Mag. largos annos para bem universal da Christandade , & defensão de sua Igreja. Deste Convento de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa em 25. de Abril de 1632.

O Doutor Fr. Antonio Brandão.

de acordo de V. Mag. pois conheci
esta historia pelas vellas dos Reis
antepassados, dos quaes era impossivel
ver e ouvir testemunhas. Por tanto em
quanto o tempo me não dá lugar a
me occupar todo em tão gloriosas em-
presas, offereço aos Reis pães de V.
Mag. esta obra com grande confiança;
porque sendo escrita com verdade,
de terçose V. Mag. mostrando similiter
to' della, nem a ella não que temer,
nem em elle poder mais desconfiar. Deos
guarde a Catholica pessoa de V. Mag.
muitos annos para bem universal da
Christandade, & dellemos de sua fide-
lidade. Deste Convento de Nossa Senhora
do Descalvo de Lisboa em 2. de
Abril de 1632.

O Doutor Fr. Antonio Brandão.

PROLOGO

A TERCEIRA, E QUARTA PARTE

D A

MONARCHIA LUSITANA.

Sendo tão proveitosa, & necessaria a lição da historia, julgou Plutarco (a) que lhe prejudicava muito o receo com que os leitores ficão as mais das vezes, não se dando por seguros da verdade della. Porque sendo de cousas antigas, a mesma antiguidade faz difficultosa a averiguação, & certeza: & sendo das que os escritores alcançarão com a vista, se pode temer que a afeição, & outras paixões a não deixem tão pura, que ao menos não còre a apparencia das acções, quando lhe não altere a sustancia. Livres ficão em grande parte desta segunda difficultade, os que escrevem cousas que ha muito tempo passarão, & tratão de pessoas de quem ja se não espera, nem se teme: mas cabem em o outro primeiro, & não menor inconveniente, qual he não poder assegurar seus escritos pela confusão, & incerteza do passado: donde veo a confessar Tito Livio (b) no principio do
sex-

(a) Plutar. na vida de Pe.

(b) Livio lib. 6.

sexto livro, que ate aquelle ponto corria sua historia com menos certeza, por se ter perdido no incendio de Roma pelos Francezes o principal das escrituras daquella Republica, & sairem as tradições por mais antigas mais confusas, o que não seria dali em diante em que avia noticia mais certa, & livros da historia mais verdadeiros. Esta foi a causa porque os antigos chamarão sò tempo historico àquelle que se continuou depois da primeira Olympiada, pela verdade com que della por diante se começarão as historias a escrever, como particularmente nota Marco Varrão (a)

Para satisfazer aos Leitores nesta parte, & fazer crível a verdade da historia de Portugal, que apresento na Terceira, & Quarta parte da Monarchia Lusitana, apliquei toda a diligencia possivel, pondo mais cuidado nesta parte, que em nenhuma das outras, que a esta obra pertencem, porque os outros requisitos são accidentes, mas a verdade he alma da historia, sem a qual não se lhe deve nome, & com ella fica izenta de toda a calunnia: pois com razão merece o claro elogio de testemunha dos tempos, luz da verdade, mestra da vida, & vida da memoria, com que Tullio, & Quintilia-

(a) M. Varr. apud Censorinum. c. 21.

tiliano a descrevem: & admite o grande Doutor da Igreja São Hieronymo (a) quando escrevendo ao nosso Portugues São Damazo lhe diz, que melhor parecião verdades toscas que mentiras elegantes.

Em comprimento pois desta tão precisa obrigação gastei perto de dez annos em buscar, & ler as doações, privilegios, escrituras, & livros dos principaes archivos das Sès, & Mosteiros deste Reino, & alguns das cidades, & villas del-
le, & principalmente o cartorio da Torre do Tombo, que he o Archivo Real, & està no castello de Lisboa: & do que colhi com este trabalho conferindoo com as historias impressas, & manu escritas (de que se não deve admittir cousa alguma sem fazer estas conferencias) teci, & pus em limpo os dous volumes que offereço: & porque aos curiosos não enfastiã particularidades, declaro que na Torre do Tombo alem dos originaes, & papeis soltos, & livros de mão de leitura nova, que são muitos, ha alguns de leitura antiga, entre os quais vi dous livros pequenos dos foraes velhos, outros dous de doações, & foraes delRey Dom Afonso o terceiro: cinco tocantes a elRey D. Diniz, & dous de inquirições do mesmo Rey, & de seu pay Dom Afonso, & tres delRey Dom Afon-

(a) S. Hieronym. epist. 4.

Afonso segundo seu avo. Nesta conformida-
de se seguem outros livros tambem de leitu-
ra antiga dos Reis subsequentes, de que
darei mais particular relação nos tomos
adiante. Na Sè de Coimbra ha hum volume
antigo, que contem as principaes cousas
daquella Igreja des do tempo delRey Dom
Fernando o primeiro de Leão, & Castel-
la, pay delRey Dom Afonso Sexto. A Sè
de Braga tem hum insigne livro, que cha-
mão, Liber Fidei, em que estão escritas
as cousas mais notaveis desta Igreja. Em
S. Cruz de Coimbra ha dous volumes es-
critos ambos em tempo delRei D. Afonso
Henriquez, ao primeiro dos quais chamão
o Livro dos Testamentos. Nos Mosteiros
de Loruão, Arouca, & Salzeda ha tam-
bem destes livros antigos escritos ha mais
de quatrocentos annos. E no Real Mostei-
ro de Alcobaça ha muitos livros de lei-
tura nova copiados das principaes escri-
turas daquella casa em tempo delRey D.
João o Terceiro, a que se dà tanto credi-
to por privilegio Real, & do Summo Pon-
tifice (por cuja ordem forão examinados,
& revistos) como aos originaes proprios,
que tambem se conservão.

Com estes livros, & outros semelhan-
tes, a que nenhum prudente porà escrupu-
lo, allego no discurso desta obra, quando
não cito as mesmas escrituras originaes
don-

donde se copiarão. Allego mais algumas Relações, & Memorias antigas que vi em alguns cartorios .s. a tomada de Santarem, a de Alcacere do sal no de Alcobaca, hum Epitome em Latim, que se intitula, Historia dos Godos, & contem muitas cousas antigas de Espanha, até a morte delRey D. Afonso Henriques. O Mestre Andre de Resende tinha esta historia, & a cita em seus escritos, como tambem fez o Bispo de Pamplona D. Fr. Prudencio de Sandoval, & achei della fragmentos na livraria de Alcobaca, & o mesmo original, que foy de Andre de Resende, com algumas notações escritas de sua mão me cõmunicou o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria.

Destes livros, & escrituras originaes se colhe fundamentalmente a verdade da historia de Portugal: & assi se verão nesta obra muitas cousas averigoadas, que ategora andavão incertas, & outras se saberão, que totalmente se ignoravão, sendo todas de grande reputação para este Reyno. Seguese com grande clareza a ordem dos tempos, & o que em cada anno aconteceo, assi na paz, como na guerra, particularizando as empresas contra os Mouros, cercos, tomadas de lugares, batalhas, cortes, prematicas, fundações de novas povoações, antiguidades das familias,

lias , origem de seus appellidos & armas :
& sobre tudo as cousas do estado Eccle-
siastico , de que ategora não tratarão as
nossas historias , como se não fossem ma-
teria desta Republica , sendo o argumen-
to de mayor sustancia , & as obras que
nelle fizerão os nossos Reys , & seus vas-
sallos as em que alcansarão mayor gloria.
Pelo que escrevemos com toda a diligencia
as erecções dos novos Bispados , restau-
ração dos antigos , as successões dos Pre-
lados delles , primeiras entradas das Re-
ligiões no Reyno , a grande & piedosa li-
beralidade com que os Principes , & parti-
culares edificarão seus Conventos , & fi-
nalmente casos milagrosos , vidas de San-
tos , & particulares prerogativas com que
Deos nos fez merce honrar esta nossa pa-
tria. Destas novas relações vai tão ac-
crescentada , & enriquecida esta historia ,
que sò qualquer dos dous volumes della oc-
cupão mayor leitura , que as primeiras
dez Chronicas de Portugal.

Em todos os livros manu escritos , &
principalmente nas doações , & pergami-
nhos soltos adverti com particularidade no
numero dos annos , letras com que se si-
nalão , por quanto antigamente se usavão
algumas cifras que hoje estão esquecidas ,
& causão embaraço a quem não faz ad-
vertencia dellas : & assi achei erros em
al-

alguns Autores por falta desta advertencia. Escreviase o numero mil com a letra M. & as vezes com hum cruze nesta forma T. O numero 50. ordinariamente se acha escrito deste modo 2. & sobre tudo a letra X. valia humas vezes dez, & outras quarenta: quando valia dez se escrevia como ordinariamente se faz nesta maneira .X. porem quando valia 40. se ajuntava às duas pontas de cima hum virgula, ou plica desta forma X̄. ou destouta X̄. Entendo que ao principio se começou ajuntar hum I. a letra X. como ainda oje se costuma, & pelo discurso do tempo, & descuido dos que escrevião se veio a corromper na virgula que dizemos, ajuntandose em forma que parece hum so letra. Fazem graues Autores menção desta verdade: Damião de Goes em hum livro dos foraes da Torre do Tombo de leitura nova: Estevão de Garivai no seu primeiro tomo: o nosso Frey Athanasio de Lobera na vida de S. Froilano: & Fr. Antonio de Yepes no prologo das Centurias. Que tenha a letra X. valia differente na forma que dizemos, alem da autoridade dos Escritores referidos se pode provar com evidencia de alguns lugares.

Seja o primeiro tirado do livro das Doações, & Foraes delRey D. Afonso o Terceiro, que està na torre do Tombo em Fr. A. Brandão; Tom. I. B qua-

*quadernado em pasta preta , o qual às fo-
lhas 53. tem huma escritura que começa
deste modo. In nomine Domini nostri Jesu
Christi. Amen. Noverint universi præsentis
scripti seriem inspecturi , quod Era M.CC.
L̄xVIII. Et anno Dominicæ Incarnat. M.
CC. LXI. mense Aprilis cum ego Alfonsus
Tertius Dei gratia Rex Portucalliæ ince-
pissem facere monetam meam , &c. Quer
dizer. Em nome de Jesu Christo Senhor
nosso , Amen. Saibão todos os que o theor
desta presente escritura virem , que na
Era de 1299. & no anno da Encarnação
do Senhor de 1261. começando eu D. Afon-
so Terceiro por graça de Deos Rey de
Portugal a fazer a minha moeda , &c.
Consta deste lugar que na primeira par-
te val a letra X. 40. & na segunda 10 :
o que se prova , porque se em ambas ti-
vera a mesma valia , não levaria de ex-
cesso a Era de Cesar à de Christo mais
que oito annos , o que he contra o pare-
cer de todos , contra a verdade , & cer-
teza dos tempos : porque se sabe que a Era
de Cesar leva de excesso à de Christo 38.
annos , os quais correm do numero 61. aos
99. No livro dos Mestrados do mesmo Ar-
chivo Real as fol. 63. ha outra doação
feita por D. Gilberto Bispo de Lisboa aos
Cavalleiros do Templo da Igreja de San-
tiago de Santarem : a qual remata. Fa-
cta*

Esta Carta Era M. C. LXXVII. mense Februario. Neste lugar necessariamente val a letra X. 40. porque a valer dez sòmente, ficava sendo a Era anno de 1129. tempo em que era impossivel aver Bispo em Lisboa; porque estava então em poder de Mouros, & o esteve até o anno do Senhor de 1147. em que foy eleito por Bispo Dom Gilberto. Muitas outras Escrituras pude- ra trazer em confirmação desta verdade, mas em o discuso da obra se irão alle- gando. Nem contra ella faz alguma cousa o que diz certo Auctor moderno de hum li- vro manuescrito da Igreja Collegiada de Guimarães, em o qual (segundo lbe pa- rece) a letra X. cerrada, & aberta por cima tem sempre a mesma valia; porque se assi he, seria ignorancia de quem tras- ladou o livro fazer o X. cerrado quando val dez. O que o Auctor fez mal, foy de- duzir daqui doutrina geral, sem ter noti- cia de Cartorios, nem de Escrituras mais que daquella Igreja. Mas para que se sai- ba que ainda nestas não alcansou a ver- dade, huma que refere em o capit. 11. num. 4. em que hum Mendo Viegas dà ao Conde D. Henrique a herdade de Pausada de Çaide feita na Era de mil & cento & quarenta & hum, não està errada como elle affirma, mas val nella o X. quarenta, & responde ao anno do Senhor de 1103.

em que o Conde Dom Henrique vivia, & governava este Reyno.

Alem dos livros manuscritos, & dos Auctores impressos que allego, me ajudarão muito algumas pessoas doutas com particulares advertencias, lugares, & curiosidades, das quais me pareceo fazer lembrança, por ser obrigação de semelhante divida, gratificalo muitas vezes com palavras, quando se não pode fazer com obras: pois segundo Hesiodo, os que recebem beneficios, hão de imitar a condição da boa terra, que torna com grande usura os fruitos que lhe entregarão. Ouvese nisto generosamente João Vazeu (a), & por esta causa merece ir aqui nomeado, como agradecido; o que não teve o nosso Gaspar Barreiros, de quem o Mestre Rezendes (b) se queixa sentidamente, porque communicandolhe mais de vinte lugares illustrados para sua Chorographia, se não lembrou de o dar por Auctor de nenhum delles: caindo na infelicidade de ser comprehendido em furto, como diz Plinio (c), por deixar de confessar o emprestimo: em contrario do que succede aos que gratificão as boas obras, que recebendo com este animo o alheio

o

(a) João Vaseo na Chronica de Hespan. cap. 6.

(b) Resende na Epistola a Ambrosia de Morales.

(c) Plin. na Prefação a Vespasiano. Cassiodoro. Variar. lib. 8. Epist. II.

o podem por voto de Cassiodoro vender por proprio.

São as pessoas a que mais devo nesta materia Antonio de Tavares , Esmoler mór de sua Magestade , Conego da Sè de Lisboa , pessoa de grandes merecimentos. Occupa o tempo na lição dos livros com tanta continuação , que causa enveja aos mais curiosos , com tanto proveito como se verá de suas obras , querendoas dar a luz , entre as quaes tem o primeiro lugar hum excellente livro , que tem composto dos Prelados da Sè de Lisboa , & das antiguidades da mesma cidade , que descobre bem o maduro juizo , & grande talento de seu Autor.

Manoel Severim de Faria Chantre de Evora , digno de illustres elogios , pelo zelo que tem da honra de sua patria , & pelo credito que lhe tem alcançado com seus estudos. Tem composto varias obras , entre as quais me communicou dous volumes muito copiosos & curiosos , que intitula , Noticia de Portugal. A historia dos Bispos de Evora , & dous livros das Vidas de varões illustres Portugueses , que florescerão assi nas armas , como nas letras. Não necessitão estas obras de encomios , & particularmente as vidas illustres , pois se abonão com as que ja publicou dos nossos dous insignes escritores

João

João de Barros, & Luis de Camões nos seus Discursos varios, em que quis dar hum a instrução politica das artes em que hão de ser doctrinados os mancebos nobres da Republica, conforme aos preccitos do Philosopho.

O Licenciado Gaspar Alvres Louzada, Reformador dos Padroados da Coroa Real, & Escrivão da Torre do Tombo de muita noticia nas antiguidades deste Reino, & de toda Espanha, em cujo estudo se tem mostrado incansavel com tanto fructo, que por elle souberão muitas cousas alguns dos Historiadores do nosso tempo, como elles mesmos confessão em seus escritos. Tem composto hum livro que intitula, Escudo Real de Portugal, de tanta erudição, que ha de confirmar com os Estrangeiros a grande opinião que tem de seu autor, & com os Naturaes como em todas as idades os sogeitos superiores viverão desfavorecidos.

O Doutor Simão Torresão Coelho, que foi em Coimbra Collegial de S. Pedro, & Deputado do santo Officio da Inquisição, & o he da S. Cruzada, Ouvidor da Capella Real, & Prior de S. Martinho desta cidade de Lisboa, aonde pela muita noticia que se tem de suas letras na faculdade de Canones, de que foy Lente alguns annos em a Universidade de Coimbra,

bra, he consultado nos principaes negocios desta Corte: & a eminencia com que possue as letras humanas o faz ser estimado dos mais politicos.

O Licenciado João Pinto Ribeiro Juiz de fora que foy de Pinhel & Ponte de Lima, consummado Iurista, o que tem bem mostrado em alguns tratados em materias de sua profissão, que darà cedo à luz; nui perito nas lingoas, de cuja erudição não vulgar, que ja aparece na mão de seus amigos em discursos, & opusculos historicos, & politicos, darà total testemunho o excellente commento que tem feito às obras do nosso Camões.

O Licenciado Francisco Rodriguez Cassã, grande Medico, & Mathematico, como he notorio na cidade de Coimbra, & muitas parte do Reyno, de grande noticia, & applicação nas historias.

O Padre Fr. Francisco Brandão meu sobrinho, & de minha ordem, Leitor de Theologia no Collegio de S. Bernardo de Coimira, de cujo talento para todas as boas letras he bem que não falle por não parecer suspeito: sò digo com Cassiodoro sobre os sogeitos aqui referidos, & outros de que està fertil a nossa patria, que não sã desiguais os engenhos do nosso tempo aos passados, pois temos tantos que imiã, & fazem vantagem aos antigos,

gos, como elle encarecia do Questor Ambrosio.

Tambem cuidei de me aproveitar de hum livro manuescrito do Doutor Fr. Bernardo de Brito Chronista mor que foi deste Reyno, intitulado Terceira Parte da Monarchia Lusitana, mas não achei causa que me servisse, porque fora do que dizem as Chronicas de mão tem pouco mais: & como allega com hum autor chamado Mem-Gomes, & com outros livros que não pude ver, me pareceo não devia meter os leitores nos escrupulos que ja tiverão com Laimundo, posto que sem fundamento, porque na verdade ouve este livro em Alcobaça, & alem das mais pessoas que o virão foi humo o Arcebispo Firmaz Dom Fr. Augustinho de Castro, estando presente o Licenciado Gaspar Alvres Louzada, o qual me deu certidão disso. A historia da terceira parte da Monarchia, que o Doutor Fr. Bernardo deixou imperfeita, foi a primeira cousa que elle fez sendo ainda muito moço (como elle proprio diz nella) antes de ver os Cartorios, & ter a noticia que depois alcançou em o discurso de sua vida, & assi he obra de principiante, & que não responde ao credito de seu nome. Fello com esta clareza, porque a tem visto algumas pessoas doudas: o Chantre de Eora Manoel

noel Severim de Faria, o Doutor Simão Torresão Coelho, Deputado da santa Cruzada, o Doutor Fr. Remigio da Assumpção Deputado do santo Officio, o Doutor Fr. Feliciano Coelho, ambos Geraes que foram da Ordem de Cister neste Reyno; & a tenho em minha mão, aonde a podem ver os curiosos, & escrupulosos: ainda que eu para quem me trata & conhece tinha pouca necessidade destas justificações, & testemunhas, pois se sabe quão riguroso censor sou da verdade.

Resta dizer como a obediencia me mandou continuar esta empreza: porque vendo os Prelados de nossa sagrada Religião de S. Bernardo de Portugal o grande aplauso com que se receberão a primeira, & segunda parte da Monarchia Lusitana do Doutor Frey Bernardo de Brito, & como ficou com ellas illustrada a historia deste Reyno, quizerão que não acabasse com sua vida tão excellente intento, antes se continuasse ate o presente, como a Magestade delRey Dom Filipe o Segundo tinha ordenado. Eu posto que avia annos que estava lendo Theologia no Real convento de Alcobaça, & no nosso Collegio de Coimbra, & applicado a outros estudos, contudo nunca larguei o da lição da historia pela grande utilidade que della se alcança, & ao fim deixando a
outra

outra occupação me dediquei a esta , na qual ha perto de dez annos que trabalho. O que d'elle tem resultado para poder sabir a luz , são estes dous volumes , que apresentei a Sua Magestade , que Deos guarde muitos annos ; & elle me fez mercede de os receber não somente com a benignidade com que costuma aceitar as obras em que se conservão os effeitos heroicos de seus vassallos , mas ainda foi servido que eu os publicasse com o titulo , & officio de Chronista mór deste Reyno , que por morte de Dom Manuel de Meneses estava vago , com que poz outra nova obrigação para continuar esta historia em quanto me durar a vida ; & assi dou agora estes dous volumes como em penhor dos outros que fico compondo.

Nelles , & nos que se seguirem escreverei no tocante às familias sò o que basta para dar noticia do tronco , & antiguidade , sem continuar , & particularizar as successões , pois a materia o não requiere ; & à conta dos autores que tratão da nobreza , & se allegão , ficará o credito da escriptura nesta parte : não deixarei contudo de apurar algumas cousas com o fundamento de doações , & memorias autenticas que tenho visto. Sobre a origem das armas , bem sei que mais pertencia à historia dar a causa dellas ,
que

que descrever as partes, & cores de que
são compostas: mas o primeiro argumen-
to he muy incerto, & não falta quem
o tome à sua conta, & do segundo posto
que menos importante, se satisfarão al-
guns curiosos. Valete.

The history of the world, the course of the
the progress of the human mind, the
to the world, the course of the
to the world, the course of the
to the world, the course of the
to the world, the course of the

LIVRO VIII.

DA MONARCHIA LUSITANA.

CAPITULO I.

Da vida do Conde Dom Enrique a Espanha, varias opiniões que ha de sua linhagem.

HE meu intento escrever a Historia de Portugal, desde o tempo em que el-Rey de Leão & Castella Dom Afonso Sexto o deu ao Conde Dom Henrique até o presente. Empresa grande pela multidão de gloriosas vitorias, & famosas conquistas, com que se illustrou este Reyno, & se fez hum dos mais celebres & florentes da Christandade, & não inferior às Monarchias que a antiguidade celebra: estendo a sua na Europa, na Africa, Asia & America por religião, por armas, & policia; em forma que computandolhe o tempo em que hoje corre de 537. annos depois desta entrega ao Conde D. Henrique, & lançando os olhos ao que nossos naturaes por este discurso de annos tem obra-
do, pode com razão parecer mais impossivel, do que Lucio Floro (a) imagina das obras valerosas dos Romanos, passados ja
mais

(a) Lucio Floro.

mais annos de seu imperio. He esta Escritura por outra parte difficultosa & chea de impedimentos, por nos ficarem as cousas dos principios de Portugal, & ainda dos progressos tão escondidas, & se tratarem até agora com tão pouco exame, que he forçado gastar mais tempo na investigação & averiguação dellas, que na composição & ornato da Historia, o qual se não acomoda em materia tão diffusa & embaraçada. He ella com tudo capaz de ser bem vista & recebida de todos, pois a novidade & excellencia das cousas pode suprir com ventagens qualquer falta. A verdade com que se escrevem, o trabalho & estudo com que se alcançarão, não abono; que os mesmos escritos fazem demonstração de huma, & outra cousa. E nem por se ter dado principio a esta Historia da Monarchia Lusitana nas primeiras duas partes, 10
20
imaginem que emprendi, & obrei menos em a continuar desta Terceira adiante: que por acção superior avaliou a eloquencia de Eunodio (a) o continuar as cousas, ao darlhe principio; donde veo também o Philosopho Seneca (b) a julgar por mayor beneficio conservar hum filho a seu pay a vida que possuia, que o dar o pay de novo vida ao filho, que a não tinha. Era obrigação precí-

(a) Eunodio no panegirico a Theodorico.

(b) Seneca de beneficiis lib. 3. cap. 35.

cisa de sairmos a luz com a obra presente, em que se continua a historia deste Reyno ; porque sendo principiada pelo Doutor Fr. Bernardo de Britto Monge de Alcobaça, convinha continuarse por outro Monge da propria casa ; & tanto com mayor razão, quanto o principal argumento desta terceira parte he o glorioso Rey Dom Afonso Henriques fundador & tam benemerito daquelle insigne Convento. Estava só a difficul- 10
dade de minha parte , por aver de tratar cousas tão levantadas , succedendo a hum escritor de tanto nome (que foi sem duvida gloria da nação portuguesa) mas esta se venceo com os preceitos de meus Mayores , a que he obrigação , & merecimento obedecer , & mais quando o que se manda he mais difficultoso. E assi começando a narração pelo Conde Dom Henrique , darei primeiro noticia de sua ascendencia , & de 20
algumas cousas que succederão em Portugal antes d'elle vir a Espanha , para mayor clareza desta historia.

No tempo que senhoreava muita parte de Espanha Dom Afonso Sexto do nome entre os Reys de Leão , & primeiro de Castella , que começou a reinar em Leão no fim do anno do Senhor de 1064. E passado algum tempo , por morte & expulsão de seus irmãos Dom Sancho & Dom Garcia ,

cia , ficou absoluto senhor de Castella , Portugal & Galiza. Ouve em Espanha ocasião de grandes conquistas , que parece não contente a fortuna de engrandecer este principe com lhe grangear o senhorio dos irmãos , lhe offereceo os lanços de mayor gloria , que em muitos tempos se avião visto nestes Reynos.

10 Ao pregão da fama que celebrava estas empresas , vierão por vezes capitães , & soldados estrangeiros , com intento de servir a Deos , & militar debaxo das bandeiras deste Principe. He celebre a memoria que se faz de tres Principes Franceses , pela nobreza de seu sangue , valor de suas pessoas , & venturoso successo com que emparentarão em Espanha , casando com tres filhas do proprio Rey Dom Afonso. Era o
20 primeiro Raymundo , Conde de Tolosa & S. Gil , o qual ocupandose algum tempo nas guerras de Espanha , tornou a França , & se achou na geral Expedição da terra Santa em companhia dos Principes do Occidente , que a ella passarão (a). O segundo tinha o mesmo nome de Raymundo. Era filho de Guilherme Conde de Borgonha , irmão de Estevão & Guido , o primeiro dos quais soccedeo a seu pay nos esta-

(a) *Guilherme Arcebispo de Tyro da guerra sagrada li. 1. cap. 17.*

tados, & o segundo veio a ser Summo Pontifice, & se chamou Calixto, segundo deste nome. Este Principe se deixou ficar em Espanha, governou algum tempo o Estado de Portugal, & ao fim morreo com o Senhoria de Galiza, deixando hum filho por nome Afonso Ramon, o qual pelo tempo adiante veio a ser grande Rey, & foy dos Afonsos o Septimo, segundo a melhor computação, & se intitulou tambem como seu avò, Emperador de Espanha. O terceiro dos senhores que vierão de França se chamava Dom Henrique, a quem foy dado Portugal, & delle tiverão principio com successão continuada os esclarecidos Reys, que depois possuirão esta Coroa.

10

Acerca da origem, & ascendencia deste Principe ha grande controversia entre os Escritores, que se bem todos concordão em ser illustrissima, não acabão de se resolver com certeza de que Casa era. Desgraça que ja tem acontecido a Principes excellentissimos. Sobre a patria do Emperador Aureliano ouve grandes duvidas entre os Escritores Romanos. Flavio Vopisco (a) o confessa em sua vida. E ainda que elle para aliviar esta falta, diga, que nos Principes se não deve especular tanto a Provincia em

20

Fr. A. Brandão; Tom. I. C que

(a) Vopisco na viãa de Aureliano,

que nacerão , como o bem que governarão o que lhe coube em sorte : com tudo foy notavel descuido de nossos antepassados deixarem em esquecimento huma cousa de tanta importancia , se ja não foy ordem superior , & particular segredo com que o Cco ordena nos fiquem escondidas muitas cousas. Viose nos Principes deste Reyno o que acontece a grandes rios , os quais vem a entrar no mar com grande nome , tendo seus principios escondidos. Quatro opiniões mais principaes se me offerecem acerca da ascendencia do Conde Dom Henrique , que parece necessario propor distinctamente , para fazer eleição da mais provavel.

He a primeira da Chronica manuescrita delRey Dom Afonso Henriques , (a) copiada em tempo delRey Dom Manuel , & por seu mandado pelo Chronista Duarte Galvão , pessoa de grande auctoridade , na qual resolutamente se diz , ser o Conde D. Henrique filho de hum Rey de Hungria , que alguns querem que fosse o santo Rey Estevão , & outros Pedro seu successor.

Em segundo lugar temos o parecer dos Bispos de Carthagená & Burgos , Dom Afonso , (b) & Dom Rodrigo , (c) a quem se-

(a) *A Chronica delRey Dom Afonso.*

(b) *Afonso Bispo de Carthagená.*

(c) *Rodrigo de Burgos. Vaseo to. 1.*

seguem graves Auctores modernos, os quais affirmão ser o Conde Dom Henrique da Casa de Loreina, filho de Guilherme, irmão mais moço dos Reys de Jerusalem, Gotfredo, & Balduino. (a) Hum nosso Escritor diz duas cousas. (b) A primeira que o Conde Dom Henrique não era filho de Guilherme. (c) A segunda, que em caso que o fosse, não era da Casa de Loreina, por quanto Guilherme foy meyo irmão por parte de seu pay, dos Reys de Jerusalem, a quem pertencia a Casa de Loreina por via de sua mãy Ida, filha de Gotfredo Duque daquelle Estado. Porem neste segundo ponto se enganou totalmente, porque Guilherme era irmão inteiro dos Reys de Jerusalem, & filho da mesma Ida. (d) Assi o diz expressamente o Arcebispo de Tyro Auctor grave daquelle tempo, o qual escrevendo que elRey Gotfredo tivera tres irmãos inteiros, declara ser Guilherme o terceiro; & assi se o Conde Dom Henrique fora filho de Guilherme, bem se pudera dizer, que era de Casa de Loreina, como seu pay, & tios.

Deu occasião a terceira opinião nesta

C ii

ma-

(a) Mariana to. 1. li. 9. ca. 20. & alii.

(b) Damião de Goas na Chronica delRey Dom Man.

(c) Duarte Nunes na Chronica fol. 6.

(d) Guilhaer. de Tyro li. 9.

materia o Arcebispo de Toledo Dom Rodrigo , (a) com dizer , que o Conde Dom Henrique era de Besançon , (b) & primo irmão do Conde Dom Raymundo , pay do Emperador Dom Afonso VII. (c) Das quais palavras deduzirão alguns Auctores , que sem falta foy filho de Guido , Conde de Vernol , o qual era irmão de Guilherme , pay do Conde Dom Raymundo ; porque para ser primo irmão de Raymundo , & natural de Besançon cidade principal de Borgonha , avia de proceder de Principe , ou Princesa daquelles estados. Guilherme , & Guido não tiveram mais que humã irmã , por nome Adelaiz , a qual casou em Saboya , & della não podia nacer o Conde Dom Henrique , porque não ha Auctor que o affirme , alem de outra repugnancia que adiante veremos : foy logo filho de Guido irmão de
20 Guilherme ; & se alguem afirmar que seria o Conde Dom Henrique primo de Raymundo por parte das mãis , se convence , que não podia então ser natural de Besançon , nem da Casa de Borgonha , porque ou as mãis destes Principes casarão com Senhores desta Casa , ou não. Se casarão , seria com Guido , & Guilherme (que não avia outros) & assi alem de ficarem primos Henri-

(a) D. Rodrigo Arceb. de Toledo. (b) Nunes Fr. Bernardo de Brilo. (c) Mantuano & outros.

rique & Raymundo, por parte de seus pais, o que se não suppoem nesta opinião, que só os faz primos por parte das mãis, tem isto impossibilidade, porque os dous irmãos Guilherme & Guido tiverão molheres de diversas nações; Guilherme de Alemanha, & Guido de França, como affirmão graves Auctores. Se aquellas Princesas que se suppoem serem mãis de Raymundo & Henrique, casarão fora da Casa de Borgonha, mal se pode dizer, que era o Conde Dom Henrique de Besançon, nem de Borgonha; & assi se fica contrariando ao Arcebispo Dom Rodrigo. Resta logo na opinião deste Auctor serem Raymundo, & Henrique primos irmãos por parte de seus pais, os quais erão Principes da Casa de Borgonha. 10

Em quarto lugar se offerece huma nova opinião, que ou pelo ser, ou por ter melhores fundamentos, vay contentando a muitos. Fez della copia hum livro impresso em Francfordia no anno de 1596. cujo original se tem que foy do Mosteiro Floriacense, & se achou na livraria de Pedro Pitheo: (he hum tratado de poucas folhas de papel, anda impresso em hum volume com a Historia de Glaber Heugaldo, & do Abbade Sugerio, e outros que tratão das cousas de França. (a)) Neste Tratado estão escri- 20

(a) Livro que se imprimio do Archivo de Floriaco.

escritas as vidas dos Reis de França, Roberto, Henrique, & Phelipe, & se achão algumas cousas de Espanha, que concordão maravilhosamente com nossas historias. As palavras que pertencem a este ponto traduzidas do Latim dizem assi. *El Rey Dom Afonso quão valeroso foy nas armas; quantas vezes desbaratou os Mouros, & que jornadas fez contra elles, não tratamos de*
10 *relatar. O qual tomandolhe muitas terras, sogeitou a seu imperio a grande cidade de Toledo. Casou com Constança filha de Roberto Duque de Borgonha, do qual teve huma filha, que deu por molher ao Conde Dom Raymundo (cujo Condado está alem do rio Araris. (a)) Outra filha não legitima deu a Henrique, hum dos filhos do filho do mesmo Duque Roberto, & ambos estes Principes oppoz contra o*
20 *imperio dos Agarenos nas fronteiras de Espanha. Conforme a este Auctor he o Conde Dom Henrique da Casa de Borgonha, não do Condado, mas do Ducado (estados em que estava, & está dividida aquella Provincia) neto do Duque Roberto, o qual era filho de Roberto Rey de França filho de Hugo Capeto, em que se dá principio á terceira successão dos Reis daquelle Reyno.*
Que

(a) Este rio vulgarmente he chamado Sonne.

Que o Duque Roberto fosse este que dizemos, (a) consta dos Annaes de França : assi o diz Roberto Guaguino, quando conta os filhos delRey Roberto, & Paulo Emilio diz na vida delRey Roberto, que em tempo deste Rey possuia o Ducado de Borgonha seu tio Henrique, & por morrer sem filhos o dera o proprio Rey a seu filho Roberto, excluindo a Landrico Conde de Nivernia, o qual o pretendia. O filho deste Duque Roberto ainda que se não nomea naquelle livro, sabemos de outras historias se chamava Henrique, porque foy pay de Odo Duque de Borgonha, fundador do insigne Mosteiro de Cister & benemerito de nossa Religião sagrada. Assi o aponta (alem de outros) (b) João Picardo, Conego de S. Victor de París, nas Annotações das Epistolas de S. Bernardo, & declara o nome do Duque dizendo, ser o Mosteiro de Cister grandiosa fabrica de Odo filho de Henrique Duque de Borgonha. Teve mais Henrique outro filho mais velho, por nome Hugo, o qual foy tambem Duque de Borgonha, & fazendo-se Monge deu lugar a succeder no Ducado seu irmão Odo.

10

20

CA-

(a) *Paulo Emilio na vida de Roberto fol. 157.*

(b) *João Picardo nas annot. das Epist. de S. Bernardo.*

CAPITULO II.

*Resolvese como cousa mais provavel ser
o Conde D. Henrique filho dos Duques
de Borgonha, & descendente por va-
ronia dos Reys de França.*

GRANDE credito tem alcançado a ultima opinião referida no capitulo antecedente, (a) pois alem do applauso geral com que anda divulgada, a seguem, & approvão em seus Escritos Auctores graves de nosso tempo. (b) Podese confirmar com os fundamentos seguintes.

O primeiro, que tem por si Auctor antigo, Frances, contemporaneo do Conde Dom
10 Henrique, & que expressamente diz cujo filho elle era. (c) Muito valem nas materias de antiguidades os Auctores antigos, que escrevem as cousas de seu tempo. (d) E claro he serem dignos de mayor fé os naturaes, que são como testemunhas de vista, & podem saber as cousas de raiz, que os estrangeiros; os quais só se valem de relações, que humas vezes saem faltas, outras viciadas,

(a) Sandoz. na Chronic. de Afonso VI. fol. 82. p. 2.

(b) Sueiro nos annaes de Fland. tom. 1. an. 1091. pag. 119.

(c) Vasconcelos nos Elogios.

(d) Lavanha em hum tratado de mãe.

das , ordenadas a causar muitos erros na historia. Alem disto differente fé merece hum Auctor , quando diz expressamente alguma cousa , ou quando somente a da a entender , & se pode colher delle por discurso ; porque no primeiro caso não ha que duvidar do dito , & só se pode mover questão , se vai bem fundado ; & no segundo ainda do proprio dito ha lugar de mover duvidas. Todas estas qualidades concorrem naquelle Livro , & no Auctor delle. He antigo , do mesmo tempo do Conde Dom Henrique , pois vivia no anno de 1108. quando diz que apparecerão tres soes , & que os vio no lugar de Seirs , junto ao rio Garonna. He natural de França , ou escreveo estando neste Reyno , por ser , segundo dizem , Monge do Mosteiro de Floriaco. Declara expressamente quem era o Conde Dom Henrique , dizendo ser neto do Duque de Borgonha Roberto , & hum dos filhos de seu filho.

10

20

Não concorrem estas circunstancias nas outras opiniões , como se pode ver discurrendo por ellas. A primeira carece da antiguidade necessaria , pois ha pouco mais de cem annos que se copiou a Chronica del-Rey Dom Afonso Henriques por Duarte Galvão ; (a) & ainda que este Auctor se funda

(a) Duarte Galvão.

da em alguma tradição ou fama antiga ,
poderia ella ser pouco certa , como o são
outras cousas da mesma historia ; alem de
proceder o Auçtor confusamente sem nomear
o Rey de Hungria , que faz pay do Conde
Dom Henrique , sem dar causa á vinda
deste Principe a Espanha , & sem a cor-
roboração de Auçtores , ou escrituras da-
quelle tempo. Na segunda opinião corre
10 a mesma falta ; que os Auçtores , nem são
antigos a respeito do Conde Dom Hen-
rique , nem são naturaes de França ; & assi
não he muito que desacertassem na ge-
nealogia da Casa de Loreina ; & mais sen-
do esta materia de decendencias cousa mui
embaraçada , & que a penas se alcança pe-
los naturaes , & que fazem mais diligencia.
Na terceira opinião parece que avia mais
fundamento , por ser o Arcebispo Dom Ro-
20 drigo Auçtor antigo , & de credito. Mas tam-
bem he posterior ao Conde Dom Henrique
mais de cem annos , faltalhe ser natural de
França , & sabermos , que não tratou as
cousas de Portugal mais que a caso , pois
elle mesmo confessa , que para escrever em
dous capitulos dos Reys de Portugal , se
divertira de seu proposito. Quanto mais que
o Arcebispo Dom Rodrigo não diz expres-
samente quais erão os pais do Conde Dom
Henrique , & só declara o parentesco que
elle

elle tinha com o Conde Dom Raymundo ; pelo que seu dito se pode explicar , & assi não fica sendo aquella sua opinião , mas dos Auctores modernos que o interpretarão.

O segundo fundamento he terem nesta opinião melhor saída as difficuldades , que contra as outras se offerecem. Contra a primeira que os Auctores antigos não dão filhos ao santo Rey Estevão , nem a elRey Pedro de Hungria , posto que de seu tempo , & reinado ha larga memoria. O mesmo defeito se acha na segunda opinião , pois nenhum Auctor dos antigos faz o Conde Dom Henrique filho de Guilherme , o irmão mais moço dos Reys de Jerusalem : antes Nicolao Trellio , (a) escrevendo a successão da Casa de Loreina , diz , que Guilherme casou com Elisa filha de Theobaldo , Conde de Campania , & lhes dá por filho a Theodorico , sem fallar no Conde Dom Henrique ; o qual , se fora irmão de Theodorico , de crer he , que tambem se nomeara por aquelle Auctor , quando particularizava a successão destes Principes. Tambem os Auctores Franceses tratando do Conde Guido , não dizem que tivesse filho algum , antes Luiz Gollut dá a entender , que o Conde Dom Henrique era filho de Guilherme , pay de Ray-

(a) Nicolao Trellio dos Duques de Lotharing.

Raymundo , & Guido (tão longe está de
o fazer filho do mesmo Guido) mas a esta
sua opinião não dá fundamento. E dado
caso que os argumentos tirados de auctori-
dade negativa (quais são estas) não costu-
mem ter muita força , todavia no caso pre-
sente são de muita consideração , pois pa-
rece cousa incrível , passarem tantos Auctores
em silencio hum ponto tão importante ao
10 fio de sua historia , se lhe acharam funda-
mento. Livre destas objecções está a quar-
ta opinião , pois o Auctor della trata dos ne-
tos de Roberto Duque de Borgonha , &
entre elles nomea o Conde Dom Henrique.

Ha mais razões particulares que fazem
improvaveis algumas das outras sentenças.
Contra a segunda se tira hum forte argu-
mento da circumstancia do tempo. He cer-
to que o Duque de Loreina Gotfredo era
20 ainda mancebo , quando passou á Conquista
da Terra santa : assi o affirma o Arcebis-
po de Tyro , (a) & lhe dá grandes louvo-
res por conservar a virtude nesta idade ,
entre a militar licença , & demasia dos sol-
dados. E esta Jornada (como consta das
historias) se decretou no anno de 1094. &
concluio no 1099. O Conde Dom Henri-
que ja no anno de 1080. estava em Espa-
nha ,

(a) *Guilhelmo Tyrio de bello sacro l. c. 5.*

nha, varão perfeito, que exercitava a milícia. Como he logo possível, que fosse filho de Guilherme irmão mais moço de Gotfredo, se o mesmo Gotfredo neste tempo era de muy poca idade? Quanto mais que se convence estar o Conde Dom Henrique em Espanha, quando Guilherme casou com a filha do Conde de Mossalanda, dos quais dizem que elle naceo, como bem prova Manoel Sueiro nosso Portuguez, (a) diligente Escritor das cousas de Frandes. 10

Faz contra a terceira opinião o casamento de Adelaiz, irmãa de Guilherme, & Guido na Casa de Saboya; porque segundo escreve Guilhelmo Paradino, (b) & outros, casou esta Princesa com Amadeu primeiro do nome, Conde de Moriana & Saboya, & delles naceo Humberto pay do segundo Amadeu, cuja filha era a Rainha Dona Mafalda molher delRey Dom Afonso Henriques: & assi se o Conde Dom Henrique fora filho de Guido, irmão de Adelaiz ficava sendo primo irmão de Humberto, & seu filho Dom Afonso Henriques primo segundo de Amadeu, & parente dentro do quarto grao da Rainha Dona Mafalda sua molher, o que se não pode admitir, pela difficuldade de alcançar dispensa- 20

(a) Manoel Sueiro to. 1. annal. Flandr. no an. 1091.

(b) Paradin. na histor. de Saboya.

sações naquelles tempos , como consta dos matrimonios de algumas Infantas de nosso Reyno , & de outros de Espanha dirimidos por esta causa. Em outro lugar se mostrará ser a Rainha Dona Mafalda da Casa de Saboya , & se convencerá o engano dos que a fazem Castellhana da Casa de Lara.

10 Ha tambem na ultima opinião o fundamento certo da vinda dos tres Principes Franceses a Hespanha , o que nas outras sentenças se não apontava. E he que vierão todos em companhia da Rainha Dona Constança , mulher delRey Dom Afonso o Sexto. Para o que supponho , que este casamento se celebrou no anno do Senhor de 1080. & que no mesmo tempo vierão os senhores Franceses , o Conde Dom Henrique como sobrinho da mesma Rainha , o Conde de Tolosa , como primo que era de
20 seu pay o Duque Roberto ; por quanto a Rainha de França , mulher delRey Roberto , era tia do Conde de Tolosa irmãa de seu pay. Por outra parte o Conde Dom Raymundo , o de Borgonha , era sobrinho do Conde de Tolosa Raymundo ; porque Rainaldo avó do de Borgonha , & o pay do Conde de Tolosa forão casados com duas irmãas , filhas de Ricardo Duque de Normandia. E assi por causa deste parentesco tão estreito que tinham entre si & com a Rai-

Rainha Dona Constança , aquelles Principes a vierão acompanhando a Espanha , ao que ajudaria tambem o desejo de servir a Deos nas guerras dos Mouros.

Supposto estes fundamentos se pode seguir por mais provavel a quarta opinião referida , & ao testemunho do Arcebispo Dom Rodrigo , o qual affirma ser o Conde Dom Henrique primo irmão do Conde Dom Raymundo ; dizem alguns que se chamava primo irmão do Conde , por ser primo irmão da Rainha Dona Urraca sua molher , filha da Rainha Dona Constança. Estilo he muy usado em Espanha de se nomearem os parentes por affinidade com os nomes proprios dos que são conjuntos por consanguinidade : assi vemos que os cunhados se chamão irmãos , os sogros chamão filhos aos genros , & estes pais ao que o são de suas molheres. Assi o costumava fazer (deixando outros exemplos) a elRey Dom João o Terceiro de Portugal o Catholico Rey Dom Phelipe II. por ser casado com sua filha a Princesa Dona Maria , como temos observado de algumas cartas de sua mão , que vimos na Torre do Tombo. 10 20

Não me satisfaz esta resposta , ainda que a vejo approvada por graves Auctores ; porque se o parentesco destes Principes não era outro senão por via da Rainha Dona Ur-

Urraca, mais facil era ao Arcebispo Dom Rodrigo dizer, que o Conde Dom Henrique era primo desta Princesa, pois assi ficava declarando o grao de affinidade que tinha com seu marido. Mas dizendo expressamente que era primo do Conde Dom Raymundo, sem falta quis declarar o parentesco particular, que por outra via tinham estes Principes. E assi me parece, que elles devião ser primos por parte de suas mãis: & ainda se se admittir (como querem pessoas doutas) que o nome, *congermanus*, de que usa o Arcebispo, signifique outro grao de parentesco, sem ser forçado tomarse por primo irmão, diria que estes Principes erão parentes por consanguinidade, o que me parece se não pode negar, pois alem do dito do Arcebispo, ha outro de Juliano Arcipreste de Santa Justa de Toledo, que
20 tambem o affirma. Como se verá no capitulo seguinte em prova de outra verdade.

CAPITULO III.

Em que tempo veio a Espanha o Conde Dom Henrique, como se occupou na guerra antes de lhe ser dado Portugal, & se effectuar seu casamento.

C O M O nossos Auctores assinem por causa da vinda dos tres Principes Franceses, a ajuda que derão a elRey Dom Afonso para a guerra dos Mouros, assi a assentão no tempo da maior necessidade que lhes occorre. (a) Por esta razão dizem huns ser a entrada do Conde Dom Henrique em Espanha no anno de 1089. em o qual Jacob Aben Texefin Rey dos Almoravides passou com grande exercito de Africa a estas partes, & intentou renovar o senhorio que nellas alcançarão seus antepassados. (b) Por este mesmo respeito apontão outros esta vinda do Conde no anno de 1092. porque tambem então passarão muitas gentes de Africa, (c) & teve elRey Dom Afonso necessidade de convocar socorros de estrangeiros. (d) Pouco discrepa des-

Fr. A. Brandão; Tom. I. D tes

(a) Garibai l. 34. c. 3.

(b) Hieron. Zurit. l. 1. c. 25.

(c) Mariana l. 10. c. 1.

(d) Duarte Nunes na vida do Conde D. Henrique.

tes Auctores , quem diz viria o Conde Dom Henrique a Espanha no anno de 1088. até o de 1092.

Teve opinião muy differente o Doutor Fr. Bernardo de Brito , (a) Chronista mór deste Reyno , na segunda parte da Monarchia. Persuadiose por certas doações dos Mosteiros de Lorvão & Arouca , ser a vinda dos Principes a Espanha muitos annos antes do que assinão os outros Auctores. Porque os Condes Dom Henrique , e Dom Raymundo de Tolosa tinhão chegado a Espanha em tempo delRey Dom Fernando : & que morto elle , & divididos os Reynos entre seus filhos , seguirão a Corte delRey de Leão , por ser Principe mais liberal , & de mayor policia ; com cujas filhas estavam casados , quando muitos annos adiante veyo a Espanha Dom Raymundo o de Borgonha , a quem elRey deu por molher outra sua filha de menor idade que as outras.

Ja o Bispo de Pamplona advirtio ser a letra \bar{X} . a causa deste engano em que cahio o Auctor referido , por quanto val 40. & não 10. (b) Nas escrituras de Lorvão & Arouca que se apontão , remata humas dellas : *Faça carta mense octobrio Era M.C.X.* & a outra : *Faça cartula venditionis notum*

(a) Brit. li. 7. ca. 30. da Hist. Lusitana.

(b) Sandov. na Chronica delRey D. Afonso VI. fol. 33.

tum die quod erit 3. Idus Octobris Era M.CXIII. & não respondem estes annos de 1072. & 1075. se não aos de 1102. & 1105. pelo valor da letra X. naquelles lugares. Já adverti no Prologo desta obra com graves Auctores ser isto cousa muy usada em tempo dos Godos, & depois na restauração de Espanha hum exemplo apontarei na occasião presente. Fez elRey Dom Afonso Henriques doação a nosso Padre S. Bernardo, sendo ainda vivo, da Abbadia de Alcobaça, & de suas terras, & conclue assi: *Faãta carta Era M. C. XI. vj. Idus Aprilis.* E acrescenta: *Ego Alfonsus & uxor mea Regina Mahalda hanc chartam propriis manibus firmissime roboramus.* Quer dizer: que elle, & sua molher a Rainha Dona Mafalda confirmam a doação sobre dita. Neste lugar a letra X. ha de valer 40. necessariamente; porque se tivera a valia ordinaria de 10. seguiãose dous grandissimos absurdos. O primeiro usar já elRey do titulo Real no anno do Senhor de 1123. a que então respondia a era da escritura. O segundo & mayor, ser já casado; o que tudo bem se refuta pelas historias, & escrituras antigas; das quais sabemos tomar este Principe o titulo de Rey no anno de 1139. & casar no de 1146. He logo forçoso, que a letra X. tenha a valia de 40.

& a era da escritura responda ao anno de 1153. em que se verificação bem aquellas duas cousas. Do mesmo modo nas duas escrituras de Lorvão & Arouca, & em outras allegadas pelo mesmo Auctor, tem a letra \bar{X} . valia de 40. & assi nos não obrigão a anticiparmos tanto tempo a vinda do Conde Dom Henrique a Espanha. O Doutor Frey Bernardo teve alguma desculpa neste engano, por seguir huns pergaminhos antigos, em que estão tresladadas as Escrituras daquelles Mosteiros. E nelles por culpa do escrevente falta á letra X. a plica com que val 40. Porem eu vi os originaes, & examinei bem o ponto, & assi se pode ter o que digo por cousa certa. E neste passo faço aos leitores a advertencia, que já deu Paterculo emendando o tempo da idade de Pompeyo, em que os Auctores Romanos erravão cinco annos, & declaro esta duvida, não com intento de notar, mas por não ser notado.

Deixada pois esta opinião que procedo de inadvertencia, & as dos Auctores que se fundão sò em conjeituras; digo que a vinda do Conde Dom Henrique, & dos outros Principes Franceses a Espanha, foy no anno de 1080. (a) Assi o resolve Juliano Arci-

(a) Julian. Sandov. na Chron. de Afense VI. fol. 81.

Arcipreste de Santa Justa de Toledo, Auctor daquelle tempo. E o aprova com certa resolução o Bispo de Pamplona. As palavras de Juliano são estas: *Comites Raymundus, & Henricus consanguinei, post-que generi Alfonsi Imperatoris, venerunt ad obsidionem Toleti, illicque interfuerunt.* Quer dizer: os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique parentes por consanguinidade, & depois genros do Emperador Dom Afonso, vierão ao cerco de Toledo, & se acharão presentes a elle. O cerco de Toledo se principiou no anno de 1079. & assinamos no seguinte a vinda dos Príncipes Franceses, por nos parecer vierão em companhia da Rainha Dona Costança naquelle anno, o que assegura o Bispo de Pamplona, & se confirmará adiante. 10

Duvida se pode mover, qual dos Raymundos era este de que falla Juliano, porque parece não vir mais de hum, pois não nomea outro. Respondo que o Auctor só trata de Dom Raymundo de Borgonha; por ficar em Espanha com o Conde Dom Henrique o restante de sua vida, & assi não nega vir tambem o de Tolosa; mas delle se não faz memoria por se tornar a França passados alguns annos. Fazem em confirmação outras palavras do mesmo Juliano, quando refere o milagre do Breviario Muça- 20

Muçarabe, a que diz se acharão presentes elRey, o Arcebispo de Toledo, os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique. *Præ-sente Rege, Archiepiscopo Bernardo, Ray-mundo, & Henrico Comitibus, qui juve-rant captionem Toleti.* (a) E neste lugar falla de Dom Raymundo o de Borgonha, por ser provavel não estar o de Tolosa ja em Espanha. (b) Porque isto soccedeo, sendo Pontifice Urbano segundo, cuja eleição foy a 4. de Março de 1088.

E o caso foy, que mandando o Papa Urbano hum Legado a Espanha, por nome Richardo, tratou elle com elRey Dom Afonso, se usasse do Breviario & Missal Romano, deixando o Gottico chamado vulgarmente *Muçarabe*, por servir nas Igrejas dos Christãos que permanecião entre os Arabes. Ouve contradição (que os costumes recebidos são maos de tirar) & ao fim se resolverão se averigoasse pelas armas aquelle caso: entrarão em campo dous cavalleiros, & como saisse vencido o que defendia o Breviario Romano, se tratou ainda de outro meyo mais disparatado; acenderão huma grande fogueira, & lançarão nella os dous Breviarios, para que Deos manifestasse com milagre de qual se avia de

(a) *Baron. to. II. anno 1088.*

(b) *Onuphrio na Chronolog.*

de usar : (a) dizem que o Breviario Muçarabe saltou fora do fogo , & que o Romano permaneceu nelle sem lesão , & ao fim veyo elRey a mandar , se resasse pelo Romano ; o que no principio se devera fazer sem chegarem as cousas àquelles termos. A este successo diz Juliano , que se acharão presentes os Condes Dom Raymundo , & Dom Henrique , & como elle acontecesse no anno do Senhor de 1090. pouco mais ou menos (ja que foy depois da eleição de Urbano) se convencia a assistencia dos Condes com elRey até aquelle tempo ; no qual temos por mais provavel estaria ja o Conde de Tolosa em suas terras. E como em diante se seguissem as guerras dos Mouros , por cujo respeito dizem muitos Auctores que foy a vinda daquelles Principes , claro he se não ausentarão os dous de Espanha depois que a ella vierão.

Em todo este tempo , & nos mais annos antes de se dar Portugal ao Conde Dom Henrique , seguiu este Principe a Corte delRey Dom Afonso , & o acompanhou em todas as occasiões de guerra , obrando com a espada , & conselho grandes cousas em augmento da Christandade. O Bispo de Palencia confessa huma cousa , & outra , afir-

(a) Sandov. na Chronica de Afonso VI. fol. 65.

firmando, ser a assistencia & ajuda do Conde, de grande momento a elRey Dom Afonso em suas empresas. (a) Acompanhou elRey no cerco de Toledo, como diz Juliano, o qual se rematou no anno de 1085. Achouse na grande batalha de Sagulias junto a Badajoz, no anno de 1087. Nesta batalha em que o Bispo de Pamplona diz, (b) que sahio elRey Dom Afonso desbaratado, posto que a matança dos Mouros foy grande; dá a entender a Historia dos Godos que ouve melhora da parte do exercito Real; & declara como nella se acharão muitos senhores Franceses. São as palavras da historia as seguintes. (c) *Era M. C. XXV. Rex Domnus Alfonsus magnum praelium habuit cum Rege Sarracenorum transmarino Joseph Aben Texasim ad faciem civitatis Badalioz in loco qui dicitur Sagulias. Interfuerunt huic praelio multi Christiani externi, & inter eos multi Franci, qui venerant in adiutorium Regis Alfonsi.* Em vulgar dizem assi. Na Era de 1125. (he anno de 1087.) elRey Dom Afonso teve huma grande batalha no lugar de Sagulias, defronte da cidade de Badajoz, com Joseph Aben Texefin Rey de

(a) Roderic. Sanch. p. 1. c. 14.

(b) Sandov. na Chronica de Afonso VI. fol. 74.

(c) Historia dos Godos da qual se falla no Prologo.

de alem mar. E nesta batalha se acharão muitos Christãos estrangeiros, & entre elles muitos Franceses, os quaes vierão em socorro delRey Dom Afonso. O successo desta batalha celebra a Historia com estas elegantes palavras. (a) *Rex invicto planè animo aggressus hostes, infinitam ferè eorum multitudinem (aderant enim fere omnes Sarraceni Hispani, & multa quoque milia transmarinorum) usque ad noctem pugnando profligavit, & Regem barbarorum planè castris exuisset, nisi à suis revocatus esset ad tuenda nostrorum castra, quæ hostes in discrimen adduxerant.* Isto he. ElRey acomettendo os inimigos com animo invencivel, com pelejar até a noite, desbaratou huma multidão delles quasi infinita (porque alem dos Mouros Africanos se ajuntarão neste exercito quasi todos os Espanhoes) & ganhara sem duvida os arraiaes ao Rey barbaro, se o não obrigarão os seus a ir defender os alojamentos dos Christãos, que o inimigo tinha posto em grande perigo.

Hum nosso Auctor diz, (b) romperá o Conde Dom Henrique a certo Rey Mouro junto a Cordova, quando os Christãos to-

(a) *Hist. dos Godos.*

(b) *Baria no Epit. da Historia de Portug. p. 3. c. 1. fol. 342.*

marão a vingança da morte do Infante Dom Sancho , que pereceo na batalha de Vcles. Porem em caso que assi fosse , seria ja o Conde senhor de Portugal , porque a perda daquelle Infante (segundo a opinião mais recebida) foy no anno de 1100. (a)

10 Também se atribue ao mesmo Conde a tomada de Lisboa no anno de 1093. (b) & affirmão nossos Auctores possuia ja o estado de Portugal ; ainda que bem confessão não intentou esta empresa sem ajuda , & presença do proprio Rey Dom Afonso. Mas com termos por sem duvida , que se achou o Conde Dom Henrique nesta Conquista , não he bem que deixemos de a attribuir a elRey Dom Afonso , como a causa principal ; não em dar ajuda ao Conde , como os nossos querem , mas em ser proprio Auctor desta guerra , que a movia em suas
20 terras , as quais ainda não pertencião ao Conde Dom Henrique. Porem para que melhor se alcance o tempo em que o Conde , deixadas as bandeiras delRey Dom Afonso , começou por si a fazer guerra aos Mouros nas terras que lhe forão assinadas , importa ver brevemente o estado das cousas de Portugal por estes annos , em que se descobrirão algumas antiguidades importantes.

(a) Mariana.

(b) Nunes na vida do Conde D. Henrique & outros.

tantes , que pertencem como materia propria a esta historia.

CAPITULO III.

*Do Conde , & Governador de Coimbra
Dom Sisnando & do que ouve em
Portugal mais notavel em
seu tempo.*

QUANDO o Conde Dom Henrique entrou em Espanha , estava dividido o governo de Portugal por alguns Senhores. As terras entre Douro & Mondego (como mais arriscadas , & vezinhas aos Mouros) estavam cometidas a hum illustre Capitão chamado Sisnando , a quem as Memorias antigas chamão humas vezes Conde , & outras Consul , o qual tinha o assento de sua Casa na cidade de Coimbra. Avia ja algum tempo que possuia este senhorio , & sustentava com grande valor ; & porque dos limites de seu estado , & do tempo & modo com que o alcançou , dá elle mesmo testemunho em certa doação que faz a Rodrigo Presbytero , do lugar de Sam Christovão , que està entre Sosa , & Alliabro , não vem fora deste lugar referir suas mesmas palavras , que estão em o livro das Doações antigas da Sè de Coimbra , & dizem assi.

Tem-

Tempore illo quo Serenissimus Rex
 Dominus Fernandus, ego Consul Sisnandus
 accepi ab illo potestatem Colimbriae, &
 omnium civitatum sive castellorum quæ
 sunt in omni circuitu ejus, s. ex Lameco
 usque ad mare, per aquam Durii, us-
 que ad omnes terminos quos Christiani ad
 Austrum possident, quæ ille gladio, &
 Regali dominatione adjuvante Deo abstu-
 10 lit Sarracenis, & restituit Christianis:
 deditque supradictus Rex mihi supradi-
 ctam terram ad edificandum, & populan-
 dum, & faciendum cuncta quæ mihi be-
 ne visa fuerint: & ut omnia quæ ego
 mandavero, & firmavero, sint firma &
 bene stabilita in omnibus sæculorum tempo-
 ribus. Post mortem igitur supradicti Re-
 gis obtinuit regnum gloriossimus filius
 ejus Rex Dominus Alfonsus, qui omnia
 20 quæ mihi suus pater mandaverat, confir-
 mavit, & coram Comitibus, & cunctis
 majoribus sui palatii scriptum privile-
 gium roboravit. Itaque ego supradictus
 Sisnandus auctoritate Regia fretus facio
 Cartam firmitatis tibi Roderico Præsby-
 tero, &c. Em nosso vulgar significão.
 No tempo em que reynava o Serenis-
 simo Rey Dom Fernando, eu o Consul
 Sisnando recebi d'elle o senhorio de Coim-
 bra, & de todas as cidades, ou castellos
 que

que estão em seu circuito; convem a saber, de Lamego até o mar, pela agoa do rio Douro até os limites que possuem os Christãos para a parte do Meyo dia, os quais lugares elle com sua espada & poder Real, favorecendoo Deos tomou aos Arabes, & restituiu aos Christãos; & toda esta terra me deu o sobredito Rey para a povoar, & edificar nella, & para a governar a meu arbitrio, de sorte que o que eu mandar & ordenar, seja firme & estável para todo sempre. E vindo a reinar por morte do sobredito Rey, seu filho o glorioso Rey Dom Afonso, me confirmou tudo o que seu pay me tinha dado, & em presença dos Condes, & grandes de sua Corte firmou a doação que tenho. Pelo que eu Sisnando fundado na auctoridade Real faço Carta de firmeza a ti Rodrigo Presbytero, &c. Até aqui são palavras da doação. 10 20

O Bispo de Pamplona diz (a) na Chronica delRey Dom Fernando que Sisnando, o Governador de Coimbra, era Bispo de Iria, porem mais Cavalleiro, que Religioso. As Memorias authenticas que temos na Sè de Coimbra, não dão a entender tal coisa, antes suppoem ser Cavalleiro secular. (b)

Em

(a) Sandov. na Chronica delRey Dom Fernando fol. 14. pagina 2.

(b) Livro de Coimbra.

Em certa doação que faz o Abbade Pedro da Igreja São Martinho do Bispo, junto a Coimbra, se apontão estas palavras. *In diebus illis erexit ipse honorificus Rex principem ibi, magnum Ducem, & Consulem fidelem, dominum Sisnandum.* Querem dizer, que depois da restauração de Coimbra, de que se vay fallando, poz elRey Dom Fernando por Principe daquella terra (isto he Senhor) o grande Capitão, & fiel Consul Dom Sisnando. O mesmo se colhe de outras muitas Escrituras, & principalmente do testamento do Conde, o qual se trasladará no Appendice deste tomo com as demais Escrituras que confirmão nossos escritos; porque nelles faz menção o Conde de sua filha Dona Elvira, a quem deixa por sua herdeira, & o que mais he, que ao marido desta Senhora fez elRey Dom Afonso Governador de Coimbra por morte do Conde Sisnando, como adiante veremos, & todas estas cousas confirmão ser o Conde secular, & não Ecclesiastico.

O Doutor João de Mariana (a) faz este Cavalleiro natural de Toledo. Mais me parece que foy Portuguez da comarca de Coimbra, donde forão tambem seus pais, porque o acho com grandes heranças em Portugal nas terras de Coimbra; elle mesmo

(a) Marian.

mo o confessa em seu testamento , deixando à Igreja de Mirlaos ametade da villa de Tentugal , a qual diz lhe viera por herança de seus paes. Em Toledo não sabemos herança alguma a este Fidalgo , além de ser esta terra então de Mouros. Do principio de sua vida nos não consta ; sò sabemos , como alguns annos antes da conquista de Coimbra , residia em Sevilha muy estimado dos Mouros. (a) Fez volta à terra de Christãos , trazendo em seu animo traçada huma empresa tão notavel , como foy a de Coimbra , a qual persuadio com evidentes razões a elRey Dom Fernando. Ajudarão tambem com suas offertas , & avisos os Monges de S. Bento de Lorvão , o qual se conservou na ruina de Espanha , sem ser destruido pelos Arabes. 10

Deu Sisnando tais mostras de esforço , & pratica militar nesta conquista , que julgou elRey Dom Fernando depois de ganhar a Cidade , que a elle se devia cometer a defensão della. Nem sahio a eleição delRey pouco acertada , porque o Conde Sisnando não sò defendeo Coimbra com raro valor em todo o tempo de sua vida , mas ainda por morte a deixou mais acrescentada & melhorada , do que lha entregarão. 20

(a) Testamento do Consul Sisnando.

ção. Assi o confessa elRey Dom Afonso o Sexto no Foral que deu a esta Cidade com estas palavras. (a) *Elle* (entende Sisnando) *povoou esta cidade, & a sustentou com grande valor contra todas as gentes.* Achouse a gente de guerra de seu Estado com elRey Dom Afonso na grande batalha que teve com os Mouros junto a Badajoz, como ja dissemos, & nesta ocasião por ser
10 perigosissima, ordenou seu testamento, como se colhe, alem da circunstancia do anno, de suas mesmas palavras; pois diz, (b) que quando fez aquelle testamento, estava de caminho para ir resistir aos Mouros, com elRey Dom Afonso, & com todos os Christãos, &c. Ganhou mais o Conde a Villarinho, que devia então ser algum castello, ou seria o de Lousã, o qual
20 fica perto: assi se declara em huma doação feita pelo mesmo Conde ao Mosteiro da Vaccariça. (c) Povoou, & restaurou muitas terras, outras levantou de novo, & fortaleceo, entre as mais se nomeão as villas de Cantanhede, & Tentugal, os Castellos de Foz de Arouce, & Penella, a nobre villa de Monte Mòr o Velho, a qual em seu tempo começou a levantar cabeça
das

(a) *Livro de Coimbra fol. 2.*

(b) *Livro de Coimbra fol. 11.*

(c) *O mesmo livro.*

das ruínas & oppressões passadas. Isto quanto aos negocios da guerra.

Na administração da justiça, & governo pacifico se assinalou tambem muito o Consul Sisnando. Estava em certa occasião elRey D. Afonso no lugar de Froila com toda sua Corte, & corria o anno do Senhor de 1078. avendo certa duvida entre o Bispo de Braga Dom Pedro, & o de Orense por nome Hefronio; elRey cometeo a decisão della ao Consul Sisnando, tendo por certo que daria sentença com toda a inteireza & justiça; no que se não enganou, como consta da relação deste caso, que está escrito no livro Fidei da Sè de Braga. (a) Teve mais o Conde Sisnando grande cuidado das cousas pertencentes ao culto divino. Em seu tempo se restaurou a Igreja de Coimbra, & se poz nella o primeiro Bispo do tempo de sua reduccão, como adiante tocaremos. Fundou, & dotou algumas Igrejas por todo este Bispado. No anno de 1080. mandou fazer a Igreja de S. Martinho. Fundou outra, que se dizia Mirlaos, a qual segundo se dà a entender, estava perto de Coimbra, ou dentro da mesma Cidade, & nella depositou muitas Reliquias, em particular huma do Santo Lenho de no-

10

20

E ta-

Fr. A. Brandão; Tom. I.

(a) Naquelle tempo se chamavão Bispos os Metropolitânos.

tavel grandeza. Ao Mosteiro da Vaccariça dotou o lugar de Orta, & à Sé de Coimbra muitas terras alem do rio Mondego junto à Igreja de Santa Eufemia. Chega sua memoria até o anno de 1092. dizem que está sepultado no adro da Sè de Coimbra em hum dos arcos da parede: o que devia ser, porque naquelle tempo se não sepultavão dentro das Igrejas, nem ainda os mayo-
10 res Principes.

Neste tempo avia outros Senhores nas mesmas terras do Estado de Coimbra, que, segundo parece, devião ter alguma subordinação ao Conde Sisnando. Em terras de Arouca erão Senhores pelos annos de 1085. Egas Ermiguio, Odorio Telles, & Gavino Froylas. (a) Consta de huma doação que fez Ero filho de Zacharias ao Mosteiro de Arouca. (b) Ja no anno de 1092. avia
20 mudança nestes Senhores, & o erão daquellas terras Monio Viegas, Odorio Telles, & Alvaro Telles, como consta de outra Escritura de Frey Adefonso Confesso, feita a mesma Casa. (c)

O Castello de Santa Maria (he o da Feira) estava cometido a hum Capitão chamado Flacencio, & avia nesta terra hum
Fi-

(a) Cartorio de Arouca.

(b) Livro das Doações.

(c) O mesmo livro.

Fidalgo principal chamado Sueiro Fromariguiz. Fez elle huma doação ao Mosteiro de Grijó a tres de Outubro do anno de 1093. a que se acharão presentes, alem das pessoas Religiosas, os seculares seguintes: Flacencio Alcaide do Castello de Santa Maria, Gonçalo Ozoriz, Athan Froylaz, Paio Fromariguiz, Gonçalo Gondezindiz, Mendo Zalamiz, Paio Zalamiz, Gonçalo Cediz, Tello Cediz. Todos confirmão a Escritura por pessoas notaveis, ou parentes do dotador. (a) 10

Nas terras dentre Douro, & Minho, & Tralos montes, estavam outros Capitães & Governadores. Faltára alguns annos annos antes o Conde Nuno Mendes, a quem reconhecião por principal cabeça todos os Portuguezes: foy sua morte em huma batalha que deu a elRey Dom Garcia; que scandalizados os Portuguezes do termo com que elRey os tratava, por indução (segundo dizem) de hum seu privado chamado Verna (ainda que não falta quem o disculpe) se puserão em armas. (b) Deuse a batalha em dezoito de Janeiro do anno de 1071. no lugar de Pedroso entre Braga, & o rio Cavado, & ficou o Capitão Portuguez morto, 20

E ii to,

(a) Cartorio de Grijó.

(b) Sandoz. na Chronica deste Rey.

to, & os seus desbaratados. (a) Assi o conta a Historia dos Godos com estas palavras, que pareceo referir em credito deste caso pouco sabido, que nem por ser em nosso damno he bem que o encubramos. (b) *Era M.C.VIII. Kal. Febr. Portugaleses commiserunt praelium adversus Regem Dominum Garciam, filium Regis Domni Fernandi, habebantque tunc caput in ipso bello Comitem Nuno Menendi. Periit ipse ibi, & cuncti alii sui fugerunt. Obtinuit Rex de illis victoriam in loco qui dicitur Petroso, inter Bracharam, & fluvium Cavado.* Não damos a tradução destas palavras, porque ja em summa ficção relatadas. Era este Conde sobrinho da Condeça Dona Gontrode, a qual estava casada com o Conde Rodrigo Vazques, Senhor de Chaves, & outras terras neste tempo da vinda do Conde Dom Henrique. Consta o primeiro ponto do parentesco por huma venda feita pelo Conde Sisnando a Eita Gosendiz no anno de 1074. a qual està no livro Fidei de Braga, e diz assi. (c) *Damus vobis de ipsa villa medietatem, sicut fuit de Comite Nuno Menendis, quomodo habuit divisa cum sua Tia donna Gontrode, & de-*
dit

(a) *Historia dos Godos.*

(b) *Historia dos Godos.*

(c) *Livro Fidei da Sè de Braga.*

dit nobis illam Rex Donnus Alfonsus. Quer dizer : Damos a vos a metade daquella terra , assi como foy do Conde Nuno Mendes , como a teve partida com sua tia D. Gontrode , & nos a ouvemos delRey Dom Afonso. O segundo ponto do Senhorio do Conde Rodrigo Vazques , se prova de outra Escritura do mesmo livro a qual remata. *Faâta Carta Era M. C. XX. III. Kal. Augusti regnante illustrissimo Rege Afonso in legionense , mandante Flavias Comite Rodrigo Velasci , &c.* Isto he , que se fez aquella Escritura em 30. de Julho do anno de 1082. (neste tempo cae a era sobredita) reinando em Leão o illustrissimo Rey Dom Afonso , governando a terra de Chaves o Conde Dom Rodrigo Vazques. He esta huma doação que faz Galindo Alvitiz neto de Dona Patrina à Sè de Braga. Do casamento deste Conde com. D. Gontrode sabemos por outras Escrituras do mesmo livro , do qual tambem se colhe ser esta Senhora filha do Conde Dom Nuno Alvitiz , & da Condeça Dona Elduara. Era Nuno Alvitiz (segundo alguns) filho de D. Munia , ou Muma Dona de Guimarães do sangue Real dos Reys de Leão , fundadora do Mosteiro de S. Salvador , & S. Maria , que he oje Igreja Collegiada daquella irsigne villa. Dona Elduara foy filha do Conde

10

20

de Hermenegildo do Porto , & da Condeça Dona Toda , ou Tuta Velaiz.

10 Mas porque de Dona Munia , ou Muma Dona ha muita noticia em Escrituras daquelle tempo , sobre que pode aver alguma duvida ; direi o que nisto tenho alcançado. Em doação do Mosteiro de Lervão feita a 9. das Calendas de Setembro da era 957. que he a 24. de Agosto do anno do Senhor de 919. huns Fidalgos que se nomeão Gundesindo , & outros dão ao dito Mosteiro a villa de Gondelim , & outras terras. E dizem os dotadores , que seus pays Dom Alvito & Dona Munia possuirão primeiro a dita Villa. *Sicut eam obtinuerunt parentes nostri Domno Alvito , & Domna Munia piæ memoriæ. (a)*

20 De outra Escritura do mesmo Mosteiro da Era de 1019. (b) que he anno de 981. consta , que Gonçalo Moniz grande Senhor em Portugal estava casado com Muma Dona , & dotão ambos à mesma casa a villa de Treixede. Era Gonçalo Moniz genro delRey Dom Bermudo de Leão , como se colhe de outra celebre Escritura da mesma Casa , do mez de Julho da Era de 1102. que he anno de 1064. em a qual el-Rey

(a) Archivo de Lervão no livr. 1. das Doações de leitura antiga.

(b) O mesmo livro.

Rey Dom Fernando o primeiro declara como tomou Coimbra aos Mouros. (a) De sorte, que Muma Dona molher de Gonçalo Moniz era filha delRey (pois não consta que tivesse aquelle Fidalgo segunda molher) & pela circunstancia do tempo he este Dom Bermudo o segundo do nome.

A Condessa Muma Dona, que fundou o Mosteiro antigo de S. Salvador & Santa Maria de Guimarães, foy casada (segundo Escrituras da mesma Igreja) com Hermenegildo Gonçalves, & era tia delRei Dom Ramiro de Leão, & sua memoria corre do anno de Christo de 929. até o de 999. E sendo este Dom Ramiro immediato antecessor de Dom Ordonho o terceiro (como se colhe do mesmo Cartorio) era necessariamente o segundo do nome.

Conforme a estas memorias, temos em Portugal tres Senhoras do mesmo nome, Muma Dona, illustres, & quasi do mesmo tempo, & se estivermos pela semelhança do nome, parece ser o Conde Dom Nuno Alvitiz (de quem atraz fallamos) não filho da que fundou a Igreja de Guimarães, mas de outra de que falla a primeira Escriutura de Lervão, & foy casada com Dom Alvito.

Na doação atraz referida de Galindo Al-

(a) Escriutura original de Lervão.

Alvitiz, confirma Paio Goterres (que he o da Silva) com titulo de Vigairo delRey : isto he , que tinha as suas vezes , & governava as terras da comarca de Braga , aonde se fez a Escritura , & o mesmo Paio Goterres restaurou o Mosteiro de Tibães , & ahi jaz sepultado.

10 Tambem de Escritura de Pombeiro consta ser Egas Gomes (he o de Sousa) Senhor em terras de Sousa , & Pombeiro , pois a elle se recorria nas duvidas & demandas ; como se vê em huma do anno de 1072. que trazia Flamula Ketas com sua irmãa Adosinda. Deste Fidalgo se tratarà largamente em alguns lugares desta obra , porque viveo muitos annos , & foy hum dos companheiros de Gonçalo Mendes de Maia , o Lidador , em tempo delRey Dom Afonso Henriques.

20 Estes , & outros Senhores , cuja memoria não achamos particularizada nas Escrituras que nos vierão à mão , possuião a terra de Portugal , & governavão o que lhes tocava com dependencia delRey Dom Afonso o Sexto , quando o Conde Dom Henrique entrou em Espanha.

CAPITULO V.

Do Estado Ecclesiastico de Portugal, quando o Conde Dom Henrique chegou a Espanha. Tratase dos primeiros Bispos de Braga, & Coimbra despois de sua restauração.

QUANDO chegou a Espanha o Conde Dom Henrique estavam ja as Igrejas de Braga & Coimbra restauradas a seu antigo estado ; & seus novos Prelados tratavão com todo o cuidado de assentar & promover as cousas Ecclesiasticas daquellas cidades. Não escrevem nossos Historiadores cousa alguma nesta materia , antes parece querem encontrar na restauração de Braga a supposição que fazemos , attribuindo ao Conde Dom Henrique a erecção daquella Igreja , & o provimento de seu primeiro Bispo. Mas porque destes principios temos certeza , será bem fundar a verdade desta materia , de que resultará a noticia de algumas cousas não sabidas , bem dignas de se divulgarem. A restauração de Braga se refere em huma Escritura do livro Fidei , que diz assi.

IO

Post-

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

Postquam Hispania paganorum gladio cesa est propter peccata inhabitantium, & in solitudinem versa, Christicolæ Deo miserante relectis viribus ceperunt paulatim undique dilatari longo temporum decursu, & omnia loca quæ obtinere potuerunt suis voluntatibus subdiderunt, S. Ecclesias, quæ quondam Domino consecratæ fuerant, laicales possessiones
10 fecerunt. Alii autem è contrario in villulis, & quibusdam laicalibus locis, novas Ecclesias, & monasteriola constituentes, tradiderunt illis Ecclesias olim præclaras, & celeberrima monasteria servituti manciparunt. Ex quibus Rex quidam Ordonius nomine, Bracharam quæ Metropolis & mater esse totius Hispaniæ debet, loco Sancti Jacobi tradidit servitutam, usque ad murum ipsa penitus des-
20 tructa manente, & in lapidum congerie versa. Multis igitur annis hoc modo transactis, nostris nuper temporibus moriens Christianissimus Rex Domnus Ferdinandus, divisit regnum suum tribus filii suis, Sanctio videlicet, Aldefonso, atque Garcia. Ex quibus Garcia accepit Occidentalem regni partem, in qua est ipsa Brachara. Ad quem accedentes Vestrius Episcopus Lucensis, & Cresconius Iriensis cum aliis religiosis hominibus, & terræ militibus,
roga-

rogaverunt eum, ut Ecclesiam Bracharen-
 sem juberet restaurari, & Episcopum in ea
 ordinari. Quibus benigne favens misit &
 vocavit omnes maiores & nobiliores, qui
 habitant ad locum Sancti Jacobi, & illis
 benevolentibus dedit eis monasterium quod-
 dam Regium nomine Cordarium, & ac-
 cepit ab eis omnia quæ ipsi habebant apud
 Bracharam, quæ sibi insuper à dicto Re-
 ge Ordonio fuerant tradita. Restituitque
 ea supra nominatus Garcia Rex Ecclesie
 Bracharensi, & Vicariis ejus, qui obti-
 nuerunt eam, & omnes redditus eorum,
 & cæperunt ipsi jam nominati Pontifices
 ædificare Bracharensem Ecclesiam in me-
 moriam Beatæ Dei Genitricis Mariæ. Ac-
 cedente itaque dilatatione, nondumque
 ordinato Episcopo, interea erexit se Rex
 Sancius adversus fratrem suum Garciam,
 & accepit Regnum ejus. His namque per-
 turbationibus agitatæ, habitatores San-
 cti Jacobi præsumptuosè absque jussu Re-
 gis acceperunt ea, quæ jam Regi Gar-
 ciæ dederant ad utilitatem Bracharensis
 Ecclesie profutura, retinentes pariter, &
 Monasterium prænominatum Cordarium,
 quod proinde acceperunt. Rex deinde San-
 cius fecit ordinari Petrum Bracharensem
 Episcopum, sed nihil ei contulit neque de
 suis, neque ea quæ frater suus Garcia
 de-

10

20

dederat. Idem Sancius moriens pro temporis paucitate nihil dignum reliquit memoria. Postea verò Rex Adefonsus obtinuit omne Regnum patris, & exercuit bella plurima adversus Sarracenos, & sæpè congregavit Synodos, jussitque coram Ecclesiæ sanctæ legatis legi, & firmari sanctorum decreta Canonum. Sed prædictus Petrus Bracharensis Episcopus non fuit talis meriti, ut charus amicis fieri posset Regis, & ab eo, vel à compresulibus atque Cardinalibus in Synodo ad profectum Ecclesiæ suæ aliquid profuturum mereretur impetrare. Qui ante vitæ suæ finem invitatus à Pontificatu dejectus est, & in Monasterio usque ad mortem fuit. Bracharensis autem Ecclesia ob segnitiam inutilis pastoris pauperrima remansit, & propter discordiam, quæ inter Principes terre orta est, interrupta, & injuriata funditus constitit. Hujus siquidem rei testes fuerunt, Facta fuit hæc concambatio in Era M. C. IX. Reduzida ao portu-
 10 guez diz deste modo.
 20

Despois que pelos peccados de seus moradores foy Espanha destruida, os Christãos recobrando pela misericordia de Deos forças, começarão a ganhar o perdido, ainda que em largo numero de annos. Porem das terras adquiridas usavão a seu gosto, tro-
 can-

cando huns em possessões seculares as Igrejas dedicadas ao culto divino, & sojeitando outros os Templos, & Mosteiros celebres antigamente a outros de menos consideração, os quais de novo fundavão. Entre estes foy hum Rey chamado Ordonho, que sogeitou a Igreja de Braga (a qual deve ser Metropoli, & Mãe de todas as de Espanha) à de Santiago, quando a cidade de Braga estava destruida, & feita hum monte de pedras. Passados nesta forma muitos annos, por morte do Christianissimo Rey Dom Fernando, a qual socedeo ha pouco em nossos tempos, dividiose o Reyno entre seus filhos Dom Sancho, Dom Afonso, & Dom Garcia, ao qual coube a parte Ocidental, em que cae Braga. A elle vierão Vestrio Bispo de Lugo, Cresconio de Iria com outras pessoas Religiosas, & Cavalleiros da terra, & lhe rogarão mandasse restaurar a Igreja de Braga, & pôr nella Bispo. ElRey parececendolhe bem esta petição, mandou chamar os principaes de Santiago, aos quaes deu o Mosteiro Cordario de seu padroado pelas terras que elles possuiam em Braga, & lhas dera elRey Dom Ordonho, & quis que fossem restituídas à Sè da dita cidade. E os Prelados nomeados começaram a edificar a Igreja de Braga da invocação da Gloriosa Virgem

10

20

gem Maria. Passado algum tempo sem ser ainda eleito Bispo, se levantou elRey Dom Sancho contra seu irmão Dom Garcia, & o excluio do Reyno, & nesta occasião de revoltas se tornarão os moradores de Santiago (sem elRey intervir nisso) a meter de posse, do que tinham deixado a Braga por ordem delRey Dom Garcia, retendo juntamente o Mosteiro Cordario, que o proprio Rey lhes dera. Dom Sancho depois fez eleger em Bispo de Braga a Dom Pedro, porem nem lhe deu rendas, nem tratou que se recuperasse o que seu irmão Dom Garcia lhe avia dado; & finalmente não fez este Rey cousa de consideração, por ter pouco tempo de vida. Dom Afonso veyo a possuir todo o Senhorio de seu Pay, & teve muitas guerras com os Mouros. Fez celebrar Synodos, alcançando dos Legados Apostolicos se guardassem em seus Reynos os sagrados Canones. Porem o Bispo de Braga Dom Pedro não alcançou a graça delRey, & assi nem d'elle ouve doações para sua Igreja, nem dos Legados Apostolicos favores; antes foy excluido do Bispado no fim de sua vida & o constrangerão a se recolher em hum Mosteiro, onde acabou seus dias. E assi a Igreja de Braga por sua pouca agencia ficou pobre, & por causa das dissensões que se moverão en-

entre os principaes da terra , se não acabou de edificar , & ficou exposta a muitos agravos. Do que ha testemunhas. Esta troca , ou escambio se fez na Era de 1109. (No que se deve alludir a troca que fez ElRey Dom Garcia com os moradores de Santiago , dandolhe outras terras pelas que possuião em Braga.)

Desta notavel Escritura consta como a restauração da Igreja de Braga se fez em tempo delRey Dom Garcia de Portugal & Galliza. A eleição de seu primeiro Bispo foy feita em tempo que ja reinava em Portugal Dom Sancho irmão de Dom Garcia ; & assi se convence que não pode o Conde Dom Henrique ordenar primeiro Bispo em Braga , & sò tomaria a sua conta aperfeiçoar a Igreja começada , & darlhe Bispo na vacante de Dom Pedro. 10

Advirto aos leitores , que do Bispo Dom Pedro , de quem não trata bem esta relação , temos melhores informações por outras Escrituras do mesmo livro Fidei , a que eu dou mais credito por dous respeitos. O primeiro porque com iguaes testemunhos contrarios devemos julgar sempre em favor da parte. O segundo , porque não sei que tem os desfavorecidos dos Principes , & poderosos , que todos se lhe atrevem ; miseria grande , & triste abatimento da condição huma- 20

humana. E porque não pareça que tenho pouco fundamento, allego as mesmas palavras que fazem em credito do Bispo Dom Pedro, & são estas, tiradas do livro Fidei de Braga. *Hæc sunt quæ acquisivit Petrus Bracharensis Episcopus. (a) Hoc igitur testamentum est hæreditatum, quas bonæ memoriæ Petrus Bracharensis Episcopus probitate sua acquisivit. Cum enim*
 10 *Sedes Bracharæ ruinæ, & desolationi subjaceret, & pastorem qui eam procuraret non haberet, ipse venerabilis Petrus pastoralem officium in ea suscepit, & de hæreditatibus multis, quas Brachara Metropolis antiquitus habuerat, istas in scriptis supra commemoratas pro posse suo recuperavit, qui nimirum dum vixit ad honorem Ecclesiæ suæ recuperandum vehementer desudavit, &c.* Reduzidas a
 20 nossa lingoagem dizem assi. Estas são as cousas que adquirio o Bispo de Braga Dom Pedro. Este he o testamento das heranças que o Bispo de Braga Dom Pedro da boa memoria adquirio por sua virtude. Porque como a Igreja de Braga estivesse destruida & arruinada, & não tivesse pastor que procurasse por ella; o veneravel Pedro recebeu o officio de seu Prelado, & das muitas

(a) Livro Fidei da Igreja de Braga.

tas heranças, que antigamente forão desta Metropoli, recuperou, segundo suas forças, todas as que atras ficão nomeadas, & não satisfeito com isso, trabalhou em quanto viveo, que sua Igreja alcancasse a honra, & dignidade que se lhe devia.

Bastantemente ficão abonados com esta relação os procedimentos do Bispo Dom Pedro, & assi para a causa de sua deposição & reclusão no Mosteiro de que se trata na outra Escritura, não temos que buscar outro fundamento, quando chegou a ter o Principe alienado, & pouco favoravel. Permaneceo na sua Igreja até o anno de 1093, como consta de certa doação que lhe fez Manualdo Presbytero, cuja data he a 11. das Calendas de Março da Era de 1131. que cae no ultimo de Fevereiro do anno referido. E sendo sua entrada no Bispado em tempo delRey Dom Sancho, & como aponta o Catalogo dos Bispos de Braga, no anno de 1067. se convence que possuio a dignidade Episcopal 26. annos: & assi se deve emendar o erro de Duarte Nunes, (a) que lhe dà sò nove annos do governo de seu Bispado. O anno de 1094. & 1095. esteve recolhido em hum Mosteiro até que por sua morte foy eleito o Arcebispo S. Gi-

Fr. A. Brandão; Tom. I. F ral-

(a) *Duarte Nunes na Vida do Conde Dom Henrique fol. 17.*

raldo no principio do anno de 1096. sendo ja senhor de Portugal o Conde Dom Henrique, como adiante veremos.

A restauração da Igreja de Coimbra se fez em tempo delRey Dom Afonso. Pretendeo elRey Dom Fernando, tanto que ganhou esta cidade, de lhe dar logo Bispo, & ordenar as cousas Ecclesiasticas della, & pera este effeito tinha fallado a Dom Paterno
10 Bispo de Tolosa, o qual viera ter com elle a Santiago por ordem do Rey de Çaragoça. Mas como a este Principe não durou então muito a vida, & depois com a divisão dos Reynos, & guerras, que ouve entre seus filhos, não pudcrão as cousas alcançar a quietação, que convinha, se ouve de dilatar a vinda do Bispo, até que em tempo delRey Dom Afonso se conseguiu este effeito. São bem dignas as palavras de
20 hum Escritura do livro das doações antigas da Sè de Coimbra (a qual vay toda tresladada no appendice) de se apontarem neste lugar, & são as que se seguem.

Deinde Rex prædictus reversus est ad locum Sancti Jacobi orationis causa, & invenit Dominum Patrinum Episcopum venientem ad se missum à Rege Cesar-augustæ urbis, qui suprafatus Episcopus eo tempore Tortuosanæ urbis Sedem tenebat, sed propter societatem pagano-
rum,

rum , officium & ordinem suum minime
 adimplere valebat. Rogavitque eum Rex
 præfatus cum supradiçto Domino Sisnan-
 do Consule , ut veniret Colimbriam , & mo-
 raretur ibi. Spopondit autem Episcopus
 venire , sed in diebus ipsius Regis non
 venit , quia cito mortuus prædictus Rex ,
 cui beata sit requies. Deinde successit
 Dominus Adefonsus Rex in regno patris
 sui , qui valde dilexit Consulem Sisnan-
 dum prædictum , & confirmavit ei omnia
 quæ suus pater illi dederat , insuper &
 multa ei addidit. Postea Episcopus præ-
 dictus vocatus à Consule , & Rege prædi-
 çto venit Colimbriam , in qua omnem Epis-
 copatum cum omni diocesi accepit , qui si-
 mul cum Consule prædicto pueros nutri-
 vit , & eos docuit in Sede Episcopali San-
 ctæ Mariæ prædictæ civitatis , atque ad
 ordinem præbyterii applicavit ; & ordi-
 navit eos communiter habitare secundum
 regulam Sancti Augustini. Deinceps pla-
 cuit prædicto Consuli , nec non Pontifici
 studium eorum quod habebant in ordini-
 bus tenendis , & domibus ædificandis , se-
 cundum possibilitatem eorum fecerunt ei
 testamenti Cartam , ut haberent in su-
 prædicto loco , & possiderent eum , & ut
 non proponatur eis alius dominator , sed
 ex eis eligatur semper præpositus sub re-

10

20

gimine Episcopi secundum quod rectum est.

O sentido dellas he.

Despois o sobredito Rey (entende Dom Fernando) se foy a Santiago a fazer oração , & achou Dom Patrino Bispo , que viera ter com elle por mandado do Rey de Saragoça. Ao qual Bispo naquelle tempo estava encarregado o governo da Igreja de Tortosa , mas por causa da guerra dos Mouros o não podia exercitar. E rogandolhe o
10 sobredito Rey com o Conde Sisnando , que se viesse morar a Coimbra , elle prometendo de vir , o não fez em tempo. deste Rey , o qual falleceo dentro de poucos dias , & possue o descanso eterno. Entrou elRey Dom Afonso no reinado de seu pay , o qual amou muito o Conde Sisnando sobredito , & lhe confirmou tudo o que seu pay lhe avia dado , accrecentando algumas cousas.
20 Despois o sobredito Bispo com recado delRey , & do Consul se veyo a Coimbra , & tomou posse de todo o Bispado , & de sua Diocesi : & juntamente com o Conde deu ordem a hum Seminario de moços na propria Sè Episcopal , & Igreja de Santa Maria da mesma cidade ; a estes doutrinou , & foy dispondo para receberem o gráo do presbyterio , e quiz que vivessem em communidade , segundo a Regra de Santo Agostinho. E approvando despois o mesmo Bispo ,
po ,

po , & o Consul seu bom procedimento , & boa ordem , com que vivião , & cuidado , que tinhão de fundar sua casa , lhe fizeram doação do mesmo lugar em que moravão ; & prometterão que dentre elles se escolheria o que os avia de governar : & não seria estranho , ficando com tudo à obediencia do Bispo , como era razão que fosse , &c.

Atè aqui são palavras daquella constituição , & nomeão-se despois alguns dos Clerigos , fundadores daquella primeira Igreja , & o Prelado delles , por nome Martinho , & declarão-se algumas ordens pertencentes a seu modo de vida , & remata a Escritura. *Faeta testamenti Charta Idus Aprilis Era M. C. XXIII.* que val tanto , como dizer : Foy feita aquella Carta de testamento em os Idus de Abril da Era de 1124. que he aos 13. deste mez do anno de 1086. quando ja avia alguns annos , que o Bispo Dom Patrino chegara à cidade de Coimbra , & dera principio àquella Congregação Religiosa , como bem se manifesta das palavras atras referidas. E este costume louvavel de viverem os Conegos em Communidade durou algum tempo neste Reyno , não sò em Coimbra , mas em Braga & outras partes , como de alguns lugares de Escrituras antigas temos advertido.

do. Ha memoria do Bispo Dom Patrino, até o anno do Senhor de 1087. Ja no anno seguinte confirma Martinho Bispo eleito de Coimbra, como consta de certa doação feita por Zoleima Presbitero a Sè de Coimbra. (a) Sucedeolhe Dom Cresconio, como adiante mostraremos.

C A P I T U L O VI.

Como governou o Estado de Coimbra Martim Moniz, genro do Conde Sisnando, & das cousas mais notaveis de seu tempo.

HUMA sò filha ficou ao Consul Sisnando, herdeira de sua Casa, por nome Gelvira, ou Elvira Sisnandez. Estava casada esta senhora, quando o Conde morreo, com hum Fidalgo illustre, chamado Martim Moniz, a quem elRey Dom Afonso entregou o governo das terras de Coimbra, ou por remunerar com esta merce os serviços do Conde Sisnando, ou por ver em
10 Martim Moniz merecimentos dignos de tão grande premio. Não me sei resolver de que familia seria este Fidalgo, porque o apelido de Moniz o não declara, por ser
na-

(a) Livro das doações de Coimbra.

naquelle tempo sobrenome patronimico de Monio, ou Moninho, o qual se podia achar em muitas gerações differentes. Ao que posso alcançar tinha Martim Moniz muita fazenda em terras de Arouca, para onde se retirou depois de deixar o cargo, que se lhe cometera.

Do tempo de seu governo temos algumas memorias autenticas. Huma venda, que faz Nuno Paes de hum casal no vale de Moldes ao Mosteiro de Arouca, cuja data he a tres dos Idos de Junho da Era de 1130. (vem a ser a 11. de Junho do anno de 1092.) e diz no fim, que reynavão o Principe Dom Afonso na cidade de Toledo, & em Coimbra o Capitão Martinho. (a) E que este seja Martim Moniz consta de outra Escritura da mesma Casa de Frey Adefonso Confesso, (b) cuja data he a 25. de Junho deste proprio anno, & nella se diz que era senhor de Coimbra Martim Moniz. (c) O mesmo se ve em outra Escritura, que faz João Gozendiz à Sè de Coimbra a 27. de Fevereiro do anno seguinte de 1093. (d) Mas o que de todo nos assegura deste governo de Martim Moniz he

(a) Livro das doações de Arouca num. 11.

(b) Confesso he o mesmo que professo.

(c) Livro da Sè de Coimbra fol. 22.

(d) O mesmo fol. 8.

he a confirmação do foral de Coimbra, dado por elRey Dom Afonso a 22. de Abril deste anno de 1093. a qual diz assi. (a) *Ego Martinus Munionis præsens Conimbrice, & gener Consulis Domni Sisnandi, qui pro eo in ejus locum successi, hoc quod domino meo Imperatori complacuit, confirmo, & observare veraciter promitto.* A significação destas palavras he: Eu
 10 Martim Moniz Presidente de Coimbra, & genro do Consul Dom Sisnando, que entrei em seu lugar, confirmo, & prometto de guardar em toda a verdade o que meu senhor o Emperador tem ordenado.

Neste anno de 1093. governando o Estado de Coimbra Martim Moniz se fizeram grandes conquistas em Portugal. Refereas a Historia dos Godos com estas palavras (b) *Era M. C. XXXI. 11. Kal. Maii Sabbato hora nona capitur ab eodem Alfonso Sanctarem anno regni sui 28. mense quinto, sexta die mensis. Item eadem hebdomada pridie Nonas Maii capitur ab eodem Ulixbona; & post idibus Maii Cintria.* A significação dellas he: Na era de
 20 1131. a 11. das Calendas de Mayo (vem a ser a 21. de Abril do anno de 1093.) em hum sabbado a horas de vespera foy toma-

(a) Cartorio da Camara de Coimbra.

(b) Historia dos Godos.

tomada Santarem por elRey Dom Afonso no anno 28. de seu Reynado no mez quinto , & sexto dia do mez. Alem disto na mesma somana a seis de Mayo foy ganha- da pelo mesmo Rey a cidade de Lisboa , & pouco depois a 15. do proprio mez Cin- tra. Bem sey que o Padre Mariana , (a) & outros Auctores difficultam esta jornada , porem não ha duvida que a ouve. No li- vro das doações da Sè de Coimbra està 10 o Foral de Santarem dado por elRey Dom Afonso o Sexto em 13. de Novembro do anno de 1095. no qual diz elRey deste mo- do. *Certum namque vobis est qualiter Omnipotens Dominus non meis meritis neque virtutibus , sed propria voluntate , sicut ipse voluit , tradidit civitatem Sanctæ Herene in manibus meis , quod incredibile ab omnibus aliquando erat.* (b) Em vulgar : 20 Todos estais lembrados , de que modo o Senhor Todopoderoso , sem aver de minha parte merecimentos , nem virtudes , sò com seu proprio querer , como a elle mais aprou- ve , me entregou a cidade de Santarem , cuja conquista em algum tempo se não podia crer. Confirmação neste Foral Bernardo , Arce- bispo de Toledo , Gomes , Bispo de Burgos , Raymundo de Palencia ; Pedro de Leão , o Con-

(a) Mariana lib. 10. cap. 1.

(b) Livro da Sè de Coimbra fol. 11.

Conde Dom Peransures , o Conde Nuno Valazques , o Conde Martim Flainez , o Conde Froila Dias , Gonçalo Nunes , & Fernão Raymundo.

10 Assegura mais a conquista de Santarem em tempo delRey Dom Afonso o Sexto , certa Escritura do Mosteiro de Alcobaça , feita por seu neto elRey Dom Afonso Henriques , da qual faz ja menção o Bispo de Pamplona , & nella , fazendo elRey de Portugal demonstração do insigne feito , que obrara , ganhando com poucos soldados Santarem , pela fortaleza do sitio , diz , que seu avó a não pode render por combate , & que se lhe entregara obrigada da fome , *Non potuit eam debellare , nisi famis deditio-*
20 *ne.* (a) E assi como he certa a tomada de Santarem neste tempo , tenho por sem duvida a conquista de Lisboa , & de outras terras , pois , além de o affirmar a Historia dos Godos referida , a affirmão graves Auctores.

Sò na circunstancia do tempo , & brevidade com que se concluirão tão grandes cousas pode aver escrupulo. No tempo , porque estando elRey Dom Afonso o Sexto em Coimbra a 22. de Abril de 1093. como consta do foral da mesma cidade
atras

(a) Esta Escritura he hume relação da ultima tomada de Santarem por elRey Dom Afonso Henriques , está em o livro de mão , que contem as obras de S. Fulgencio.

atras referido, mal podia a 21. do proprio mez, & anno ganhar Santarem, como diz a Historia dos Godos, & muito menos podia render esta praça por fome, se a brevidade, ou impossibilidade do tempo foi tanta. Respondo que a Era da Historia dos Godos deve estar errada em alguns dias, o que se ve bem das mesmas palavras, que acrescenta, pois diz ganhou elRey Lisboa na propria somana, em que tomou Santa- 19 rem, & a tomada de Lisboa assina a seis de Mayo, & assi he forçado que Santarem se não entregasse a 21. de Abril, mas alguns dias depois, em que averia lugar de elRey chegar de Coimbra a esta villa. A outra difficuldade nascida da brevidade do tempo, digo, que esta praça estaria cercada antes da vinda delRey espaço bastante para seus defensores se verem opprimidos de fome, & assi seria facil com a chegada del- 20 Rey renderemse logo. E quanto à tomada de Lisboa, & Sintra, entendo que não foram por combate, mas que os proprios Mouros se entregarão, temendo as armas, & felicidade delRey Dom Afonso, & ficarão seus tributarios, como se usava naquelle tempo, o que daria tambem causa os annos seguintes a se rebellarem aquellas terras, & tornarem ao senhorio dos Arabes.

Suppostas estas conquistas em que não
te-

temos duvida , fica manifesto o muito que nellas obraria o Governador de Coimbra Martim Moniz , e os mais senhores Portuguezes daquelle tempo ; pois , alem de seu valor proprio em todas as idades , estas empresas particularmente lhes pertencião , pois erão dentro em Portugal , & em restauração das melhores terras deste Reyno. Mas as cousas illustres daquelle idade merecedoras de perpetua lembrança nacerão destinadas ao esquecimento pela rudeza dos antigos.

CAPITULO VII.

Como foy Portugal entregue ao Conde Dom Raymundo. Das cousas de seu tempo , & successão dos Bispos de Coimbra.

VENDO elRey D. Afonso o Estado de Portugal accrescentado , parecendolhe conveniente ser emparado com mayor cuidado , & assistencia de alguma pessoa Real , o entregou ao Conde D. Raymundo , seu genro , & por Capitão géral desta fronteira nomeou Sueiro Mendes , pessoa de grande reputação & esforço. (a) Assi o diz a Historia dos Godos ,

(a) Historia dos Godos.

dos , depois das palavras atras referidas. *Præposuit Rex his locis à se captis generum suum Comitem Raymundum maritum Domne Urracæ , & sub nomine ejus Suarium Menendi. Ipse autem reversus est Toletum.* Querem dizer , que nos lugares novamente conquistados deixara elRey por Governador seu genro o Conde Dom Raymundo , casado com Dona Urraca , & por seu Lugartenente Sueiro Mendes , & com isto fizera volta a Toledo. Era este Sueiro Mendes aquelle celebradissimo Capitão , o qual , indo a Roma , venceo publicamente em desafio hum Cavalleiro , que pretendia sustentar por parte do Imperio dever Espanha sogeição aos Emperadores , & por esta & outras obras de valor , feitas em serviço da patria , lhe derão o sobrenome de Bom , a que se accrescentou o appellido da Maia , (que era a terra desde o Rio Douro até o Lima) pela averem ganhado seus antepassados : de cuja nobreza se fallará adiante , quando tratarmos de Gonçalo Mendes o Lidador , que foy irmão do mesmo Sueiro Mendes. 10 20

Conforme a esta Memoria , entraria o Conde Dom Raymundo no governo de Coimbra no fim do anno de 1093. depois de elRey Dom Afonso se deter algum tempo por estas partes , compondo o novo es-

tado das cousas , & terras conquistadas. Por
Escrituras originaes consta estar o Conde
de assento em Coimbra no anno seguin-
te de 1094. He a primeira certa doação ,
que elle mesmo faz ao Abbade Tructesin-
do , & outros povoadores de Montemor o
Velho de tudo o que lhe pertencia na dita
villa , cuja data he a vinte & dous de Fe-
vereiro do sobredito anno de 1094. (a) Em
10 treze de Novembro do mesmo anno faz o
Conde huma notavel doação à Sè de Coimbra
do Mosteiro da Vaccariça , & diz (b) nella
como residia em Coimbra com a Rainha
Dona Urraca sua molher , & que ambos
fazião aquella esmola à dita Igreja , por
saberem do Bispo Dom Cresconio como
estava muito pobre. Este Mosteiro da Vac-
cariça , de que o Conde fez doação à Sè
de Coimbra , era de Monges do Patriarcha
20 São Bento , & o Abbade , que então o gover-
nava , se chamava Alvito , a quem o mes-
mo Conde Dom Raymundo dera antes o
lugar de Orta. Sua invocação era de São
Salvador , & São Vicente , foy celebre an-
tiguamente , & teve muitos Mosteiros , &
Igrejas sogeitas , como erão os Mosteiros
de Tresoi , de Soure , de Lomedo , de Ro-
ças , de Sever , & o de Leça , o qual ain-
da

(a) Livro dos Testamentos de S. Cruz de Coimbra.

(b) Livro das Doações de Coimbra.

da oje permanece, & pertence à ordem Militar de São João. Sò no Bispado de Coimbra tinha este Mosteiro mais de vinte lugares, & algumas villas, como bem se deixa ver de muitas Escrituras da Sè de Coimbra. Permaneceu muitos annos sojeito a esta Igreja pela doação do Conde Dom Raymundo, até que, avidas as licenças necessarias, se annexou ha poucos annos ao Collegio dos Hermitães de S. Agostinho da mesma cidade. Confirmação nesta doação do Conde Dom Raymundo os Prelados, & senhores seguintes, cujos nomes pareceo bem pôr neste lugar, para se ver o apparato do Conde, & sua Corte, & vão na propria forma em que estão escritos no original.

Ego Raymundus Dei gratia Comes, ac totius Galleciæ dominus conf. Ego Urraca Adefonsi Imperatoris filia conf. Comes Sancius (a) conf. Petrus Froylaz conf. Suerius Nunes conf. Pelagius Gontiniz conf. Egas Paes conf. Menendus Venegas conf. Gumice Venegas conf. Dalmatius Sancti Jacobi Episcopus conf. Raymundus Amorlacensis Episcopus conf. Pet. Mag. supradictæ Urracæ filia Regis conf. Alvazir domnus Menendus conf. Suerius Fro-

(a) Forsan Gaterrez.

Fromariguiz conf. Midus Cresconiz conf. Zacharias David conf. Alvitiz Ramiriz conf. Raymundus judex conf. Petrus Pelais conf.

Canonici Sancti Jacobi, qui presentes fuerunt, Froyla Rachemundez judex conf. Segeredus præsbyter conf. Odoarius Archidiaconus conf. Pelagius Didadi, & clericus conf. Petrus Astroarici & diaconus
 10 *conf.*

Milites, supranotatus Comes Arias Nuniz conf. Joannes Didaci conf. Gumece Nunes conf.

Hec sunt nomina eorum, qui presentes fuerunt, Conimbricentium, Floridi Godiniz conf. Viarigus Didaci test. Didacus Roderici test. Alfonsus Fromariguiz test. Recamundus test. Arias Menendi test. Didacus Gelmirii Ecclesie Sancti Jacobi Canonicus, & supradicti Raimundi Comitis scriptor, hanc donationis paginam manu propria scripsi, & una cum cæteris affirmavi, & ad rei vigorem signum meum injeci.
 20

Este Diogo Gelmiris, o qual servia então ao Conde de Cancellario, foy despois promovido à Igreja de Santiago, & Prelado illustre, de que se conservão naquella Sè grandes memorias, entre as quais não he de menos consideração aver alcançado do Sumo Pontifice a preminencia dos sete Co-
 ne-

negos Cardeaes, que tem aquella Igreja, & ultimamente a dignidade de Metropolitana, que daquelle tempo até o presente conserva, sendo antes sogeita à Igreja de Braga.

Do tempo do Conde Dom Raymundo não acho cousa notável succedida em nosso Reyno.

Huma Escritura do Mosteiro de Arouca me veyo a mão, por que se mostra vencer elle em batalha huns Alcaides Mouros, que vierão correr a terra junto a Coimbra. Mas como não he mais que treslado, & a letra não he muy antiga, a não posso assegurar com a certeza das outras Escrituras que allego, & assim deixo de referir este successo com as particularidades notáveis que nelle ouve, não duvidando, que assi nesta occasião, como em outras daquelle tempo daria o Conde boas mostras de valeroso. Cae a data desta Escritura no principio do anno de 1095. o que bem poderia ser, pois temos dado certeza de assistir o Conde Dom Raymundo em Coimbra até o fim do anno passado de 1094.

Em seu tempo presidia na Igreja de Coimbra hum religioso varão chamado Cresconio, (a) o qual foy posto nesta dignidade no anno do Senhor de 1092. co-

Fr. A. Brandão; Tom. I. G mo

(a) *Livro de Coimbra fol. 18.*

mo se ve de huma doação feita pelo Abade Pedro à Sè de Coimbra , cuja data sendo a quatro de Fevereiro do anno de 1094. diz ser no segundo do Pontificado de Cresconio , & o 29. do reynado delRey Dom Afonso. (a) Era tio (segundo affirmão alguns Auctores) de S. Theotonio ; e ambos Portuguezes , o Santo natural de Ganfei lugar de entre Douro & Minho , como em sua vida mostraremos ; & o Bispo de terras de Arouca , & ainda Monge do proprio Mosteiro , como se colhe de algumas Escrituras daquella Casa. Seu pay se chamava Mouqueme Cresconio , & sua mãy Lovesenda. (b) Tomou o habito de São Bento em tempo do Abbade Dom Godinho , & corria o anno do Senhor em 1052. o que passou na Religião se não declara , mas bem se dà a entender a santidade de sua vida , pois o forão buscar ao Mosteiro para Bispo de Coimbra. E como a criação da Religião tivesse feito em Cresconio outra natureza , quando se foy governar suas ovelhas levou alguns Religiosos , com a companhia dos quais lhe parecia que se não ausentava do Mosteiro. Entre os mais hia hum por nome Gondesindo Sacerdote , & pessoa de grão virtude , de quem o Bispo fazia muito caso.

Exer-

(a) *Sandoval dos Bispos de Tui fol. 124.*

(b) *Cartorio de Arouca.*

Exercitou Cresconio o cargo de Pastor com a satisfação que se esperava, engrandeceu sua Igreja não só no espiritual, mas ainda no temporal. (a) Por seu respeito se lhe fizeram algumas esmolas, & ainda a outras casas de Religião de seu Bispado, como consta de huma notavel feita ao Mosteiro de Grijò por Sueiro Fromarigues, de que dà por causa este religioso Prelado. Com os subditos era muy compassivo & brando, & tão zeloso de sua salvação, que não perdoava a trabalho nenhum por esta causa. (b) Estava em Arouca no artigo da morte Gavino Froylaz, & mandando recado ao Bispo Dom Cresconio, o não desamparasse naquelle riguroso transe, & ou elle proprio, ou o Monge Godesindo lhe assistisse: se pôz o Bispo ao caminho, & achando ja o enfermo morto, tratou as cousas de seu testamento com tanto cuidado, como se não tivera outra occupação em todo seu Bispado. Não durou nelle muito tempo, porque o chamou o Senhor para si a 19. de Junho 1098. como diz huma doação de Arouca. Seu corpo foy sepultado em S. João de Almedina, (c) segundo diz hum livro de mão das Vidas dos Bispos de Coimbra,

10

20

G ii

bra,

(a) Cartorio de Grijò.

(b) Cartorio de Arouca.

(c) Livro das vidas dos Bispos de Coimbra.

bra , o qual se conserva na Sè daquella Cidade.

CAPITULO VIII.

Do tempo em que foy dado o Estado de Portugal ao Conde Dom Henrique , & se celebrou seu casamento.

A Primeira memoria que achei neste Reyno do Conde Dom Henrique foy em huma doação de Arouca feita por Garcia Odoriz , na qual se declara como reynava Dom Afonso em Toledo , & em Coimbra o Conde Dom Henrique. (a) *Regnante Adefonsus Rex in Toledo , in Colimbria Comes Henricus.* Mostra ser sua data a 15. das Calendas de Janeiro da Era de 1133. 10 que vem a ser a 18. de Dezembro, do anno de 1094. Em 13. de Fevereiro do anno seguinte párece que estava ja casado o Conde com a Rainha Dona Tareja filha del-Rey Dom Afonso , porque em hum privilegio dado por elRey ao Mosteiro de São Servando se ve a sua firma com estas palavras. (b) *Henricus gener Regis , cum uxore mea Tarasia quod socer fecit eonfirmo.* Isto he : Henrique genro delRey confirmo
com

(a) *Escritura original Archivo de Arouca.*

(b) *Ypes. tob. 6.*

com minha molher Dona Tareja o que fez meu sogro.

Nos annos seguintes se vay continuando a memoria do mesmo Conde Dom Henrique nas Escrituras deste Reyno sem interpoção alguma. Nuno Soares faz esmola de certa herdade em Moura junto ao Prado à Igreja de Braga, & a S. Giraldo ja Arcebispo della, he sua data a 24 de Abril do anno de 1096. & conclue. (a) 10
Regnante Adefonso Rege, dominante terre Comite Henrico, sedente Archiepiscopo Domino Giraldo in Brachara. Que he dizer, se fez aquella Escritura reynando Dom Afonso, & sendo senhor daquella terra o Conde Dom Henrique, & S. Giraldo Arcebispo de Braga. O mesmo se colhe da confirmação que deu o Conde à eleição de S. Giraldo, a qual se fez no principio deste mesmo anno de 1096. como adiante veremos. E pelos annos seguintes se allegarão outras Escrituras, de que consta como o Conde Dom Henrique continuava em seu governo. 20

Supposta a verdade destas Escrituras, & o que deixamos provado no capitulo antecedente do governo do Conde Dom Raymundo, se ha de dizer, que antes do fim do

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

do anno de 1094. nem o Conde Dom Henrique teve o senhorio de Portugal, nem era casado. Porque como pelo casamento da Raynha Dona Tareja lhe foy dado Portugal em dote (o qual, como vimos, possuia o Conde Dom Raymundo em Novembro do mesmo anno) fica manifesto que antes daquelle tempo não recebeu sua molher, pois não alcançou a posse das terras desta
10 Coroa. E ainda se pode dizer, que passarão alguns mezes depois de a receber, sem vir tomar posse de Portugal, se he certa aquella batalha do Conde Dom Raymundo atras referida, a qual se deu ao principio do anno de 1095.

Alguns argumentos se offerecem contra esta resolução. O primeiro que consta de todas as Historias ser o nascimento delRey Dom Afonso Henriques no anno do Senhor
20 de 1094. & assi he forçoso que seus pays casassem antes deste tempo. Respondo ser cousa muy incerta o tempo do nascimento deste Principe, & assi não se poder tirar d'elle firmeza para ponto solido na Historia. Adiante mostrarei duas cousas. A primeira, que não naceo este Principe no anno que se aponta. A segunda, que foy seu nascimento depois do anno do Senhor de 1106. & como isto se ha de confirmar com Escrituras, não importa dar aqui mayor satisfação a esta duvida. O

O segundo argumento , que bem se tem
mostrado como o Conde Dom Henrique não
foy , nem podia ser senhor do Estado de
Coimbra antes do anno de 1094. Porem
que antes deste tempo foy senhor do Porto ,
& de outras terras. O que approvão em seus
escritos o Doutor Frey Bernardo de Bri-
to com huma Escritura de Arouca , (a) &
o Bispo de Pamplona , (b) com lhe parecer ,
que assi como ao Conde Dom Raymundo
foy primeiro dada Coimbra , & depois
Galliza , assi tambem se assinaria primeiro
ao Conde Dom Henrique a cidade do Por-
to , & outras terras , antes de se lhe dar tu-
do o que Portugal continha. Digo ser ima-
ginação do Auctor , que ao Conde Dom
Raymundo foy dada primeiro Coimbra ,
que Galliza , ou que quando estava de as-
sento naquella Cidade , não era tambem se-
nhor de Galliza. No capitulo passado se
tratou da doação da Vaccariça feita por este
Principe à Sè de Coimbra , da qual consta
possuir juntamente Portugal , & Galliza ,
pois governando Coimbra , se chamava tam-
bem senhor de Galliza. Ao outro funda-
mento da doação de Arouca digo , que se
devia reger o Auctor por algum treslado
viciado. E para satisfação dos curiosos apon-
to

(a) Britto na II. Part.

(b) Sandoval na Chronica del Rey D. Afonso VI.

to as formaes palavras della , a qual está no livro de pergaminho de Arouca da leitura antiga numero 70. & começa assi.

10 *In Dei nomine. Ego Gundiaro Songemiriz , & uxor mea Ssegunda Flosen-
diz , &c. E remata. Facta cartula ven-
ditionis notum die VI. Kal. Martii, Era
M. C. XXX. regnante in Toletto , & in
omni Galicia , & Spania Adefonsus filius
Ferdinandi Regis. In Colimbria dux Mar-
tino Moniz , iudex in Arauca Justo Da-
menguiz , mandantes Arauca Odorio Tel-
lez , Alvaro Tellez , Monio Veniegas , &c.
E não se falla cousa alguma no Conde Dom
Henrique , & assi mal se pode dizer com
o fundamento desta doação , ser elle neste
anno senhor do Porto. Pelo que a resolução
proposta me parece que não tem duvida.*

20 *No fim deste mesmo anno de 1095.
em que dizemos teve principio o governo
do Conde Dom Henrique , ou no principio
do anno seguinte foy a eleição de S. Giral-
do em Arcebispo de Braga , & porque do
tempo della se confirma tambem ser ja o
Conde Dom Henrique senhor de Portugal ,
farei demonstração delle pelas Escrituras.*

*Ja vimos como em Abril do anno de
1096. governava S. Giraldo a Igreja de
Braga. Digo que ainda não era eleito em
29. de Novembro do anno de 1095. Pro-
va-*

vase de huma doação do livro Fidei, que fez neste mesmo tempo Toda Paez ao Archidiago Pedro Bermudes, & à Igreja de Braga. E se S. Giraldo estivera ja nomeado em Bispo, a elle se ouvera de fazer aquella doação, como a cabeça de sua Igreja; donde se ve, que estava a Igreja vaga, & que despois deste tempo foy eleito o Santo, ou no fim do mesmo anno, ou no principio do seguinte, pois ja em Abril governava. 10

E que o Conde Dom Henrique tivesse o dominio de Portugal, quando se fez a eleição do Santo, se prova das seguintes palavras, com que a notifica o livro Fidei tantas vezes allegado. (a) *Post cujus decessum clero, & populo volentibus, nec non & Archiepiscopo Toletano, & Rege Aldefonso, comiteque Henrico simul concordantibus, Giraldus venerabilis Monachus in Episcopum praelectus est, atque canonicè praelectus in Bracharensi cathedra solemniter est intronizatus.* Sua significação he. Que despois da morte do Bispo Dom Pedro foy eleito o Monge Giraldo, & canonicamente collocado na Sè de Braga, & que à sua eleição alem do clero, & povo (como então se costumava) deu seu consentimento o Arcebispo de Toledo, el- 20

(a) Livro Fidei.

elRey Dom Afonso, & o Conde Dom Henrique. Daqui se infere, que no tempo desta eleição era o Conde Dom Henrique senhor de Portugal, que ao não ser, não tinha para que dar nella seu consentimento. A approvação do Arcebispo de Toledo era como de Legado Apostolico, cujo cargo exercitava.

CAPITULO IX.

Em que forma foy Portugal dado ao Conde Dom Henrique, mostrase como os Reis de Portugal não reconhecerão superioridade a outro Rey.

TRATANDO alguns Escritores esta materia, affirmão resolutamente ser feita doação ao Conde Dom Henrique das terras de Portugal com obrigação de vassalagem, & conhecimento de superioridade aos Reis de Leão, & o que mais he, que ouzão dizer, durou este feudo, & vassalagem em Portugal até o tempo delRey Dom Afonso Terceiro. (a)

10 Duas cousas se devem examinar nesta materia. A primeira em que forma foy concedi-

(a) *Marian. lib. 10. cap. 1. Hesc. tom. 1. in fine. Sav. Doual. na Chronica do Emperador Afonso. I.*

cedida a doação. A segunda, de que modo possuirão o Reyno de Portugal o Conde Dom Henrique, & os Reys seus descendentes até elRey Dom Afonso Terceiro. Quanto ao primeiro ponto, a mi me parece que se não pode resolver cousa alguma certa, por quanto a doação feita ao Conde não se acha nos archivos de Portugal, nem de Castella. Fiz diligencia na Torre do Tombo, & consultei pessoas doudas, & não descubri luz alguma. Nem ainda ha noticia do testamento delRey Dom Afonso o Sexto, no qual se poderia declarar o que bastasse. E ainda que o Bispo de Tui diga (a) que Portugal ficou por testamento deste Rey a sua filha, não declara se colheo isto do mesmo testamento, ou se o refere sò pelo que vulgarmente se diz, & escrevem alguns Auctores. Por onde em quanto se não sabe da doação, ou testamento delRey, ou apparece alguma Escritura de que conste a forma em que Portugal foi dado, não podemos tratar este ponto com certeza. 10 20

Para se proceder com clareza no segundo, avemos de distinguir tres tempos ou Estados deste Reyno, o primeiro do anno de 1094. até a morte delRey Dom Afonso o Sexto. O segundo deste tempo até ser levan-

(a) Sandoval na Chronica de Afonso VII.

levantado por Rey no campo de Ourique Dom Afonso Henriques. O terceiro deste lugar até o Reynado delRey Dom Afonso Terceiro, Conde de Bolonha.

Quanto ao primeiro, o Arcebispo Dom Rodrigo affirma, (a) que o Conde Dom Henrique acudia às Cortes delRey Dom Afonso, mas tambem diz, que em vida do mesmo Rey se foy izentando, & tratando
10 como Senhor absoluto, & que nem ao proprio Rey se dava disso, respeitando o grande parentesco que tinha com elle. (b) Este modo de fallar seguem alguns modernos.

Nas Escrituras antigas alguma cousa se descobre nesta materia. He muy notavel hum Carta delRey Dom Afonso para o Conde Dom Henrique a qual està no livro da Sè de Coimbra, & diz assi: (c) *Alfon-*
20 *sus Dei gratia Imperator vobis dilectissimo filio meo Comiti Domno Henrico in Domino salutem. Venit ad me querela de ipso Episcopo de Colimbria de villa Volpeliaris, quæ est sub testamento de suo Monasterio de Vaccariça, quam habent minus, & dicunt mihi, quia ego dedi illam ad Dominum Ciprianum, sed non venit mihi in mente, & quamvis ego eam*
de-

(a) D. Rodrigo Arcebispo de Toledo lib. 7. c. 1.

(b) Illesc. & alii.

(c) Livro da Sè de Coimbra.

dedissem, si in testamento erat de illo monasterio, ego nec autorigo, nec autorigabo eam, sed vos quantum mihi bene queritis causam de illa sede, & de illos monasterios inderenzate illas. Valet. Traduzida em Portuguez diz:

Afonso por graça de Deos Emperador, a vos amantissimo filho meu o Conde Dom Henrique saude em o Senhor. Fezme queixa o Bispo de Coimbra, que lhe falta a villa de Vopeliars, a qual pertence ao seu Mosteiro da Vaccariça, & dizem que eu a dei a Dom Cypriano, do que não estou lembrado. E dado caso que eu a desse, se ella era do dito Mosteiro, eu nem autorizo, nem autorizarei a doação. Vos pelo bem que me quereis encaminhai la, & resolvei a contenda destas Igrejas. Deos vos goarde. 10

Desta Carta delRey Dom Afonso, & de outros actos, como elegerse por sua ordem Arcebispo em Braga, parece não sò estar o Conde Dom Henrique subordinado, & dever sogeição a elRey, mas pender del- le no actual governo: pois avendo duvida, não determinava o Conde a causa sem ordem delRey a que se recorria. Por outra parte se pode dizer que foy consultado elRey Dom Afonso naquelle caso que refere a Carta, para se saber se tinha dado aquella villa, & não para determinar o que de 20

de novo se avia de fazer. Tambem na eleição de São Giraldo o dar elRey seu consentimento ou seria por estar em Portugal, dando posse deste Reyno ao Conde Dom Henrique, ou seria lanço de cortezia de que usava o mesmo Conde: & assi ainda que se achem alguns actos em que se mostre dependencia, ou subordinação a elRey, se não colhe bastantemente se possuia o

10 Conde o Estado de Portugal sogeito, se livre de obrigação; que bem poderia ter o dominio de suas terras izento & livre, & acudir a elRey com estas demonstrações de sogeição; & mais correndo com elle em amizade tão estreita, como se mostra em o modo daquella carta. Pelo que neste tempo que viveo elRey Dom Afonso se não pode determinar cousa certa no ponto presente.

20 Depois da morte delRey digo, que nem o Conde Dom Henrique, nem os Reis que lhe succederão tiverão sogeição aos Reis de Leão, ou exercitarão acto algum de vassalagem. E antes que deça a provas particulares, peço aos que quiserem defender a parte contraria, apontem alguma Escritura, ou Memoria antiga digna de fê em confirmação della; que não são estas cousas de calidade, que se algum ora se pusessem em execução, deixasse de ficar disso alguma

me

memoria. Nem o Arcebispo Dom Rodrigo Auctor do tempo delRey Dom Afonso Segundo , & Dom Sancho Segundo (quando se suppoem , que Portugal estava ainda so-geito) ouvera de faltar na declaração desta sogeição , se a ouvera. Considerese bem o que escreve este Auctor , & acharseha , que depois de tratar , como o Conde Dom Henrique se foy eximindo em tempo delRey Dom Afonso da obediencia deste Rey , não repete cousa alguma de sogeição que os Reys de Portugal devessem : antes quando refere o caso de Badajoz , em que elRey Dom Afonso Henriques ficou preso em poder delRey Dom Fernando de Leão , diz que elRey de Portugal offerecia ao de Leão seu Reyno , para dispor delle á sua vontade ; & que o de Leão lhe respondeo , que com o seu se contentava , que lhe restituísse as terras , que em Galliza & outras partes lhe tinha tomado , & ficasse embora com o de Portugal que lhe pertencia. E o que neste passo affirmão alguns Auctores modernos , que elRey de Portugal prometeo de ir às Cortes de Leão , tanto que se pudes- se pôr a cavallo , & melhorasse da perna quebrada , & que depois estando já são usara sempre de coche , por não estar obrigado a cumprir a promessa : he mera fabula , & encontra o que deixarão escrito os Aucto-

10

20

cto-

ctores antigos. O Arcebispo Dom Rodrigo não affirma tal cousa , antes dà por razão de elRey Dom Afonso Henriques andar em coche , não poder subir a cavallo , pelo mào tratamento da perna. O mesmo diz com expressas palavras Dom Lucas Bispo de Tuy , Auctor tambem antigo & grave , & se affirma na Chronica Géral delRey Dom Afonso. A quem se pode ajuntar Rogeiro de Hoveden , Auctor Ingres , que alcançou os tempos delRey Dom Afonso Henriques , & seu filho Dom Sancho ; o qual tratando este caso da prisão delRey de Portugal , diz , que elRey Dom Fernando o pôz em liberdade , por lhe restituir 25. lugares que lhe avia tomado , & dar sobre isto certa somma de dinheiro , o que nossas historia não particularisão ; & de sogeição , & promessas não diz cousa alguma. E assi não
10
20 sei donde naceo aos Auctores de nosso tempo , & ainda a nossos Portuguezes affirmarem cousa tão sem fundamento , como a promessa da sogeição delRey Dom Afonso , & a causa de não querer subir a cavallo. Mas venhamos ja a provas particulares de nossa resolução.

Suppondo dous principios , podião proceder nossos argumentos. He o primeiro , que o Conde Dom Henrique , tanto que falleceo seu sogro , tratou de se fazer senhor de
de

de Leão , & Castella , proseguindo pelas armas o direito que julgava pertencer a sua mulher , como filha mais velha , & legitima do Rey defunto : & assi claro he que não reconheceo superioridade à Raynha Dona Urraca de Leão pois tratava de conquistar este Reyno. Mas porque este fundamento he pouco vulgar , & requiere para sua firmeza noticia de algumas cousas , que se hão de examinar nos capitulos seguintes ; 10
queremos proceder suppondo outro principio recebido , o qual he, (a) que por morte del-Rey Dom Afonso o Sexto quizerão alguns senhores de Leão (b) & Galliza , que reynasse logo seu neto o Infante Dom Afonso Ramon : & para este fim o Conde Dom Pedro de Trava , principal cabeça neste negocio se valeo do favor do Conde Dom Henrique , segundo dizem , & com sua ajuda fez guerra à Rainha Dona Urraca , & 20
aos que não querião jurar o Infante. Assinase este successo no anno 1110. hum anno depois da morte del-Rey Dom Afonso. Depois se levantarão guerras entre a mesma Rainha , & os Aragoneses : & nestas confissão quasi todos , que o Conde favoreceo as armas de Aragão , & foy causa

Fr. A. Brandão; Tom. I. H de

(a) *Sandoval na Chronica de Dom Afonso Emperador cap. 3.*

(b) *Mariana lib. 10. cap. 8.*

de se ganharem algumas vitorias. Assi o diz o Doutor João de Mariana, (a) & outros.

10 Alem disto , quando o Conde Dom Henrique morreo , segundo nossas Chronicas & muitos outros Auctores , tinha ganhadas muitas terras em Galliza , as quaes permanecerão annos na Coroa de Portugal ; & emprazara a Cidade de Leão para lhe ser entregue , se não tivesse socorro em certo tempo ; & o da morte do Conde foy no anno de 1112. tres annos depois de falecido elRey Dom Afonso. Supposto isto consta clarissimamente , que não ouve lugar , nem tempo para o Conde Dom Henrique exercitar acto algum de vassalagem , pois quasi sempre moveo guerra à Rainha Dona Urraca , & conquistou as terras de seu Estado.

20 Por morte do Conde Dom Henrique governou o Estado de Portugal por espaço de dezaseis annos a Raynha Dona Tareja , como agora supponho , & provarei adiante. Em todo este tempo se não assinarà acto algum de sogeição , que a Rainha fizesse a sua irmãa : & tanto se não pode assinar , que muitos Auctores ignorarão este tempo do governo da Rainha de Portugal ;
mas

(a) Mariana lib. 10. cap. 8.

mas he elle certo , & tambem he certa a isenção , & soberania com que sempre sustentou seu Estado. Antes mostrarei adiante como a Rainha de Castella celebrou contrato com a de Portugal , no qual promete a sua irmãa grande numero de terras em Leão , & Castella , com condição que lhe não fizesse guerra , nem desse favor a seus contrarios , mas permanecessem em boa paz & amizade. E se a Rainha de Portugal de-
 10
 vera algum reconhecimento , não ha duvida que se fizera então memoria desta obrigação , & ainda não sei como se lhe offerecerião terras & novos Estados , pelo favor & ajuda , se erão devidos.

Entrou no governo , & senhorio de Portugal no anno de 1128. elRey Dom Afonso Henriques , Principe dos mais valerosos , & bellicosos que teve a Christandade. Como he possivel fizesse acto de reconhecimento
 20
 que seu pay não teve , nem se goardou em tempo de sua mãy viuva , & sem forças ? Bem sei , dizem nossas Historias , que em seu tempo intentou elRey de Leão , & Castella de o fazer seu tributario. Mas tambem confesso o não conseguio , antes ficou vencido , & em outra occasião se retirou com promessas que fez Egas Moniz , as quais não tiverão effeito. Eu digo que estas guerras entre Portugal , & Castella tiverão ou-

tras causas ignoradas de nossos Auctores , & assi não admitto , nem o intento , que neste particular se concede a elRey de Castella.

10 Sabida cousa he nas Historias de Espanha , (a) como elRey Dom Afonso o Setimo alcansadas algumas vitorias dos Mouros , & de Aragão , & Navarra ; celebrou Cortes na cidade de Leão em o anno do
20 Senhor 1134. & nellas tomou titulo de Emperador , sobre o qual ponto escreve o Padre João de Mariana. (b) *Que lhe parecia , pois tinha por sogeitos , & feudatarios os Aragoneses , os Navarros , os Catalães com parte de França , que bem lhe quadrava aquella Coroa , & Magestade.* Se em algum tempo Portugal foy sogeito , seria nesta occasião , pois foy antes da batalha de Ourique , com que elRey Dom Afonso tomou o titulo Real ; porem nem então se fez conhecimento algum por parte de Portugal , nem o Escritor referido se atreveo nomear os Portuguezes entre as outras nações feudatarias à Coroa de Leão , & Castella. No tempo do successo de Badajoz se não exercitou acto algum de vassalagem por parte delRey de Portugal , como ja toquei ,

(a) Arcebispo Dom Rodrigo Sandoval na Chronica deste Rey. Mariana ubi sup.

(b) Mariana.

quei , & mostrarei ainda. E assi não se pode assinar occasião alguma em que elRey Dom Afonso Henriques fosse sogeito.

Tomou o sceptro de Portugal Dom Sancho o Primeiro no anno de 1185. & logo teve guerras com Leão , como se dirà em sua vida ; & o Arcebispo Dom Rodrigo dà a entender que elRey de Portugal as moveo , (a) & que o de Leão procurou de casar com sua filha , para o ter de sua parte contra Castella : o que mostra bem não aver superioridade entre estes Principes : & na mesma conformidade vay fallando o proprio Auctor , até o tempo delRey Dom Sancho o Segundo , o qual reynava quando elle escreveo. 10

Entrou neste Reyno o Infante Dom Afonso Conde de Bolonha no anno de 1245. & começou a reynar no principio do anno de 1248. (como se confirmará em seu lugar com doações authenticas.) Nossos Chronistas dizem , que a este Rey se deu o Algarve ou em dote com a Rainha Dona Brites , ou despois à petição desta Princesa , & que se lhe impoz obrigação de acudir com sincoenta lanças a elRey Dom Afonso o X. de Castella , que era o dotador em sua vida somente. Esta obrigação das sincoen- 20

a) Dom Rodrigo Arcebispo de Toledo lib. 7. cap. 24.

- coenta lanças fazem alguns Auctores de Castella de 300. & querem permanecesse em Portugal do principio até o reynado deste Rey, em cujo tempo dizem se eximio Portugal de Castella. Digo brevemente, que Portugal nunca foy sogeito, nem feudatario, & este ponto se confirmará ainda em alguns lugares alem do que fica dito. E assi não ha para que confundir a obrigação do
- 10 Algarve com a de Portugal. Digo mais que o Reyno do Algarve não foy dado a elRey Dom Afonso Terceiro em dote, nem por petição de sua molher, mas antes que este Rey casasse, & seu sogro reynasse em Castella, ja elle estava absoluto senhor do Algarve. A occasião que ouve para se lhe impor a obrigação das sincoenta lanças, foy muy differente do que se imagina. Tomando o sceptro de Castella Dom Afonso o
- 20 Sabio moveo guerra a Portugal, quer por se persuadir lhe pertencia este Reyno por alguma concessão delRey Dom Sancho Segundo de Portugal, quer por lhe parecer que os Portuguezes lhe entravão por suas terras com as conquistas que fazião. ElRey Dom Afonso de Portugal como entrara por linha transversal na successão, & não estava ainda nella bem firme, tendo contra si muitos senhores Portuguezes no Reyno de Castella; ouve por bem de dimittir o uso &

& fruto do Algarve (o qual ja era seu) a elRey D. Afonso o Sabio em sua vida somente, ficando o dominio & directo senhorio daquelle Reyno a Portugal. Este uso & fruto largou elRey de Castella despois à instancia de sua filha, & em lugar delle impoz a obrigação das sincoenta lanças que nossos Auctores confessão, as quais tambem dimittio brevemente. Daqui naceo a occasião de se enganarem Auctores graves, 10 com o que resolvem neste ponto tão alheo da verdade, que não sei se accuse nelle mais a ignorancia dos nossos, se a temeridade, & contumacia dos estranhos. E para que se veja o como são dignos de reprehensão huns & outros, será necessario tocar brevemente os fundamentos que alcançamos destas verdades, as quais parecerão novas, pois até este tempo andarão escondidas, reservando a mayor confirmação dellas para seus lugares proprios. 20

CAPITULO X.

Como as Conquistas de Portugal não foram limitadas, & comprehenderão sempre o Algarve: mostrase como este Reyno não foy dado pelos Reis de Castella.

10 **O** Que até este tempo se admittio sem
contradição entre nossos Historiadores
he, que o senhorio dado em dote ao Con-
de Dom Henrique por elRey Dom Afonso
o Sexto comprehendia a Beira, entre Dou-
ro & Minho, & Tralos montes com al-
gumas terras de Galliza até o Castello de
Lobeira, & a conquista das mais terras de
Portugal até a cidade de Elvas, & a divi-
são que este Reyno faz do Reyno do Al-
garve. E bem se prova esta sentença com
dous casos notaveis succedidos em Espanha.
O primeiro da guerra de Badajoz, & pri-
zão delRey Dom Afonso Henriques, por
querer ganhar aquella cidade que pertencia
aos Reis de Leão. O segundo da doação
do Algarve feita (segundo dizem) por el-
Rey Dom Afonso o Sabio, & a licença
concedida por elle a nossos Reis para aca-
barem de conquistar esta provincia. Sinal
manifesto que a conquista de Portugal an-
ti-

tiga , não passava da cidade de Elvas , nem chegava ao Reino do Algarve.

Digo que igoalmente errão nossos Es-
critores em assinar os limites do senhorio
do Conde Dom Henrique para as partes do
Norte , que em limitar suas conquistas pa-
ra o Meyodia. Primeiramente o senhorio
do Conde Dom Henrique não passava do
rio Minho. Alem disto não comprehendia
terra alguma no Reyno de Galliza. No 10
livro das Doações de Coimbra està o tres-
lado de huma venda feita no anno do Se-
nhor de 1097. por Sancho Telles ao Bis-
po Dom Cresconio , (a) & diz que reinava
Dom Afonso , & tinha de reyno 22. annos ,
& fallando do Conde Dom Henrique diz
assi. *Comite Domno Henrico genero supra-*
dicti Regis dominante à fiume Mineo
usque in Tagum. Que he dizer , se fez
aquella Escritura , sendo o Conde Dom Hen- 20
rique genro do sobredito Rey senhor desdo
rio Minho até o Tejo. Pelo que entre estes
dous rios se limitava o que então possuia ,
& consequentemente o que dous annos antes
lhe fora dado em dote. Bem sei que quan-
do morreo o Conde , tinha algumas terras
em Galliza , as quaes estiverão despois so-
geitas à Coroa de Portugal algum tempo.
Po-

(a) Livro da Sé de Coimbra. fol. 197.

Porem estas forão ganhadas por guerras , como adiante mostraremos , & assi não pertencião à doação que lhe fora feita.

10 No que toca ao distrito das conquistas para a parte do meyo dia , sabida he a entrada do Infante Dom Sancho filho delRey Dom Afonso Henriques pelas terras de Andaluzia , & a victoria que alcançou dos Mouros de Sevilha. Desta entrada , & de
20 outras que elRey Dom Afonso Henriques fez no Algarve , não ha duvida ficarem muitas terras de infieis sogeitas ao senhorio dos Portuguezes , em forma que a breve Historia dos Godos attribue a felicidade delRey Dom Afonso Henriques à dilatação da fê desde o rio Mondego até o Guadalquivir & o mar Oceano. (a) *A Munda fluvio usque ad Betim , qui Hispalim præterfluit , propagavit imperium , & ad Oceanum usque bella gessit plurima.* Estas terras como não podião ficar presidiadas de soldados Portuguezes , pela muita falta de gente que avia naquelle tempo , facilmente se rebellarão.

Morto elRey Dom Afonso Henriques , reinou em Portugal seu filho Dom Sancho , em cujo tempo confissão todos os Auctores ganharão os nossos a cidade de Sylves
no

(a) *Historia dos Godos.*

no Algarve. E aos que dizem não chegavam as conquistas de Portugal a esta provincia, quizeram perguntar com que licença se fez esta de Sylves; à qual eu acrecento a de todas as outras cidades & villas do Algarve, porque todas vierão a poder del-Rey Dom Sancho, & assi absolutamente se intitulou Rey do Algarve. (a) Alguns exemplos trarei em sua vida, agora baste a remissão dos lugares, que he em doação do mosteiro de Grijò, & outra de Alcobaça, ambas as quaes estão lançadas em livros da Torre do Tombo; a primeira no dos Foraes Velhos, a segunda no 12. da Estremadura. (b) Destes & outros lugares consta, como elRey Dom Sancho primeiro se nomeava Rey do Algarve. 10

Ainda em vida deste Rey se perderão estas, & outras terras que os Portuguezes tinham ganhado; as quais vindo ao senhorio dos Mouros, se forão restaurando pelas Portuguezes nos annos seguintes, em tempo deste Rey, e seu filho, & netos. Dom Afonso Segundo tomou Alcacer, & outras terras, como diz o Arcebispo Dom Rodrigo. (c) Dom Sancho segundo (de quem alguns

(a) Torre do Tombo. Livro dos Foraes Velhos de leitura.

(b) Livro 12. da Estremadura, fol. 111.

(c) Dom Rodrigo Arcebispo de Toledo. Duarte Nunes diz que elRey Dom Sancho II. não teve guerra alguma.

guns nossos Historiadores dizem que não teve guerra alguma, & todos affirmão ser froxo, & pouco bellicoso,) conquistou Elvas, Jurumenha, Serpa, & outras muitas terras, como dà testemunho o mesmo Arcebispo Dom Rodrigo, o qual então vivia. (a) E debaixo do nome das muitas terras que elle não particulariza, nomeo eu Aljezur, Alfajar de Pena, Mertola, o Castello de Marachic, Cacella, Ayamonte, & Tavira. De todas estas me consta por doações (as quaes se refiriráõ na vida deste Rey) que forão ganhadas por suas armas. Agora baste apontar a Doação de Tavira feita pelo mesmo Rey à ordem de Santiago a 9. de Janeiro do anno de 1244. a qual està no Archivo Real no livro das Ordens Militares as folhas 186. Vejàõ em confirmação os curiosos huma Bulla do Summo Pontifice Gregorio IX. a qual acharáõ no primeiro tomo das Bullas do Archivo Real às folhas seis, & desenganarsehão se fazia elRey Dom Sancho guerra aos Mouros, pois nella se relata, como em o anno de 1240. (o proprio em que se tomou Mertola, & Ayamonte pelos Portuguezes) estava elRey preparado para a guerra dos Mouros com grande exercito naval, & terrestre.

El-

(a) Dom Rodrigo.

ElRey Dom Afonso Terceiro nos primeiros annos de seu reinado, rematou com grande felicidade a conquista do Algarve, & ganhou algumas terras em Andaluzia. Ja no primeiro de Março do anno de 1250. tinha concluida a empreza do Algarve, como se pode ver em a doação de Albufeira feita pelo mesmo Rey a Dom Martim Fernandes Mestre de Avis, a qual està no livro das Doações, & Foraes deste Rey às folhas 106. porque quando a elRey fez, estava na Igreja de Santa Maria de Faro, sinal bem claro de estar ja esta cidade em seu poder. E antes da Doação de Albufeira fizera o mesmo Rey merce do Castello Porches a Esteve Annes seu Cancellario, & gram Privado, & em fim se tratava como senhor absoluto do Reyno do Algarve. Neste anno de 1250. reynava ainda em Castella, & Leão Dom Fernando, que chamão o Santo, conquistador de Cordova, & Sevilha, & viveo até o anno de 1252. como consta de todas as Historias de Espanha, & então começou a reynar seu filho Dom Afonso o Decimo, que chamarão o Sabio. E se o Reyno do Algarve estava conquistado aos Mouros pelas armas Portuguezas antes do principio do reynado deste Principe, como temos apontado, & demonstraremos evidentemente na Historia daquel-

quelles annos, como se compadece que este Rey desse ao de Portugal a conquista do Algarve, ou por casamento de sua filha, ou por petição della? Quem cegou os Escritores de Espanha para inventar, ou autorizar hum fabula tão notoria?

Que elRey de Castella Dom Afonso o Sabio movesse guerra ao de Portugal no principio de seu reynado, mostraremos
10 clarissimamente na Historia daquelles annos, entretanto vejão os curiosos ao Doutor Bzovio no tomo 13. dos annaes do Cardeal Cesar Baronio; (a) & saberão como no anno do Senhor de 1253. se meteo de por meyo o Papa Innocencio IIII. para fazer pazes entre os Reys de Portugal & Castella; os quais contendião entre si sobre o Reyno do Algarve. As pazes se assentarão com elRey de Portugal dar ao de Castella em sua
20 vida somente o usufruto do Reyno do Algarve; & assi possuio elRey Dom Afonso o Sabio as terras do Algarve até o anno de 1263. em que dimittio estas rendas, & em lugar dellas impoz obrigação que lhe acudissem de Portugal com sincoenta lanças, quando tivesse necessidade dellas, a qual obrigação não durou mais de tres annos. De sorte que esta imposição não era
por

(a) Bzovio tom. 13. ad an. 1253.

por elRey de Castella aver dado o Algarve, ou sua conquista a Portugal, como dizem nossos Auctores; mas em lugar das rendas que ouvera de possuir em sua vida. Muitas Escrituras ha no Archivo Real de que constão estas verdades, as quaes para bem ouverão de ter visto os Chronistas de Portugal, que levarão os salarios & as merces dos Reys; todas referiremos quanto baste na narração daquelle tempo. Agora ja 10 que foy necessario tocar anticipadamente estes pontos, relato sò as palavras seguintes de huma Carta delRey Dom Afonso o Sabio para elRey de Portugal Dom Afonso Terceiro (a) que dizem assi. *Todas las omengas que fueron puestas, y escritas, y selladas por qualquier guisa que fuesen fechas entre nos, y vos, y Don Diniz, y vuestros fijos, e vuestras fijas sobre razon del Algarve, que nos tenemos de vos 20 en nuestros dias, y no mas; el qual nos demos a Don Deniz assi como lo teniamos por vuestro otorgamiento, que nos fizesse ende ayuda en vuestra vida con cincuenta cavalleros, contra todos los Reyes de España, sino contra vos, assi Moros, como Christianos, &c.*

Não me parece que se pode dizer mais
nes-

(a) Torre do Tombo. Livro das Doações delRey Dom Afonso III. fol. 87.

nesta materia , pois elRey de Castella confessa as mesmas verdades que pretendemos fundar , desterrando os erros introduzidos , & assi como a certeza dellas , sabemos que o Reyno de Portugal não teve obrigação , nem imposição alguma em tempo dos primeiros Reys , como alguns suppoem enganados com este tributo das sincoenta lanças. O Reyno de Algarve pertenceo sempre á Coroa de Portugal , & como tal foy ganhado alguma vezes pelas armas dos Portuguezes ; & por suas rendas as quaes elRey de Castella dimittio podendo gozar em sua vida (conforme os contratos que se fizerão) se impoz a obrigação das sincoenta lanças , não a elRey de Portugal , mas ao Infante seu filho , a quem se largarão. Pelo que se convence fizerão os

10

20

Escritores pouco exame nestas cousas , & se não cansarão muito por saber a verdade , & para se ver como em tudo errarão :

Acrescento , que não sò para a parte do Algarve forão sem limite as conquistas de Portugal , mas tambem para as terras de Andaluzia , & assi digo , que a guerra de Badajoz não teve a causa que nossos Auctores dizem de intentar elRey de Portugal a conquista que era de Leão , mas que acudio o Rey deste Reyno a defender a cidade que lhe era sogeita. E se elRey de

Por-

Portugal primeiro intentara sua conquista, sem duvida alguma ficara com ella. Mostrase bem esta verdade nas outras terras de Andaluzia, as quais sendo ganhadas pelos Portuguezes, ou ficarão à Coroa de Portugal, ou se fez por ellas recompensa equivalente. E porque elRey Dom Afonso Terceiro quando fez pazes com elRey Dom Afonso o Sabio, não sò lhe largou as rendas do Algarve, como ja dissemos, mas algumas terras de Andaluzia, & fez isto por se conservar no Reyno; seu filho Dom Diniz Principe valeroso, não soffreo esta alienação, mas obrigou por armas aos Reys de Castella a lhe entregarem estas terras, ou outras por ellas. Temos Escrituras na Torre do Tombo de que isto consta, & será bem referir algumas palavras dellas; o que se fará com mayor facilidade no capitulo seguinte. 10

CAPITULO XI.

Em que se prosegue a materia dos limites da conquista de Portugal, referem-se Escrituras antigas, mostrase como este Reyno não foy nunca Condado.

10 **D**IVULGADAS andão em nossas Historias , & nas de Castella as guerras que elRey de Portugal Dom Diniz moveo a elRey Dom Sancho de Castella , filho delRey Dom Afonso o Sabio , & a Dom Fernando o Quarto , filho de Dom Sancho , ainda que as causas dellas se não declarão com a particularidade necessaria. Os motivos principaes que teve elRey Dom Diniz , foy por se lhe restituirem algumas terras de Andaluzia adquiridas em outro tempo pelas armas Portuguezas , & alienadas da Coroa por contratos de pazes feitos entre os Reis Dom Afonso o Sabio , & Dom Afonso o Terceiro , & por ficarem a Portugal as terras de Riba de Coa , algumas das quais ganharão os Reis deste Reyno , & assi como conquista propria lhes pertencião. Estas ganhou outra vez elRey Dom Diniz aos Castelhanos , & continuando com a guerra se celebrou contrato entre elle , & Dom Fer-
nan-

nando Rey de Castella em doze de Setembro da era de 1335. annos (he anno do Senhor de 1297.) de que importa referir algumas palavras, & são estas. (a)

Yo elRey Don Fernando sobredicho entendiendo, y conociendo que los castillos y villas de tierra de Aroche y Aracena, con todos sus terminos, e todos sus derechos, y con todas sus pertenencias que eran de derecho del Reyno de Portugal, y de su señorío, y que los uvo elRey Don Afonso mio abuelo delRey Don Alfonso vuestro padre contra su voluntad, siendo estos lugares delRey Don Alfonso vuestro padre; y que otro si los tuviera elRey Don Sancho mio padre y yo, y por esso puse con vosco en Cibdad Rodrigo, que vos diesse, e vos entregasse essas villas, y esos castillos, ò cambio por ellos a pâr de los nuestros Reynos, de que vos pagassedes desde dia de San Miguel que passò de la Era de 1334. annos fasta seis meses: è porque vos assi no lo compli, dovos por essas villas, y por esos castillos, è por los sus terminos, y por los frutos dellos que ende uviemos elRey mio abuelo Don Alfonso, y mio padre elRey Don Sancho, y yo; y otro si fasta el dia

10
20

I ii de

(a) Torre do Tombo liv. 3. dos Direitos Reaes as fol. 150.

de oy, s. Olivença, y Campo mayor, que son apar de Badajoz, y San Felizes de los Gallegos con todos sus terminos, &c. E logo adiante. Y otrosi meto en vuestro señorío, y de los vuestros successores, y del Reyno de Portugal para siempre el lugar que dizem Duquilla, que es cabe Campo Maior.

Poucas regras adiante vay proseguindo.

10 Y otrosi yo el Rey Don Fernando entendiendo, y conociendo que vos aviedes derecho en algunos lugares de los castillos y villas de Sabugal de Alfaiates, y de Castel Rodrigo, y de Villa Maior, y de Castelbueno, y de Almeida, y de Castel Mellor, y de Monforte, y de otros lugares de Riba de Coa, que vos Rey Don Diniz teneis agora en vuestra mano, y porque me vos partiedes del derecho que
20 aviedes en Valencia, y en Ferrera, en Esparregal, que agora tiene la orden de Alcantara a su mano, y que aviedes en Ayamonte, y en otros lugares de los Reynos de Leon, y de Galicia, y otrosi porque me vos partiedes de las demandas que me faziedes sobre razon de los terminos que son entre el mi señorío, y el vuestro, por esso me vos parto de los dichos castillos, y villas, y lugares de Sabugal, y de Alfaiates, &c.

Tam-

Tambem de huma Carta do Infante Dom Henrique, tio, & tutor deste Rey Dom Fernando se aclara muito esta materia : as palavras que nos servem são estas. (a)

Conoscan quantos esta Carta vieren, y ler oyeren, que yo Infante Don Henrique filbo del muy noble Rey Don Fernando, y tutor del muy noble Don Fernando mio sobrino Rey de Castilla, y de Leon, fijo del muy noble Rey Don Sancho, entendiendo, & sabiendo por verdade, que los castillos, y las villas de Mora, y Serpa, de Aroche, de Aracena fueron, y de derecho deven ser del señorío de Portugal, y que fueron, y son ende alienados muy sin razon, prometo, & fago tal pleito a vos muy noble Rey Don Diniz Rey de Portugal, y del Algarve, que vos faga dar y entregar fasta seis dias andados del mes de Otobre primero que ven, los castillos y villas de Mora, y Serpa con sus terminos derechos, quales avian quando eran del señorío de Portugal, &c. E pouco abaixo. Y otrosi vos prometo, è fago pleito que vos fago dar, y entregar los castillos, y las villas de Aroche, y Aracena, con todos sus terminos derechos, qua-

(a) Torre do Tombo liv. 3. dos Direitos Reaes fol. 138.

quales avian quando eran del señorío de Portugal, &c.

Destes lugares , & de outros que por brevidade se não referem , consta clarissimamente , como a conquista de Portugal não foy limitada até o rio de Goadiana , pois dentro em Andaluzia ganharão nossos Principes terras , & as possuirão , & sendo alheadas por violencia que fez elRey Dom Afonso o Sabio , alcançou elRey Dom Diniz restituição , & recompensa dellas , & assi possue hoje a Coroa de Portugal , Olivença , Campo maior , & Ouguella em lugar de Aroche , & Aracena , que dimittio a Castella ; tem em lugar de Ayamonte , & outras terras que erão suas , os lugares de Riba de Coa , alem de lhe pertencerem por direito de conquistas antigas , & finalmente possue Moura , & Serpa , & seus termos , por serem terras ganhadas pelas armas de seus naturaes , as quais se restituirão em tempo delRey Dom Diniz , depois de estarem alguns dias violentadas pelo poder de Castella.

E daqui se convence que não sabia destes fundamentos o Padre João de Mariana , pois atribue à dote da Rainha Dona Brites , molher delRey Dom Afonso o Quarto de Portugal filho delRey Dom Diniz , o dimittir elRey Dom Fernando a este Reyno as villas de Olivença , & Ouguella , pois

co-

como temos mostrado estas villas não vierão por dote à Coroa de Portugal , mas em retorno de Aroche , & Aracena que largou a Castella. Tambem se deixa ver não ter lido isto Duarte Nunes no Archivo Real , pois deixou escrito , que as villas de Moura , Serpa , & outras vizinhas as ouvera elRey Dom Diniz em virtude de certa doação feita por elRey Dom Afonso o Sabio à Rainha Dona Brites mãy do mesmo Rey Dom Diniz: porque ainda que seja verdade que esta doação se fez , por ella não dava elRey mais à Raynha que o senhorio daquellas terras em sua vida della , & assi não se podia derivar o direito a elRey Dom Diniz. Pelo que o fundamento que ouve para se alcansarem aquellas praças , he o que fica apontado , & se colhe das Escrituras referidas , porque pertencião a Portugal. E a razão de lhe pertencerem he sem duvida por serem ganhadas aos Mouros pelos Reys , & Senhores Portuguezes. Donde fica claro , como as terras que os Reys de Espanha tomavão aos Mouros , erão de quem primeiro as occupava , & assi não pode ser que a occasião da guerra entre os Reys de Portugal , & Leão em Badajoz fosse , porque elRey de Portugal tomara a cidade que era da conquista de Leão ; mas porque a tomou sendo ja sogeita , & tributaria a elRey de Leão.

Leão. E ultimamente se fica vendo de todo este discurso a soberania, & izenção dos Reys de Portugal; pois alem dos mais fundamentos allegados, não dependião nas conquistas de outros Reys, mas livremente as fazião por onde podião, até que se limitarão com os contratos celebrados em tempo delRey Dom Afonso Terceiro, & delRey Dom Diniz seu filho.

- 10 E em confirmação da soberania de Portugal, não deixarei de allegar outro fundamento, o qual he, que o Reyno de Portugal se não abateo a titulo de Condado, como communmente se diz: mas ao Conde Dom Henrique se deu o Estado de Portugal, o qual em outro tempo fora Reyno separado. Esta resolução por nenhuma outra via se prova melhor, que pelo modo de fallar das Escrituras, & Doações antigas, em nenhuma
- 20 ma das quais se nomea o Conde Dom Henrique Conde de Portugal: mas sò este Principe se chama Conde, ou pelo uso de sua terra, ou que em tempos antigos avia estes titulos sem limitação de terras. Confirmase mais esta sentença do estilo com que era tratada sua mulher Dona Tareja, que ou se nomeava Raynha, ou Infanta; & do que usou seu filho Dom Afonso Henriques, o qual nunca vemos nomeado Conde de Portugal: & se este senhorio fora dado com
titu-

titulo de Condado , claro he que antes da
 batalha de Ourique ouvera nosso Principe
 de usar d'elle ; mas vemos que se nomeava
 Infante , ou Principe , & algumas vezes
 Rey , & nunca Conde: pelo que o nome de
 Conde que teve seu pay , se lhe não deri-
 vou da terra de Portugal , mas era titulo
 que ja dantes lhe convinha ; o que se pode
 confirmar com a auctoridade de Juliano , re-
 ferida no capitulo terceiro deste livro , na 10
 qual se dà o titulo de Conde a Dom Hen-
 rique , quando socedeo o caso do Breviario
 Muçarabe : o qual segundo a computação
 que fizemos dos tempos , foy antes de ser
 dado Portugal ao mesmo Conde Dom Hen-
 rique. Nem contra isto faz a commun opi-
 nião dos Auctores , os quais suppoem , ou
 affirmão ser dado Portugal em titulo de
 Condado a Dom Henrique , porque ja de
 outras cousas atras escritas se deixa ver a 20
 pouca diligencia & exame , com que es-
 creverão.

Em huma doação achei nomeado o
 Conde Dom Henrique , Conde dos Portu-
 guezes , em outra Duque , & em outra Prin-
 cipe. Mas todos estes titulos não servem
 mais que de significar , como elle era Se-
 nhor , a quem os Portuguezes reconhecião ,
 sem se inferir delles ser o Estado de Portu-
 gal Condado , Ducado , ou Principado. Pe-
 lo

lo que a mi me parece, que o discurso proposto vay bem fundado, o qual não quero que valha mais, que o que julgarem, & approvarem os mais doutos & desapaixonados.

CAPITULO XII.

Em que se trata da calidade da Rainha Dona Tareja. Disputase se foy filha legitima delRey Dom Afonso o Sexto.

TAMBEM deste fundamento de ser legitima a Rainha Dona Tareja, & ter aução à herança de Leão, & Castella, se fica convencendo bem a soberania de nossos primeiros Reys, & a isenção que Portugal teve de senhorio estranho. Mas não importa ja confirmar com mais argumentos a primeira verdade que deixamos provada. Tratemos agora desta segunda, em que se oferecem novas difficuldades.

Os Auctores Castelhanos, & alguns estrangeiros dizem, ser a a Raynha Dona Tareja molher do Conde Dom Henrique, filha illegitima delRey Afonso o Sexto. Assi o tem o Arcebispo Dom Rodrigo; (a)

o

(a) Dom Rodrigo Arcebispo lib. 6. c. 21.

o qual escrevendo que Dona Ximena Munoz mãy destas Princezas não fora molher legitima , mas concubina , acrescenta , que della ouvera elRey Dom Afonso a Dona Tareja molher do Conde Dom Henrique. Os mais Auctores de Espanha fazem disto texto , & como tal o seguem , & até o Chronista Portuguez que escreveo a historia delRey Dom Afonso Henriques , se deixou levar da opinião dos outros , sem fazer mais 10
exame da verdade.

O Mestre Andre de Resende varão douto , & de grande noticia de cousas antigas , tem opinião contraria a todos os demais Auctores , & diz assi. (a) *O grande Rey de Espanha Dom Afonso , que ganhou Toledo , & se chamou Emperador , de diversas molheres teve tres filhas , Elvira , Tareja , & Urraca. O Arcebispo de Toledo Dom Rodrigo , o qual falla 20
nas cousas de Portugal com pouca affeição , & os que o seguirão , dizem , que Dona Elvira , & Dona Tareja nacerão de Dona Ximena Muñoz concubina delRey. Porem em meu poder està hum Chronica de lingoagem Castelhana antiga , escrita setenta annos antes do Arcebispo Dom Rodrigo , na qual expressamente se diz ,
que*

(a) Resende das antiguid. de Port. lib. 4. do Campo de Ourique.

que Dona Ximena foy molher delRey legitima, & Raynha. Até aqui são palavras de Resende.

Deste mesmo parecer he o Licenciado Christovão Rodrigues Azinheiro, natural de Evora, no compendio que fez das Chronicas de Portugal em tempo delRey Dom João Terceiro; & cita a mesma Chronica antiga Castelhana, & outra antiquissima do
10 Reyno de Galliza, que diz tinha em seu poder: ambas as quais affirmavão, como elRey Dom Afonso se casara com a Raynha Dona Ximena. A mesma opinião segue Frey Hieronymo Romano na vida que compoz do Infante Santo Dom Fernando, filho delRey Dom João o Primeiro. E ultimamente Duarte Nunes, o qual em confirmação della apontou as razões que se seguem. Que o estilo delRey Dom Afonso
20 era, morta humna molher casarse logo com outra, ainda que não fosse filha de Rey; & que Dona Ximena era de sangue tão illustre, que bem poderia ser molher delRey. Que bem se argue dos casamentos das filhas de Dona Ximena, ser sua mãy casada com elRey, & ellas filhas legitimas, pois casarão com tão grandes senhores; & em particular se vê esta verdade no dote da Raynha Dona Tareja, filha de Dona Ximena, o qual foy não menos de hum Reyno. Mostra
tra

tra mais ser filha legitima a Rainha Dona Tareja, & pelo conseguinte sua mãy casada com elRey Dom Afonso, os titulos com que era tratada; pois sempre a vemos nomeada Raynha nas Escrituras, & algumas vezes Infanta, o que lhe não podia competir, se fora auida fora de matrimonio.

Esta ultima razão de se chamar sempre Rainha, ou Infanta a Rainha Dona Tareja, para mi he demonstração, pois tenho alcansado pelas doações antigas não se darem aquelles titulos às filhas dos Reys illegitimas. (a) Quem diz que a idade antiga chamava Infanta a Dona Constança Sanches, filha bastarda delRey de Portugal Dom Sancho primeiro, & que não era o erro grande, quando às legitimas dava nome de Rainhas, devia de fallar por conjectura, & mal fundada, pois he certo não terem estas Princezas tal titulo nas Escrituras; & ainda algumas vezes se lhes não concedia o titulo de Dom, o qual vemos hoje em gente de tão differente qualidade & sorte. Maria Afonso chama elRey Dom Diniz a humma sua filha bastarda, & elRey de Castella Dom Affonso o Sabio tambem não dá Dom a outra sua filha, como se pode ver em seu testamento. (b) Dona Constança

(a) Na Historia de S. Domingos 1. p. lib. 3. 14.

(b) Torre do Tombo lib. 3. delRey D. Diniz fsl. 34. & 36.

ça Sanches he verdade que se nomea com Dom no testamento da Rainha Dona Mafalda sua irmã, que está em Arouca, & em outras doações, mas nunca Infanta (a). Hum notavel Escritura está na Torre do Tombo (b), em que ella dà a mayor parte de sua fazenda à Infanta Dona Sancha filha del-Rey Dom Afonso Terceiro, & ainda que se atribue Dom, não se nomea Infanta, & bem se deixa ver como ella propria se devia lembrar dos titulos que tinha. Pelo que se tenha por sem duvida, que sò as filhas dos Reys legitimas erão nomeadas assi em Portugal, como nas mais partes de Espanha Rainhas, & algumas vezes Infantas, nome que depois se perpetuou nestas Princezas, & nos mais filhos legitimos dos Reys, que não são herdeiros.

E assi como a Rainha Dona Tareja filha del-Rey Dom Afonso Sexto se nomea ordinariamente Rainha, & algumas vezes se lhe da titulo de Infanta, que erão appellidos proprios das filhas legitimas dos Reys, fica claro não ser certa a opinião do Arcebispo Dom Rodrigo, & que não satisfaz o mesmo Auctor com dizer se chamava

(a) Testamento da Rainha Dona Mafalda, que está em Arouca.

(b) Torre do Tombo lib. del-Rey Dom Afonso III. fol. 96.

va ella Rainha, por ser filha de Rey, mas que se deve acrescentar se nomeava Rainha, por ser filha de Rey legitima.

Bem pudera passar esta opinião na forma em que a deixamos confirmada, se não tivera outros fundamentos pela parte contraria, a que importa responder. He o primeiro tirado da auctoridade de Paio Bispo de Oviedo, Auctor antigo, o qual affirma ser concubina delRey Dom Afonso, & não molher legitima Dona Ximena mãy da Rainha Dona Tareja. São suas palavras tratando delRey Dom Afonso o Sexto. *Teve elRey duas concubinas, com tudo a primeira nobilissima, a qual era Ximena Muñon, de que ouve Geloura (aliàs Elvira) molher do Conde Dom Raymundo de Tolosa, da qual elle teve Dom Afonso Jordão; & Tareja, molher do Conde Dom Henrique, dos quais naceo Urraca, Geloira, & Afonso. A segunda concubina se chamou Zaida, era filha de Abenabet Rey de Sevilha, & della ouve elRey Dom Sancho, o que morreo na batalha de Ucles. Até aqui o Bispo de Oviedo.*

Segundo argumento se tira do Epitafio da sepultura de Dona Ximena, referido pelo Mestre Frey Antonio de Yepes, (a) no qual

(a) Yepes tom. 6.

qual se mostra ser Dona Ximena amiga del-Rey no tempo em que esteve viuvo, & assifeição suas filhas naturaes, & não legitimas. Começa o Epitafio.

*Quam Deus à pena defendat dicta Semenā
Alfonsi vidui Regis amica sui.*

*Copia, forma, genus, dos morum, cultus amēnus
Me regnatoris prostituere thoris.*

*Me simul & Regem mortis persolvere legem,
Fata coegerunt, quæ*

*Ter dennis demptis, super hæc mille ducentis,
Quatuor eripies, quæ fuit era.*

Quer em suma dizer, que ao tempo que elRey estava viuvo, tomou conversação com Dona Ximena, sendo as ocasiões deste erro da parte della, riquezas, fermosura, re-
ração illustre, brandura de condição, & or-
nato de sua pessoa. Apontase como ambos
pagarão seu costumado tributo à morte, &
dase a entender que a de Dona Ximena foi
no anno de 1128. porque se diz que tira-
10 dos 30. à era de 1200. se hão de diminuir
mais 4. com que fica sendo a era de 1166.
& responde ao anno de 1128.

Para responder a este segundo argumen-
to (que do primeiro se dira adiante) im-
porta ver o que diz a Chronica antiga,
em que se funda o Mestre Andre de Re-
sende, a qual differe muito do letreiro, di-
zen-

zendo assi. (a) Quando fue muerto el Rey Don Sancho en Çamora, tornose para la tierra el Rey Don Alfonso su hermano que era en Toledo, y fue Rey de Castilla, y conquiriò a Toledo de Moros, y tomò muger Mora, que se dezia la Zaida, sobrina de Aben Aben Alfaga, y uvo en ella un fijo, el que dixeron Don Sancho, y por sobrenombre dixeronlo Sancho Alfonso, y despues lo mataron Moros en la batalla de Ucles. Y despues uvo este Rey otra muger, que uvo nombre Ximena Munoz, è uvo en ella dos fijas, la Infanta Doña Elvira, & la Infanta Doña Tareja. Casò la Infanta Doña Tareja con el Conde Don Henrique, y uvieron fijo al Rey Don Alfonso de Portugal, &c. E adiante acrescenta. Muriò Ximena Munoz, y despues el Rey Don Alfonso tomo otra muger, la Reyna Doña Constança, &c. 10 20

E em outro capitulo diz assi. Despues que finò la Reyna Doña Ximena Muñoz, casòse el Rey Don Alfonso con la Reyna Doña Constança, que era de Francia, &c.

Todos estes lugares daquela antiga Historia são contrarios à resolução do Epitafio;
Fr. A. Brandão; Tom. I. K fio;

(a) El Rey Almudafar de Çaragoça teve 2. filhos. s. Çuleima, & Benalfage, morto o pay, Çuleima com o favor do Cid foy Rey de Çaragoça, Benalfage foy Rey de Denia.

fio ; & não avendo outros argumentos por ambas as partes , claro he ser mayor a auctoridade da Historia , que a dos letreiros , pois nos erros daquela corre perigo o credito do Auctor ; o que não he nestes , por se não saber quem he o culpado em suas faltas. E daqui nace poremse alguns Epitafios em sepulturas , & outros lugares publicos , que fora serviço grande de Deos , & bem da Republica mandaremse riscar. Bem pudera apontar alguns neste Reyno ; mas não pode ser , sem descubrir faltas alheias. Quanto ao letreiro de Dona Ximena , digo , que foy feito muitos annos depois della morta , com o fundamento de alguns Auctores , que a fazem amiga delRey ; & assi não dà mayor firmeza a esta opinião que os mesmos Auctores , o engano dos quais se refutarà logo , & se mostrarà donde procedeo. E tambem pode ser , que se pusesse aquelle Epitafio , por mandado de quem teria conveniencias em se mostrar , que não fora Rainha Dona Ximena ; que fazerse por ordem della , ou dos seus , parece cousa increivel , ainda que na verdade fora amiga delRey , pois ninguem apregoa seus defeitos. Pelo que o Epitafio não he certo , pois erra na resolução principal , & no tempo da morte desta Rainha.

Mas deste assento que tomamos em o
tem-

tempo da morte da Rainha Dona Ximena, & dos annos em que esteve casada, nace outro argumento de grande difficuldade contra a mesma opinião, & he, que se Dona Ximena foy Rainha, & esteve casada com elRey Dom Afonso antes do matrimonio de Dona Constança, como diz aquella Historia antiga, avião de herdar os Reynos de Leão, & Castella as filhas de Dona Ximena, & não Dona Urraca filha de Dona Constança. Sendo pois certo que Dona Urraca foy herdeira daquelles Estados, bem se convence não serem legitimas suas irmãs mais velhas, nem a mãy dellas molher delRey Dom Afonso. 10

CAPITULO XIII.

Proseguese a materia da legitimidade da Rainha Dona Tareja, citase hum Breve do Papa Gregorio Septimo, do qual consta a resolução deste ponto.

QU I Z propôr todos os fundamentos pela parte contraria, para que conste como trato sò de descobrir a verdade, & me não movo a seguir opiniões particulares, & encontrar o que dizem graves Auctores por respeito algum, mas com zelo

de se saberem nossas cousas , as quais nos deixará os antigos tão incertas , & duvidosas.

A resolução verdadeira no ponto presente he que elRey Dom Afonso casou com Dona Ximena , & o matrimonio se dirimio por causa de parentesco que avia entre ambos. Daqui procede a variedade de opiniões , & razões que temos visto , o vemos
10 como nas Escrituras são nomeadas as filhas de Dona Ximena com titulo de Rainhas , & Infantas , sò devidas às filhas legitimas dos Reys , porque ainda que alguns casamentos dos Reys de Espanha se annullassem , por se achar impedimento de parentesco entre os contrahentes , toda via os filhos ayidos em o tempo deste matrimonio erão tidos por legitimos. Não importa referir exemplos , porque he cousa mui vulgar
20 nas Historias de Espanha. Daqui naceo tambem chamarse Dona Ximena Rainha , como se vio nas palavras da Chronica antiga. Por outra parte se mostra a occasião que tiverão alguns Auctores para não tratarem em seus escritos a Rainha Dona Ximena com este titulo , & julgarem suas filhas por illegitimas , porque como o casamento delRey Dom Afonso com esta senhora foy nullo , & ao fim se dirimio por mandado do Summo Pontifice , ouverão , se
não

não devia o titulo de Rainha à mãy, nem o nome de legitimas às filhas. Ajuntarse hia o serem estes Auctores sogeitos a Principes, a quem convinha escurecerse de toda a sombra daquelle matrimonio, que como ha este respeito, não sò verdades pouco sabidas, mas ainda as mui claras & notorias se escondem.

O fundamento desta resolução se tira de huma Bulla do Summo Pontifice Gregorio Septimo, escrita a elRey Dom Afonso no anno do Senhor de 1080. referida na Chronica do mesmo Rey, que ha poucos annos se imprimio em Pamplona, Auctor Dom Frey Prudencio de Sandoval, Bispo da mesma cidade. São as palavras da Carta as seguintes. (a)

Gregorius Episcopus servus servorum Dei. Dilectissimo in Christo filio Regi Aldefonso salutem, & apostolicam benedictionem, si obedierit. Dicit non potest, Filii charissime, quantum nos, referente filio nostro Apostolicæ Sedis Legato Richardo, nobis cognita præclara tua obedientia lætificaverit. Tu enim coram Deo in visceribus nostris hæres. Tu apud homines maximum nobis exemplum egregiæ virtutis eras: de te apud alios Reges gloriabamur:

(a) Sandoval na Chronica de Dom Afonso VI.

*mur: te verè christianum Regem, & ideo
verè Regem nos habere ex parte Domini
Jesu contra membra diaboli gaudebamus.
Unde & bona sua fragantia multas jam
regiones asperserat, & velut Sol quidam
in occiduis natus, orientem versus cœles-
tis luminis radios emittebat. At nunc
comperito quod diabolus tuæ salutis, &
omnium qui per te salvandi erant, more
10 suo invidens, per membrum suum quen-
dam Robertum pseudomonachum, & per
antiquam adjutricem suam perditam fœ-
minam viriles animos tuos à recto itine-
re deturbavit; quantum de te primo fue-
ramus gavis, tantum nunc confundimur,
erubescimus, & contristamur. Quapro-
pter ut cognoscas quantum circa te piè
solliciti sumus, per bonitatem & gloriam
Christi te paterna voce monemus, & con-
20 testamur, remove à te quantòcius consi-
liarios falsitatis: corrumpunt quidem bo-
nos mores colloquia prava. Acquiesce au-
tem per omnia Legato nostro fratri Ri-
chardo, quem nisi prudentem, & religio-
sum cognovissem, nostras ei vices nulla-
tenus commisissem: non te à salutaribus
monitis, atque institutis nostris incestuæ
mulieris amor abripiat, quia mulieres
apostatare faciunt sapientes, ipsum quip-
pe Regem sapientissimum Salomonem in-
cestus*

*cestus mulierum turpiter amor dejecit ,
 & florentissimum Regnum Israel Dei ju-
 dicio penè totum de manu posteritatis ejus
 abrupit. Proinde per Dominum nostrum
 Jesum Christum , & per potentiam ad-
 ventus ejus , nec non & ex auctoritate
 Beatissimorum Apostolorum Petri , &
 Pauli iterum monemus , atque præcipimus ,
 ne te ipsum despicias , ne in gloria tua
 maculam ponas , ne posteritatem carnis
 tuæ inutilem , & reprobam facias. Vires
 resume , illicitum connubium quod cum
 uxoris tuæ cousanguinea inisti , penitus
 respue. De tua emendatione nos , & to-
 tam Ecclesiam Dei cito letifica ; ne si
 inobediens , quod avertat Deus , esse ma-
 lueris , iram Dei omnipotentis incurras ,
 & nos , quod valde inviti dolentesque di-
 cimus , Beati Petri gladium super te eva-
 ginare cogamur. Prædictum sane nefan-
 dissimum Robertum Monachum seducto-
 rem tui , & perturbatorem Regni ab in-
 troitu Ecclesiæ separatum intra claustra
 Monasterii Cluniacensis in pœnam retru-
 di decernimus. Abbas Cluniacensis nos imi-
 tando id faciat ; eadem enim via , eodem
 sensu , eodem spiritu ambulamus. Deus
 autem omnipotens nos de tua correctione
 cito exhilarare dignetur , fili charissime.*

Duas cousas apona aqui o Summo Pon-
 ti-

tifice nesta Bulla , & de ambas faz cargo a elRey Dom Afonso. A primeira ter dado muito favor ao Monge Roberto , por cujo conselho se desviava da sogeição do Pontifice , & de seu legado ; pelas quaes culpas mandava o Papa encarecerar , & castigar o sobredito Monge em Cluni. A segunda de ter celebrado casamento com parenta de sua molher , da qual lhe amoesta ,
10 & manda , que se aparte ; como se pode ver naquellas palavras , em que està todo o fundamento desta resolução. *Vires resume , illicitum connubium quod cum uxoris tuæ consanguinea inisti , penitus respue.* E querem dizer : esforçaivos , & totalmente vos apartai do matrimonio illicito que celebrastes com a parenta de vossa molher.

Não resolve o Bispo de Pamplona o grão de parentesco , que avia entre elRey
20 Dom Afonso , & a Rainha Dona Ximena ; porque em hum lugar a faz prima irmãa do mesmo Rey , filha de seu tio Dom Garcia Rey de Navarra. Em outra parte lhe parece mais provavel ser ella do Reyno de Leão , & parenta muy chegada da molher difunta do mesmo Rey Dom Afonso : & na verdade as palavras da Carta do Pontifice mais assegurão este segundo modo de dizer , pois não fallão mais que no parentesco de affinidade entre elRey , & Dona
Xi-

Ximena. Mas ainda assi fica muy incerta a noticia de sua linhagem , posto que conste de sua grande qualidade , pois nem da Rainha que lhe precedeo ha muita memoria. E para mayor clareza demos huma relação das molheres deste Rey , & do que se sabe de suas familias.

No anno do Senhor de 1074. em dez de Dezembro estava elRey casado com a Rainha Dona Isabel , como se ve em huma Escritura referida pelo Mestre Yepes no tomo 6. numero 49. Esta Dona Isabel tenho por muy provavel ser Zaida a filha delRey de Sevilha , (a) a qual morreo de parto do Infante Dom Sancho , o que perdeu a vida na batalha de Ucles ; & deuse ella (segundo graves Auctores) no anno de 1100. tempo em que o Infante devia ter idade acomodada para capitaneiar exercitos. Achamos elRey Dom Afonso casado com Dona Ignes , como se vê de hum Foral dado pelo mesmo Rey aos moradores de Sepulveda , o qual se conserva no Archivo do Mosteiro de Lorvão , refereo o Doutor Frey Bernardo de Brito , (b) & eu o vi naquella casa , & he Escritura Original , em que não pode aver duvida. Tambem o Bispo de Tuy faz elRey casado com Dona Ignes

(a) Mariana lib. 10. c. 5.

(b) Brit. Hist. Lusit. lib. 7. c. 30.

Ignes por este mesmo tempo. Do anno de 1080. até o de 1092. tinha elRey por molher a Rainha Dona Constança, como consta de varias Escrituras; huma do Mosteiro de Sahagúm mostra estar ja casado com Dona Constança a 8. de Mayo do anno de 1080. (a) e outra do Convento de Arouca (b) faz ainda viva a Rainha aos tres das Calendas de Janeiro da era de 1130. 10 que he a 30. de Dezembro do anno de 1091. Destas duas Rainhas não escrevem os Auctores antigos a familia, nem ainda declaram de que nação fossem. E posto que o livro da Bibliotheca Floriacense pouco ha divulgado mostre ser Franceza a Rainha Dona Constança, de Dona Ignés não sabemos ainda a patria nem os parentes. Dona Bertha era molher delRey Dom Afonso em 13. de Fevereiro do anno de 1095. como 20 consta de hum privilegio dado em favor do Mosteiro de São Servando de Toledo, & chega sua memoria até o anno de 1099. Desta Princeza diz o Bispo de Oviedo Dom Paio, ser natural de Toscana; & depois della casaria com Dona Brites, a qual afirma o mesmo Auctor, que morto elRey se tornou para sua terra, sem nomear qual fosse. Con-

(a) Sandoval na fund. do Most. de Sahagúm. Yepes tom. 6. Brito ubi supra.

(b) Cartorio de Arouca no livro das Doações.

Conforme a esta computação, o casamento delRey Dom Afonso com a Rainha Dona Ximena devia ser do anno de 1076. até o 1080. entre Dona Ignes, & Dona Constança, pois o Summo Pontifice o mandou separar no anno de 1080. E assi a Rainha com quem teve parentesco Dona Ximena, foy Dona Ignes, como fica claro da relação proposta: & como da Rainha Dona Ignes se não saiba patria, nem parentes, assi de Dona Ximena não podemos afirmar cousa certa. Sò sabemos que devião ser filhas de grandes Principes, pois alcançavão matrimonio de hum Rey tão poderoso; & temos por muy provavel serem ambas de Espanha decendentes dos Reys antigos de Leão.

Seguindo esta resolução, se pode responder a auctoridade do Bispo de Oviedo (que era o primeiro argumento referido no capitulo passado) que usaria daquelle modo de fallar, & nomearia por concubina Dona Ximena, por ver que seu matrimonio foy nullo, & como tal dirimido. Quanto mais que este Auctor (não desfazendo em seu credito) nomea as molheres delRey Dom Afonso com pouca ordem, encontrando nisto a certeza das Escrituras, & assina tambem por concubina a Zaida, mãy do Infante Dom Sancho, a qual todos os Aucto-

ctores Castelhanos fazem molher delRey legitima ; & parece que se convence , pois seu filho se vivera , ouvera de herdar a Coroa ; pelo que o dito deste Auctor não tem força contra nossa resolução , a qual supposta a modificação apontada de ser este matrimonio celebrado , & depois dirimido , fica sendo certa , & mais tendo em confirmação o Breve allegado do Summo Pontifice.

10 Resta a duvida principal tocada no capitulo antecedente. Que ouverão de herdar os Reynos de Leão , & Castella as filhas da Rainha Dona Ximena , ainda que o matrimonio de sua mãy fosse annullado ; porque quando em Espanha se fazião semelhantes apartamentos entre os pays , os filhos avidos até aquelle tempo não perdião acção à herança dos Reynos. E para que deixe
20 outros exemplos , basta o delRey Dom Fernando o Terceiro , que chamarão o Santo , filho delRey de Leão Dom Afonso , & da Rainha Dona Berenguela Infanta de Castella ; o qual sendo o matrimonio de seus pais julgado por nullo , socedeo com tudo em ambas as Coroas , pelo direito que seus pais lhe comunicarão. Porem a esta duvida de tanta importancia se dará satisfação em o capitulo que se segue.

CAPITULO XIII.

*Mostrase como a Rainha Dona Tareja
teve aução à herança dos Reynos de
Leão, & Castella, referemse
Escrituras notaveis.*

Em primeiro lugar supponho, o que he certo, & admittem os Escriitores mais attentados, que quando elRey Dom Afonso Sexto casou suas filhas com os Principes Francezes (a) se não persuadio viesse algum delles, ou seus filhos a herdar os Reynos de Leão & Castella; assi por ter então Principe herdeiro, como por estar casado, & poder esperar varão successor. Acrescento que o casamento do Conde Dom Raymundo com a Rainha Dona Urraca nunca foy aprasivel a elRey Dom Afonso, nem o Infante Dom Afonso filho destes Principes foy muy favorecido do avò; o que se vio bem claro, pois por morte do Conde Dom Raymundo, fez casar segunda vez a Rainha com elRey de Aragão, com intento de procederem delles successores, & se não alienar o Reyno da varonia dos Principes Espanhoes. O que se confirma bem, pois

10

(a) Sandoval na Chronica de Afonso VI. fol. 83. & na Chronica de Afonso VII. cap. 1.

pois limitou por seu testamento ao Infante Dom Afonso filho de Dona Urraca só o senhorio de Galliza , como alguns escrevem , o que parecia desnecessario , se este Principe fora herdeiro forçado por via de sua mãy.

Suppostos estes principios recebidos em Historias de Espanha , digo que por morte delRey Dom Afonso ouve guerras sobre a
10 successão de seus Estados. E quanto aos outros Principes , bem confessão quasi todos os Auctores , que pretenderão a successão cada hum por sua via. ElRey de Aragão , a Rainha Dona Urraca , & o Infante Dom Afonso seu filho , & assi (dizem) se dividirão os Reynos em tres parcialidades. Eu digo que tambem o Conde Dom Henrique pretendeo esta herança pelo direito da Rainha Dona Tareja sua molher. Confirmame neste
20 pensamento alem da legitimidade da Rainha na forma referida , o ver as terras de Leão , & Galliza que adquirio o Conde pelas armas , & saber , como estas perseverarão no senhorio de Portugal ainda depois de sua morte ; & ultimamente hum contrato celebrado entre as Rainhas de Portugal , & Castella , o qual logo relatarei , de que se colhe bem a aução da Rainha de Portugal à Coroa daquelles Reynos.

Primeiramente consta de nossas Historias ,

rias , como o Conde Dom Henrique , morto elRey Dom Afonso , se envolveo nas guerras de Galliza , & Leão , tomou muitas terras , & tinha tratado com os da cidade de Leão , para se lhe entregarem até certo tempo. Isto confessão nossos Auctores , (sem inquirir a causa destas guerras) antes suppoem como algumas terras de Galliza pertencião ao Conde Dom Henrique , por ocasião do dote de sua mulher , o que he falso , pois seu senhorio ao principio não passava do rio Minho , como temos mostrado por Escritura authentica , & antiga. Os Auctores de Castella dizem , que o Conde Dom Henrique se embaraçou nas guerras de Leão , & Galliza , favorecendo ora huns Príncipes , ora outros ; primeiro ao Infante Dom Afonso contra sua mãy , depois a elRey de Aragão contra a mesma Rainha. Mas contra esta resolução temos o parecer de graves Auctores Aragoneses , os quais dizem que elRey de Aragão não moveo as armas contra Castella , & Leão , senão depois da morte do Conde Dom Henrique , (a) & assi mal se podia valer de sua ajuda. E eu não sei qual ella podia ser em favor daquelle Rey , ou primeiro do Infante ; se o Conde Dom Henrique retinha em si as terras

(v) Na Historia de S. João de la Pena.

ras que conquistava. Pois isto era tratar de sua conveniencia, & não da alhea.

10 Mais. He certo, que as terras de Galliza adquiridas pelo Conde Dom Henrique, não sò se conservarão em tempo da Rainha Dona Tareja sua molher, mas dellas se fazia então guerra, em que se mostra se proseguia o mesmo direito intentado pelo Conde. Em o primeiro livro dos Foraes da Torre do Tombo ha huma Doação de S. João de Alpendorada, feita pela Rainha Dona Tareja a Sarracino Viegas, em 8. de Janeiro do anno de 1123. em que se contem as palavras seguintes, notaveis a este intento. (a) *Et pro eo quod stetisti in servitio meo apud Lobeiram per unum annum integrum cum tua expensa &c.* E mais abaixo. *Et pro aliis servitiis quos mihi fideliter fecisti in terra Christianorum & Sarracenorum.* 20 Dá a Rainha as razões porque fazia aquella merce a Sarracino Viegas, e huma era aver estado em o castello de Lobeira à sua custa hum anno; outra, varios serviços que lhe fizera em terra de Christãos, & de Mouros. A assistencia em Lobeira terra de Galliza, bem mostra aver alli presidio de Portuguezes; os serviços em terra de Christãos, & de Mouros, bem dão
a

(a) Torre do Tombo lib. 1. do Foral da leitura velha fol. 25.

a entender como em ambas as partes avia guerras; que erão os serviços ordinarios daquelle tempo

Faz mais em confirmação o contrato seguinte, celebrado entre as duas Irmãas Rainhas de Portugal, & Castella, em que a de Castella offerece muitas terras a sua irmã, para que lhe seja boa amiga, não lhe faça guerra, antes a favoreça contra seus inimigos. A Escritura he importantissima, & assi pareceo conveniente propola na forma que està em o livro Fidei da Sè de Braga, & diz assi. 10

Hoc est juramentum, & convenientiam, quod facit Regina Dona Urraca ad sua germana Infanta Dona Taresia, que le sedat amica per fide sine malo engano: quomodo bona germana ad bona germana, & quod non faciat morte de suo corpore nec prisione nec consilio prefacere, & si lo consiliado tenet que lo desfaciat, & dat Regina ad sua germana Zamora cum suos directos, Exemea cum suos directos, Salamanca, & Ripa de Torme cum suos directos, Avila cum suos directos, Arevalo cum suos directos, Manlas cum suos directos, Tuduela, & Medina de Zofrangue cum suos directos, Taurro cum suos directos, Torre cum suos directos, Medina Pausada cum suos directos, 20

Fr. A. Brandão; Tom. I. L etos,

10 *Etos, Senebria & Riparia, Valdaria & Baroncelli cum suos directos, Talaveira, & Couria cum suos directos, Simancas & Morales, que stant pro ad iudicio de Egas Gundeizindis, & de Gueda Menendiz, & de el cum Domno Munio cum Fernando Joanni, & Exemeo Lopes qui se potuerunt advenire que sit, & si non, mittant sortes quales jurent, & quos jurarent levent illam. Et que sit ista honor que la Regina da a sua germana quomodo altera que illa tenet, que la adjuret de emparar, & defender contra Mauros, & Christianos, per fe & sine malo engano, & herma, & populata, quomodo bona germana, & quod non coliat suo vassalo cum suo honore, aut aleivozo qui voluerit ex cumduzer cum iudicio directo; quod si illa Regina isto iudicio non at-*

20 *tenderit, que des illo die que le demandar la Infanta ad X. dies si illa noluerit integrare quod nos sedeamus soltos, & vos perjuratos extra quantum la Infanta voluerit attendere atenante.*

Este latim he tão barbaro, que mal se pode declarar, parece que diz assi. (a) Este he o juramento, & contrato, que faz a Rainha Dona Urraca a sua irmãa a Infanta Dona
 Ta-

(a) Livro Fidei.

Tareja , para que lhe seja amiga a boa fè sem
 mau engano , como boa irmãa a boa irmãa.
 Que não trate de sua morte , nem prizão ,
 nem dê para isto conselho , & se o tem dado
 que o desfaga. E dà a Rainha a sua irmãa
 Camora com seu termo , Exemea com seu
 termo , Salamanca , & Ribeira de Tormes
 com seu termo , Avila com seu termo , Are-
 valo com seu termo , Manles com seu ter-
 mo , Tudela & Medina de Zofrangué com 10
 seu termo , Touro com seu termo , Medi-
 na , & Pousada com seu termo , Seabra ,
 & Ribeira de Valdes , & Baroncelli com seu
 termo , Talaveira , & Coria com seu termo ,
 Simancas , & Morales. Que estão pelo pa-
 recer de Egas Gozendes , & de Gueda Men-
 des , & com o que der Dom Munio , Fer-
 nam de Annes , & Exemeo Lopes , os quais
 se se puderem aver , que seja assi , & se não
 que lancem sortes , & as jurem , & estejam 20
 pela que cair , & que seja esta a honra que
 a Rainha dà a sua irmãa , como outra que
 tem , a qual lhe jure de a ainparar , & de-
 fender contra Mouros , & Christãos por fè ,
 & sem mau engano , ou a veja sò , ou a-
 acompanhada , como deve fazer boa irmãa ,
 & que não recolha seus vassallos com hon-
 ra , ou empare aleivosos que quizer escapar
 da ordem direita da justiça. E em caso que
 a Rainha não esteja por este juramento ,
 L ii que

que do dia que a Infanta lhe requeira a promessa a quarenta dias se lhe não quizer fazer entrega , que nos sejamos livres do juramento , & vos avidos por perjuros desde o tempo que a Infanta quizer atentar por isto em diante.

10 Duas cousas importantes se colhem desta Escritura. A primeira a soberania , & isenção do Reino de Portugal , pois vemos como a Rainha de Castella para alcançar o favor de sua irmãa lhe offerece tão grande parte de seus Estados ; e devendose alguma ajuda , ou se não faria semelhante promessa , ou se faria della alguma memoria. A segunda cousa que com muita probabilidade se deduz , he o ponto que imos tratando , que a Rainha de Portugal pretendia a herança daquelles Reynos , & por bem de pazes , para que lhe não movesse
20 guerra por esta causa , dimittio de si a Rainha de Castella tão grande parte de seu senhorio. E ainda que esta promessa não veyo a effeito , nem por isso se deve pôr em duvida o contrato , & as causas delle , pois a estas fazem provaveis as conjeituras , & discurso proposto , aquelle assegura o Archivo de Braga , & o livro Fidei escrito ha mais de quatrocentos annos. E quanto a não se pôr em execução a promessa da Rainha Dona Urraca , seria porque seu filho

o Emperador Dom Afonso , não consintiria no contrato , ou averia outras razões , que nós agora não alcançamos.

Hum argumento efficaz à primeira vista se pode oppôr ao discurso presente , & he , como não tratou elRey Dom Afonso Henriques de proseguir o direito que lhe tocava , sendo hum Rey de tanto brio , & valor , como a todos he notorio. Respon-
do , que por morte do Conde Dom Hen- 10
rique ficou este Principe minino de dous , ou tres annos , como mostrarei adiante , & quando entrou no governo de Portugal , ja seu Primo o Emperador Dom Afonso estava seguro na posse de seus Reynos , & tinha firme seu senhorio , sendo que o poder de Portugal era naquelle tempo mais limitado , pois não comprehendia ametade do Reyno , & assi mal poderia prevalecer
contra o Emperador , & mais estando di- 20
vertido com as discordias domesticas , & com a guerra continua dos Mouros. Acrescento mais que entre elRey Dom Afonso Henriques , & os Reis de Leão ouve algumas vezes guerras , a noticia das quaes em muita parte não chegou a nossos Escritores (como veremos.) e muito menos as causas dellas : as quais segundo a Historia dos Godos , & outras forão da parte delRey de Portugal , proseguir o mesmo intento do
Con-

Conde Dom Henrique na conquista de Gal-
liza, & Leão ; & da parte do Emperador
querer tomar Portugal , pela concessão da
Rainha sua tia , ou para pagar a seu pri-
mo na mesma moeda. Pelo que me resolvo ,
teve a Rainha Dona Tareja aução aos Rei-
nos de Leão , & Castella , a qual se pro-
seguio pelas armas , & pudera prevalecer ,
se a morte do Conde Dom Henrique a não
10 atalhara. E que della se convence bem a
legitimidade da mesma Rainha , & a sobe-
rania , & isenção de Portugal ; ainda que
não limitamos sò a estes fundamentos a cer-
teza destes pontos , pois por outras muitas
vias se mostrão provaveis como fica provado.

C A P I T U L O XV.

*Do principio do Governo do Conde Dom
Henrique , dos Principes Christãos , que
então avia , refere-se a ida do
Conde à Igreja do Apos-
tolo Santiago.*

1095. **Q**UANDO o Estado de Portugal foy
dado ao Conde Dom Henrique , pre-
sidia na Igreja de Deos o Papa Ur-
bano Segundo , venturoso pela insigne expe-
dição da terra Santa , que empredeo (co-
mo adiante veremos.) Teve trabalhos na-
ci-

cidos da rebelião do Emperador Henrique Quarto , o qual deu causa a se continuar Schisma. Falleceo o Pontifice no anno do Senhor de 1099. deixando as cousas de Italia se não de todo quietas , mais pacificas. Foy varão de vida exemplar , muy devoto de Nossa Senhora , ordenou se resasse seu Officio Menor. Foy douto , compoz alguns livros , acrescentou Decretos importantissimos no Direito Canonico.

10

O Imperio do Occidente governava Henrique Quarto do nome , desobediente a Santa Sè Apostolica , & causa de grandes perturbações na Republica Christãa. Estava discorde com seu filho & successor , Henrique Quinto , & quasi desapossado do Imperio que governou até o anno de 1096. Justo juizo de Deos em ser perseguido do filho , pois encontrava a liberdade Ecclesiastica , & perseguia a sua May a Igreja Catholica.

20

Imperava no Oriente Aleixo Comneno , Princepe de grande valor , & bem afortunado : falleceo no anno do Senhor 1110. socedeolhe , seu filho João Comneno.

Rey de França era Felippe , cuja felicidade se acreditou com os augmentos da Religião Christãa , promovida com as armas , & sogeitos de seu tempo , & Reyno ; pois por aquellas se deu felice remate à
jor-

jornada da Terra Santa , propria da nação Franceza , com estes se acrescentou a multidão de Santos , Pontifices , & Fundadores de Religiões , qual foy a da Cartuxa , & a nossa Cisterciense. Veyo a morrer no anno de 1109. Tomou o sceptro seu filho Luiz , que chamarão o Gordo.

Em Espanha alem do que possuia el-Rey Dom Afonso o Sexto , governava o tocante a Aragão , & Navarra Dom Afonso I. O restante pertencia ao senhorio dos Arabes.

1096. Tomando o Conde Dom Henrique o governo de seus Estados , tenho por provavel convocou logo Cortes a Guimarães , de que ha memoria em alguns Auctores , & nellas aconteceu o milagre que se refere na vida de S. Giraldo , de livrar este Santo hum homem principalissimo do poder do diabo , o qual se tinha apoderado delle por ouzar a entrar na Igreja , & assistir à Missa estando excommungado. Chamavase Egas Paes , & he provavel ser o de Penagate , fundador do Mosteiro de Rendufe.

Nesta ocasião , ou pouco depois entendendo se deu o Foral á nobre villa de Guimarães , de que ha memoria na Torre do Tombo , (a) tratando este Principe logo de engran-

(a) Torre do Tombo 6. lib. dos Foraes antigos. fol. 95.

grandecer esta villa, de que fez eleição para assento de sua Corte; & o Ceo a tinha destinada para patria do felicissimo Rey Dom Afonso Henriques.

No anno seguinte de 1097. temos hum ^{1097.} testemunho celebre da piedade do Conde Dom Henrique, & de sua mulher a Rainha Dona Tareja. (a) Pertencia à Igreja do glorioso Apostolo Santiago a villa de Cornelhã por concessão delRey Dom Ordo- ¹⁰ nho Segundo, & de sua mulher a Rainha Dona Elvira. Dom Afonso o Magno, pay de Dom Ordonho, deixara ao glorioso Apostolo certa quantidade de dinheiro, & em seu lugar applicou Dom Ordonho a villa de Cornelhã, & seu termo, para com suas rendas fazer a esmola perpetua, & foy feita a doação em 15. de Janeiro da era de 954. que he anno de 916.

ElRey Dom Fernando o primeiro con- ²⁰ firmou esta esmola no principio de seu Reynado, dando grandes favores, & isenções aos moradores desta terra; & sendo depois informado como erão maltratados, & oprimidos por algumas pessoas poderosas (nomeãose Diogo Tructesindez, Sisnande Annes, & Tedom Telles) passou carta de favor para impedir a oppressão daquelles po-
vos

(a) *Archivo Real lib. 1. in tit. Dex tres fol. 200.*

vos , & obrigar as Justiças a que os defendessem. He sua data em Março do anno de 1064. estando elRey em Santiago com toda sua Corte , & pelas circunstancias do tempo , & grande numero de Senhores , & Prelados que acompanhavão a elRey , se mostra foy esta visita pouco despois da tomada de Coimbra , & em reconhecimento da grande merce que o sagrado Apostolo
10 fez aos fieis , ajudandoos visivelmente naquella empreza , como consta de graves Auctores , os quais referem revelações , & milagres feitos em prova desta verdade.

Não se teve muito cuidado de pôr em execução o que elRey Dom Fernando mandara. Os mesmos Ministros delRey , a quem tocava mais a observancia dos seus mandados , forão os primeiros que encontrarão aos moradores de Cornelhã suas liberdades. En-
20 travão por seus coutos , destruião suas devezas , impidião o pasto a seus gados , & finalmente os tratarão em forma , que vendo elles a pouca justiça de seus naturaes , se valerão dos estranhos , recorrendo por vezes à Santa Sè Apostolica , com cujo favor bem puderão ser defendidos , se a perversidade dos mãos se não atrevera ainda contra os preceitos sagrados. Quando o Conde Dom Henrique tomou o governo de Portugal , se perseverava em o mão tratamento,
&

& agravo dos vezinhos desta terra. Não soffeo o piedoso Principe, sendo advertido disso, que os innocentes padecessem mais pena, nem que a impiedade dos mãos prevalecesse. Interpoz sua auctoridade, & vindo com Rainha Dona Tareja sua mulher tomou muito à sua conta a defensão desta terra, patrimonio do glorioso Apostolo Santiago, como bem se deixa ver na Escriitura seguinte, a qual tambem se conserva no IO
 Archivo Real junto com as outras dos Reys passados, de que fiz menção.

Glorioso, & venerabili patrono nostro Domino Jacobo, cujus corpus tumultatum digna sepultura manet in finibus Aemæ.

Ego Henricus Comes Portugalen. pariter cum uxore mea Taresia Imperatoris Toletani Domini Aldefonsi filia, consentientibus nostri palatii majoribus, quia in nostro dominio, & dictæ Ecclesiæ consistit omnis Portugalensis provincia, huic Apostolo fieri hoc commissorium, & testamenti scripturam elegimus, qualiter de nostra jussione, & firmo præcepto viteretur omnis penuria ab omnibus habitantibus in villa Corneliana, quam illis inferebant Regii Saiones in colligendis lignis, & materia, vel exitu, & suorum pecorum pascuo, unde dum plerumque dominis, & senioribus Apostolicæ aulæ fuisset,

set perlata querimonia; & nos amore hujus Apostoli venientes causa orationis, eorum precibus rogati, invenimus, quod prædicta villa Corneliiana cum medietate de Monte major, ou Nabor per suos terminos antiquos fuit concessa a prioribus Regibus ad hunc locum sanctum, quod nos post ejus pietate, & suorum Clericorum ab omni integritate confirmamus.

- 10 Et quia contra Regales villas, & castella nostra plus habentur nemora, de hodie die in illo nostro damus licentiam cunctis habitatoribus de ipsa villa, ut colligant ligna, & materia, & habeant exitum, & pascua in omni circuitu ubi voluerint, & non sit ausus aliquis, neque Vicarius, neque Saion, aut potestas, qui impedimentum ei faciat, ut secundum ipsi habuerint licitum, ita & nos mereamur in
- 20 die judicii cum omnibus Sanctis hujus Apostoli precibus suffulti introire in regna Cælorum. Amen, &c. Facta hujus scripture confirmatio V. Idus Decembris. Era I. C. XXXV. Henricus Comes, & conjux mea Taresia, qui sunt ibi de Portugali. Suarius Nunici confirmat. Nunus Pelatii confirmat. Pelagius Guterrici confirmat. Rodericus Froilaz confirmat. Petrus Songemirez confirmat. Suarius Mendici confirmat. Pelagius Ollidiz confirmat.

firmit. Veremundus Guterris confirmat. Petrus Alvanici confirmat. Pelagius Godesteis judex confirmat. Petrus Danielis judex confirmat. Traduzida em Portugues diz assi.

Ao glorioso , & veneravel padroeiro nosso o Senhor Santiago , cujo corpo jaz dignamente enterrado em os confins da Amea.

Eu Dom Henrique Conde dos Portuguezes , juntamente com minha mulher Dona Tareja filha do Emperador de Toledo Dom Afonso , consintindo nisto os Grandes de nossa Corte : porque debaixo de nosso dominio , & da dita Igreja se comprehende toda a provincia de Portugal , nos pareceo offerecer a este S. Apostolo esta dadiva , & Escritura de testamento , para que por nosso mandado , & ley firmissima os moradores de Cornelhã fiquem livres da pobreza em que os punhão os Ministros Reais , impedindolhes a colheita da lenha , & as entradas & saidas necessarias ao pasto de seus gados , por cuja causa algumas vezes se queixão aos Principes da Sè Apostolica. E nòs vindo em romaria , pelo grande amor que temos a este Sagrado Apostolo , achamos (movidos de suas petições) que a sobredita villa de Cornelhã , & ametade de Montemayor ou Nahor nos seus limites antigos forão concedidas pelos primeiros Reys

a este lugar sagrado. E isto mesmo confir-
mamos inteiramente, assi pela devação do
Santo, como pela piedade que temos de
seus Clerigos. E porque para a parte das
villas Reais, & Castellos de nosso senho-
rio ha mais bosques, & matas, damos li-
cença doje em diante no que he nosso a to-
dos os moradores desta villa, que possam
cortar pãos, & madeira, & tenham sua en-
trada livre, & escolhão pastos em todo o
circuito da terra, onde quer que quizerem,
& não seja algum ouzado, quer seja Vi-
gairo, quer Alcaide, ou Potestade, que lhe
ponha a isso impedimento: para que confor-
me a licença que lhes damos, assi tambem
nós por intercessão do Santo Apostolo me-
reçamos alcançar no dia do juizo a entra-
da do Reyno do Ceo em companhia dos
mais Santos. Amen. Foy feita a confirma-
ção da presente Escritura a sinco dos Idus
de Dezembro, na Era de 1135. Henrique
Conde, & sua molher Dona Tareja. Os
que estavam ahi de Portugal. Sueiro Nunes
confirma. Nuno Pais confirma. Paio Guter-
res confirma. Rodrigo Forjas confirma. Pe-
dro Songemiris confirma. Sueiro Mendes
confirma. Payo Ollides confirma. Vermuy
Guterres confirma. Pedro Alvares confirma.
Payo Godestes Juiz confirma. Pedro Daniel
Juiz confirma.

CAPITULO XVI.

Dos principios que teve a Sagrada Ordem de Cister, & como os Christãos fizeram jornada à Terra Santa, & ganharão a Jerusalem.

GRANDES cousas succederão no fim 1098. deste seculo, o & fizerão famoso, & bem afortunado. Duas forão principaes, a primeira a instituição da Sagrada Ordem de Cister; a segunda, a conquista da Terra Santa, as quais merecem ser particularizadas; nem vem fora de nosso instituto, pela grande correspondencia que ouve entre esta Religião, & o Reyno de Portugal logo em seus principios, & porque a expedição de Palestina foy geral a toda a Christandade, & devemos averiguar a parte que coube a nosso Reyno. 10

Teve a Ordem de Cister, a qual por outro nome se chama de S. Bernardo, principio no Reyno de França, no Ducado de Borgonha em hum lugar solitario chamado Cister, donde tomou nome. Seu primeiro fundador foy São Roberto de sangue illustre, & santidade rara, & natural da provincia da Campania, que he no mesmo Reyno de França. Sendo primeiro Religio-

so de S. Bento , & Abbade do Mosteiro de Molismo , com desejo de mayor perfeição monastiea se retirou para Cister com alguns Religiosos , que o quiserão imitar nesta santa empresa ; & fundando nova Abbadia , & nova ordem floreceo com mayores sinaes de santidade , mostrando bem ser esta mudança ordenada pelo Ceo , & principiada por hum Santo , que estando ainda no ventre
10 de sua mãy fora adoptado pela Sacratissima Virgem Maria com hum anel que a Sagrada Virgem lhe offereceo em sinal de celestial desposorio. (a) Daqui naceo ficar nossa Religião Sagrada avinculada ao serviço da Mão de Deos , que tanto dante mão a escolhera , dedicar a seu santissimo Nome todas suas Casas , & reconhecela sempre por particular padroeira , & avogada ; (b) titulo que a Sagrada Virgem reconheceo muitas
20 vezes , & confessou com grandes milagres. A Santa Leogarde inspirou , & agradeceo despois a mudança que fez do habito negro para a Ordem de Cister , por estar fundada esta Religião debaixo de seu emparo. (c) Ao confessor do Papa Innocencio Terceiro mandou que advertisse , & impedisse certa pen-

(a) Surio na vida de S. Roberto.

(b) Jacobi Vitriaco na Histor. do Occident. cap. 14.

(c) Varios Auctores na vida de Lucgarde. Vide Bernardin. de Villegas.

pensão, que se impunha a esta Ordem que
 era sua. (a) Outros lanços ouve ordenados
 a este fim, de que estão cheas nossas Chro-
 nicas; entre os quais aponto a mudança
 do habito negro em branco, que ou fez por
 ordem da Gloriosa Virgem, ou por conver-
 são sua milagrosa. (b) A vocação de nosso
 Padre S. Bernardo, flor, & lume da Igreja
 do Senhor, & tão grande devoto, & favo-
 recido da Mãe Deos, como todos sabem.
 Com a entrada deste Santo na casa de Cis-
 ter se dilatou maravilhosamente esta nova
 planta em forma, que em breve tempo se
 fundarão pelo mundo 700. (c) Abbadias, &
 as 160. por ordem do Santo. Depois por
 discurso de annos com augmento notavel a
 dez mil, as seis mil de Monges, & qua-
 tro mil de Religiosas. Daqui se encheo a
 Igreja do Senhor de pessoas insignes em
 santidade, letras, & dignidade. Causa ad-
 miração considerar o que gravissimos Au-
 ctiores deixarão escrito destas grandezas. (d)
 Ha catalogo em que estão escritos os San-
 tos mais principais desta Ordem pelos dias
 do anno, & se conta em alguns delles hum

10

20

Fr. A. Brandão; Tom. I. M gran-

(a) Bzovius an. 1207. n. 7. Cesario no dialog.

(b) Yepes tom. 7. an. 1099. fol. 22.

(c) Chron. da Ordem de Cister. Yepes tom. 7.

(d) Catalogo de Fr. Angelo Manrique. Molan. nas ad-
dições dos Santos de Frandes.

grande numero. Ja em certa occasião impidio o capitulo geral de Cister se não canonisassem mais Santos de sua Ordem, porque a multidão lhe não diminuísse o respeito. De Summos Pontifices contão sete os Auctores, que examinão melhor este ponto, e escrevem com mais limite. (a) De Cardeaes, & Prelados inferiores hum grande numero. O certo he, que sò do Mosteiro de Claraval sairão em pouco mais de trinta annos hum Papa, seis Cardeaes, Bispos & Arcebispos quatorze. (b) De Escritores, & Doutores fazem nossos Chronistas relações copiosas, que a mi se me não concede pôr neste lugar, nem fazer mais detença nas excellencias desta Religião Sagrada. Os doutos as terão sabido de varios Escritores, para gente de menos lição ha livros em vulgar que tratão dellas; nos quais poderão ver os Catalogos de Santos que dizemos, numero grande de milagres, de favores do Ceo, de serviços feitos à Igreja, de Pontifices, de Ecclesiasticos Escritores. Huma sò cousa apontarei por ultimo remate, & he, que com ser esta Sagrada Ordem benemerita da Igreja Catholica, & de todos os Reynos da Christandade, o Reyno de Portugal lhe está

(a) Montalun. na Chron. de S. Bernardo.

(b) Gaufredo na vida de S. Bernardo. Yepes centur. 7.

tà em mayor obrigação, pois alem de o illustrar com a santidade de seus Monges communicada nos primeiros annos, parece que tomou a sua conta a protecção deste Reyno, alcançandolhe multiplicados favores do Ceo, & terra. Em abono daquelles veremos no discurso desta Historia as conquistas de Santarem, de Lisboa, de Trancoso, jornada de Sevilha, victoria de Aljubarrota, & outros prosperos successos, nos
 10
 quais interveio particular socorro de São Bernardo, & de seus filhos: em testemunho dos favores da terra baste o que nosso Santo alcançou a elRey Dom Afonso Henriques na investidura do Reyno, por cuja causa o mesmo Rey sogeitou seu Reyno ao Mosteiro de Claraval, tomando por padroeira delle a mesma Rainha dos Anjos, que era avogada da Ordem Cisterciense, como adiante mostraremos. Donde não sem
 20
 particular mysterio parece que ordenou o Ceo tivessem principio o Reyno de Portugal, & a Ordem de Cister quasi em hum mesmo tempo; pois alem de outras correspondencias no emparo da Mãe de Deos avião de ser semelhantes.

A segunda cousa que de todo illustrou este seculo, & lhe deo glorioso remate foy a celebre conquista da santa cidade de Jerusalem, a qual se ganhou de poder dos in-

10 fieis a 15. de Agosto do anno de 1099. (a)
Tinha os annos passados o Summo Pontifice Urbano Segundo movido a esta empresa os Principes da Christandade à instancia do Santo Pedro Heremita , o qual visitando os lugares Sagrados , vira com seus olhos as miserias , & oppressões dos Christãos daquellas partes : & fazendo volta a Italia soube representar tão bem ao Papa o miseravel estado daquelles povos , que ajuntando o Pontifice Concilio em Claramonte , persuadio aos Principes Christãos a muita importancia que avia de se pôr em liberdade a Christandade de Syria , & livrar de cativeiro o Santo Sepulchro do Salvador do mundo. Parece que favoreceo Deos o zelo do Pontifice , comunicando extraordinario esforço aos fieis que se acharão presentes , o qual se derivou em breve por toda Europa ; não
20 sò se approvou a empresa , mas quasi à competencia se offerecião para ella : populares , nobres , Principes , & Reys aceitarão a insignia da Santa Cruz (divisa que então se começou a dar aos que se alistavão para a guerra sagrada , pondolhes no ombro huma Cruz de grãa , ou panno vermelho , donde depois se vierão a chamar os Cruzados.)
Os

(a) *Guilhel. Tyri. Archiepisc. da guerra sagrada lib. 1. cap. 14. 14. 17. Vitriac. na Histor. Occident. Paul. Emil. na vida de Philippe I.*

Os principaes senhores que então se resolverão de passar a Syria , forão Hugo o Grande , irmão de Philippe Rey de França , Roberto Conde de Normandia , o Conde de Flandes , o de Bles , o de S. Gil e Tolosa , genro delRey Dom Afonso o Sexto de Leão & Castella , & outros muitos , entre os quais era muy celebrado Gotfredo Duque de Loreina , Principe de valor , & piedade rara , a qual manifestava bem naquella ocasião , vendendo , & empenhando seus Estados para os gastos da guerra. 10

Não he meu argumento contar com particularidade os varios acontecimentos que os Christãos tiverão no caminho , as difficuldades que se lhes offerecerão , as batalhas que vencerão , as cidades que ganharão , nem o tempo que gastarão em todas estas cousas. Basta sabermos que no anno , & dia referido puserão feliz remate a seus trabalhos , & entrarão por força de armas a santa cidade de Jerusalem , depois de a terem cercada , & combatida 15. dias continuos. A alegria que causou a todos os fieis a nova deste successo não he necessario referila. Sò he de considerar , que não foi o Senhor servido a gozasse o Summo Pontifice Urbano , principal Auctor de tão santa obra , porque falleceo antes de chegar a nova. Parece que na celestial Jerusalem (aon- 20

(aonde he de crer que o levou Deos em premio de suas grandes virtudes) quiz que soubesse , & se alegrasse deste bom successo. Na Santa Cidade elegerão os Christãos por Rey o Duque de Loreina , & em Roma puserão os Cardeaes em lugar de Urbano a Pascoal Segundo do nome , Monge do Mosteiro de Cluni , como seu antecessor o avia sido. Deste Summo Pontifice alcançou
 10 o Arcebispo de Braga S. Giraldo grandes preminencias para sua Igreja , & para este effeito se foy a Roma. Mas desta jornada , successos , & dependencias della trataremos com mais oportunidade nos capitulos seguintes.

C A P I T U L O XVII.

Da jornada que fez a Roma o Arcebispo de Braga S. Giraldo , das preminencias , & favores que alcançou do Summo Pontifice.

1100. **O** Arcebispo de Braga S. Giraldo tanto que se vio com a obrigação de Pastor , & encargo daquella Igreja , tratou com muito cuidado de a restaurar no espirital , & temporal ao estado da antiga felicidade , que com a entrada & oppressão dos Arabes estava diminuido em ambas estas cou-
 sas.

sas. Acudio com orações, doutrina, & exemplo de vida à conversão espiritual de suas ovelhas. Oppozse à violencia de alguns poderosos invasores dos bens Ecclesiasticos, dos quaes avia alguns nestes tempos antigos, em que se peccava nesta materia parte por ignorancia, & parte tambem por malicia. Contra estes se mostrou bem o zelo do Santo, & seu grande animo, com que não sô pode conservar os bens daquella Igreja, acquiridos em tempo de seu predecessor Dom Pedro, mas ainda restaurou no seu novas possessões que estavam usurpadas. E por que soube por relação dos antigos, & Escrituras que achou no Archivo de Braga a grande dignidade, & preminencias desta Sè nos seculos passados; & como fora de grande resplandor entre todas as de Espanha; se resolveo em alcançar do Summo Pontifice a restituição de suas preminencias: & para este effeito não duvidou pôrse a caminho para a Corte de Roma. Não relatão as memorias antigas, de que vou colhendo a força desta historia, em que tempo fez o Santo sua jornada. Mas dizendo que era ja Summo Pontifice Pascoal Segundo, & dando a entender que São Giraldo a fizera pouco tempo depois de sua eleição em Bispo de Braga, a relatamos com fundamento no primeiro tempo do Papa Pascoal, & de seu Pon-

Pontificado. Na terceira lição do Officio de São Giraldo, que está no Breviario Bracharense, se contem estas palavras, tiradas fielmente do Latim. *Foy eleito canonicamente naquelle tempo São Giraldo em Arcebispo de Braga, & consagrado por auctoridade Apostolica: & indose logo a Roma foy recebido com honra do Papa Pascoal; de quem alcansou o pallio com*
 10 *seu privilegio, & recuperou inteiramente a dignidade Metropolitana da Sè de Braga, interrompida por causa da destruição, que os barbaros fizeram nesta cidade, &c.* De sorte que faz subsequente, & immediata a ida de S. Giraldo a Roma à eleição do mesmo Santo; & como isto se não possa verificar nos annos passados até o de 1099. em que ainda era vivo o Summo Pontifice Urbano Segundo, se conven-
 20 ce seria no principio do Pontificado de Pascoal Segundo, de quem alcançou o Santo as graças referidas.

Desta jornada de S. Giraldo, & da causa della ha testemunho quasi do mesmo tempo no livro Fidei da Sè de Braga, & traduzido de Latim diz assi. (a) *Sabendo o Arcebispo S. Giraldo, & alcansando tambem por Escrituras, que Braga fora Igreja-*
 ja-

(v) Livro Fidei da Sè de Braga da eleição de S. Giraldo.

ja Arcebispal, & florecera grandemente em tempos passados, como prudente & sabio, se foy a Roma a procuralhe a dignidade antiga, a qual alcansada, & confirmada pela Santa Sè Apostolica, se tornou à sua Igreja.

O grande favor & honra com que o Summo Pontifice tratou ao Santo, se colhe bem não sò das graças & preminencias, que lhe concedeo para a Igreja de Braga, mas de humas palavras que escreve ao Conde Dom Henrique em recomendação delle, as quais tiradas do livro Fidei, em que tambem està a carta, dizem assi. *Commo-remus etiam ut ipsum fratrem nostrum Giraldum veneratione debita complectaris, atque ad recuperanda ipsius Ecclesiae bona devotus adjutor existas.* (a) He o sentido. Amoestamosvos da grande reverencia, & veneração com que aveis de tratar a nosso irmão Giraldo, & da ajuda que lhe deveis dar na recuperação dos bens de sua Igreja. 10 20

Advirto aos leitores que debaixo do nome de dignidade Arcebispal se deve entender nos lugares referidos Metropolitana, porque o nome de Arcebispo, & dignidade Arcebispal he mais provavel se não usou em

(a) Livro Fidei atras citado.

em Espanha , senão do tempo da restauração dos Mouros em diante. Mas lembro que com a preminencia de Metropolitana, que então se restituiu a Braga , se lhe renovou o direito da Primazia de Espanha que sempre teve , & porque o lugar parece accomodado para tocar este ponto , o farei com summa brevidade , ja que para se tratar como convinha erão necessarios livros inteiros.

CAPITULO XVIII.

Do direito da Primazia de Espanha , o qual pertence à Igreja de Braga.

DUAS cousas podemos considerar nesta materia ; a primeira he o uso da Primazia ; a segunda o direito desta dignidade , no qual se deve advertir , que por duas vias pode tocar a alguma Igreja a aução da Primazia , ou por antiguidade , ou por privilegio. Em todos estes tres modos se propoem os fundamentos da justiça de Braga , & se responde ao que se diz pela parte de Toledo , pois he a Igreja que conserva o titulo de Primaz , assi como Braga.

Quanto ao uso se diz que sempre em Braga ouve alguns actos de primazia. (a)
S.

(a) Sandomal no livro do Bispo de Tuy.

S. Pedro de Rates primeiro Bispo desta S^e ordenou Bispos em algumas cidades, como em Tuy, & no Porto, exercitando nisto officio de Primaz. (a) Patrono, ou Paterno Bispo de Braga presidio no primeiro Concilio de Toledo. (b) E no primeiro Concilio Bracharense se nomea o Bispo de Braga Bispo de primeira cadeira; (c) & assi vemos que nos Concilios celebrados nesta Cidade sempre presidirão os Bispos de Braga, sendo assi que assistião alguns Metropolitanos mais antigos na consagração. Celebrandose Concilio em hum lugar de Galiza chamado Celenas, se remeterão os decretos delle a Balchonio Bispo de Braga, para que os confirmase. Os Bispos de Lugo sempre reconhecerão os de Braga por seus superiores, ainda despois que Lugo alcançou a dignidade de Metropoli.

Costumarão sempre os Prelados de Braga de trazer Cruz levantada nas terras de outros Metropolitanos, (d) que he outro indicio de Primazia; assi o fez o Arcebispo Dom Fernando entrando em Lisboa, o Arcebispo Dom Jorge indo a Evora. O Arce-

(a) Ferrer no liv. 1. da Histor. de Santiago.

(b) Brit. na 2. p. da Monarc. Lusitana.

(c) Stacio nas antig. Sebast. Cesar. no liv. da Hierarchia Ecclesiast. & outros.

(d) Cesar. ubi supra.

cebispo Dom Fr. Bartholomeu dos Martyres nas Cortes de Thomar em tempo do Catholico Rey Dom Filippe Segundo, & d'elle mesmo se refere, que passando por Toledo, & Madrid levou diante a Cruz levantada, em testemunho irrefragavel de sua preminencia.

10 Tambem no modo de fallar se confirmou sempre este uso, porque os Prelados de Braga tiveram sempre o titulo de Primazes não só de seus vassallos, mas dos proprios Reys de Portugal, & nesta posse os conservão ainda hoje os Catholicos Reys de Espanha, nomeandoos Primazes nas cartas que lhes escrevem, & ordens que lhes dirigem.

20 Mas porque o principal acto da Primazia consiste na sogeição universal dos outros Metropolitanos, & no recurso de suas causas ao Primaz, & este pela mayor parte se não goarde, nem goardasse em Espanha a respeito de alguma Igreja, deixamos este fundamento, presuppondo o que he certo, & confessa o Doutor João de Mariana, que tambem em Toledo falta este reconhecimento, & que fora do nome de Primazes, de que usão seus Arcebispos, são pouco mais reconhecidos, que os outros Metropolitanos de Espanha; alem de não poderem allegar os otros auctos com a certeza, & igualdade que mostramos.

Quan-

Quanto ao direito da Primazia, & ao primeiro fundamento da antiguidade se diz, que a Igreja de Braga foy fundada pelo Apostolo Santiago, nella ordenou o mesmo Santo por primeiro Bispo seu discipulo S. Pedro de Rates, o qual assi como foy primeiro nomeado que nenhum outro em Espanha, assi foy o primeiro que deu a vida pela confissão da Fè nesta provincia, & ainda em toda Europa. Chegara o Apostolo sagrado por mar à costa de Galliza, como he tradição recebida, & teve logo respeito à cidade principal, cabeça desta provincia, qual era então Braga, para ordenar nella Bispo, & assento da Primazia de Espanha. (a) Não falta quem diga por auctoridade de hum certo Breviario Armenio, que desembarcou o sagrado Apostolo em Carthagená, porem não nega que pela via de Merida se foy logo a Braga, & residio o mais do tempo em Galliza, confessando tambem que em Braga se ordenou primeiro Bispo que em nenhuma outra parte em Espanha. (b)

Duas supposições são necessarias para confirmação desta verdade. He a primeira, que a cidade de Braga foy illustrissima em tempo antigo, Colonia insigne dos Romanos,

(a) *Oxea na Histor. de Santiago.*

(b) *Idem cap. 55.*

nos , hum dos Conventos juridicos de Espanha , a quem reconhecião por cabeça muitas outras cidades. A segunda , que foy ordem do Apostolo São Pedro , & de todo o Collegio Apostolico , que as Primazias da Igreja se ordenassem nas principaes cidades das provincias , cabeças no temporal das outras terras , para que donde se promulgavão as leis humanas , & pendia o governo secular , se derivasse tambem o Ecclesiastico. Supposto isto em alguns dos Conventos juridicos se devia fundar a Primazia de Espanha ; & como Braga fosse hum delles , cabeça da provincia de Galliza , à qual aportou primeiro o Sagrado Apostolo , santificou com sua mayor assistencia , & escolheu para sua sepultura ; bem se deixa ver que nelle se instituiu a Primazia , pois corrião todas as condições que erão necessaris , e mayores que em nenhuma outra cidade.

Ja a respeito de Toledo parece o direito que Braga tem à Primazia indubitavel , por não ser Toledo em aquelle tempo cidade das que podião ter aução a esta preminencia , pois era cousa pouca ; & assi nunca os Romanos a escolherão para ser cabeça da Provincia , nem assentarão nella alguma das Chancellarias que tinham em Espanha. Quanto mais que reconhecendo To-
le-

ledo por seu primeiro Bispo a Santo Eugenio, o qual floreceo nesta cidade pelos annos do Senhor de 64. mal pode competir em antiguidade com Braga, cujo primeiro Bispo São Pedro padeceo martyrio (segundo dizem) no anno do Senhor de 44.

Bem virão alguns Auctores que defendem as partes de Toledo a força destas razões, & outras; & assi deixado o direito da antiguidade, recorrem a outro de privilegio, & huns dizem que a Primazia de Toledo tomou principio do tempo dos Godos, quando esta cidade se elegeo para cabeça de Imperio. Outros querem que sò emanasse do privilegio do Summo Pontifice Urbano Segundo, quando restaurada esta cidade do jugo dos Arabes ao poder dos Christãos, Dom Bernardo seu primeiro Arcebispo neste tempo alcançou para sua Igreja a dignidade da Primazia. E a este parecer como mais solido se acosta o Doutor João de Mariana, reprovando o que dizem os mais Auctores, que recorrem a tempos antigos. 10 20

Pela parte de Braga se diz, que nem os Reys Godos podião dar Primazia, nem o Summo Pontifice, ainda que concedesse algum privilegio teve intento de a tirar a cuja era. Porque primeiramente o Papa não tira o direito às partes, sem fazer disso es-
pe-

- pecial menção, & no caso presente não particulariza nos privilegios de Toledo, que se privava a Igreja de Braga, ou outra alguma da aução que tinham, ou podião ter à Primazia. Respondese mais ser esta concessão em dano de terceiro, no qual caso não costuma o Principe, nem ainda pode derogar a justiça da parte; antes qualquer favor que se faça he julgado por invalido.
- 10 Tambem se allega, que este privilegio no qual se funda Toledo, não foi admittido, & recebido pelas outras Igrejas: o que se verifica claramente em Portugal, aonde nunca os Arcebispos de Toledo forão reconhecidos por Primazes. Quanto mais que ainda que o Privilegio de Toledo fosse admittido em alguma occasião (o que se não concede) ja ha muito que está derogado, por se não usar d'elle, pois o privilegio que
- 20 por tempo de quarenta annos se não executa, fica invalido, & sem força. Allegão tambem certas nullidades no privilegio do Papa Urbano concedido a Toledo, por lhe faltar era, subscripções, & outras solemnidades com que fica perdendo o valor, & não pode dar aução alguma à Primazia.

CAPITULO XIX.

Em que se prosegue a mesma materia da Primazia, & se mostra como pertence ao Arcebispo de Braga.

ALGUNS Auctores doutos, que escreverão ha pouco sobre a Primazia de Toledo, vendo a força destas ultimas razões que se apontão pela Igreja de Braga, não querem desistir do direito que Toledo pode ter à Primazia pela antiguidade. Para o que dizem que Santo Eugenio não foy o primeiro Arcebispo de Toledo, mas Santo Elpidio discipulo do Apostolo Santiago, & querem que o mesmo Apostolo indo em pessoa a Toledo, fizesse a Igreja desta cidade Primaz de toda Espanha. Em favor desta opinião citão a Dextro, & outros Auctores antigos, que pouco ha se divulgarão. 10

E quanto ao fundamento do privilegio, por que tambem querem que Toledo goze a mesma dignidade, dizem que não sò o Papa Urbano o concedeo àquella Igreja, mas declarou competirlhe de tempo antigo, o que confirmarão alguns Pontifices seus successores, ficando com isto os Metropolitanos de Espanha sogeitos ao Arce-

Fr. A. Brandão; Tom. I. N bis-

bispo de Toledo, como se vio em algumas acções particulares, qual foy a deposição de Mauricio Arcebispo de Braga, feita por Dom Bernardo Arcebispo de Toledo, & a obediencia que deu ao Arcebispo de Toledo Dom João Arcebispo de Braga.

10 Ultimamente querem, que no Concilio Lateranense em tempo do Papa Innocencio Terceiro vencesse o Arcebispo de Toledo nesta causa da Primazia aos demais Metropolitanos de Espanha, com o que se lhe confirmou de todo esta dignidade. Estes são os principaes fundamentos (deixando outros de menor importancia) com que o Doutor Dom Thomaz Tamayo, Chronista de S. Magestade, confirma a Primazia de Toledo no livro que fez em defensão de Flavio Dextro. (a)

20 Não se poderá responder com a particularidade que a materia requiere, mas brevemente se dará satisfação a tudo. E em primeiro lugar digo, que não deixa de ser grande indício da pouca justiça que Toledo tem nesta causa, não poderem os Auctores que a defendem, tomar assento no fundamento della. Porque huns pretendem provar que a Primazia de Toledo foy desde tempo dos Apostolos, outros querem que

(a) O Doutor D. Thomaz Tamayo em o livro da defensão de Flavio Dextro.

que seu principio fosse do tempo delRey Recharedo. E outros finalmente reprovando estas opiniões , & mostrando como o Prelado de Toledo muito tempo não teve alguma preminencia , assinaõ o principio da dita Primazia do tempo em que a cidade de Toledo se ganhou aos Mouros. E posto que o Doutor Dom Thomaz Tamayo trabalha por reduzir estas opiniões a concórdia , bem se deixa ver a variedade dellas. Sò os Auctores que defendem a Primazia de Braga seguem o mesmo fundamento uniforme , & constantemente , & dizem ser sua Primazia desdo tempo que vindo Santiago a Espanha poz nella o primeiro Bispo de toda esta provincia , o qual foy São Pedro de Rates.

E esta mesma verdade deixou escrita Flavio Dextro , Auctor em quem se fundão os defensores de Toledo , porque tratando da vinda do Sagrado Apostolo a Espanha , diz , que ordenou em Braga o primeiro Bispo , *Bracharæ primum reliquit Episcopum* , o que não quer dizer (como alguns erradamente interpretão) o primeiro Bispo dos que ouve sò em Braga , pois não era necessario declarar-se isto , quando Santiago o nomeava , antes do qual não podia aver Bispos : mas pela palavra , *primum* , quiz dar a entender , que São Pedro de Rates

foy o primeiro Bispo que o Santo Apostolo fez em toda a Espanha. O que se confirma mais do intento do mesmo Auctor, pois para provar que Espanha foy a primeira provincia de Europa que recebeo a Fè, traz que Santiago vindo a ella ordenou o primeiro Bispo em Braga.

10 Confirmase mais esta verdade do que refere o mesmo Auctor tratando dos outros Bispos que Santiago fez em Espanha, porque avendo de os nomear, põe em primeiro lugar São Basileu; segundo Arcebispo de Braga, successor de S. Pedro; de sorte que quando trata dos primeiros Bispos de outras cidades de Espanha, huma das quais era Toledo, ja falla em segundo Bispo de Braga, & suppõe o primeiro.

20 A razão fundamental de competir a Primazia de Espanha à Igreja de Braga se colhe da instituição de São Pedro, & dos mais Apostolos, os quais todos mandarão, & ordenarão, que as Primazias das provincias se fundassem nas cidades que entre os gentios erão mais famosas, & cabeças no temporal das outras terras pela razão que ja temos allegado. E como Braga em Espanha era huma das principais, ou a mais principal Chancellaria dos Romanos, & a primeira em que se promulgou a fè Catholica, claro està que nella se avia de fundar a Primazia.

Não

Não satisfaz quem diz ser Toledo cidade mais acomodada , por estar em meyo de Espanha , porque as terras se não escolhião para Primazes pelo lugar que occupavão , senão pela grandeza , & preminencias que dantes tinham. Toledo era naquellè tempo huma cidade piquena (como diz Plinio) de pouco nome , & reputação entre os Romanos , pois assentando em Espanha algumas Chancellarias , ou Conventos juridicos , não escolherão Toledo para nenhum delles. Braga era Convento juridico , huma das insignes cidades que então avia , illustre por antiguidade , vitorias , & riquezas , como sabem todos os que tem alguma noticia das antiguidades de Espanha ; pelo que a ella se avia de dar a Primazia conforme o mandado de São Pedro , & dos mais Apostolos , & não a Toledo. 10

Menos foge à força deste argumento , quem diz se deu a Primazia a Toledo , por aver então nella Sinagoga de Judeus ; & porque podia aver competencia entre as cidades de Espanha , que erão Chancellarias , à qual dellas se avia de dar. Primeiramente o aver Sinagoga em alguma cidade fazia pouco ao caso para este intento , quando se tratava do promulgação da Evangelho , feita principalmente ao povo gentio , & assi declarou o Papa Lucio expressamente ,
que 20

que os Primazes fossem aquelles que em tempo dos gentios erão cabeças nos negocios da Republica , & para cujas cidades se appellava como supremo tribunal. E bem mostrou o Apostolo São Pedro na eleição que fez para a cadeira do Summo Pontificado , primeiro em Antiochia cidade principal de Syria , & despois para Roma cabeça da gentilidade , & do mundo todo :
10 que de outro modo mais facil lhe fora deixar sua cadeira em Jerusalem cabeça da Sinagoga.

A contenda das outras Chancellarias de Espanha facilmente se evita com dizermos , se fundou a Primazia naquella cidade , que era a principal de todas ellas ; & sobre tudo naquella que foy tão venturosa , que recebeu primeiro a doutrina Evangelica , & teve primeiro Bispo ordenado pelo Aposto-
20 lo Santiago.

Outro fundamento ha contra estes mesmos Auctores de grande efficacia , & he que a cidade de Toledo , ou fosse seu primeiro Bispo Santo Elpidio como diz Dextro , ou Santo Eugenio , como até agora se teve por cousa certa , tão longe esteve de ser Primaz em o tempo da primitiva Igreja , que nem a dignidade de Metropolitana pôde alcançar : pois esteve muitos annos so-
geita à Igreja de Carthagená , até que por
de-

decreto particular de Gundemaro Rey Godo, se fez Metropoli, ordenandose que o Prelado de Toledo fosse dahi em diante superior dos Bispos, que até então erão subditos de Carthagena. E esta he a principal causa, por que alguns Auctores doutos, que defendem as partes de Toledo, recorrem a privilegio, vendo que na antiguidade não podem achar fundamento.

Porem nem este segundo recurso lhes 10
pode valer, como ja no capitulo passado fica tocado; pois nem o dito privilegio podia prejudicar a quem tinha a justiça, nem foy alguma hora admittido, principalmente em Portugal, alem de outras inhabilidades que ja ficão allegadas. E faz pouco ao caso dizer o Papa nelle, que a Primazia pertencia a Toledo de tempos antigos, pois he certo que seguio nisto a proposta, & allegações que por parte de Toledo 20
lhe seriam feitas. Os Arcebispos de Braga nunca reconhecerão ao de Toledo por Primaz, & quanto a deposição de Mauricio, & sogeição de João que se aponta, feita ao Arcebispo de Toledo, seria como a Legado do Papa, porque o era naquelle tempo. E para que se veja como só esta preminencia tinham então os Arcebispos de Toledo sobre os de Braga, & que os mesmos que dizem lhes concederão a Primazia-

mazia , entendião isto assi , me pareceo referir o Breve seguinte do Papa Pascoal Segundo , o qual tirado fielmente do livro Fidei da Sè de Braga diz assi. (a)

10 *P. Episcopus servus servorum Dei , venerabili Fratri Bernardo Toletano Archiepiscopo , Apostolicæ Sedis Legato , salutem , & Apostolicam benedictionem. Pro injuriis confratris nostri Mauricii Bracharensis Episcopi fraternitatem tuam sæpè monuimus , sed adhuc à te vehementer gravari conqueritur. Colimbriensis enim Episcopi obedientiam ei contra Romanæ authoritatis privilegia subtraxisti. Item in Lucensi Ecclesia ad ejus Metropolitim pertinente , Episcopo præter judicium ejeçto , subordinari alium præcepisti. Id ipsum in monasterio B. Petri de Monte factum conqueritur. Bracharensis Eccle-*
 20 *sie bona ab aliis distrabi consensisti , & ipse cum familiaribus tuis mora diutina consumpsisti. Per totam provinciam invito , & ignorante eo potestatem tuæ voluntatis exerces. Asturicensis Ecclesiæ parochiam , ut Salmantinam augeres , invito eo imminuisti. Nos autem in his vehementer Regni perturbationem , & dignitatis tuæ gravedinem , infirmitatisque pensamus: idcir-*

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

idcirco te ab injuncta super Archiepiscopum, & provinciam Bracharensem cura legationis absolvimus, ut liberius ipse valeat in provincia sua justitiam suam exercere. Datum Agnaniæ 3. Non. Novembris. Traduzido em nosso vulgar quer dizer.

Pascoal Bispo servo dos servos de Deos ao veneravel irmão Bernardo Arcebispo de Toledo, Legado da Sè Apostolica, saude, & benção Apostolica. Muitas vezes vos avemos amoestado acerca das injurias feitas a nosso irmão Mauricio Bispo de Braga, porem ainda que agora se queixa que he de vos gravemente oprimido, porque contra os privilegios que goza da Igreja Romana, lhe tirastes de sua obediencia o Bispo de Coimbra. Tambem na Igreja de Lugo, a qual he de sua Metropoli, fizestes eleger novo Bispo, excluindo o antigo, sem preceder forma juridica. O mesmo diz que se fez em o Mosteiro de S. Pedro de Monte. Mais consentistes em a dissipação dos bens da Igreja de Braga, & vòs mesmo com gente de vossa casa os ajudastes a consumir, fazendo detença demasiada naquella terra. Exercitais nossos poderes como quereis em toda aquella provincia, sem lhe dar conta de cousa alguma, & ainda contra sua vontade. Assi mesmo contra seu pa-

10

20

parecer diminuistes os limites da Igreja de Astorga por acrescentar a de Salamanca. Nós em tudo isto considerando não só a perturbação do Reyno, mas também vossa muita idade, & falta de saude, por tanto vos desobrigamos do officio de Legado que tinheis sobre a Igreja, & provincia de Braga, para que o dito Arcebispo possa usar com mais facilidade do que for justiça em sua provincia. Dado em Agnania a 3. das nonas de Novembro.

Bem se deixa ver do termo desta Bula como o poder do Arcebispo de Toledo Dom Bernardo sobre Braga era somente de Legacia, pois só nelle falla o Summo Pontifice, quando isenta a Igreja de Braga da de Toledo. E se ouvera outra subordinação entre estas Igrejas, & Prelados dellas por respeito de Primazia, ou outro qualquer, não ha duvida que a declarara o Papa nesta occasião para a confirmar, limitar, ou annullar como lhe parecesse. Mas dizendo absolutamente que absolvía o Arcebispo de Toledo dos poderes que tinha sobre a Provincia, & Igreja Bracharense, & declarar serem estes os da Legacia, he sinal manifesto que não avia outros: & mais deve-se considerar, que este mesmo Pontifice he hum dos que concederão a Toledo a Primazia, segundo affirmão os Auctores da opinião

nião contraria, & Dom Bernardo o mesmo Prelado, a quem dizem foy concedida esta preminencia. Pelo que supposto que este Papa só em poderes de Legacia falla, estes somente se devem conceder a Toledo; & fundado nelles poderia seu Arcebispo em alguma occasião nomear Prelado em Braga. E quanto à deposição de Arcebispo Mauricio, a qual se lhe attribue, claro he pertencer à Sè Apostolica, & executar-se por seu mandado, quando este Prelado ambiciosa, & inconsideradamente se consintio acclamar Pontifice com o favor, & violencia do Emperador Henrique Quinto. 10

Ao que ultimamente se pretende, que o Arcebispo de Toledo venceo em demanda que corria sobre a Primazia aos demais Metropolitanos de Espanha, digo que a causa não ficou determinada, mas indecisa. Assi o confessa o Doutor João de Mariana no livro 12. cap. 4. posto que em o cap. 9. do livro 19. diz o contrario. Mas não obstante esta variedade, o mostraremos em o tempo do Papa Innocencio III. & do Concilio Lateranense, do qual avemos de apontar algumas cousas, & assi por ora devem bastar na materia presente as que deixamos escritas; as quais não quero que valhão mais, do que julgarem os 20

os mais doutos, & acreditar a mesma verdade da causa, a qual sò se pretende.

CAPITULO XX.

*Como o Conde Dom Henrique reprimio
certa rebellião dos Mouros de Lame-
go, & repartio as terras desta
comarca por alguns Ca-
valleiros.*

1102. **G**OVERNAVA neste tempo o impe-
rio dos Arabes de Africa & Espanha
Joseph Aben Texefin Rey dos Almoravi-
des, poderoso em forças, & numero de
vassallos, & espantoso pela grande prospe-
ridade com que tinha dilatado seu Reyno.
Os annos atraz passàra com exercito a Es-
panha, aonde fez & recebeo damnos con-
forme a seu grande poder, & ao valor dos
10 Espanhoes que o contrariavão. Naquella oc-
casião se fez reconhecer dos Reys Mouros
de Espanha, que alguns com a gloria, &
appetite de mandar (que não admitte com-
panhia) se tinhamo rebellado de antes aos
Principes de Africa mais poderosos. Fica-
rão com tudo alguns destes Regulos meno-
res sogeitos aos Principes Christãos, os quais
ganhandolhes as terras, os deixavão viver
nellas com imposição de tributos por não
aver

aver gente Christãa de que podesse ser habitada.

Hum Rey de Lamego a quem os Reys de Leão sogeitarão por força de armas (ou decendente daquelle que em tempo delRey Dom Fernando perdera o dominio daquellas terras) tributario do Conde Dom Henrique, & seu vassallo, se rebellou neste anno; & com exercito de infieis entrou pelas terras dos Christãos fazendo grandes males. 10
Acudio o Conde Dom Henrique de Guimarães onde então estava, com a gente de guerra que a brevidade do tempo, & necessidade do caso requeria, & veio buscar o inimigo aonde soube que andava. Encontrou em huns valles junto de Arouca, posto em boa ordem com sua soldadesca, a bagagem, & prisioneiros no recosto de hum monte aspero, quais ha por aquella terra, retirados a lugar seguro. Alojou nosso Principe seu campo no mesmo valle não longe dos contrarios, & dando a seus Capitães a ordem que lhe pareceo conveniente, acometteo despois os inimigos, & peleijarão os Portuguezes com tanto esforço, que a pesar da brava resistencia dos contrarios os romperão, & cativarão o Rey, alcançando tambem vitoria da gente que com os prisioneiros se retirara ao lugar mais forte. 20
Hum dos Capitães que neste feito deu maiores
res

res mostras de seu esforço, foy Egas Monis, Aio pelo tempo adiante delRey Dom Afonso Henriques, & grande columna do Reyno de Portugal em seus principios. A memoria que ficou deste successo diz o Padre Fr. Bernardo de Brito que vira em Escritura original do Mosteiro de Arouca; (a) eu alcancei sò o treslado della em huns cadernos que continhão algumas cousas daquela Casa. (b) E diz assi traduzida do Latim.

10 *Eu Henrique Conde dos Portugurzes juntamente com minha molher a Rainha Dona Tareja, filha de Dom Afonso illustre Emperador das Espanhas, faço Carta de firmeza, & segurança a Echa Martin senhor de Lamego, a qual ninguem depois de nós possa violar, nem quebrar, mas conforme as leis dos Godos seja tão firme esta doação, como se fora venda,*
 20 *a qual lbe faço da terra de Lamego, como a elle sempre possuio, por lbe vir de seus antepassados que abi reinarão. E porque eu o venci detras do Monte Fuste no valle de Arouca, junto ao rio Alarda, & o predeo abi o bom cavalleiro, & rico homem Egas Moniz, & cativou Axa-Anzures, lbe dou para sempre, & a seus decendentes (se forem fieis) o lugar de*
 La-

(a) Britto na Chron. de Cister. lib. 5. cap. 1.

(b) Archivo do Mosteiro de Arouca.

Lamego com toda a sua jurdição, & elle nos pagará cada anno a quadregesima parte das rendas de sua terra. E à nossa conta ficará defendelo de seus inimigos, & à sua goardar a fidelidade, & bom animo que nos deve. Feita em Guimarães na Era de 1140. (he anno de 1102.) aos 13. de Novembro. Seguemse as firmas do Conde, da Rainha sua molher, & de alguns senhores.

10

Esta doação de que consta o successo atraz referido, fez o Conde Dom Henrique a este cavalleiro Mouro despois que se persuadio a receber a agoa do santo Bautismo, para que constasse à gente pagãa a estima em que se tinham as pessoas de qualidade convertidas, & assi não duvidassem alguns por esta via de deixar sua falsa seita; lanço verdadeiramente de Principe Christão, & que zelava a propagação da Fè, & dilatação da Christandade, no qual deve ser imitado de seus decendentes. Comtudo como não fosse aprazivel aos outros Mouros a mudança da crença deste, ainda que no principio dissimularão, despois levantarão tantas alterações, que foy necessario reprimilas por força de armas, & acudio a isso outra vez o Conde Dom Henrique: & sogeitando os rebellados, repartio por alguns Fidalgos as terras da commarca de La-

20

Lamego, para assi tirar aos Mouros a esperanza de outra rebelião, & segurar aquellas terras. Refere estas cousas mais largamente o Doutor Frey Bernardo no lugar apontado, & sem falta as deduzio de hum livro de mão antigo de Salzeda, Mosteiro principal de nossa Ordem, do qual ponho sò o treslado da palavras, que fazem em confirmação desta historia. (a)

10

In nomine Domini Amen. Quem quiser saber, donde esta terra foy povoada, que era toda de Mouros do Douro aquem. Filhou o Conde Dom Henrique a hum Eycha Martim, que era Mouro, & era Rey de Lamego, & desta terra toda, & fezese Christão, & fezeo Dom Henrique cavaleiro, com outros muitos Ricos homens que vierão das Esturias. Era ende hum Egas Moniz, que se vê casado com Meana Dona Tareja, que fez a Salzeda. E Dom Henrique por se filhar melhor com os Mouros, leixoulhes aver quanto filhavão, & coutavalho, & assi fez a Dom Garcia Rodrigues, & a Dom Paiam seu irmão, que lhes coutou o couto de Liomil, que filharão a Mouros. Dom Egas Moniz, quando filhou esta terra aqui,
to-

20

(a) Livro antigo das Doações do Mosteiro de Salzeda.

toda pobrou logo Britiande , & fez abiz quinta , & morada , &c.

Vay continuando a relação com a descendencia de hum cavalleiro da casa de Egas Moniz , por nome Paio Cortez , o qual fez assento na quinta de Gouveães , & acaba : *Fuit scriptum Idus Octobris , Era M. CCC. XIII. Frey Estevão de Villachã me fecit.*

Com esta Escritura , que passa ja de 10 trezentos annos , se confirma parte do que neste capitulo escrevemos. E a quem occor- 10
rer serem estas terras da comarca de Lamego ja dantes ganhadas aos Mouros , pois segundo algumas Historias de Espanha , a quem segue o Compendio da dos Godos , as conquistou elRey Dom Fernando no anno do Senhor de 1047. se pode responder , (a) que neste anno seria a primeira conquista , & em tempo do Conde Dom Henrique socce- 20
deria a reduccão dos levantados , & a ultima sogeição em que ficarão os Arabes , quando se repartirão aquellas terras pelos Senhores Portuguezes.

Fr. A. Brandão; Tom. I. O CA-

(a) *Epit. da Histeria dos Gedos escrita de mão.*

CAPITULO XXI.

Da nobreza de Egas Moniz , & de outros Fidalgos. Tratase que cousa era antigamente Rico Homem.

E Porque em ambas estas Memorias de Salzeda , & de Arouca vemos feita menção do insigne Cavalleiro Egas Moniz , com quem avemos de encontrar por vezes na historia dos annos seguintes , será bem darmos huma sumaria noticia delle , & de sua familia. (a) Diz o Conde Dom Pedro , que em tempo delRey Dom Ramiro de Leão (pelas circunstancias que concorrem , se tem
10 que era o terceiro) veyo de Gascunha a Portugal hum Capitão illustre chamado Moninho Viegas , & aportando na foz do rio Douro , teve grandes batalhas com os Mouros , que então occupavão aquella terra , & com insignes victorias a foy livrando de suas mãos , & restituiu ao poder dos Christãos. Vinha com elle hum seu irmão , chamado Dom Sisnando , segundo diz o mesmo Conde , o qual foy feito Bispo do Porto , cidade que achandose destruida , se começou então a restaurar. Vinhão mais dous filhos do
pro-

(a) O Conde Dom Pedro tit. 36.

proprio Moninho Viegas. O primeiro se chamava Dom Egas Moniz, o segundo Dom Garcia Moniz, a quem o Conde dà a alcunha de Gastos, que devia ser seu appellido. (a)

Casou Dom Egas Moniz o Gasto com Dona Toda Ermigues Alboazar, decendente delRey Dom Ramiro de Leão; delles naceo Ermigio Viegas, o qual teve por filho a Moninho Ermigues, pay de Egas Moniz, de quem tratamos, & a quem o Conde Dom Pedro dà titulo de Honrado, & bemaventurado, & se nomea tambem de Riba de Douro, como seu irmão Mem Moniz, por respeito das terras que possuirão nesta comarca. 10

Advirto na decendencia destes Fidalgos os sobrenomes patronimicos de que usavão, donde se infere que o appellido de Monizes não era naquelle tempo mais que patronimico, & assi não podia ser proprio a geração alguma. Enganarãose nossos Auctores em cuidar que Mem Moniz, & Martin Moniz, de que fazem memoria na batalha de Ourique, forão filhos de Egas Moniz; porque (como mostraremos em outro lugar) todos os filhos de Egas Moniz tiverão o sobrenome de Viegas, que he o pa- 20

O ii

tro-

(a) Alguns escrevem Gascos, mas nos livros mais correctos do Conde Dom Pedro se nomeão Gastos.

tronimico de Egas. Não pretendo pelo dito excluir da successão deste Fidalgo alguns que ainda conservão seu appellido : mas declarar sòmente como naquelle tempo não erão estes sobrenomes de familia , senão patronimicos , que sò dos pais se derivavão , pelo discurso de annos se poderião perpetuar em algumas gerações , que tudo o tempo muda.

10 Nomease na Escritura de Arouca Egas Moniz por Rico homem , & pois he a primeira vez que encontramos com esta dignidade , não será fora de nosso argumento , se dissermos brevemente que cousa era.

20 Algumas pessoas doudas se persuadem , que o nome de Ricos homens (o qual se começou a usar em Espanha em tempo dos Godos) (a) se attribuiu primeiro aos que descendem de sangue Real , por quanto entre os Godos ouve muitos Reys , cujos nomes acabavão nesta dição , Ricos , como Amalaricos , Euricos , Theodoricos , &c. & depois se foy ampliando a outros nobres , que em paz , & guerra se mostrarão mais assinalados. (b) Outros Auctores se não cansão em derivar a etymologia deste nome mais que da riqueza , a qual em todas as idades foy

(a) *Jeronymo Blanc. nos Comment. de Arag. tit. de optimat.*

(b) *Idem ubi sup.*

foy sempre auctorizada. (a) Tivesse o nome de Ricos homens qualquer destes principios, o certo he que por elle se significava antigamente huma grande excellencia, muy semelhante à da grandeza que hoje tanto se estima em Espanha. E ja com estes nomes de Proceres, & Magnates acho eu nomeados em Escrituras antigas os Ricos homens daquelle tempo. No juramento delRey Dom Afonso Henriques sobre a visão do Salvador do mundo no Campo de Ourique se chamão Magnates, *Cum reliquis Magnatibus Regni mei.* (b) Em humas Cortes que elRey Dom Afonso Terceiro celebrou em Leiria no anno de 1254. se nomeão Proceres. *Celebravit Curiam apud Leirenam mense Martii cum Episcopis, atque Proceribus.* Isto he, que fez elRey Cortes em Leiria no mez de Março com os Bispos, & Grandes. Hum titulo, & outro dà elRey Dom Sancho Segundo aos Ricos homens de seu Reyno em a doação da villa de Mertola, feita a Dom Paio Peres Corrêa Commendador de Alcacer (despois foy Mestre da Ordem de Santiago) & são suas palavras. *Notum sit omnibus has litteras inspecturis, quod ego Sancius Secun-*

(a) Gudiel. c. 2. na genealog. da casa de Ossuna.

(b) Archivo Real no liv. das Foraes & Doações del-Rey Dom Afonso III. fol. 6.

cundus Dei gratia Portugalliae Rex de mea bona, & libera voluntate, & de consensu, & auctoritate meorum Procerum, & Magnatum &c. (a) Quer dizer : Seja notorio a todos os que virem esta Carta, que eu Dom Sancho Segundo por graça de Deos Rey de Portugal, de minha boa, & livre vontade, & de consentimento, & auctoridade de meus Proceres, & Magnates, &c. Mostra esta Escritura ser feita em Lisboa a 16. de Janeiro da Era de 1277. que he o anno de Christo de 1249.

ElRey Dom Afonso o Sabio declara no livro das Partidas, que Ricos homens, segundo o costume de Espanha, erão Barões, ou Condes. (b) Mas nem parece que estas dignidades tinham a mesma igualdade, como nem os nomes erão convertiveis, pois avia Ricos homens sem ser Condes, & nas doações em que confirmão os Ricos homens, precedem os Condes, como temos observado nas Escrituras; & por outra parte Barões erão os que possuião Baronias, & podia soceder aver alguns senhores de terras sem a preminencia de Ricos homens, como bem advirtio Jeronymo Blancas. (c) Com tudo como aos Ricos homens erão dadas

(a) No mesmo livro fol. 147.

(b) Alfonso X Rey de Castilla, ley 10. tit. 25. p. 4.

(c) Blanc. ubi sup.

das Baronias , que erão terras de que colhião rendas para sustentação de seus vassallos , & a dignidade de Condes parece que incluia a de Ricos homens , com razão disse elRey que os Ricos homens erão Barões , ou Condes.

Chamavãose Ricos homens de pendão , & caldeira , porque trazião pendões nas guerras , a que obedecião muitos Nobres seus vassallos ; & a caldeira era por respeito do mantimento que lhes davão. Erão do conselho dos Reys : & por seu parecer se fazião as cousas de mais importancia da Republica. Tinhão auctoridade para ajudar com seus vassallos os Reys estranhos , quando no Reyno não era necessaria sua assistencia : & o que mais he , podião fazer guerra a seus Reys proprios em certos casos , sem disso resultar damno , ou infamia a seus parentes. Seus vassallos , & particularmente os lavradores de suas terras , tinham grandes isenções , porque convinha não faltarem as rendas àquelles , que sempre devião estar preparados para as guerras com grande numero de vassallos ; mas não erão obrigados a ir a ellas , senão quando elRey hia em pessoa : o que seria ordinariamente , pelas muitas em que os Reys daquelle tempo se achavão. Finalmente era tanta a auctoridade de Ricos homens , que
seus

seus filhos erão chamados algumas vezes Infantes, como os filhos dos proprios Reys, & aos descendentes dos Ricos homens querem alguns que se attribuisse o nome de Infanções, que he diminutivo de Infantes, em que se denotava outra dignidade preminente do tempo antigo, posto que inferior à de Ricos homens.

10 Durou esta em nosso Reyno, segundo tenho advertido das Escrituras, até o tempo delRey Dom Afonso o Quinto, em que se multiplicarão notavelmente os titulos de Duques, Marquezes, Condes, que hoje permanecem, & assi foy esquecendo o de Ricos homens, que tanto se continuava no outro tempo. Não se derivava esta preminencia muitas vezes pelos descendentes, mas erão necessarios merecimentos pessoaes, ou favor do Principe; com tudo nos filhos de Egas Mo-
20 niz a vejo sem interrupção, donde se colhe bem a grande estima com que foy tratado este insigne varão, & todas suas cousas. De sua decendencia se tratarà adiante.

De outros dous Fidalgos se faz menção na memoria referida do Mosteiro de Salzeda, que são Dom Garcia Rodrigues, & Dom Paiam. (a) Tambem na Torre do Tombo em hum livro de inquirições antigas

(a) Na Torre do Tombo no livro dos Feraes de leitura nova.

gas se falla nelles. E Garcia Rodrigues confirma, como Rico homem no Foral de Ferreira concedido pela Rainha Dona Tareja em o anno do Senhor de 1126. (a) E noutra doação, que faz a mesma Rainha a Garcia Garces, & a sua molher Eloira Mendes do anno de 1128. cujo original vi em São João de Tarouca, Mosteiro principal de nossa Ordem.

Ha tradição que de Garcia Rodrigues decende hum Ramo dos Fonsecas, & delles os Coutinhos, & não ha duvida que os Condes de Marialva (principal casa dos Coutinhos) se intitularão senhores do Couto de Leomil, & o possuirão, como vi em Escrituras autenticas, por onde se faz muy provavel, que descendião de Garcia Rodrigues, a quem foy dado primeiro aquelle Couto. Permanecem ainda desta familia as casas titulares do Redondo, & do Marichal do Reyno, & muitas outras illustres, & ricas, & he huma das que tem dado mais sogeitos insignes, principalmente em armas. As de seu brazão são cinco estrellas de vermelho com cinco pontas cada huma postas em aspa, & por timbre hum Leão pardo vermelho com huma estrella de ouro na espadoa, armado de amarello.

Dos

(a) Cartorio de S. João de Tarouca.

Dos FONSECAS não ficou casa titular neste Reyno (posto que ha alguma nobreza) por se passar a Castella a principal decendencia no tempo das guerras delRey Dom João o Primeiro. Lá fundarão a casa dos Marquezes de Orelhana, & outros morgados, & casas ricas. Trazem os FONSECAS por armas as mesmas dos Coutinhos, & por timbre hum Touro vermelho, com os cornos, 10 & unhas douradas, & huma estrella de ouro na espadoa.

CAPITULO XXII.

Da jornada que fez o Conde Dom Henrique à Terra Santa. Tocãose algumas cousas que socederão em Palestina, & como o Conde tornou a seus Estados.

ESTA foy huma das cousas que pretendeo reformar Duarte Nunes em seus escritos, parecendolhe desacerto fazer ido o Conde Dom Henrique à guerra de Syria, em tempo que tinha tantas com os infieis de Espanha. (a) Confirma seu pensamento, em ser esta a occasião de mayor perigo, por causa do cerco que os Mouros vierão pôr

(a) Duarte Nunes na vida do Conde Dom Henrique.

pôr a Lisboa em o mesmo tempo que fazem o Conde ausente de suas terras; & que contrarião a esta jornada muitas doações que ha em Portugal em todos os annos do governo do Conde; & assi se mostra sua assistencia em Espanha em todo este tempo. Diz mais não ser possivel sendo a ida do Conde certa, que os Auctores estrangeiros, os quais tratão particularmente a conquista de Jerusalem, & nomeão os senhores principaes della, não fizessem memoria de hum Capitão tão illustre, como era o Conde Dom Henrique. Confirmase mais neste parecer, porque quando o Conde intentara semelhante jornada, o proprio Rey Dom Afonso seu sogro, a ouvera de impedir, vendo ser erro manifesto buscar os inimigos de longe, deixando os de casa, com quem a guerra não era menos honrosa, sendo de mayor importancia.

Persuadem a ida do Conde Dom Henrique a Jerusalem primeiramente a tradição recebida em tanto numero de annos, como ha de seu tempo até o nosso. As Chronicas de mão que temos escritas de nossos Principes, os livros da Historia de Portugal divulgada por nossos Auctores, & muitos dos estranhos, que a caso tocarão este ponto. Porem com serem todos concordes em affirmar esta jornada do Conde, não con-

convem em assinar o tempo, nem circumstancias della.

Huns dizem, que a ida do Conde Dom Henrique foy no tempo da primeira expedição, quando se ganhou aos infieis a Santa Cidade de Jerusalem; & nesta conformidade affirma hum Auctor, (a) ser o Conde Dom Henrique hum dos doze Capitães, que o Papa Urbano Segundo nomeou para aquella empresa; & conclue, que no fim do anno de 1099. estava ja o Conde em Espanha victorioso daquella conquista: & ainda diz, que se a idade delRey Dom Afonso Henriques, que chegou a 91. annos, & o nascimento, que foy no anno do Senhor de 1094. não estiverão de por meyo, ouzàra affirmar com os fragmentos de huma Chronica antiga, que o anno referido de 1099. foy o primeiro em que o Conde Dom Henrique entrou em Espanha. No qual ponto eu lhe concederia facilmente não ser certo o que se diz do nascimento, & tempo de vida delRey Dom Afonso, negando a conclusão que pretende da primeira vinda do Conde.

Outros Auctores affirmão, que a ida do Conde a Jerusalem foy no anno de 1103. depois de ser ganhada esta cidade; quando

(a) *Faria no epit. da Hist. Lusit. p. 3. c. 1.*

do Guido de Lusinhano , & outros Príncipes do Norte forão socorrer os Christãos de Palestina , & dar ajuda aos novos conquistadores daquella terra. (a) Esta opinião me parece mais provavel , porque primeiramente sabemos , que neste anno forão alguns Portuguezes à Terra Santa. (b) No livro dos testamentos de Santa Cruz se refere , que indo a Jerusalem o Arcediago de Coimbra Dom Tello , era muy estimado do Bispo de Coimbra Dom Mauricio , em cuja companhia foy , & tinha particular cuidado da Corte , & do mesmo Bispo , por espaço de tres annos que durou a viagem. E que esta jornada do Bispo de Coimbra fosse no anno que dizemos se colhe provavelmente de dous lugares. (c) O primeiro he de huma doação de Arouca ja referida , de que consta ser a morte do Bispo de Coimbra Dom Cresconio antecessor de Mauricio no fim do anno 1098. & assi não poder succeder antes deste tempo Dom Mauricio : & não parece verisimil , que sendo eleito se fosse logo a Jerusalem , pois devia compôr primeiro as cousas de seu Bispado. O segundo lugar he de huma Escritura do livro das Doações de Coimbra , na qual se re-

10

20

(a) *Chronic. escrita de mão delRey Dom Afonso I. c. 4.*
 (b) *Liv. dos testament. de S. Cruz de Coimb. no princ.*
 (c) *Cap. 7.*

refere certo castigo que o Bispo deu quando veyo de Syria a hum homem de seu Bispa-
do, o qual em sua ausencia commettera gra-
ves insultos. (a) Diz a Escritura. *Munio*
Ferrarius de Paradella postquam Dominus
Mauricius Episcopus Hierosolymam per-
rexerat, dissentionem, & vastationem in
villa prædicta, & Sever per se, & con-
silio suo operatus est, & de illo cellario
10 *multa diripuit; unde prædictus Episcopus*
ut reversus hæc experimento cum didicit
nimum indignatus, &c. E remata. *Fa-*
cta roborationis Carta III. Kalendas Ju-
nii Era I. C. xvi. Quer dizer o que ja te-
mos apontado; poreo o que mais nos ser-
ve he, que se fez aquella Escritura em tres
das Calendas de Junho da era de 1146.
que vem a ser trinta de Mayo do anno de
1108. quando o Bispo Dom Mauricio ti-
20 nha vindo de Jerusalem, & depois de sua
chegada mandara tirar inquirição, prende-
ra aquelle homem, & finalmente lhe per-
doara: o que tudo mostra ser sua partida
para a Terra Santa no anno do Senhor de
1103. & não antes, nem depois; porque
se deve suppôr (como atras fica provado)
que gastou tres annos na viagem, & que tan-
to que veio entendeo naquelle negocio.

Que

(a) Livro das Doações de Coimbra. fol. 169.

Que o Conde Dom Henrique fosse à terra Santa neste tempo , parece que se colhe daquella palavra do primeiro lugar referido , em que se mostra que avia Corte na companhia do Bispo Dom Mauricio , *totius Curiae*. Fazem em confirmação algumas memorias antigas , & principalmente huma do Mosteiro de Catedo Bis-pado do Porto , em que se declara que fez o Conde Dom Henrique viagem à Terra Santa no anno de 1103. Nem contra esta resolução tem muita força os argumentos de Duarte Nunes ; o primeiro , porque nestes annos não esteve Lisboa cercada ; o segundo , porque não ha Escrituras que convenção a assistencia do Conde em Portugal , ainda que se fizesse alguma em seu nome , como de senhor da terra. O terceiro , porque a jornada do Conde seria por mar , & não em companhia dos outros Principes , & assi não he muito faltar o seu nome entre elles , & mais indo de Espanha , donde acudia por causa da guerra dos Mouros pouca gente áquella empresa. O ultimo , da pouca conveniencia desta ida , porque nem sempre se executa o que parece de mais prudencia , & mais porque não sabemos de todas as razões que então averia , & se antecedeo obrigação , ou voto para se fazer esta jornada. E assi supposta ella recorramos

mos aos sucessos da Christandade daquellas partes.

Era fallecido o inclito Rey Gotfredo, do anno de 1100. tendo gastado o breve tempo de seu Reinado, em reedificar a cidade de Joppè, & assentar as cousas com geral satisfação. (a) Entrou em seu lugar Balduino seu irmão, & companheiro na jornada, o qual com algumas victorias tinha reprimido os Ascalonitas, & outros infieis que vivião alem do rio Jordão, & conservava o Reyno com reputação, & honra. Mas faltavão ja muitos dos soldados, & importava para as conquistas restaurarse em breve o numero delles. Sobreveo a bom tempo socorro de França, Hugo o grande irmão del Rey Philippe, o qual segunda vez emprendia esta jornada. Estevão Conde de Bles, outro Estevão Conde de Borgonha, Guido de Lusinhano irmão do Conde de Tolosa, & outros senhores, os quais todos partirão no anno do Senhor de 1103. (b) Não foy tão prospera esta viagem como se esperava; porque muitos dos Christãos perecerão às mãos dos inimigos. Attribuese à culpa de Aleixo Emperador de Costantinopla, por cuja ordem se armou cilada aos

nos-

(a) *Paul. Emil. na vida de Philippe.*

(b) *Guilhel. Tyr. liv. 10. cap. 12. P. Emil. ubi supr. Baron.*

nossos na provincia de Bythinia , se com fundamento , ou sem elle , não resolvemos. O certo he que nunca aos Gregos foy agradavel a prosperidade dos Latinos em aquellas conquistas ; & assi he possivel intentassem algumas traças pouco justificadas , para lhes impedir a corrente de suas victorias. Miseravel artificio , impedir com perfidia as obras illustres dos que se aventajão. São razões que alguns chamão de estado , porque o poder dos visinhos se não acrecenta , não vendo como saem vãos os intentos humanos , quando se oppõem à virtude , & decretos divinos. 10

O restante do exercito Latino se recolheu a Antiochia , (a) & proseguindo o caminho de Jerulasem , (b) chegou em salvo aos lugares Sagrados. (c) Tinha elRey Balduino entretanto acrecentado muito seu estado , & ganhara aos contrarios algumas forças importantes , entre as quais foy a principal a cidade de Cesarea : em cujo cerco , & combate obrarão muito os Genovezes , os quais com socorro importante tinham chegado por mar àquellas partes. Junto despois hum & outro exercito , se foy proseguindo a guerra com variedade. Em o primei- 20

Fr. A. Brandão; Tom. I. P ro

(a) *Guil. Tyr. lib. 10. cap. 15.*

(b) *Emil. ubi supra.*

(c) *Baron. & alii.*

ro recontro ficarão os nossos desbaratados, & morrerão os dous Condes de Bles, & Borgonha. Porem suas mortes forão bem vingadas dentro de poucos dias em huma cruel batalha, na qual os infieis forão vencidos, & se fez nelles grande matança.

Suppostos estes successos, & estado das cousas do Oriente, se pode presumir, que chegaria o Conde Dom Henrique na conserva dos Genovezes, & de outros Christãos, que forão por mar naquelle tempo: & conforme a esta computação se acharia na conquista de Cesarea, & de outras terras maritimas, & depois nas batalhas & recontros que ouve em terra. Porem assegurar nisto cousa certa, & declarar os companheiros do Conde, & obras particulares de seu esforço, temos por escusado: tão escura nos ficou a memoria daquelles tempos no
10 que toca a estas cousas, por a grande falta de Escretores de nosso Reyno, & por se não cansarem os estranhos mais que com o tocante a sua Nação. Dizem que da volta veo o Conde Dom Henrique por Constantinopla, aonde o Emperador Aleixo o festejou, & enriqueceo de algumas Reliquias, entre as quais lhe deu hum braço do Evangelista São Lucas, o qual se conserva ao presente na Sè de Braga. E a vinda dos Portuguezes por Constantinopla se confirma
20 com

com a relação que faz desta jornada em o livro dos Testamentos de Santa Cruz de Coimbra ; na qual se declara que se detiverão naquella cidade por espaço de meyo anno, posto que se não faz expressa menção do Conde Dom Henrique. (a)

Esta foy a primeira vez (de que nos conste) que nossos Portuguezes ajudarão por sua parte à conquista da Terra Santa. Em os annos seguintes achamos Cavalleiros particulares offerecidos ao trabalho desta guerra. E se as dos Mouros de Espanha impedirão a nossos Reys o passar a ella com seus vassallos, não tirarão o favor das esmolas , & sobre tudo a liberalidade com que enriquecerão os Cavalleiros de S. João, & do Templo para este effeito , & ainda os admittirão em seu Reyno logo em seus principios. 10

Não me consta que ouvesse guerras em Portugal na ausencia do Conde , & a algumas que se offerecessem acudirião os Portuguezes , & ainda elRey Dom Afonso o Sexto ; o qual vivia , & com a fama de seu nome enfreava o poder dos Arabes, & conservava com reputação seus Estados, entre os quais se incluia a parte que dera a sua filha. O Conde Dom Henrique chegou a 20

P ii

Por-

(a) Livro dos Test. fol. 2.

Portugal com os seus a salvamento , & ja em o anno do Senhor de 1105. o acho de assento em Coimbra , como consta de certa composição que mandou fazer entre os Monges de Lervão , & moradores de Pena Cova ; (a) na qual se aponta como mandou juizes arbitros a dirimir o caso , & lhes encarregou muito a composição das partes. São as palavras da Escritura que o declaram estas. *Mandavit el Conde D. Henricus bonos homines de Colimbria ad illum Castellum , & dixit eis ut vidissent directum inter Fratres , & inter Castellum , &c.* Começa a Escritura : *Era M. C. XIII. orta fuit contentio inter homines de Pena Cova , & Fratres de Laurbano.* E quer dizer : Na era de 1143. (he anno de 1105.) se levantou contenda entre os moradores de Pena Cova , & Monges de Lervão.

CA-

(a) Archive do Mosteiro de Lervão.

CAPITULO XXIII.

De algumas doações feitas pelo Conde Dom Henrique & Rainha Dona Tareja às Igrejas, & Mosteiros: foraes de algumas terras.

O CUPADOS vivião nossos Principes na restauração das Igrejas de seu Reyno, & na povoação das terras deshabitadas. E tanto que o rigor das armas abrandava, & deixava lugar ao governo pacifico, davão singulares mostras de sua religião & piedade. A Sè de Coimbra recebeo por estes annos notaveis favores do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja: porque lhe annexarão as Igrejas de Santa Comba, 10
São João de Axas, de Oliveira, de Curelos, de Parada, & muita parte da renda da Igreja de Miranda. Tambem lhe sogearão o antigo Mosteiro de Lorvão, o qual então era de Religiosos, & permaneceu algum tempo à obediencia dos Bispos de Coimbra. (a) De sua annexação se conserva huma celebre Escritura na Sè da mesma cidade.

A este Mosteiro tinha dado o Conde
Dom

(a) *Archivo da Sè de Coimbra.*

Dom Henrique ametade da villa de Cacia , sendo seu Abbade Eusebio em o anno do Senhor de 1106. & o favorecera até aquelle tempo. (a) Depois julgou por mais conveniente socorrer com parte de suas rendas a Igreja de Coimbra , a qual naquelles principios era por extremo pobre. Temos desta verdade testemunho em huma Escritura do cartorio da Sè de Coimbra. (b) E outra
 10 que declara sua pobreza , he feita à mesma Sè poucos annos antes pelo Conde Dom Raymundo , na qual diz , se compadecia muito das necessidades daquella Igreja.

Não tinham menos lembrança os piedosos Principes de favorecer a Sè Primacial de Braga , a qual com a assistencia do Santo Prelado Giraldo florescia , & se augmentava grandemente. A este Santo dotarão o
 20 couto de Moura , a Igreja de Santo Antonio , & outras terras. Não se pode deixar de fazer particular lembrança da Escritura de couto que fez a esta Igreja a Rainha Dona Tareja , referindo suas mesmas palavras , que dizem assi. (c) *Ego ancillarum Dei humillima famula Taresia , Toletani Imperatoris filia , vobis gloriosissime Genitrici Dei Marie , perpetuum in Christo*
 mu-

(a) Archivo da Sè de Lervão.

(b) Archivo da Sè de Coimbra.

(c) Archivo da Sè de Braga.

munus. Et antiquarum & præsentium pagina testatur, Bracharensem Ecclesiam Comprovincialium Sedium matrem esse, ac ideo plus honorari debere. Querem dizer: Eu Dona Tareja serva de Deos a mais humilde de suas escravas, filha do Emperador de Toledo, a vòs gloriosissima Virgem Maria Mãy de Deos offereço em Christo este perpetuo serviço. A Escritura de cousas antigas, & modernas dà testemunho ser a Igreja de Braga mãy de todas as Sès da provincia, & que deve ser por este respeito mais honrada, &c. Vay despois fazendo demarcação das terras pertencentes ao couto da Igreja de Braga, na forma que as demarcàra elRey Dom Afonso seu bisavo. ¶(a) Mostra ser feita esta doação em Outubro do anno de 1110. por onde não me espanto passarse só em nome da Rainha, por quanto neste tempo andava o Conde Dom Henrique (como veremos) ausente na guerra dos Leoneses. 10

Ambos estes Principes fizeram huma esmola muy notavel à Igreja de Charidade, sita no Reyno de França. Ha na Torre do Tombo memoria desta antigoalha, a qual contem o seguinte. (b) 20

In

(a) Foy este Rey quinto do nome entre os de Leão.

(b) Archivo Real do liv. 3. DelRey D. Diniz fol. 94.

In nomine Patris & Filii, & Spiritus Sancti. Ego Comes Dominus Henricus, & uxor mea Domna Tarasia, Domni Regis Aldefonsi filia, facimus cartam per hujus testamenti firmitudinem vobis Priori de Sancta Maria de Charitate, & vestro conventui de illa Ecclesia, quæ vocatur Sancti Petri de Ratis, in qua Ecclesia unâ cum uxore mea Tarasia primitus misimus fundamentum, cum à longis retroactis temporibus esset heremita, & derelicta. Nos verò eam fecimus populari, & sano animo, & integra voluntate pro remedio animarum nostrarum, & parentum nostrorum offerimus illam heremitam Sanctæ Mariæ de Charitate cum suis terminis, & cum quantum ad jus nostrum pertinet, ita ut prior de Charitate, & conventus ejusdem habeant potestatem faciendi in ea quidquid voluerint, unde igitur in orationibus religiosorum indè habitantium nos plurimum confidimus, & in eorum collegio cum omnibus Sanctis in die judicii ante tribunal Domini cupimus apparere. Idcirco hoc parvum munusculum Sanctæ Mariæ de Charitate offerimus, quatenus in die judicii ipsa nos offerat, & genus nostrum Jesu Christo filio suo, ut ab ipso postmodum recipiamus mercedem eternam. Damus siquidem, & offeri-

rimus Ecclesie Sanctæ Mariæ de Charitate omnes decimas de pane, vino, & lino omnium Regalium quæ habemus, & habere debemus ego, & uxor mea Domna Tarasia a flumine Dorii usque ad flumen quod nunquam eas antea presolvebamus, similiter pro animabus nostris, & parentum nostrorum. Omnibus autem tam ex progenie nostra, vel extranea, qui hoc nostrum factum illesum conservaverint, sit pax, & veritas, & animas eorum postmodum à Deo omnipotente recipiantur in æterna tabernacula, Amen, &c. Facta carta testamenti, & eleemosinæ hujus mense Martii apud Colimbriam. Era M. CXXXVIII. Em nosso vulgar dizem.

Em nome do Padre, & do Fiho, & do Espirito Santo. Eu o Conde Dom Henrique, & minha molher a Rainha Dona Tareja, filha delRey Dom Afonso, fazemos doação pela firmeza deste papel a vos Prior de Santa Maria de Charidade, & ao vosso Convento daquella Igreja de São Pedro de Rates, que eu, & minha molher levantamos dos fundamentos achandoa toda destruida, & herma desde muito tempo, & nos a fizemos povoar, & com perfeita vontade, & bom animo, a offerecemos por remedio de nossas almas, & de nossos paes a Santa Maria de Charidade com

com todos seus termos, & com tudo o que nos pertence para que o Prior de Charidade, & o Convento do mesmo lugar possam fazer della o que quizerem. E porque nós temos grande confiança nas orações dos varões Religiosos moradores deste Mosteiro; & em sua companhia desejamos apparecer entre o numero dos Santos no dia do Juizo diante do Tribunal de Christo: por tanto
10 offerecemos este piqueno dom à Santa Maria de Charidade, para que no dia do Juizo apresentandonos a Jesu Christo seu filho, recebamos delle a bemaventurança perpetua. Damos tambem a Santa Maria de Charidade por nossas almas, & de nossos paes todas as dizimas do pão, vinho, & linho, pertencentes a mim, & a minha mulher Dona Tareja desdo o rio Douro até o rio
as quais dantes se não pagavão. E todos
20 aquellos ou sejam de nossa geração, ou estranhos, que conservarem esta nossa doação em seu vigor, tenham paz & verdade, & os receba depois o Senhor nas moradas da bemaventurança eterna. Foy feita esta Carta de Testamento, & esmola na cidade de Coimbra no mez de Março da Era de 1138.

He esta Escritura testemunho da grande piedade destes gloriosos Principes, cuja Real grandeza & liberalidade se estendia até

atè a Reynos estranhos. E desta memoria se fica tambem sabendo, como a fundação de São Pedro de Rates pertence a estes Principes, & não à Rainha Dona Mafalda molher delRey Dom Afonso Henriques, como erradamente se refere nas Historias Portuguezas.

A Igreja de S. Maria de Charidade, de que se faz memoria em esta Escritura, era Mosteiro de Monges Cluniacenses, o qual estava fundado na provincia de Aquitania, não longe da cidade de Altisiodoro (hoje se chama Auxerre) como de tudo dà expresso testemunho João Arcebispo Bituricense, Primaz de Aquitania: o qual vendo em o sobredito Mosteiro a doação original do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja atraz escrita, mandou a Portugal o treslado della, & este se lançou em a Torre do Tombo em o anno do Senhor de 1268. reinando Dom Afonso o Terceiro: & daria a isso occasião faltarse neste Reyno com aquella esmola offerecida pelos primeiros Principes delle, & mal executada por seus decendentes em aquelle tempo, em que ouve outros descuidos semelhantes, como veremos no discurso da historia.

As terras a que acho ter dado foraes o Conde Dom Henrique, são as seguintes.

tes. (a) A cidade de Coimbra, a qual posto que estivesse ja habitada pelos Christãos antes do tempo deste Principe, & se governasse pelo foro que lhe avia dado el-Rey Dom Afonso o Sexto, do qual ha memoria em o Archivo da Sè da mesma Cidade; com tudo quiz o Conde renovar nella com este favor a confiança que fazia de seus moradores como parte principal de seus Estados. (b) Deuse mais Foral às vil-
10 las de Tentugal, & Soure, à Certã, Zura-
ra, São João da Pesqueira, à illustre villa de Guimarães, & a outras povoações me-
nores, que não aponto, por parecer cousa de menos consideração, como tambem as particularidades dos Foraes, por não achar nelles que notar. Sò advirto, que do Foral da Certã passado a 9. de Mayo do anno do Senhor de 1111. consta aver estes Ri-
20 cos homens senhores de terras. Mem Vie-
gas de Santa Cruz, Egas Gozendes de Baia, Egas Moniz de S. Martinho, Gomes Nunes de São Christovão, Mendo Nunes de Pennafiel, Paio Soares de Amaya, & Fernão Fernandes de Lamego. (c) Todos confirmão aquella Escritura, com declara-
ção

(a) Livro da Sè de Coimbra fol. 153.

(b) Na Torre do Tombo no livro dos Foraes.

(c) Este he S. Martinho de Mouros não longe de Lamego do rio Douro.

ção de terem debaixo de seu senhorio aquellas terras, o que se denota pela palavra, *Continens Sanctam Crucem, continens Baiam, &c.* muy usada nas Escrituras daquelle tempo.

Differentes quasi todos são os que confirmão o Foral de Coimbra em o mez de Junho do mesmo anno, pois se nomeão Fernão Telles, Fafez Luz, Paio Paes, Pero Gonçalves, Mem Viegas, Gomes Nunes, & Pedro Paes. Não entrando aqui os da Casa do Conde, & do goveno de Coimbra, que tambem se acharão presentes, & se comprehendem nestas palavras, *& omnis schola Comitatus & omne concilium Colimbricæ*, que estão no fim da Escritura. 10

Mais assinão no Foral de Soure (o qual he do mesmo tempo) alem de muitos ja nomeados, Pedro Corrêa, Garcia Enhegues, Sueiro Viegas, Egas Spina, Paio Mendes, & Gomes Osores. 20

CAPITULO XXIII.

Do cerco de Coimbra , em que os Portuguezes resistirão a todo o poder dos Mouros. De algumas duvidas que o Conde Dom Henrique teve com os moradores desta cidade.

1107. **N**A ã cessava por este tempo a guerra dos Mouros , em que o Conde Dom Henrique com a gente de Portugal obrava grandes cousas , das quais sabemos a menor parte. Hum de nossos Auctores affirma rompeo este grande Capitão os Mouros em dezasete batalhas , numero que ainda pode parecer limitado a respeito das muitas occasiões daquelle tempo. Em o anno 1107. ouve huma de muita gloria à nação Portugueza , & aos moradores de Coimbra , que foy a resistencia de hum duro cerco posto a esta Cidade pelo Emperador dos Mouros com a grandeza de seu poder junto. Celebra a Historia dos Godos a gloria deste illustrissimo feito , com a singeleza destas palavras. (a)

10

Era M. C. XV. Colimbria obsessa est
ab

(a) *Hist. dos Godos.*

ab Hali Aben Joseph Rege transmarino, cujus copiae innumerabiles soli Deo cognita. Sed viginti diebus gravissimè expugnata capi non potuit. Querem dizer. Na era de 1145. (que he o anno referido de 1107.) esteve cercada Coimbra por elRey Mouro de Alem mar, Hali Aben Joseph, cujo exercito era tão copioso, que só Deos parece o podia numerar. Foy a cidade combatida fortissimamente por espaço de vinte dias, mas não pode ser tomada. Magoa grande he não se poder relatar mais particularmente este cerco tão memoravel, nem dar os devidos louvores aos Capitães, & soldados Portuguezes que nelle mais se assinalarão. E assi remetemos à consideração dos prudentes, o que neste ponto devia ficar em lembrança; pois se reprimirão com hum poder tão limitado, como então era o de Portugal, as armas do mais poderoso, & esforçado Principe Pagão daquelle tempo, cuja fama se avia engrandecido muito com a vitoria de Ucles contra os Castelhanos, com a sogeição dos Reys Arabes de Espanha, & entradas que fez por terra dos Christãos com grande gloria. Mas tudo se humilhou ao valor dos Portuguezes, & do Conde Dom Henrique, cujo louvor deve ser o principal nesta materia.

Em hum dos annos seguintes encon-

tro

tro com huma novidade entre este Principe, & os moradores de Coimbra, de que não julgo a relação por alhea desta historia. (a) *Promittimus* (diz o Conde Dom Henrique em o Foral de Coimbra) (b) *non tenere in corde, vel mente malam voluntatem, vel ira de hoc quod usque nunc usque egistis adversum nos: sed habebimus gratum quod collegistis nos, & honorabimus vos ut melius potuerimus, & neque in vestra re vel in vestris corporibus habebitis dishonor, vel perdita.* Significa isto. Prometemos de não ter em o coração nem na alma alguma má vontade, ou ira do que atégora contra nós fizestes: mas sempre vos agradeceremos o ayernos recolhido, & por este respeito vos honraremos como melhor pudermos, de sorte que não recebais deshonra, ou perda alguma em vossos corpos, nem fazenda.

Embaraçado me vi com estas palavras, & ainda não acabo de entender a causa deste agravo, ou desobediencia dos moradores de Coimbra ao Conde, & á Rainha, pois se dà a entender que por algum tempo os excluirão, & não quizerão recolher na cidade. Não são faceis de penetrar estes segredos. Poderia ser, que o Conde im-

(a) Livro da S^e de Coimbra fol. 157.

(b) Archivo da cidade de Coimbra.

impusesse ao povo de Coimbra obrigação de dinheiro , ou gente para as guerras de Leão ; ao que elles não acudirião , necessitados de huma , & outra cousa para a defensão de sua cidade , a qual ficava exposta à irrupção dos Barbaros , & em maior perigo pela ausencia do Conde , & divisão das forças de seu Estado. Vindo o Conde a facilitar este negocio , ou castigar os amotinados , lhe fecharião as portas , & não obedecerião. 10

Tinhão em aquelle tempo os vassallos mayores brios , & os Principes dissimulavão prudentemente alguns excessos ; porque a confusão da guerra , & importancia dos soldados fazia os Reys menos absolutos. Nem todos os tempos requerem hum mesmo governo. Devem os Principes medir a estima de seus vassallos pela necessidade , & passar com dissimulação algumas cousas ; que tambem a oppressão , & miseria dos povos em tempo de guerras he muy grande. Não erão estas razões occultas ao Conde Dom Henrique : por isso admittio com clemencia aos de Coimbra , que parece encontrarão seu mandado. E aos moradores de Certã , por quanto lhe avião obedecido com hum termo cortezão , agradeceo com palavras muy notaveis esta boa obra , não obstante ser obrigatoria , como

Fr. A. Brandão; Tom. I. Q de 20

de vassallos a seu senhor natural. *Placuit nobis (a)* (se diz em o Foral desta terra dado pelo Conde) *ut demus vobis bonum forum pro captu, & honore quo fecistis super nos primò, & collegistis nos in vestra casa.* Quer dizer: He nossa vontade darvos bom foro pelo bom termo, & honra que com nosco usastes, recolhendo-nos primeiro em vossa casa. Tal era o estado das cousas daquelle tempo, que às obrigações dos vassallos se mostravão os Principes devedores.

CAPITULO XXV.

*Da morte de S. Giraldo Arcebispo de Braga, & delRey Dom Afonso o Sexto.
Como se rebellou Cintra, & a tornou a ganhar o Conde Dom Henrique.*

1109. **F**ALTOU neste anno de 1109. o grande Arcebispo de Braga S. Giraldo. Andava este bemaventurado Santo em a provincia de Tralos Montes de seu Arcebispado, ensinando, & prégando com maravilhoso fervor & exemplo de vida; quando aprouve ao Senhor de pôr limite a seus trabalhos, & remunerar os serviços que lhe tinha feito. Sobreveolhe a ultima enfermida-

(a) Archivo Real. liv. dos Foraes fol. 12.

dade , & sem aver lugar de o trazerem a Braga , veio a fallecer della em breves dias. Com o corpo do Santo Pastor se puserão os seus em caminho para sua Igreja (devia ser por ordem do mesmo Santo) & antes de chegar a ella , notificou o Senhor com alguns milagres a gloria de sua alma. Hum se refere de grande admiração , & foy deter o rio Tamaga sua corrente , quando ouve de passar o santo corpo , & os de sua companhia , como fez o rio Jordão , & o Mar Roxo em occasiões mais antigas. 10

Não he de nosso instituto copiar os milagres que o Senhor por este Santo ha obrado , pois he cousa propria da relação de sua vida. Sò advirto , que foy ella tão exemplar & bem reputada , que ainda sendo vivo lhe grangeou acclamações de Santo & bemaventurado. Corria demanda entre a Sè de Braga , & o mosteiro de Tibães , de que alcansou sentença o Santo Arcebispo , ficando o mosteiro condemnado em certa summa de dinheiro. Não quiz elle fazer execução , antes perdoou tudo aos Religiosos , admittindoos em sua graça , como dà testemunho Nuno Abbade do mesmo mosteiro , dizendo: *Vos veluti probus , ac sanctus homo non solum nos ad vestram gratiam collegistis , verum & totam illam calumniam de 50. soldos justè,* 20

Q ii

tè , seu injustè super memoratum monachum oppositam , vos quoque ex toto percistis. Quer dizer: Vós, como varão Santo & justo, não contente de nos admittir à vossa graça, perdoastes toda a condenação, &c. Nesta Escritura, cuja data he a 21. de Agosto do anno do Senhor de mil & cento & sinco, se dà titulo de Duque, ou Capitão ao Conde Dom Henrique, & ao
 10 Conde Dom Raymundo, com estas palavras. *Duce Henrico Portugalliam tenente, Raymundo Duce Galleciam mandante.*

A vinte de Julho do anno seguinte de mil & cento & seis, faz Guterre Soares doação à Sè de Braga de huma Quinta no lugar de Margatanes, junto a huma cidade, que chama Torroso (a) (da qual hoje não temos memoria) & nomea a São Giraldo Arcebispo glorioso. *Sedente in illa*
 20 *Sede glorioso Archiepiscopo Domno Giraldo.* Com estes termos era tratado o Santo sendo vivo, calificando ja todos então sua santidade, & declarando o grande conceito que delle tinham. A memoria deste Santo se venera com reza propria entre os Arcebispos Santos de Braga. Foy promovido a seu lugar Mauricio Bispo de Coimbra, o qual aspirou despois ao summo Pontificado,

(a) Livro Fidei citado acima.

do, & causou alguns escandalos na Igreja Catholica.

Tambem este anno foy desgraciado pe- 1106.
la morte do grande Rey Dom Afonso o
Sexto, sogro do Conde Dom Henrique.
Morreo em Toledo em huma quinta feira
o primeiro dia de Julho, tendo padecido
hum a larga doença. Louvase neste Principe
entre outras virtudes a modestia nas pros-
peridades, & a constancia nos trabalhos & 10
revezes da fortuna; que se bem he pruden-
cia impedilos, não deixa de ser grandeza
de animo soffrelos com fortaleza. Ouve gran-
des inquietações em Espanha com a morte
delRey Dom Afonso, de que ao Reyno de
Portugal coube não pequena parte. Porque
o Conde Dom Henrique, ou proseguindo
pelas armas o direito que sua mulher tinha
aos Reynos de Leão, & Castella, como
tenho por mais provavel, ou dando ajuda 20
ao Infante D. Afonso, filho do Conde D.
Raymundo, & depois a elRey de Aragão,
como escrevem alguns Auctores, se envol-
veo em guerras com os Gallegos, & Leo-
nezes, as quais lhe durarão até o fim da
vida; & posto que adquirio algumas terras
por estas partes, deu occasião a lhe toma-
rem os Mouros outras: que nunca as dif-
ferenças dos Principes Christãos deixão de
custar caro, quando ha inimigos da Fè,
que

que vigiãõ as occasiões de nosso damno.

Huma das terras que se rebellou ao Conde Dom Henrique, foy a villa de Cintra; & posto que o Conde a tornou a recuperar, não se pôde sustentar; nem as outras terras vizinhas de mais importancia. Faz menção a Historia dos Godos desta rebellião, & tomada de Cintra despois da morte delRey Dom Afonso com estas palavras. (a) *Et paulò pòst, primo sequente circiter anno, cum Cintria defecisset audita morte Regis Alfonsi, recuperata est à Comite Henrico Regis genero, & patre Alfonsi primi Regis Portugalliæ.* Isto he: Pouco despois da morte delRey Dom Afonso, no seguinte anno, como Cintra se rebellasse sabida a morte delRey, foy recuperada pelo Conde Dom Henrique seu genro, & pay de Dom Afonso primeiro Rey de Portugal.

Estavão Cintra, Lisboa, & outras terras visinhas, posto que à obediencia do Conde Dom Henrique, povoadas de Mouros, os quais pagavão tributo do tempo que elRey Dom Afonso o Sexto sogeitara aquellas praças. Usavase deste estilo nas terras conquistadas, por quanto faltava a gente para se povoarem, & os soldados para o pre-

(a) Historia dos Gedos.

presidio: & daqui nacia perderemse, & ganharemse tantas vezes as terras, como temos advertido. São pouco firmes os senhores que tem sogeitas nações inimigas: porque como nellas falte o amor com que se segurão os Imperios, permanecem sòmente obedientes em quanto vem razões de temer o poder de seus Principes; & ao contrario em faltando ocasião de temor, começam a executar logo o odio encuberto. Assi o fizeram os de Cintra na ocasião presente, & tornarão a repetir pouco tempo depois, como veremos: donde resultou perderse Lisboa, Santarem, & as mais terras da Estremadura, com grande damno, & não menor discredito da gente Portugueza. 10

CAPITULO XXVI.

Examinase o anno em que naceo elRey Dom Afonso Henriques. Citaõse varias Escrituras ao intento.

A TE' gora se recebeo commummente 1110. ser o nascimento delRey Dom Afonso Henriques no anno do Senhor de 1094. Assi o dizem os Chronistas antigos, & modernos deste Reyno, aos quais seguem todos os estranhos. Desviouse deste parecer commum & errado o insigne Escritor João de

de Barros , o qual na terceira Decada de sua Asia deixou advertido , que o anno de mil cento & seis foy o do nascimento deste Principe ; por quanto em o de mil cento & doze , em que faleceo o Conde Dom Henrique seu pay , não tinha mais que seis de idade. Impugna esta resolução hum Auctor moderno no livro que fez de varias Antiguidades com estas formaes palavras: *E quanto ao Principe , dizer que ficou menino de seis annos , não pode ser , porque Duarte Nunes de Leão diz que naceo elle no anno do Senhor de 1094. &c.* (a) Pudera servir a este Auctor , ja que se professava antiquario , o dito de tão grave pessoa , como João de Barros , para fazer algum exame neste ponto , & não cuidar o convence com auctoridade menor , & mais moderna. Eu digo tres cousas. A primeira , que não naceo elRey Dom Afonso Henriques no anno de mil & noventa & quatro , como nossos Historiadores dizem. A segunda , que foy seu nascimento do anno mil cento & seis , até o de mil cento & dez. A terceira , que mais provavel me parece nacer em hum destes annos derradeiros : não farei nisto largos discursos , que nem a materia o require , mas com toda a verdade citarei memorias

(a) *Estacio das Antiguidades cap. 22.*

rias antigas , para que o leitor faça juizo do que lhe proponho.

Que nacesse elRey Dom Afonso no anno de mil & cento e seis , se colhe da vida de São Theotonio manu escrita , a qual se conserva em Santa Cruz de Coimbra com grandes mostras de antiguidade. Nella se diz (ainda que por metafora) que quando o Santo morreo (que foy , como mostraremos em seu lugar , no anno do Senhor de mil & cento & sessenta & dous) tinha elRey Dom Afonso 56. de idade. *Anno memorati Regis Alfonsi (a)* (são as palavras da relação) *primi Portugalensis , sub quo Christi vestem suscepit 56.* E assi se convence naceo em o anno do Senhor de mil & cento & seis , pois sò seis annos faltão para encher o numero de sessenta & dous em que falleceo o Santo. 10

O mesmo contém huma memoria do Real Convento de Alcobaça , a qual està em hum livro escrito ha mais de trezentos annos , que tem por titulo , *Tertia pars passionum* , (b) & contém alguns martyrios de Santos , & entre elles a tresladação de São Vicente do Algarve a Lisboa , escrita por mestre Estevão Chantre da Sè da mesma Cidade , & do proprio tempo delRey Dom 20

(a) *Archivo de Santa Cruz de Coimbra.*

(b) *Archivo do Mosleiro de Alcobaça.*

Dom Afonso, o qual diz assi: *Quæ translatio jocunda celebrisque statuitur 17. Kalendas Octobris anno 1173. Regni autem Regis Alfonsi 45. vite verò ejusdem 67.* Quer dizer. A qual tresladação se ordenou com muita festa a 17. das Calendas de Outubro (são quinze de Setembro) do anno de Christo de 1173. do Reynado del-Rey Dom Afonso 45. & de sua vida 67.

10 E assi se convence nacer elRey em o anno de 1106. por quanto de 67. para 73. faltão sòmente seis.

Huma Relação de São Vicente de Fòra acrescenta hum anno ao nascimento del-Rey Dom Afonso. He do livro da fundação deste Mosteiro, a qual começa assi. *Anno ab Incarnatione 1147. Christianissimus Portugallie Rex Alfonsus Comitis Henrici, & Regine Taresie filius, inimicorum*

20 *Crucis Christi mirificus extirpator ac voluntarius 18. Regni sui, anno ætatis autem x collegit exercitum suum, ut annis, singulis solitus est adversus Sarracenos, applicuitque ad Ulixbonam.* (a) A significação he: No anno de mil cento, & quarenta & sete o Christianissimo Rey de Portugal Dom Afonso filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, grande

(a) Archivo de S. Vicente de Fòra de Lisboa.

de persiguidor, & flagello dos inimigos da Cruz de Christo, tendo dezoito annos de Reynado, & de idade quarenta, ajuntou seu exercito contra os Mouros, & veyo cercar Lisboa. (Advirto que neste lugar a letra X. val quarenta, & não dez, o que se prova bem das palavras referidas, pois se diz nellas, que elRey tinha dezoito annos de Reynado, & que antes de pôr cerco a Lisboa, costumava sair em campo todos os annos com seu exercito.) Se pois elRey no anno de mil cento, & quarenta & sete tinha quarenta de idade, como diz esta memoria, claro he que naceo no anno de mil & cento & sete. 10

Dous annos differe desta conta hum Breviario de mão da livraria de Alcobaça escrito em pergaminho, (a) no fim do qual està huma breve Relação dos Reys de Portugal até elRey Dom Afonso o Quarto; & tratando do nascimento delRey Dom Afonso Henriques diz estas palavras. *Era M. C. XLVII. natus est Aldefonsus primus Rex Portugallie, filius Comitis Henrici.* Quer dizer: Na era de mil & cento & quarenta & sete naceo Dom Afonso primeiro Rey de Portugal, filho do Conde Dom Henrique. A era de mil & cento & qua- 20

(a) *Archivo de Alcobaca.*

quarenta & sete, ja se sabe, que responde ao anno de Christo de mil & cento & nove.

10 Ultimamente se prova nacer elRey Dom Afonso em o anno de mil & cento & dez, de hum livro antigo de mão das obras de São Fulgencio da mesma livraria de Alcobaca, em o fim do qual ha huma memoria da tomada de Santarem, a qual contem estas palavras. *Capta est Idus Martii illucescente die Sabbati in Era M.C.LXXXV. quo anno Mauri, qui Arabicè Momazida vocantur, ingressi Hispaniam, distruxerunt Hispalim Civitatem, me tunc agente tricesimum ferme ac septimum ætatis annum, & Regni decimum nonum.* Tomouse a villa de Santarem (diz elRey D. Afonso, o qual vay fallando nesta Relação) Sabbado pela manhã em os Idus de Março da Era de mil & cento & oitenta & 20 cinco (são 15. de Março do anno de Christo de mil & cento & quarenta & sete.) no qual anno os Mouros, que em Arabigo se chamão Momazidas, ou Musmidas, entrando por Espanha destruirão a cidade de Sevilha, tendo eu quasi trinta & sete annos de idade, & de Reyno desanove. Celebre testemunho, & digno de todo o credito, pois o proprio Rey Dom Afonso confessa nelle, que naceo no anno de 1110. pouco des-

despois do mez de Março , pois a quinze deste mez do anno de mil & cento & quarenta & sete tinha quasi trinta & sete annos de sua idade.

De todos estes lugares se tira nossa resolução atraz proposta , que o nascimento de elRey Dom Afonso Henriques não podia ser em o anno de 1094. mas que foy entre o anno de 1106. até o de 1110. pois as Escrituras que temos visto correm dentro deste tempo , & he impossivel moralmente fallando estarem todas erradas. E que o nascimento delRey fosse mais neste ultimo anno , alem da ultima auctoridade se prova pelos lugares & conjeituras seguintes. A Historia dos Godos diz assi. *Era de 1163. Infans inclitus Alfonsus Henrici Comitiss filius ætatis anno 14. in Ecclesia Zamorensi , ab altari Salvatoris , ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma.* Isto he na Era de 1163. o inclito Infante Dom Afonso , filho do Conde Dom Henrique , tendo 14. annos de idade , tomou por sua propria mão as insignias militares do altar do Salvador da Igreja de Çamora. A era de 1163. responde ao anno de 1125. & se neste anno tinha o Conde 14. annos de idade (devese entender que tinha 14. perfeitos , & entrava nos 15.) he final que naceo no anno de 1110. como temos dito.

Mais

Mais o Conde Dom Pedro no livro das Gerações affirma, que elRey D. Aonso Henriques viveo 76. annos, & como sua morte fosse no anno de 1185. como todos confessão, seguese naceria no anno de 1110. tendo perfeitos os 75. de sua idade, & muita parte do ultimo anno, por quanto falleceo em o mez de Dezembro do anno referido.

10 Nossas historias affirmão constantemente, que elRey Dom Afonso Henriques começou a senhorear Portugal tendo 18. annos de idade (posto que se enganão com contar este tempo da morte do Conde Dom Henrique; pois he certo que se não deve numerar senão do anno do Senhor de 1128. como mostraremos adiante.) E assi bem concorda o nascimento deste Principe em o anno de 1110. com o principio de seu Reynado no anno de 1128. tendo 18. annos de idade, como lhe assinaão nossos Historiadores.

20 E que o Principe não ficasse de 18. annos quando morreo seu pay, se mostra com evidencia pela razão seguinte. A Rainha Dona Tareja governou o Estado de Portugal por morte do Conde Dom Henrique 16. annos: como se compadece, se o Principe ficara em idade de 18, annos, que não fosse participante do governo? Que a Rai-

Rainha governasse em todo este tempo sem companhia de seu filho, se mostrará no principio do livro seguinte.

Ultima razão, & de muita força. Se o Principe por morte de seu pay ficara de 18. annos, se ouvera de ocupar logo nas guerras de seu tempo. Mostrarei em o livro seguinte, como não seguiu a milicia, nem a podia seguir senão muitos annos adiante: como he falso, o que nossos Chronistas dizem da conquista de Leiria no anno de 1117. como as guerras Civis entre a Rainha Dona Tareja, & o Principe, & outras de Castella tiverão principio depois do anno de 1128. Pelo que não ficou por morte de seu pay da idade que dizem, nem nasceu em o anno de 1094. antes foy seu nascimento em o anno de 1110. ou em hum dos antecedentes, como temos mostrado por Escrituras. 10

Duas duvidas se me offerecem contra esta resolução. A primeira do Foral dado pelo Conde Dom Henrique à villa de Constantim de Panoias em terra de Villa Real, o qual segundo se nelle mostra, foy feito em a era de 1134. que he anno de 1096. & contém no fim estas palayras. (a) *Ego Infans Domno Alfonso filius Henrici Comi-* 20

(a) *Terre do Tombo em o livro dos Eeraes velhos.*

miti, & Infante Domnæ T. auctorizo, & confirmo, & roboro ista Carta, quæ fecit pater meus, & mater mea regnante Domino Alfonso in Legione. Seguemse despois as firmas de alguns Grandes, como o são Gomes Nunes, Egas Moniz, Mem Viegas, Gueda Mendes, Mem Moniz, Ermigio Moniz. Destas palavras (nas quais se contém a firma do Infante) consta como
10 elle era vivo no anno de 1096. pois confirmava nas doações que se fazião. Assi que naceo no anno de 1094. como se diz communmente, por ser estilo, tanto que nacião de se nomearem logo nas Escrituras.

Respondo, não ser a firma do Infante do tempo em que se passou o Foral. (a) No livro da Sè de Coimbra temos outro caso semelhante. Deu elRey Dom Afonso Sexto Foral a Coimbra na era de 1123.
20 que he anno de 1085. nelle confirma Martim Moniz dizendo: *Martinus Moniz, quem post obitum prædicti consulis Imperator præfatus Alfonsus civitati prædictæ præposuit, conf.* Isto he: Martim Moniz, a quem por morte do sobredito Consul (tinhasse nomeado atraz o Conde Sisanando) O mesmo Emperador Dom Afonso fez Governador da dita Cidade, confirmo.

(a) Cartorio da Sè de Coimbra no livro das Doações.

mo. Esta firma não se podia fazer em o anno de 1085. pois se suppõe ser ja fallecido o Conde Sisnando, o qual (como vimos) chegou ao anno de 1091. Por onde foy feita em outro tempo, & não devia ser outro senão o anno de 1093. em que Martim Moniz governava Coimbra. Do mesmo modo confirmou o Infante Dom Afonso, quando ja governava Portugal, este Fortal de Constantim de Panoyas, que seu pay fizera antes d'elle nacer. E vese isto claro: pois faz advertencia despois de o assinar, que os moradores daquella terra guardem o Foral de Guimarães. Mostrase mais pelos senhores que confirmão despois do Infante, que são todos do tempo de seu governo. Em o anno de 1096. não ha ainda delles memoria nas Escrituras. 10

Outra duvida se pode mover do Foral de Zurara, (a) dado pelo mesmo Conde Dom Henrique, no qual assina tambem o Infante Dom Afonso, & a Era se escreve assi: Era M.C.X. não se pode dizer, que a letra X. neste lugar val dez sòmente, porque fica então respondendo a era ao anno de Christo de 1072. tempo em que o Conde Dom Henrique não estava em Espanha. Pelo que a letra X. val 40. & responde. 20

Fr. A. Brandão; Tom. I. R de

(a) Torre do Tombo no livro dos Foraes velhos.

de a era ao anno de 1102. E assi he falso dizer que o Infante Dom Afonso naceo do anno de 1106. por diante , pois ja confirmava no anno de 1102.

10 Com facilidade digo que a letra X. val dez sòmente , porem a era não he de Cesar , senão anno de Christo. Provase por humas palavras do mesmo Foral , em as quais se diz , que Dom Gonçalo Bispo de Coimbra o escrevera : & como este Bispo não fosse eleito até o anno de 1109. quando se promoveo seu antecessor Dom Mauricio à Sè de Braga por morte de S. Giraldo ; consta clarissimamente que antes deste anno se não escreveo o Foral , & consequentemente , que sua data foy no anno de Christo de 1110. quando ja o Infante era nacido.

CAPITULO XXVII.

De algumas cousas tocantes à criação del-Rey Dom Afonso Henriques, & de suas irmãs as Infantas.

NACEO o Infante Dom Afonso na nobre villa de Guimarães em o anno que temos apontado. Sua primeira criação foy em a propia villa , donde dizem que era natural Dona Auzenda sua ama de leite,

te. Os annos seguintes da mininice passou na cõmarca da Lamego nas quintas de Cresconhe , & Resende sob a tutela do illustre Fidalgo Egas Moniz , o qual em o tempo da paz residia por estes lugares , que erão todos de seu patrimonio. Em a Torre do Tombo ha hum livro de Inquirições do tempo delRey Dom Diniz , que diz humma cousa , & outra. (a) *Item em a Freguezia de Santiago de Peaiões a quinta que cha-* 10
mão Cresconhe , que foy de Dom Egas Moniz , he provado que a virão as testemunhas sempre honrada desque se acordão ; & que ouvirão dizer , que o foy de muy longe , & que criarão hi elRey Dom Afonso o primeiro. Provase mais a assistencia de Egas Moniz por estas partes , de humma Escritura de Arouca do anno do Senhor de 1220. em a qual avendo certas duvidas entre Froyla Veliniz , & Toda Viegas , se diz que recorrerão a Cresconhe diante de Egas Moniz Senhor da terra. (a) *Et devenimus inde in Cresconi ante Domino Egas Moniz.* Alem do que pelas Escrituras se mostra ser Egas Moniz Senhor de São Martinho de Mouros , & ter debaixo de sua mão o Castello de La-

R ii

me-

(a) *Livro de Inquirições delRey Dom Diniz na Torre do Tombo.*

(b) *Archivo de Arouca.*

meço , com cujo senhorio ficou por sua morte seu filho Sueiro Viegas , donde he cousa indubitavel que residio muito tempo por esta comarca.

E de caminho não deixarei de advertir , ainda que seja contra o parecer de alguns Auctores , que elRey Dom Afonso se não criou em os paços de Dona Tareja Afonso , molher de Egas Moniz junto ao Mosteiro de Salzeda ; por quanto esta Senhora viveo nelles , quando despois da morte de seu marido tratou de fundar aquella casa , tempo em que ja elRey Dom Afonso era varão perfeito , & governava o Reyno. Mais me parece que quando este Principe esteve em casa de seu ayo Egas Moniz , era elle casado a primeira vez com Dona Mor Peres da Silva , & tinha seu filho Lourenço Viegas quasi da mesma idade do Principe , por cujo respeito lhe tomou o Principe grande afeição , & o chamava irmão , como diz o Conde Dom Pedro. (a) E a ser este Fidalgo casado segunda vez , com mais razão chamàra elRey irmão a algum de seus filhos do segundo matrimonio , que fosse de sua idade.

Nos paços de Salzeda não ponho duvida se criarão , & residirão algum tempo
os

(a) Conde Dom Pedro tit. 36.

os filhos do proprio Rey Dom Afonso, por quanto o mesmo Rey os entregou a Dona Tareja Afonso, sendo ella viuva, como consta de muitas Escrituras de Salzeda. (a)

Em huma, Era de 1202. que he anno de

1163. em que compra a mesma Senhora a

Pedro Viegas algumas terras em Queimada

Fontello & Baldigem, dá elRey seu con-

sentimento dizendo. *Ego quoque Alfonsus*

Rex Portugallie, unà cum filiis meis 10

Rege Domno Sancio; & Regina Domna

Urraca, vobis Domne Tarasie, eorum-

dem filiorum meorum nutrici, hanc cartam

sicut superius resonat confirmo. Isto he.

Eu Dom Afonso Rey de Portugal junta-

mente com meus filhos elRey Dom San-

cho, & a Rainha Dona Urraca confirmo

a vós Dona Tareja Afonso, ama dos ditos

meus filhos, a Escritura proposta. Ficarão

estes Principes de pouca idade por morte 20

da Rainha Dona Mafalda sua mãy. ElRey

Dom Afonso com a occupação das guer-

ras, não tinha lugar de attender à criação

& disciplina delles. A illustre matrona Do-

na Tareja Afonso, vivia com muito exem-

plo occupada na fundação da Salzeda, Mos-

teiro insigne da Ordem de Cister. Pareceo

conveniente fazerlhe a entrega dos Infantes.

Mais

(a) Livro das Doações de Salzeda da leitura antiga.
fol. 14.

Mais velhas que o Principe forão as Infantas suas irmãas, as quais segundo boas conjeituras nacerão tambem em Guimarães, ordinario assento da Corte de nossos Principes naquelles primeiros annos. Não longe desta villa ha hum lugar em que se crião estas Princezas, & por seu respeito chamão Villa Nova das Infantas. Assi consta de Escritura que està no Mosteiro de S. Tyrso, em a qual se nomea este lugar, *Villa Nova Infantiarum*.

Muito desacertão nossos Auctores em o que escrevem destas Infantas, & ainda em os nomes que lhes dão, porque dizem que as filhas do Conde Dom Henrique forão Dona Tareja, & Dona Urraca. A primeira fazem casada com Dom Vermudo Paes, irmão do Conde Dom Fernando, ambos os quais dizem, que successivamente, tiverão por molher a Rainha Dona Tareja mãy desta Infanta. A segunda dizem celebrar matrimonio com Fernão Mendes, grande senhor naquelle tempo.

Deixados os erros destes casamentos para outros lugares, quanto aos nomes das Infantas acho pelas Escrituras, que as filhas do Conde Dom Henrique, e da Rainha se chamarão Dona Urraca, & Dona Sancha. Em huma doação da Ermida de Castrume feita pela Rainha Dona Tareja

ao

ao Bispo de Coimbra Dom Gonçalo confirma a Infanta Dona Urraca, dizendo: (a) *Ego Urraca Henrici Comitis filia, & ejusdem supradictæ Tarasie, manu propria hoc signum feci.* Isto he: eu Dona Urraca filha do Conde Dom Henrique, & da sobredita Dona Tareja fiz com minha mão propria esta firma. He a data da Escritura a quinze de Abril da era de mil cento & sincoenta & hum, que he anno de Christo de mil cento & treze. 10

Da Infanta Dona Sancha consta por muitas Escrituras. Huma doação faz ella da Igreja de Villar a Dom João Arcebispo de Braga em tres de Mayo do anno do Senhor de mil & cento & quarenta & sete, a qual começa assim. (b) *Ego famula Dei Sancia Regine Tarasie, ac Comitis Henrici filia, &c.* Quer dizer. Eu a serva de Deos Dona Sancha, filha da Rainha Dona Tareja, & do Conde Dom Henrique. Esta Princeza foy a que casou com Fernão Mendes, porque em a mesma Escritura se seguem immediatamente estas palavras: *Unacum consilio mariti mei Fernandi Mendes.* Quer dizer que faz aquella doação com o parecer de seu marido Fernão Mendes. Esta mesma verdade se prova de outra Escritura- 20

(a) Livro das Doações de Coimbra.

(b) Livro Fidei da Sé de Braga.

critura feita á mesma Sè de Braga de hum Casal em São Pedro de Gostem na Era de 1185. anno 1147. na qual se diz que dà seu consentimento Dom Fernão Mendes, & sua molher a Infanta Dona Sancha. (a) *Concedente Domno Fernando Menendis, & uxor sua Infantissa Domna Sancia.* O mesmo consta de outras Escrituras, que deixo por brevidade. Quem fosse Fernão Mendes marido da Infanta, se verá adiante.

10 A outra Infanta Dona Urraca foy a que casou com Dom Vermudo Paes, como mostra o mestre Fr. Antonio de Yepes de Escrituras de Sobrado. Porem não ouve neste casamento a indecencia que os Historiadores escrevem, de ser este Fidalgo casado primeiro com a Rainha Dona Tareja; como mostraremos em alguns lugares do livro seguinte.

20 Alem destas duas Infantas entendo que ouve outra irmãa por nome Dona Tareja, & que esta foy a que casou com Dom Sancho Nunes, filho, ou decendente do Conde Dom Nuno de Cella Nova. Movo-me ao primeiro ponto, por ver que dizem nossos Historiadores, tiverão estes Principes huma filha chamada Dona Tareja; & não ser bem, & conveniente reprovar seus ditos,

(a) *Archivo da Igreja de Braga.*

tos , quando não incluem contradição , & podem ser explicados. Ao segundo ponto do casamento com Dom Sancho Nunes me obriga o Conde Dom Pedro , affirmando ser este Fidalgo casado com a Infanta Dona Tareja. E posto que elle a nomea por filha , & não por irmã delRey Dom Afonso Henriques , (a) todavia de Escrituras authenticas consta ser o Conde Dom Vasco filho deste Dom Sancho Nunes , sobrinho , & não neto delRey Dom Afonso Henriques. Porem desta materia averà ainda lugar de tratar em outras partes. IO

Alem destes filhos dizem teve o Conde Dom Henrique fora de matrimonio a D. Pedro Afonso , o qual primeiro foy illustre Cavalleiro no mundo , & depois seguiu a milicia de Christo no Real Mosteiro de Alcobaça : de cujas cousas se tratarà em hum dos livros seguintes em particular Capitulo.

CA-

(a) *Archivo de Santa Cruz de Coimbra.*

CAPITULO XXVIII.

*De como o Conde Dom Henrique ganhou
algumas terras em Leão, & Galliza.
Como se perderão outras na
Estremadura.*

IIIO. **P**OR morte delRey Dom Afonso o Sexto ouve grandes movimentos de guerras entre os Principes Christãos de Espanha, de que ao Reyno de Portugal coube boa parte. Deixàra este Principe duas filhas, a quem pertencia a herança de seus Estados. Era a primeira a Rainha Dona Tareja, casada com o Conde Dom Henrique. A segunda se chamava Dona Urraca, ja viuva
10 do Conde Dom Raymundo, de quem lhe ficara hum filho por nome Dom Afonso Ramon: & de novo casada com elRey de Aragão Dom Afonso chamado o Batalhador. Todos os Auctores suppõem que a herança de Leão, & Castella pertencia à Rainha Dona Urraca: por cuja causa dizem tratou elRey de Aragão de se fazer senhor daquelles Reynos, o que continuou por força de armas, ainda depois de se fazer divorcio, que logo ouve entre elle, & a Rainha.

Por outra parte os senhores de Galliza,

za, aonde se criava o Infante Dom Afonso Ramon, o quiserão levantar por Rey, oppondose aos intentos dos Aragonezes. Dom Pedro Conde de Trava principal Auctor desta obra, & ayo do Infante (dizem) se valeo do Conde Dom Henrique para proseguir seus intentos. Outros senhores de Castella, o principal dos quais era o Conde Dom Gomes de Candespina, e o Conde Dom Pedro Gonçalves, senhor de Lara, 10 querião que sò prevalecesse a facção da Rainha Dona Urraca, quer por julgarem o partido por mais justo, quer por favorecidos da Rainha, a cujo casamento (segundo dizem) aspirarão ambos. Neste estado tornou elRey de Aragão a renovar a guerra que ja dantes tinha principiado, & valendose do Conde Dom Henrique, fez effeitos de muita importancia contra Castella.

Duas vezes vierão à rompimento os 20 dous exercitos contrarios, ficando em ambas desbaratados os Castelhanos. Deose a primeira batalha no campo de Candespina, em a qual o Conde Dom Gomes morreo valerosamente, & o Conde Dom Pedro fogio com muito discredito. Na segunda batalha dada entre Leão, & Astorga matarão o Conde Dom Fernando Ozorio, ficou preso o Conde Dom Pedro de Trava, & se arruinarão muito as cousas da Rainha Dona Urraca-

raca , & do Infante Dom Afonso Ramon seu filho. Todas estas cousas acontecerão do anno 1110. até o anno de 1112. em que morreo o Conde Dom Henrique , o qual segundo referem os mesmos Auctores , se achou nestas duas batalhas.

10 Não ponho eu duvida de andar por este tempo envolto em guerras contra os Leoneses , & Gallegos o Conde Dom Henrique , pois nossas Historias o affirmão , & se sabe que quando morreo , tinha ganhado muitas terras naquelles Reynos. Sò me causa difficuldade as razões dellas , que os Auctores apontão ; por quanto tenho por mais provavel que este Principe pretendeo a herança daquelles Reynos por aução de sua mulher a Rainha Dona Tareja. Ja em outro lugar tratei este ponto , & o confirmei com razões , & auctoridades que me parecerão convenientes ; & não he a menor , ver
20 que o Conde adquiria terras pelas armas , muitas das quais ficarão despois a seus descendentes , como mostraremos (alem do que fica dito) no progresso desta historia. E quanto a se dizer que elRey de Aragão dividiria com elle as conquistas , alem de não ser conforme ao que escrevem os antigos , se faz mais difficultoso , por aver Auctores graves , a quem parece que as guerras delRey de Aragão contra os Castelhanos foram
rão

rão depois da morte do Conde : por onde parece , que as do Conde Dom Henrique se fizeram em outro tempo , & tiverão diferente intento. (a)

Mas seja o que for das causas , do effeito das guerras se não pode duvidar , nem das conquistas de muitas terras em Galliza & Leão , feitas pelo Conde Dom Henrique. He prova desta verdade ver , que não alcançando o Conde pelo dote de sua mulher (como temos visto) terra alguma em Galliza , deixou muitas sogeitas ao Estado de Portugal por sua morte. Nossas Historias dizem , que antes de fallecer tinha ganhado Astorga , & obrigara aos da cidade de Leão a se lhe entregarem , se até certo tempo não fossem socorridos. Eu pelas Escri-
turas acho , que a Rainha Dona Tareja possuia terras em Galliza , até o Castello de Lobeira , do qual , segundo se dà a en-
tender se fazia em seu tempo guerra.

Não he necessario tornar a repetir , o que ja nesta materia fica bem provado , nem dos sucessos destas guerras se pode fazer a relação larga , pois a mayor parte delles nos ficou escondida pelo descuido dos antigos. Mas em lugar destas particularidades se podem referir outras deste mesmo
tem-

(a) *Assi escreve o Auctor da Historia de São João de la Pena.*

tempo nacidas , segundo bem se entende destas mesmas cousas. Pois em quanto os Principes Christãos se perseguião com odios , & movidos de ambição sogeitavão as terras de seus vizinhos , não dormião os Mouros confinantes , sempre intentos ao dano & destruição da Christandade. E assi foy , que hum Rey dos Arabes por nome Cyro , vendo o Conde Dom Henrique occupado em

10 terras tão distantes , & impedido com guerras ; entrou com grande exercito pela Estremadura , & pôz cerco à villa de Santarem. Não me consta que Capitão Portuguez a defendia , que as memorias antigas vão nisto muy succintas ; sò sey que se sustentarão os Portuguezes que na villa estavam largo tempo ; & que ao fim a não veyo a ganhar o Rey Mouro , senão por causa de fome , que opprimia os cercados. (a) Assi

20 o declara elRey Dom Afonso Henriques em a relação que fez quando despois ganhou esta Villa , da qual atraz fizemos memoria : porque dizendo como elRey Dom Afonso o Sexto , seu avô , não ganhara Santarem por combate , mas que se lhe entregarão os cercados por falta de mantimento ; accrecenta , que do proprio modo a ouvera elRey dos Moabitas chamado Cyro.

Moa-

(a) Memoria de Alcobaga da tomada de Santarem.

Moabitarum etiam Rex Cyrus similiter.

(Nomeãose Moabitas os Mouros Africanos em algumas memorias antigas , a distincção dos Espanhoes , que se chamavão Ismaelitas.)

Em o tempo que durou o cerco de Santarem , & o Conde Dom Henrique não podia abrir mão das guerras de Leão em que andava occupado , se alistou alguma gente de guerra em Portugal , & debaixo da capitania de alguns Fidalgos (devia ser por ordem do mesmo Conde) partio de Coimbra com intento de socorrer os cercados. Não tiverão bom successo os nossos nesta jornada ; antes com a perda que receberão derão occasião aos de Santarem se entregarem. E foy o caso , que como alojassem em hum lugar , que a Historia dos Godos chamava Vatalandi , (a) sem fazer as prevenções necessarias (grande descuido) derão os Mouros repentinamente sobre elles , & passando os mais à espada , de todo os desbaratarão. Morreo pelejando Sueiro Formarigues , que era Capitão desta gente , & Mido Cresconhes , & outros muitos nobres : & socedeo este lastimoso caso em o anno de 1110. antes de 26. de Mayo , porque neste dia se entregarão despois os de Santarem.

(a) Historia des Godos.

tarem ; como tudo relata a Historia dos Godos , cujas palavras não aponto por maior brevidade.

Sueiro Fromarigues , o que nesta occasião foy morto , he aquelle Capitão , de que ja atraz se fez memoria , que tinha seu assento na terra de Santa Maria. O Conde Dom Pedro lhe dà por filho a Nuno Soares (de quem vem os Vasconcellos por femea)
10 do qual diz que fundou o mosteiro de Gri-jò. Mais me parece que este Fidalgo o acrecentaria em rendas , & edificios , que ser o primeiro fundador ; porque acho Escrituras do tempo de seu pay Sueiro Fromarigues , em que ja se faz menção desta Casa. Mas não ha duvida ser sua fundação dos desta familia , da qual não pude descobrir direita successão , como tambem
20 nem de Mido Cresconhes , o outro Capitão que morreo na Rota de Vatalandi , posto que lhe ficou hum filho por nome João Midiz , do qual ha memoria em algumas Escrituras.

Não se trata nas memorias antigas da perda de Lisboa , Cintra , & ourras terras da Estremadura , sendo certo que todas ellas se reduzirão por estes annos ao senhorio dos Arabes. Porque como todas (segundo temos por mais provavel) estavam presidiadas dos mesmos Mouros , & sò reco-
nhe-

nhecião subjeição com algum tributo ao Conde Dom Henrique, não seria difficuloso eximiremse de todo, quando vissem suas cousas favorecidas com a entrada delRey Cyro naquella provincia. Em Santarem se nomeou por Alcayde hum valeroso pagão, chamado Abzecri, o qual a defendeo por muitos annos, & fortaleceo em forma, que de todo ficàra inexpugnavel; se não facilitara sua conquista a grande ventura delRey Dom Afonso Henriques, & o modo quasi milagroso com que nos annos seguintes veyo a ganhar esta insigne praça. 10

CAPITULO XXIX.

Da morte do Conde Dom Henrique, & de algumas cousas tocantes a seu enterro, & sepultura.

VEYO a fallecer o Conde Dom Henrique no mayor fervor das guerras de Leão & Galliza, correndo o anno do Senhor de 1112. Nisto convem todos os Historiadores: em qual dos mezes deste anno fosse sua morte, acho alguma differença. Em o livro dos Obitos de Santa Cruz se diz, que foy em o primeiro de Novembro, no proprio dia em que tambem morreo da-hi alguns annos a Rainha Dona Tareja, 1112.

Fr. A. Brandão; Tom. I. S mo-

molher do mesmo Conde. São as palavras do livro. (a) *Calendis Novembris obiit Comes Dominus Henricus, & uxor ejus Domina Tarasia*. Em doação feita pela Rainha Dona Tareja a Froila Spaço, se dà a entender ser a morte do Conde alguns mezes antes. Desta Escritura se verá a copia em hum dos capitulos do livro seguinte. E em outra doação de Pombeiro, que he o

10 Couto do proprio Mosteiro, que mandou fazer a Rainha Dona Tareja em o primeiro dia do mez de Agosto do sobredito anno de 1112. se dà a entender ser o Conde ja fallecido, porque diz a Rainha, que o faz pela alma de seu marido o Conde Dom Henrique, & por remedio de seus peccados della. *Pro anima de viro meo ille Comes Henrico, & pro remedio de peccatis meis, &c.* Mas como nos conste da certeza do anno em que falleceo o Conde,

20 pouco importa a duvida de alguns mezes que se acha nestas memorias.

Teve o Conde conhecimento de sua morte, & fez antes della os actos de Christão, que se podião esperar de hum Principe Catholico. Relata o Conde Dom Pedro em o livro que fez das Linhagens nobres de Espanha huma larga pratica feita pelo

Con-

(a) De Santa Cruz de Coimbra.

Conde Dom Henrique ao Infante Dom Afonso seu filho , ao qual diz mandàra chamar de Guimarães , onde residia. Ao Conde Dom Pedro seguem nossos Auctores , trazendo em seus escritos a summa daquella pratica , que he dirigida toda ao serviço de Deos , administração de justiça , & bom tratamento de seus vassallos , que o Conde encommendava a seu filho. Eu como tenha assentado o nascimento do Infante Dom Afonso em diverso tempo do que o apontão nossos Auctores , & me pareça mais certo , que quando seu pay falleceo era elle ainda menino de pouca idade , escuso de referir as advertencias que então lhe faria o Conde. E fundado em o mesmo principio , não approvo dizerem os mesmos Auctores , que a terra de Leão conquistada pelo Conde Dom Henrique , se levantàra na ausencia que fez o Infante Dom Afonso , acompanhando o corpo de seu pay à cidade de Braga ; porque para se rebellarem terras pouco firmes ainda no senhorio deste Principe , bastante causa era sua falta , & a mudança que logo ouve no governo. A verdade he , que por morte do Conde Dom Henrique ficou governando os Estados de Portugal a Rainha Dona Tareja sua mulher , senhora proprietaria delles : & nesta forma continuou alguns annos , até ser excluida pelas armas do In-

10

20

fante Dom Afonso seu filho. Com a occasião desta mudança tão notavel a terião os Leoneses de Astorga , & outros lugares para negarem a obediencia à Rainha : & ainda permanecerem as terras de Galliza , se deve muito ao valor de seus vassallos , & bom acordo da propria Princeza.

Falleceo o Conde Dom Henrique na cidade de Astorga , a qual , como ja advertimos , tinha por sua , & deixou ordem o levassem a sepultar à cidade de Braga. Seu mandado se pôz em effeito , & trazido a Braga foy enterrado na Sè em huma Capella particular fora da Igreja. Não era costume naquelle tempo darse sepultura dentro das Igrejas , ainda que fosse a Reys , & Principes soberanos : por esta causa se fundavão de fora algumas capellas , ou arcos , de que ainda se vem os vestigios nas paredes de algumas Sès do Reyno : em estes se dava sepultura às pessoas mais insignes daquelle tempo. (a) Neste nosso abriu a piedade ja lugar nos mosteiros , & Igrejas principaes às pessoas de menos calidade , quanto mais às illustres. Não falta quem reprove este estilo , & o tenha por grande abuso , no que por hora não fazemos disputa.

A

(a) Paulo Jovio no livrinho da embaixada dos Moscovitas ao Papa Clemente VII.

A Rainha Dona Tareja foy sepultada despois quando morreo, na propria Capella em que jazia o Conde Dom Henrique. Nella estiverão os corpos destes dous Principes até o anno do Senhor de 1513. em o qual o Arcebispo de Braga Dom Diogo de Sousa seu descendente mandou fundar a Capella mayor da Sè com grande sumptuosidade, por ser a outra antiga muy piquena; & fez tresladar a ella os ossos do Conde & da Rainha, & os collocou em hum nobre sepultura, a qual fica da parte do Evangelho. Por ordem do mesmo Arcebispo se escreveo nella hum Epitafio, que diz deste modo. 10

DEO OPTIMO MAXIMO.

Domno Henrico Ungarorum Regis filio. Portugallie Comiti D. Diegus Sousa Archiep. viro clarissimo, a quo Portugallie Reges esse, Regnumque adcepisse constat; de Republica Christiana, patriaque sua optime merenti posuit anno a Chricto nato M. D. XIII. 20

Em vulgar diz assi. No anno de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos & treze o Arcebispo Dom Diogo de Sousa pôz esta sepultura ao Conde Dom Henrique, filho de elRey de Ungria, Conde de Por-

Portugal , varão esclarecido , & benemerito da Republica Christãa , & de sua patria , do qual tiverão principio os Reys & Reyno de Portugal.

10 Advirto que se nomea aqui o Conde Dom Henrique , filho delRey de Ungria , conforme a Chronica de Duarte Galvão , a qual naquelle tempo em que se escreveo o Epitafio tinha sahido à luz. Mas isto temos por menos certo , como tambem o chamar-se Conde de Portugal , segundo o que nestes pontos resolvemos em alguns Capitulos deste livro.

20 Avia duvida se estavam na sepultura do Conde Dom Henrique com os ossos do mesmo Conde os da Rainha Dona Tareja , pelo que hum Sabbado à tarde a 28. de Novembro do anno de mil & quinhentos & noventa & oito mandou o Arcebispo Dom Frey Agostinho de Castro abrir o sepulchro do Conde , estando presentes alguns Conegos , & pessoas outras Ecclesiasticas , & assi mesmo fisicos , sorgiãos da Cidade : & achouse estarem ossos de dous corpos , homem , & molher , pelos exames , & experiencias que se fizeram. Estavão envoltos em cendais de damasco aleonado : mandou o Arcebispo apartar os ossos da Rainha , para os pôr no sepulchro , que lhe fica de frente , à parte da Epistola , por estar de

vasio. O licenciado Gaspar Alveres Louzada, que se achou presente, compòz por mandado do dito Arcebispo hum Epitafio à mesma Rainha, o qual se porà adiante, quando tratarmos de sua morte.

CAPITULO XXX.

De algumas pessoas insignes do tempo do Conde Dom Henrique, & do que pertence a suas familias, & decendencia.

ACOMPANHARÃO ao Conde Dom Henrique nas conquistas, & guerras de seu tempo muitos Capitães illustres, huns vierão com elle de França, & de outras partes de Espanha, outros vivião ja de assento, & com casas neste Reyno. De huns, & outros tocaremos o que parecer mais conveniente, fazendo advertencia, que não tratamos de dar precedencias, nem pretendemos terem suas gerações principio em o tempo em que delles se faz memoria. Mas terse ha respeito ao lugar, em que as aponta o Conde Dom Pedro em seu livro, ou aos annos em que tivermos noticia dellas pelas Escrituras: & esta lembrança se aja por feita para outros lugares desta obra. 10

O primeiro Capitão companheiro do
Con-

Conde Dom Henrique he Dom Fafez Luz seu Alferes, de quem diz o Conde Dom Pedro, (a) que foi Rico Homem muito bom, e honrado; palavras com que califica grandemente sua nobreza, & pessoa. Casou neste Reyno com Dona Froilhe Viegas, filha de Egas Paes de Penagate, o que fundou o Mosteiro de Rendufe. Della teve dous filhos, que forão tambem Ricos Homens, & dos insignes cavalleiros daquelle tempo. Do primeiro, que teve nome Dom Godinho Fafez, procedem os Fafez. (alguns crem, que tambem os Godinhos, porem vem de outro Godinho Fafez, tambem Rico Homem, filho de Fafez Sarrazins de Lanhoso, o que morreo em Agoa de Maias diante delRey Dom Garcia de Portugal.) O segundo filho de Fafez Luz se chamou Dom Egas Fafez, que casou com Dona Urraca Mendez de Sousa, & tiverão entre outros filhos o insigne Capitão Gonçalo Viegas Mestre da Ordem de Aviz, em tempo delRey D. Afonso Henriques: & entre outros seus descendentes, que refere o Conde D. Pedro vierão os Fidalgos do appellido de Teixeira, cuja successão (segundo os nobiliarios) se conserva em parte nos Correas Baharens. (b)

Os Fafez tem por armas o campo parti-

(a) O Conde D. Pedro tit. 39.

(b) Conde D. Pedro tit. 39.

tido em pala, o primeiro esquartellado de ouro, & vermelho de tres esquaques em faixa, & outros tantos em pala, & o segundo de azul, & prata de outras tantas peças esquaquetadas, & por timbre hum Sol de ouro.

As armas dos Teixeiras são em campo azul huma Cruz de ouro potente, vazia do campo, & por timbre meyo Unicornio de sua côr, com o corno, & unhas de ouro.

Os Correás Baharens tem por armas o 10
escudo esquartellado, no primeiro em campo vermelho, huma cabeça de hum Rey Mouro, cortada em sangue com turbante & coroa. No segundo, & terceiro huma aguia preta com o escudo dos Correias no peito. E no quarto (que he partido) na primeira parte huma Cruz dos Teixeiras, & na segunda sinco flores de Lis em campo verde dos Motas. Por timbre tem hum braço armado com a cabeça do Rey Mouro. 20

Trazem os Godinhos por armas o escudo partido em pala, o primeiro esquaquetado de ouro & vermelho de duas peças em faixa; & o segundo esquaquetado de ouro & azul de outras duas peças em faixa: fazem em todo ambas as palas de vinte peças, & por timbre huma Hydra de ouro de sete cabeças, a do meyo mayor que as outras, & seu resgoardo armado de vermelho, & azas estendidas de azul.

Faz

Faz tambem memoria o Conde Dom Pedro de Dom Guterre, & de Payo Guterres seu filho, dizendo, que vierão de Gas-cunha a Portugal com o Conde Dom Henrique. Louva muito as obras de valor do pay, & filho, sua bondade, & grande entendimento; & particulariza como Payo Guterres edificou o Mosteiro de S. Simão da Junqueira; o de Souto, & o de Vilella, que
10 para Fidalgo particular em aquelle tempo he grande cousa. Bem lhe pagou Deos estas obras de piedade ainda em bens temporaes, pois dilatou sua familia, & a fez humas das mais ricas, & principaes que hoje ha em Espanha; porque sem lançar mão do que tem em Portugal, que são muitos Morgados de grossas rendas, sabemos que em Castella se dirivão por varonia do Conde Martin Vasques da Cunha, (o qual passou
20 àquelle Reyno em tempo delRey Dom João o primeiro) as grandes casas dos Marquezes de Vilhena Duques de Escalona, as dos Duques de Ossuna, & de seu irmão Lopo Vasques, a dos Condes de Buendia, & outras que dellas procedem, posto que as menos conservão o appellido de Cunha. Dos sugeitos desta familia que ouve em nosso Reyno insignes, darà a Historia noticia em seus lugares.

Os Cunhas tem por armas em campo
de

de ouro nove cunhas de azul de ferro firmadas, postas em tres palas, & por timbre hum meyo Grifo de ouro acunhado de azul, com azas acunhadas de ouro.

Dom Aniam da Estrada, que he outro Fidalgo companheiro do Conde Dom Henrique foy tambem natural das Asturias, & se achou com aquelle Principe nas empresas do seu tempo, & por sua morte seguiu as bandeiras victoriosas delRey Dom Afonso Henriques, de quem diz o Conde Dom Pedro, (a) que ouve o senhorio de Goes com todos seus termos, muitos dos quais elle fez povoar, & reduzio a cultura. Porem eu vi a doação de Goes, & he feita pela Rainha Dona Tareja, & pelo Infante seu filho a Dom Aniam Trêstaris, ou Vestraris, que he outro Fidalgo do mesmo tempo de quem falla o mesmo Conde no fim do cap. 59. Mas como em os decen-
dentes de Dom Aniam de Estrada se perpetuasse o senhorio de Goes, pouco importa a qual dos dous se fizesse a primeira doação. Chamarão-se estes senhores de Goes do mesmo appellido, até que por casamento se unirão aos Sylveiras, geração das illustres do Reyno, de que sairão Capitães muy valerosos, & por esta causa pertence hoje o
se-

(a) Conde D. Pedro tit. 59.

senhorio de Goes aos Condes da Sortelha.

Teve Dom Aniam da Estrada dous filhos, & ambos pessoas muy insignes, o primeiro se chamou Dom João Anaia, & foy Bispo de Coimbra, Prelado de valor, & constancia, de quem avemos de tratar adiante. O outro se chamou Martim Aniam, ou Anaia, de quem o Conde Dom Pedro diz, que casou com Dona Toda Randufes, mulher que fora de Mendo Strema. Em Escri-
tura do Mosteiro de Semide se acha estar elle casado com Elvira Afonso em o anno do Senhor de 1154. Porem o Conde Dom Pedro respeitaria à successão, a qual diz serem os de Goes, os Redondos, & os de Sequeira, aos quais podemos ajuntar os Farinhas, & outros Fidalgos, que todos procedem de Dom Aniam. Duvida ha na descendencia dos Sequeiras, por quanto o mesmo Auctor nomea em outro lugar por tronco delles a Dom Pedro Coronel, mas esta se resolverà adiante, quando tratarmos particularmente de Martim Anaia, entre os aventureiros, que se acharão com elRey Dom Afonso Henriques na batalha de Ourique.

Os Goes tem por armas em campo azul seis cadernas de crecentes de prata postas em duas palas, & por timbre hum Drago azul armado de prata com huma
qua-

quaderna das armas dos peitos.

As armas dos Sylveiras são tres faxas de vermelho em campo de prata , & por timbre meyo Usso de prata armado de vermelho cortado em sangue.

Os Farinhas trazem por armas em campo azul nove besantes de prata em aspa , entre quatro Cruzes de ouro floridas vassadas do campo , & por timbre hum molho de trigo de seis espigas em aspa , tres por cada banda , atadas com hum torçal azul. 10

Dom Mem de Gundar he outro Capitão , que veyo de Asturias , & se achou com o Conde Dom Henrique. Diz delle o Conde Dom Pedro, (a) que foy Cavalleiro muy bom , & honrado ; que para os termos de que usa o Conde , não he pequena abonação de seu valor , & nobreza. Casou Dom Mem de Gundar com hum senhora de Galliza , que avia nome Dona Goda , da qual houve alguns filhos muy valerosos nas armas , de quem se fallará adiante , quando tratarmos da batalha de Ourique. Ruy Gomes de Gundar da Mota foy bisneto de Dom Mem de Gundar , & o primeiro deste appellido , de quem ficou descendencia , como affirma o Conde Dom Pedro. Em tempo delRey Dom João Primei- 20
ro

(a) Conde D. Pedro tit. 60.

ro se mostrou muy valeroso , & zeloso da
defensão deste Reyno João Rodrigues da
Mota. Dos que mais se seguirão , & fizerão
obras dignas de louvor em serviço da pa-
tria , se fallará em seus lugares.

10 Os Motas tem por armas em campo
verde sinco flores de Lis de ouro em aspa ,
& por timbre dous penachos verdes goarne-
cidos de ouro , & entre os penachos huma
flor de Lis de ouro.

C A P I T U L O XXXI.

*De outros Fidalgos deste tempo do Conde
Dom Henrique , dos quaes se sabe
pelas Escrituras , & pelo li-
vro das linhagens.*

20 E STES Fidalgos são os que particular-
mente diz o livro das Linhagens que
vierão com o Conde Dom Henrique. Alem
delles temos noticia de outros deste mesmo
tempo pelas Escrituras. Em a doação da
Cornelham feita pelo Conde Dom Henri-
que à Igreja de Santiago , cuja data he a
9. de Dezembro do anno do Senhor de
1097. confirma entre os Ricos Homens Ro-
drigo Froyaz , o qual não ha duvida ser da
illustre familia dos de Pereira , assi pelo ap-
pellido de Froyaz tão ordinario nos desta
ca-

casa , como pelo lugar de Rico Homem
 devido à sua nobreza , & de seus antepas-
 sados. Faz o Conde Dom Pedro tronco des-
 ta familia ao Conde Dom Mendo , o qual
 (segundo alguns Auctores) era decenden-
 te dos Reys Longobardos de Italia , & en-
 trou em Espanha , reynando em Leão el-
 Rey Dom Afonso o Primeiro. Seus decen-
 dentes forão senhores do estado de Tras-
 tamara , & o possuirão com titulo de Con- 10
 des , continuando nesta grandeza até o prin-
 cipio de Portugal , para onde se veo Gon-
 çalo Rodrigues Froyaz por desgostos que
 teve com elRey de Leão , sendo Rey Dom
 Sancho o Primeiro , de quem foy bem re-
 cebido , & herdado neste Reyno , & seu
 neto o Conde Dom Gonçalo foy hum dos
 grandes senhores que nelle ouve ; & ventu-
 roso na successão que deixou , pois seu bis-
 neto o grande Condestable de Portugal fun- 20
 dou a casa de Bragança verdadeiramente
 Real , pois não sò vem dos Reys por mui-
 tas vias , mas della procedem quasi todos
 os Reys , & Principes da Christandade. E
 outros decendentes do Conde Dom Gonça-
 lo derão principio à casa dos Condes da
 Feira , à dos senhores de Riba de Visella ,
 & a outros ramos illustres.

Huma duvida me occorre na decenden-
 cia dos desta familia (que tece o Conde
 Dom

Dom Pedro, & outros que o seguem) a qual he, não parecer possível que o Conde Dom Rodrigo Froyaz, o que venceu em Santarem a elRey Dom Sancho de Castella, & morreo gloriosamente diante de seu Rey Dom Garcia, fosse pay (como elles dizem) do outro Dom Rodrigo Froyaz, que servio a elRey de Castella Dom Fernando o Terceiro, & se achou com elle no cerco de Sevilha, (a) porque isto foy pelos annos de 1248. & o Conde Dom Rodrigo era morto em o anno de 1070. (b) Parece-me que entre o Conde Dodrigo, & o ultimo Dom Rodrigo do tempo delRey Dom Fernando o Terceiro, se ha de nomear o Dom Rodrigo Froyaz, que confirma na doação do Conde Dom Henrique, & que este foy o que casou com a filha de Gonçalo Mendes da Maya o Lidador: mas a resolução desta duvida fique para os Escri-
tores dos Nobilitarios, pois a elles pertence como materia propria.

Os Pereiras tem por armas em campo vermelho hum Cruz de prata florida, vazia do campo, & por timbre huma Cruz ver-

(a) Do anno do cerco de Sevilha consta de muitos Auctores.

(b) Do tempo da morte do Conde Dom Rodrigo falla o Bispo de Pamplona na Chronica delRey Dom Sancho, & delRey Dom Afonso o Sexto.

vermelha florida, & vazia entre dous cotos de azas de Anjos.

Em o Foral de Soure dado pelo Conde Dom Henrique em o anno de 1111. acho o nome de Pedro Correa entre outros que assinão : o que se deve ter por cousa bem notavel, por serem rarissimos naquelle tempo os appellidos, que sô se usavão os sobrenomes patronimicos. E posto que deste appellido não ficarão em Portugal Casas titulares, ha com tudo alguns Morgados ricos, & casas principaes, de que sairão pessoas insignes : & bastava huma sô para dar lustre a esta familia, pois o deu a toda Espanha, qual foy o famoso Mestre de Santiago Dom Paio Peres Correa, Portugues de nação, & hum dos mais illustres Capitães que teve a Christandade. Da familia dos Correias falla o Conde Dom Pedro em o titulo 62, & lhe dà principio em Dom Pedro Ramiro. Na Historia de Santiago escrita por Dom Mauro Castella Ferrer se diz, que os Correias de Portugal estiverão sempre juntos som os Lopes de Galliza, & estes diz que procedem de Dona Lupa, ou Loba primeira fundadora do Templo do Apostolo Santiago, & do tempo do mesmo Santo.

Os Correias tem por armas o campo de ouro fretado de coticas, ou correas de ver-

Fr. A. Brandão; Tom. I. T me-

melho repassadas humas por outras , & por timbre dous braços armados em aspa , atados com hum fita vermelha.

Em hum Escritura do Mosteiro de Arouca do anno de 1098. acho nomeado Fernão Geremias com sua molher Ermesenda Garcia : & este Fidalgo pelo que se colhe da computação dos annos deve ser o ascendente dos Pachecos , de quem falla o

10 Conde Dom Pedro , (a) posto que elle lhe dà outra molher , da qual tira os filhos que aponta. Ouve Capitães mui insignes desta familia , da qual ficou em Castella (por se passarem de Portugal a este Reyno os filhos do grande Diogo Lopes Pacheco) a mesma decendencia que assinamos dos Cunhas : por quanto hum filho do Conde Martim Vasques da Cunha casou com a filha herdeira de João Fernandes Pacheco , se-

20 nhor de Belmonte , dos quais procedem os Duques de Escalona , Marqueses de Villena , & os Duques de Ossuna ; & aquelles conservão o appellido de Pacheco.

São as armas dos Pachecos em campo de ouro duas caldeiras de preto em pala , cada hum com tres faxas de ouro , & vermelho veiradas , & contraveiradas , & nas azas de cada caldeira quatro cabeças de Serpes

(a) Conde Dom Pedro tit. 50.

pes de ouro, duas para dentro da caldeira, & duas para fora com as lingoas vermelhas, & por timbre hum pescoço de Serpe de ouro com duas cabeças batalhantes tambem de ouro.

Por Escrituras de Braga, & Pombeiro atraz citadas sabemos de Paio Guterrez, & de Egas Gomez. (a) E era Paio Guterrez o da Sylva, Rico Homem, como se vê das doações daquelle tempo. Seu pay se chamou Guterre Alderete, em quem o Conde Dom Pedro principia a familia dos Sylvas, da qual ouve em todas as idades pessoas muy sinaladas, & ha hoje grandes casas em Portugal, & Castella. O filho de Payo Guterrez foy Conde, & ultimo Governador do Castello de Santa Olaya, como adiante veremos. Seu decendente era Ayres Gomez da Sylva, o qual passando a Castella em tempo delRey Dom João o Primeiro, fundou as Casas dos Condes de Cifuentes, dos Marqueses de Monte Mayor, & outras. Em Portugal ficarão os Regedores do Reyno os Condes de Portalegre, hoje Marqueses de Gouvea, & outros Morgados sem titulo, entre os quais he muy notavel o dos senhores de Ulme, & Chamusca, de que em tempo de nossos avôs se derivou em Cas-

T ii

tel-

(a) Conde Dom. Pedro tit. 58.

tella a grande Casa dos Duques de Pastrana a dos Condes de Salinas, que em Portugal possuem o Marquesado de Alenquer, & em Aragão o Ducado de Hixar. Trazem os Sylvas por armas em campo de prata hum Leão de purpura armado de azul, & por timbre o mesmo Leão das armas.

10 Egas Gomez de Sousa, (a) de quem se faz menção na outra Escritura de Pombeiro, era filho do Conde Dom Gomez, & de Dona Gontrode Muniz, sobrinha del-Rey Dom Afonso o Sexto, filha de seu meyo irmão Dom Martinho Fernandes.

20 A antiguidade da familia dos Sousas he tão grande como se pode ver no Conde Dom Pedro titulo 22. Basta sabermos, que muito antes de aver Reys em Portugal, tinha Condes, & Santos que a illustravão; & que vindo a faltar a decendencia masculina nos principais ramos desta geração, casou elRey Dom Diniz dous seus irmãos com duas senhoras herdeiras daquelles Morgados. Hoje està dividida esta familia em muitos ramos, entre os quais se conservão as duas Casas titulares dos Condes de Miranda, Governadores do Porto, & dos Condes do Prado, senhores de Biringel, que no titulo são mais antigos. Os senhores de
Gou-

(a) O Conde Dom Pedro tit. 22

Gouvea de Tamega, os senhores de Baião¹, os senhores de Alcoentre, & outros Morgados. Das armas dos Sousas, & de sua variedade direi em outro lugar.

Hum ramo dos Sousas dizem que são os Fidalgos do appellido de Pinto, o qual começou em Dom João Garcia de Sousa, neto do Conde Dom Mendo, & bisneto de Gonçalo de Sousa. Foy chamado Pinto, por suas muitas perfeições naturaes, & gentileza. Seus decendentes conservarão este appellido deixando o de Sousa. Ha delles os senhores de Ferreiròs, & Tendaes, Alcaides Mores de Chaves, & outros Morgados. Isto dizem alguns Escritores de Nobiliarios. O contrario tem para si pessoas doutas, por acharem Pintos antes de Dom João Garcia, & lhes parecer que não ficou d'elle decendencia: no qual ponto resolverão o que for mais certo os que tomão a seu cargo tratar de decendencias. Eu acho pelas inquirições delRey Dom Afonso Terceiro, (a) que em tempo que vivia Dom João Garcia, tinham honras como fidalgos, Estevão Pinto, & seus filhos em terra de Basto, & Domingos Pires Pinto era Juiz de Gaia, & corria com a fazenda delRey Dom Afonso Terceiro na cidade do Porto.

O

(a) *Livro das Inquirições.*

O Conde Dom Pedro diz , que Vasco Pinto de Riba de Bestança , & seus irmãos decendião de Dom Egas Mendes , filho de Mem de Gundar , de cuja nobreza fica dito.

As armas dos Pintos são cinco crecentes de Lúas vermelhas em aspa , & por timbre hum Leão pardo de prata , armado de vermelho com hum crescente das armas na espadoa.

10 No livro antigo das Linhagens , que esteve na Torre do Tombo , & foy tresladdo por Martim Annes de mandado do Daião de Lisboa em a Era de 1381. que vem a cair no anno de 1343. se nomeão alguns fidalgos Portugueses , que diz florecião em tempo delRey Dom Afonso o Sexto , & he o catalogo delles o seguinte. Dom Egas Gomes de Sousa. Dom Gonçalo Trastamires de Maia. Dom Mendo Alam
20 de Bragança. Dom Egas Gozendes de Riba Douro. Dom Monio Viegas de Riba Douro. Dom Suer Guedes o de Varsea. Dom Fafez Sarazis de Lanhoso. Dom Guterre Alderes da Sylva. Dom Paio Guterres de Tuichaes. Dom Vasco Nunes de Bravaes. Dom Rodrigo Froyas de Trastamar , que casou em Portugal. Dom Vermui Perez , que casou em Portugal. O Conde Dom Nuno de Cella Nova , que casou em Portugal. Ayras Carpinteiro , donde vem os Ramiraes.

Pay

Pay Reimundo , donde vem os Corteyaos.
 Dom Ayras Nunes , donde vem os Vala-
 dares , & outros muitos. Dom Alvaro Fer-
 nandes , donde vinha Dom Gil Vazques.
 Dom Pedro Nunes. Dom Nuno Fromari-
 guiz , donde vem os de Riba de Visella.
 Dom Diogo Gonçalves , donde vem os de
 Belmir. Dom Sueiro de Brito. Ayras Calvo
 de Buyro. O Conde Dom Pero Pires da
 Trava. Nuno Soares de Grijò. Egas Soares 10
 Usurci , Atèqui o livro antigo.

Não ha duvida que estes erão da prin-
 cipal gente que então avia , & que delles
 procede muita da nobreza não sò de Portu-
 gal , mas de toda Espanha. De alguns te-
 mos ja dito , & de outros se escreverà no
 discurso desta obra , aonde lhes couber me-
 lhor o lugar por alguns decendentes , que
 são mais vezes nomeados em as Historias
 deste Reyno : & será pela mayor parte , 20
 quando tratarmos dos que se acharão com
 elRey Dom Afonso na batalha de Ourique ,
 dos companheiros de Gonçalo Mendes de
 Maia o Lidador , dos que assistirão no cer-
 co de Sevilha , assi dos nomeados pelo Con-
 de Dom Pedro , como dos que ficarão em
 Castella , & tiverão quinhão na repartição
 das terras que fez elRey Dom Afonso o Sa-
 bio : & em outros lugares onde he forçado
 fallar nas pessoas particulares por alguns ca-
 sos

10 sos que lhe acontecerão , ou obras insignes
que fizerão. Nestes lugares se tocarà sòmen-
te o que parecer mais necessario , & for de
mais credito das familias , que as particu-
laridades das successões , & exames desta
materia pertencem aos Nobiliarios. E se na
brevidade que seguimos , parecer a alguem
que se ha faltado em algumas cousas , ou
que dizemos mais de humas familias , que
20 de outras ; saiba que escrevemos sem pai-
xão alguma , & que dizer as vezes mais ,
não procede de querer antepôr , ou dar pre-
cedencias , mas de maior noticia que po-
deriamos ter pelas Escrituras. Onde será
facil de remediar o damno em os tomos se-
guintes com o que formos descobrindo , &
alcançando nesta materia , posto que sem-
pre nella se escreverà com limitação , pois
20 não he o principal argumento de nossa
Historia.

CAPITULO XXXII.

Como a vida heremitica teve principio em Portugal. Tratase particularmentè dos Hermitães da Serra de Ossa, que começaram em tempo do Conde Dom Henrique.

HUMA das coisas que mais illustrão o Reyno de Portugal, he averse dado nelle principio à vida Heremitica, que tem sido de tanto proveito, & ornamento à Igreja Catholica. Foy o primeiro que instituiu esta vida hum Santo varão chamado Felix, o qual viveo em hum monte junto a Rates, em tempo do primeiro Arcebispo de Braga S. Pedro, o qual (como he notorio) foy discipulo do Apostolo Santiago, & floreceo pelos annos de Christo de 45. De Felix, & seu modo de vida faz menção o Breviario de Braga na vida do mesmo S. Pedro. Este instituto de vida heremitica floreceo despois por todas as partes da Christandade, & parece que se derivou de Portugal; por quanto em todas as Provincias se acha que usarão do mesmo nome, & habito que trouxerão os Hermitães Portugueses antigos, & se conservou até nossos tempos nos Religiosos da Serra d'Ossa.

Des-

Despois da geral destruição de Espanha feita pelos Mouros de Africa , se deixarão ficar alguns Christãos vivendo entre elles , & porque entre outras muitas vexações que recebião , a principal era pelos apartar da Fè , & Religião Catholica : muitos assi por não poder soffrer estes combates , ou dandolhe a vexação entendimento para se darem de todo a Deos , deixavão
10 os povos , e se hião às serras , & charnecas , buscando lugar acomodado em que ouvesse agoa , & frutas silvestres de que se sustentassem , para que seguros dos Mouros vivessem em contemplação das cousas do Ceo.

Por este modo se foy continuando em Espanha a vida heremitica principiada nella em a primitiva Igreja. E assi lemos , que aquelles famosos Hermitães João Voto , & Felix com suas exhortações derão prin-
20 cipio à recuperação dos Reynos de Aragão , & Navarra. Sabemos que João Guarim Floreceo em Catalunha , & foy causa de se fundar a celeberrima Casa de nossa Senhora de Monsarrate. E de nossas Historias consta , que o Abbade João viveo retirado nas matas de Ceissa , & deu occasião a se edificar pelo tempo adiante aquella Casa. Tambem sabemos , que o Santo João Ciri-
ta fazia vida heremitica em o Mosteiro de São Christovão de Lafões , não longe das ribei-

ribeiras do rio Vouga , quando o vierão buscar aquelles Santos Monges de Clara-val , os quais , por revelação divina , lhe dirigio o Patriarcha São Bernardo , para que neste Reyno se plantasse a Religião Cisterciense.

Nas partes de Alentejo , posto que estivesse então debaixo do jugo dos Mouros , não faltava tambem quem seguisse este modo de vida , pois quando se deu a batalha do Campo de Ourique , avia hum Hermitão de muitos annos de penitencia , o qual (segundo se lê na Chronica delRey Dom Afonso Henriques) lhe annunciou a victoria , & os favores com que Deos queria dar principio a este Reyno. 10

Porem em nenhuma parte nem com mais firmesa , nem com mayor exemplo se continuou a vida heremitica que na serra de Ossa ; de que ainda são testemunhas estes nossos tempos. Os primeiros de que ha memoria que habitarão este lugar , & começarão a fazer nelle vida solitaria , forão quatro varões de excellente virtude , os quais (segundo tradição) viverão em tempo do Conde Dom Henrique , & de seu filho Dom Afonso. Chamavãose Gil , Bento , Lazaro , & Abrahão , os quais apartados em diferentes lugares da Serra , vivião em perpetua solidão , & contemplação das cousas divinas. 20

nas. O Gil morava em hum cova, que ainda hoje conserva seu nome, a qual està ao pé do Mosteiro da Serra para a parte do Norte, junto a huma pequena fonte. Em outra que fica detraz de hum oiteiro que do Mosteiro apparece, estava o Bento ao longo de hum piqueno ribeiro que por alli passa. De Lazaro tem ainda nome o mesmo valle, junto a Val de Infante, onde em
10 huma lapa daquella rocha fazia sua habitação; & he todo este valle cuberto de arvoredos sylvestres, regado de hum fresco ribeiro. O mesmo se diz de Abraham, de quem se nomea tambem outro sitio naquella Serra, a que chamão Val de Abraham.

Passados alguns annos, & correndo a fama da santa vida que fazião aquelles Santos Hermitães, se retirou à mesma Serra hum Cavalleiro principal da Milicia de Evora,
20 (a qual mudada despois a Aviz, ficou com este nome) & se dizia Fernão de Annes, o qual levou comsigo hum Capellão chamado Ribeiro, de nação Irlandez: & devia ser dos Ecclesiasticos, que vierão na armada Ingreza ao cerco de Lisboa. E parecendolhe que vivendo com os Hermitães juntos ao modo de Cenobitas, teria melhor aparelho de servir a Deos, & communicar com elles as cousas de sua salvação, que era o intento com que se recolhera àquel-
le

le sitio : fez com os quatro companheiros que morassem todos juntos, & para isso ordenou humas casas humildes (de que ainda apparecem rastros na Serra) com hum Otorio em que o Capellão Irlandez lhes dizia Missa, & ministrava os Sacramentos.

Com a conversão de pessoa tão notavel, houve grande aballo em muitos para deixar o mundo; & juntamente se tomou occasião de serem mais respeitados, & tidos em mayor estima os Hermitães daquelle Serra. Continuou naquelle modo de vida Fernão Annes com grande opinião de virtude até o anno do Senhor de mil & cento & noventa & cinco, sendo ja Rey de Portugal Dom Sancho o primeiro. E como então se tivessem diminuido muito as cousas da Christandade pela entrada que fizera o Miramolim de Marrocos neste Reyno o anno de mil cento & noventa & hum, & pela victoria que neste anno de mil cento & noventa & cinco alcansara delRey de Castella em Alarcos, em a qual fora morto pelejando valerosamente o Mestre da Cavallaria de Evora, chamado Gonçalo Viegas, que fora em socorro daquelle Rey com os Cavalleiros da Ordem, dos quais morrerão alguns, & os outros se tornarão a este Reyno: parecendo aos que ficarão, se devia prover aquelle lugar em pessoa, que não só

sò o esforço , mas a santidade da vida tivesse acreditado , derão seu voto em Fernão de Annes : o qual vendo ser serviço do Senhor não desemparrar os fieis naquelle tempo de tanta tribulação , acceitou o cargo , & deixou a contemplação , & quietação propria pelo bem commum da Republica.

10 Nem foy com pouco fruto da Christandade esta eleição do Mestre Dom Fernão de Annes , porque daquelle tempo em diante fez cruel guerra aos Mouros , & conquistou para a parte de Monforte , & Portalegre algumas fortalezas , que ainda estavam por elles : & nos recontros que avia se mostrava tão valeroso de sua pessoa , que pelos grandes golpes que dava , se trazia entre os Mouros em proverbio , golpe de Fernão de Annes que te alcance , dando a entender , que ninguem podia escapar de suas
20 mãos.

Os Hermitães que ficarão na Serra de Ossa forão continuando com seu instituto , & como lhes acudissem cada dia novos discipulos , vendo que não cabião não casas que tinhão edificado , escolherão outros dous sitios , que forão o Val de Infante , & Val de Abraham , em que fundarão casas , nas quais , & em outras que se forão edificando em Alemtejo , & alem do rio na Estremadura , conservarão seu modo de vida até nos-
SOS

sos tempos com grande exemplo de virtude,
 & florecerão entre elles alguns varões insi-
 gnes em santidade como os dous Hermi-
 tães, de que se faz menção na Chronica do
 grande Condestable, (a) que distribuirão
 as esmolas que elle mandou fazer no tem-
 po da grande fome. E o outro Santo Va-
 rão, a quem Nosso Senhor revelou o naci-
 mento do Beato João de Deos, como se
 escreve em sua vida, & outros que o tem- 10
 po nos encobrio.

Hum indicio ha muy claro da santa
 conversação destes Religiosos, o qual he,
 que mandando o Papa Gregorio Undecimo
 por Visitadores gèraes de Espanha ao Bis-
 po de Coimbra Dom Pedro, o de Tuy Dom
 João, e Vasco Chantre de Braga, sabemos
 que por sua ordem se extinguirão os Her-
 mitães que avia em algumas partes de Espa-
 nha, & com os de Portugal da Serra de Ossa 20
 se não innovou cousa alguma: que foy sinal
 certo de ser sua vida tão virtuosa, que os
 deixarão ficar para exemplo, & proveito
 commum de toda a Igreja.

Neste tempo (que era do Reynado del-
 Rey Dom Fernando) floreceo Frey Vasco,
 o qual trouxe a Espanha os Hermitães, que
 fundarão a Religião de São Hieronymo em
 Por-

(a) Chronica do Condestable Dom Nuno Alves Pereira
 na pag. 77.

Portugal , & Castella , & se tem ser primeiro dos Hermitães da Serra de Ossa. Pouco tempo adiante dizem , que foy do mesmo instituto Mestre João (depois Bispo de Lamego) & que por sua ordem veyo a Portugal a Religião de São Jorge de Alga , a que vulgarmente chamão dos Loyos.

10 Movido o Cardeal Infante Dom Henrique do bom exemplo de vida dos Hermitães da Serra de Ossa , tratou em o anno do Senhor de mil & quinhentos e setenta & oito de lhes alcançar confirmação da Santa Sè Apostolica , & reformação em algumas cousas , principalmente no estudo das letras de que carecião ; para que applicandose a ellas estes Religiosos , servissem à Igreja Catholica não sò com o exemplo de suas vidas , como atè então tinham feito , se não com a luz de sua doutrina , como de
20 então para qua fizerão , & fazem em grande beneficio do povo Christão.

Fim do Oitavo Livro.

LIVRO IX.

DA MONARCHIA LUSITANA.

CAPITULO I.

Por morte do Conde Dom Henrique , governava o Estado de Portugal a Rainha Dona Tareja.

POR morte do Conde D. Henrique ficou II 12.
o governo de Portugal à Rainha Dona
Tareja , & nelle continuou por espaço
de dezaseis annos , atè ser excluida pelas ar-
mas do Intante D. Afonso seu filho. Resolu-
ção he esta muy nova , & que causará admi-
ração aos leitores , os quais não terão ouvido
coisa alguma deste tempo do senhorio parti-
cular da Rainha ; antes fundados no que di-
zem nossas Historias , terão para si , que as IO
differenças entre esta Princeza , & seu filho se
principiarão pouco depois da morte do Con-
de D. Henrique ; & assi que não ouve tem-
po livre em que a Rainha sò governasse.
Mas como o fundamento desta verdade cons-
te de Escrituras em que não pode aver duvi-
da , nem se deve temer o espanto que a no-
vidade causa ; nem se pode arrecear de não
seguir o que dizem nossos Auctores ; pois os
vemos contrarios às relações mais certas do
tempo antigo. No ponto presente me consta
Fr. A. Brandão ; Tom. I. V que

que a Rainha Dona Tareja foy senhora absoluta de Portugal , sem dependencia ; ou companhia de outra pessoa , até o anno de 1128. Sei que então ouve discordias entre a mesma Rainha & seu filho ; de que resultou ficar ella excluida do governo , & o Infante com o senhorio do Reyno. E assi me não move o que huns escrevem , affirmando tiverão principio as differenças entre a Rainha , & o Infante seu filho logo depois da morte do Conde Dom Henrique , com occasião do segundo casamento desta Princeza com o Conde Dom Fernando de Trastámara. Nem o que outros resolvem , negando as mesmas discordias em todo o tempo , & o segundo matrimonio da Rainha , que suppoem ser o fundamento , & causa dellas.

Primeiramente do governo particular da Rainha ha muitos indicios , em o modo com que procedem as Escrituras , & doações daquelle tempo , de que se fará bastante demonstração em a Historia dos annos seguintes. Ha outras Escrituras em que expressamente se diz , como a Rainha Dona Tareja era senhora de Portugal , & o governava ; & destas importa neste lugar referir algumas.

Entre os papeis de Pedroso , Mosteiro antigo de S. Bento (hoje annexo ao Collegio de Coimbra da Companhia de JESU) ha huma notavel doação feita à mesma Ca-

sa por Ermesinda Onoriquiz , em que lhe concede muitas herdades entre os rios Ave, & Agueda , & contem no fim estas palavras. (a) *Regnante Regina nostra Tarasia Portugalensi, & Antistite nostro Gonsalvus Episcopus Colimbriensis facta series testamenti notum die erit V. Kal. Januarii E. M. C. LII.* Querem dizer: Reinando a nossa Rainha Dona Tareja em Portugal, & sendo Prelado de Coimbra nosso Bispo Dom Gonçalo, foy feita esta Carta de Testamento no dia sabido, que cahio a sinco das Calendas de Janeiro da Era de 1152. & vem a ser a 28. de Dezembro do anno de 1113. 10

Outra Escritura do mesmo Mosteiro, em que Payo Ludividez lhe dà por sua morte tudo o que possuia desdo rio Leça até Agueda , a qual consta ser feita a quatro das Calendas de Janeiro da Era de 1156. 20 que vem a ser a 29. de Dezembro do anno de 1115. mostra como reynava em Portugal a Rainha Dona Tareja , & era Bispo de Coimbra Dom Gonçalo com estas palavras que o declarão: *Regnante Principe nostra Regina Tarasia Portugalensi, & Antistite nostro Gunsalvo Episcopo Colimbriensi.*

V ii

No

(a) Arouca no Mosteiro de Pedroso.

No Mosteiro de Arouca ha algumas Escrituras que confirmão a mesma verdade. (a) Huma do anno de 1117. que he carta de venda de certas herdades feita por Sueiro Odoriz, & sua mulher Elduara, a Dona Toda Paes, que despois foy Freyra do mesmo Mosteiro, tem no fim estas palavras. *Facta carta venditionis notum die quod erit III. Nonas Julii Era M.C.LV. imperante Infante Domna Tarasia in Portugallensis, Episcopus Gonsalvus Colimbriensis, &c.*

Em o livro antigo da Sè de Coimbra està humas Escritura de concordia celebrada entre os Clerigos de Viseu, & o Bispo de Coimbra Dom Gonçalo, (b) (da qual em outro lugar se farà mais particular memoria) & nella se promete sogeição ao Bispo por parte do Clero de Viseu; com declaração, que duraria em quanto elle permanecesse na obediencia da Rainha Dona Tareja, que era a mesma que se devia ao verdadeiro Rey, & senhor da terra. *Ipsa permanente in fidelitate Regine Domne Tarasie, sicut Episcopus fidelis debet esse suo Regi, & domino terre.* E mostra ser feita esta Escritura na Era de Cesar de 1158. que he anno do Senhor de 1120.

Em

(a) Livro de Arouca num. 96.

(b) Livro de Coimbra fol. 179.

Em o anno de 1125. mandou a Rainha Dona Tareja povoar a villa de Soure; (a) a qual estava destruida de huma entrada, que no anno de 1117. fizeram os Arabes em terras de Coimbra; & declarase ser a Rainha Dona Tareja a que mandou restaurar esta povoação, & nomeou Capitão nella, o qual a avia de ter em seu nome.

Placuit divinae voluntati per eximiam Reginam Tarasiam praeficientem eidem Castello Gunsalum Gunsalviz pro principe manu teneri. Isto he, que aprouve à divina bondade fazerse a restauração de Soure (de que vay fallando) por meyo da excellente Rainha Dona Tareja, a qual nomeou por Capitão daquella fortaleza Gonçalo Gonçalves para que a sustentasse em seu nome. A palavra, *principe*, refere-se à mesma Rainha, & val tanto como senhora, como se pode ver na Escritura de Pedroso atraz referida. 10 20

Do anno de 1126. ha huma doação no livro Fidei da Sè de Braga, na qual deixa Paio Paez à dita Sè o quinhão que tinha em os Mosteiros de São Pedro de Capareiros, & de Santa Eulalia. E no fim se diz, que reinava em Toledo, & Leão Dom Afonso, & em Portugal a Rainha Dona Ta-

(a) Archivo de Santa Cruz de Coimbra.

Tareja. *Regnante Rege Domno Adefonso in Toletto, & Legione, in Portugali Regina Domna Tarasia.* Confirmação nesta Escritura Dom Paio Arcebispo de Braga, Dom Hugo Bispo do Porto, & Dom Afonso Bispo de Tuy. Donde se ve que estava então esta cidade à obediencia da Rainha.

10 Todos estes lugares, & outros muitos que deixo de referir por brevidade, provão muito bem nosso intento, de ser a Rainha Dona Tareja muitos annos absoluta senhora de Portugal. E de chegar seu governo até o anno de 1127. darão testemunho outros lugares dos capitulos seguintes. O que por ora se pode confirmar com argumento negativo de não constar das Escrituras, ser o Infante Dom Afonso senhor de Portugal até este tempo, & vermos d'elle em diante se nomea por senhor da terra. Em o testa-
20 mento de Munio Viegas, filho de Egas Moniz (outro diverso do ayo, & grão privado delRey Dom Afonso) o qual se conserva entre os papeis de Pedroso, & parece ser feito em 17. de Agosto da Era de 1166. anno de 1128. se declara, que quando se escreveo, era ja senhor de Portugal o Infante Dom Afonso, & Bispo de Coimbra Dom Bernardo. *Facta series testamenti sub temporibus Adefonsi Infantis, & Bernardi Colimbriensis Episcopi sub Era de*

de M. C. LXVI. Kalend. Septembris.

De permanecer o Infante Dom Afonso em concordia com sua mãy até o principio deste anno de 1128. dão testemunho muitas Escrituras dos annos seguintes, em que o Infante confirma, & approva o que a Rainha ordenava, & sobre tudo a auctoridade que temos do tempo em que se principiarão as guerras civis, da qual se fará copia adiante. Podese tambem corroborar esta verdade com sabermos não casou segunda vez a Rainha, ou se o casamento se reduzio a effeito, não foy no tempo que suppoem nossos Chronistas, pelo que não podia causar as guerras tão anticipadas. Mas porque este ponto do segundo casamento tem grande difficuldade, & ha de ser de muita importancia ao que avemos de dizer, será bem que se examine com todo o rigor possivel. 10

C A P I T U L O II.

Em que se trata se casou segunda vez a Rainha Dona Tareja, & se apontão razões por ambas as partes.

GRANDES indicios ha de se casar segunda vez a Rainha Dona Tareja, fortes são os argumentos que mostrão não ser
ca-

casada. Ocasão ouve sem duvida para os
 Escritores fallarem com variedade nesta ma-
 teria. Em o Archivo de Lorvão està a doa-
 ção do lugar de Pinheiro (he junto ao Cas-
 tello de Marnel , de que hoje ha vestigios
 entre o rio Vouga , & o monte de Mejam-
 frio) feita por Pedro Paes , & sua molher
 Gelvira Nunes , sendo Abbade de Lorvão
 Dom Daniel , a qual remata em estas pala-
 10 vras. *Facta est carta testamenti VIII.*
Kal. Februar. Era M. C. LVIII. Gundi-
salvo Episcopo regente Colimbriensem Se-
dem, Consule autem Domno Fernando do-
minante Colimbrie, & Portugalli. (a)
 Querem dizer: foy feita a Carta de Testa-
 mento a 9. das Calendas de Fevereiro da
 Era de 1159. (são 24. de Janeiro do anno
 de 1121.) governando a Sè de Coimbra o
 Bispo Dom Gonçalo , & sendo senhor , ou
 20 dominando em Coimbra , & no Porto o
 Consul Dom Fernando. Bem se declara em
 estas palavras , como neste anno referido es-
 tava casado o Conde Dom Fernando com
 a Rainha Dona Tareja ; pois sendo ella por
 este tempo senhora de Portugal (como te-
 mos visto) mal podia o Conde ter abso-
 luto mando em suas terras em forma que se
 nomee senhor dellas , sem ser casado com a
 Rainha. Em

(a) As Doações erão chamadas antigamente Testamen-
 tos.

Em o mesmo Archivo ha outra Escritura , a qual começa deste modo. *Orta fuit intentio inter Episcopum Domnum Gundisalum, & Abbatem Domnum Dani-
niem cum Vimara Elias, & cum Pela-
gio Gundisalvis, & cum Menendo Pinio-
nis de testamento Laurbanensi Cœnobio de
villa, que vocitant Medones, ante illa
Regina Domna Tarasia, & Comite Do-
mno Fernando, & judicarunt ut reliquis-* 10
sent illos ipsa villa. Em summa quer di-
zer , que correndo demanda entre o Bispo
Dom Gonçalo de Coimbra , & o Abbade
de Lorvão Dom Daniel , com outras pes-
soas sobre a villa de Midoes , a qual per-
tencia ao Mosteiro de Lorvão , apparece-
rão diante da Rainha Dona Tareja , & do
Conde Dom Fernando , os quais julgarão
que deixassem elles a villa , &c. He a da-
ta desta Escritura em Novembro do sobre- 20
dito anno de 1121. Parece que tambem della
se prova o casamento do Conde com a Rai-
nha , pois em presença de ambos se deci-
dião as causas mais graves , & ambos con-
corrião na resolução dellas.

Ha outros indicios de que se colhe o
mesmo casamento , como fazerse nas ESCRI-
turas particular exceição entre o Conde Dom
Fernando , & os mais senhores Portugue-
zes , como em certa concordia celebrada en-
tre

tre os Bispos de Coimbra Dom Gonçalo , & do Porto Dom Hugo a sinco de Abril do anno de 1122. de que ha memoria no livro da Sè de Coimbra , (a) se declara ser feita em presença da Rainha Dona Tereja , & do Conde Dom Fernando , & dos senhores Portuguezes. *Hæc amicitia* (são palavras da Escritura) *firmata est in præsentia Regine Tarasie & Comitum Domni*
 10 *Fernandi , & Baronum Portugallensium.* E seguese logo a firma dos senhores seguintes : o Conde Dom Gomez , Paio Soarez , Egas Gozendez , Gonçalo Rodriguez , Sueiro Mendez , Mendo Moniz , Sarracino Odoriz , Paio Guterrez. E assi parece que particularizando-se entre todos o Conde Dom Fernando , não só lhes precedia , (porque para isso bastava nomearse em primeiro lugar) mas que estava casado com a Rainha.
 20 Sobre tudo parece que convence por esta parte a doação de São Martinho de Joyve , citada por Dom Fr. Prudencio de Sandoval , depois Bispo de Tuy , & Pamploña no Tratado da familia dos Cunhas , na qual diz estar a firma do Conde Dom Fernando deste modo. *Ego Comes Ferdinandus Paes filius Comitum Petri unà cum filia mea nata de Regina Domna Tereiza*

(a) Livro antigo das Doações da Sè de Coimbra. fol. 134º

xa conf. Isto he : Eu o Conde Dom Fernando Paes , filho do Conde Dom Pedro juntamente com minha filha nacida da Rainha Dona Tareja *conf.* He a data desta Escritura no anno de 1131. como refere o mesmo Auctor , & della se confirma bem o casamento da Rainha & Conde , com se apontar o fruto delle ; razão forçosa , a qual obrigou (com outros fundamentos , como he chamarse o Conde Dom Fernando , *Comes Portugalensis* , Conde de Portugal) a se retratar o Padre Fr. Bernardo de Brito na segunda Parte desta Historia do que tinha affirmado na Chronica de Cister , & approvar o segundo casamento da Rainha. 10

Pela parte que nega o casamento entre estes Principes , ha as razões seguintes. A primeira , que em nenhuma Escritura do Reyno de Portugal (de que me conste) se nomea o Conde Dom Fernando casado com a Rainha , nem se fazem as doações em nome de ambos , como se usava em tempo do Conde Dom Henrique , as quais ordinariamente principiavão : Eu o Conde Dom Henrique com minha molher a Rainha Dona Tareja. *Ego Comes Henricus unà cum uxore mea Regina Tarasia , &c.* Deste modo parece que ouvera de correr o estilo em tempo do Conde Dom Fernando , se fora casado com a Rainha. Mas que todas 20

das as Escrituras se fação em nome desta Princeza , & em nenhuma se faça menção do Conde Dom Fernando como de seu marido , he argumento forçoso , para dizermos que não forão casados.

10 Poderse ha dizer senão divulgaria este casamento pela inferioridade do Conde ; porrem fraco remedio era o silencio das Escrituras para se encubrir o que estava feito , & se avia de saber por alguma via , & divulgarse despois por muitas. Quanto mais que o Conde Dom Fernando era illustrissimo , como se pode ver em o Conde Dom Pedro , & o adverte o Bispo de Tuy , & não inferior aos Condes de Castella , com que os senhores daquelle Reyno quizerão casar sua Rainha Dona Urraca , irmãa de Dona Tareja.

20 A segunda razão he , que de algumas Escrituras consta como entre o Conde Dom Fernando , & os outros senhores Portuguezes não avia differença nas firmas ; & em outras se mostra positivamente como era vassallo da Rainha Dona Tareja. Na Sè de Coimbra vi Escriitura original feita a 24. de Mayo da Era de 1122. na qual a Rainha Dona Tareja dà ao Conde Dom Fernando a villa de Cea , para que elle a possua ,

(a) Escriitura original da Sè de Coimbra , a qual está na gaveta 8. & bolsa 7. do primeiro repartimento.

sua , & fique a seus decendentes , & diz estas palavras. *Do tibi illam pro bono servitio quod mihi fecisti , ut habeas tu illam , & omnis posteritas tua omni tempore.* Sua significação he. Douvos a sobre dita villa pelo bom serviço que me fizestes , para que a possuais , & todos vossos decendentes para sempre. Começa esta Escritura. *In Dei nomine , Ego Regina Domna Tarasia Alfonsi Regis filia unà cum filio meo Alfonso Henriques , placuit mihi per bonam pacem & voluntatem , nullius quoque gentis imperio , nec suadentis articulo , sed propria mihi accessit voluntas , ut facerem tibi fidelissimo Comiti Domno Fernando filio Petri Comitis cartam donationis per scriptum firmitatis de hereditate mea propria , quam habeo ultra flumen Mondeci , ad radicem Montis Hermeni , quæ vocatur Sena , &c.* A summa disto he , que faz a Rainha Dona Tareja doação da Villa de Cea ao Conde Dom Fernando na forma que ja temos dito. Bem se convence não estar o Conde casado com a Rainha Dona Tareja quando se fez esta Escritura , pois a Rainha o trata como a criado , & diz lhe faz mercê pelo bom serviço que lhe fez , & amplia por este respeito a doação a seus decendentes.

Do proprio modo o trata a Rainha
Do-

10 Dona Tareja em a doação do Castello de Santa Olaia (esteve abaxo de Monte Mòr o Velho junto ao Mondego) & do lugar de Quiajoz , o qual lhe dà pela villa de Coja , na qual Escritura se acrescentão estas formaes palavras. *Et adjicio vobis pro servitio quod mihi fecistis , illud castrum quod vocatur Saurium.* Quer dizer: E ajunto mais ao que vos dou , pelo serviço que me fizestes , o Castello que se chama Soure. (a) He a data a tres de Novembro do anno de mil & cento & vinte & dous , & està tambem a Escritura na Sè de Coimbra , assi em o livro das doações , como em original proprio.

20 Por este modo correm as doações dos annos seguintes. E em o anno de mil & cento & vinteito , o ultimo do governo da Rainha Dona Tareja (como mostrarei) tenho notado algumas doações: he huma dellas original do Mosteiro de Arouca , (b) a qual começa assi. *In Dei nomine : Ego Regina Tarasia Toletani Imperatoris filia in Domino salutem. Placuit mihi ut facerem tibi Garsia Garseas , & uxori tuæ Eloiræ Menendis cartam donationis de hereditate mea propria ; que habeo inter Tarau-*

(a) Archivo da Sè de Coimbra acima citado , & no livro das Doações fol. 216.

(b) Escritura original de Arouca.

*rauca , & Ferraria in loco qui dicunt
Fravecas , &c. Eremata. Facta Carta do-
nationis , & firmitatis II. Kalend. Apri-
lis Era M. C. LXVI. Ego Regina Tara-
sia hanc Cartam jussi fieri , & manu mea
roboravi.*

*Infans Adefonsus Reginae Tarasie fi-
lius propria manu conf.*

*In Sede Brachara Archiepiscopo Pela-
gio.*

10

Sede Portugali Episcopo Hugo.

Colimbrice Archidiacono Tello.

In Viseo Odorio Priore.

In Sede Lameco Archidiacono Monino.

*Pro testibus. Petrus , Pelagius , Gon-
salvus.*

Nuno Osoris quos vidi.

Garcia Rodriguiz quos vidi.

Garcia Suariz quos vidi.

*Comite Fernandus continentis Colimbrice
eos vidi , & propria manu conf.*

20

Veremundo Petris continentis Viseo ,

Pelagio Suarii cont. Amaia conf.

*Gunsalvo Rodriguiz cont. Veremundi
conf.*

Egas Gosendis cont. Baiam conf.

Petrus cognomento Episcopus pinxi.

A summa disto he , que faz a Rainha
Dona Taraja doação do lugar de Fragoas.

a Garcia Garces , & a sua molher Elvira Mendez em 30. de Março de 1128. & nella confirma o Conde Dom Fernando depois do Infante Dom Afonso Henriques , como qualquer dos outros senhores vassallos da Rainha : pois cada hum se nomea Fronteiro , ou Tenente , que he senhor de sua terra ; o Conde Dom Fernando de Coimbra , Bermudo Perez de Viseu , Paio Soares de
 10 Anaia , & assi os mais : pelo que parece cousa certa não estar o Conde neste anno casado com a Rainha , & consequentemente em nenhum tempo ; pois neste mesmo anno foy ella excluida do Reyno , & depois viveo pouco tempo , & todos convem , que não celebrou casamento.

Estas razões pela parte negativa mostram maior força , & aos argumentos em contrario se pode responder. Aos primeiros ,
 20 que se declara naquellas Escrituras o grande poder do Conde , & a muita valia que tinha com a Rainha , & não seu casamento. Ao ultimo da Escritura referida pelo Bispo de Tuy se responde com outras palavras do mesmo Auctor , o qual no cap. 25. da Chronica do Emperador Dom Afonso VII. diz assi : *(a) Por algumas Escrituras do livro de Astorga deste anno acho , que cha-*
ma-

(a) Sandoval na Chronica del Rey Dom Afonso VII. c. 25. no cabo.

mavão alRey Dom Afonso Emperador, & dizem ser filbo de Dona Urraca, & por humia em que a Condesa Dona Loba faz doação ao Mosteiro de São Martin de Joyba da Ordem de São Bento em Galliza do Couto de Carranca, & a confirma o Conde Dom Fernando Perez filbo do Conde Dom Pedro juntamente com sua filha, que diz era neta da Rainha Dona Tareja, & esta Rainha forçosamente ha de ser a de Portugal molher do Conde Dom Henrique, &c. 10

Suppondo que a filha do Conde Dom Fernando era neta da Rainha Dona Tareja (como diz o Auctor) se colhe bem não serem casados o Conde, & a Rainha. E assi ou da Escritura de São Martinho de Joyba se mostra a impossibilidade deste casamento, ou se não prova cousa alguma; pois o Auctor escreve com tanta variedade, que em hum lugar nomea por filha em outro por neta: & eu accremento que o nome de *neptis*, o qual deve estar na doação, pois se fazia em Latim, significa não sò neta, mas sobrinha em qualquer grão: & não seria cousa impossivel ser a filha do Conde parenta da Rainha por parte de sua mãy, no que não podemos affirmar cousa certa. 20

O outro ponto de se chamar o Conde Dom Fernando *Comes Portugalensis*, se
Fr. A. Brandão; Tom. I. X po-

pode explicar , por ter o senhorio do Porto : & nem ainda este foy de propriedade , pois em o anno de mil cento & vinte & oito o vimos senhor , ou fronteiro de Coimbra : ou se pode dizer (a) (o que tenho por certo) que este nome se dava ao Conde mais depois que tornou a Castella , para se denotar sua assistencia em Portugal. Tenho para confirmação deste pensamento hum exemplo mui conforme. Em a doação que faz
10 a Rainha Dona Tareja do Castello de Soure aos Templarios (da qual logo farei mais expressa memoria) confirma o Conde Dom Rodrigo com estas palavras. *Comes Rodericus Gallicianus confirmat.* Isto he. O Conde Dom Rodrigo de Galliza confirma. Não quer isto dizer , que era este Conde senhor de Galliza , mas que viera de Galliza. Assi tambem nomearse o Conde Dom Fer-
20 nando em Castella (digo em Castella , porque nas Escrituras de Portugal não ha este titulo) *Comes Portugalensis* , Conde de Portugal he o mesmo que dizer , tinha vindo de Portugal , como tambem hoje nomeamos Africanos , & Indiaticos , os que estiverão algum tempo nestas partes do mundo.

CA-

(a) Consta da Doação de Arouca citada acima.

CAPITULO III.

*Em que se prosegue a mesma materia,
& se assenta como mais provavel, que
não casou segunda vez a Rai-
nha Dona Tareja.*

BEM podia proceder esta segunda opi-
nião, que nega o casamento da Rainha
Dona Tareja fundada nas razões propostas,
se de novo não ocorrerão outras difficulda-
des, que importa vencer primeiro, ou con-
fessar que he mayor sua força, & mais so-
lido seu fundamento. A mayor difficuldade
desta materia consiste na doação feita pe-
la Rainha Dona Tareja ao Mosteiro de
Monte de Ramo em Galliza, porque nel- 10
la se nomea a Rainha por molher do Con-
de Dom Fernando com palavras tão expres-
sas, que não soffrem explicação, nem po-
dem deixar de ser admittidas. (a) Tras es-
ta doação o Mestre Yepes, grave Historia-
dor da Ordem do Patriarcha São Bento,
& he em numero a 32. do setimo tomo de
suas Centurias, & diz assi: *Ego Tarasia*
bonae memoriae Alfonsi Magni Hispania-
rum Regis filia, Magni Comitis Henrici
X ii uxor,

(a) Yepes no tomo 7.

uxor, nunc vero Comitissæ Ferdinandi, Dei
 gratia Portugallie Regina à Mari Oceano
 usque ad rivulum Hispaliosum, qui
 currit inter Tibres, & Guevres, &c. E
 conclue. Hanc cartam fieri jussi unâ cum
 viro meo Comite Fernando Perez, & cum
 filio meo Alfonso Henriques propria manu
 roboravi. Facta carta donationis XII. Ka-
 led. Septembris Era M. C. LXII. Regnan-
 te Regina Tarasia in Portugallia. & Li-
 mia usque ad rivulum Hispaliosum, so-
 rore ejus Regina Domna Urraca in Cas-
 tella, Legione, Galetia, Asturiis, & Es-
 tremadura. A significação destas palavras
 he no primeiro lugar: Eu Dona Tareja fi-
 lha do grande Rey de Espanha Dom Afon-
 so de boa memoria, molher que foy do
 Conde Dom Henrique, & agora estou ca-
 sada com o Conde Dom Fernando, por
 graça de Deos Rainha de Portugal desde
 o mar Oceano até o rio Hispaliosio, o qual
 leva sua corrente entre Tibres, & Gue-
 vres, &c. E no segundo. Esta carta man-
 dei fazer juntamente com meu marido o
 Conde Dom Fernando Perez, & com meu
 filho Dom Afonso Henriques, & confirmei
 com minha propria mão. Foy feita aos do-
 ze dias das Calendas de Setembro da Era
 de mil cento & sessenta & dous (he a vin-
 te de Agosto do anno de mil cento & vin-
 te

te & quatro) reinando em Portugal, & Lima até o rio Hispaliosio Dona Tareja, & sua irmãa Dona Urraca em Castella, Leão, Galliza, Asturias, & Estremadura.

Se esta doação he verdadeira, parece que conclue por parte da opinião affirmativa, & aos fundamentos apontados pela parte negativa se pode dizer, não averia em Portugal noticia deste matrimonio, ou pelas razões atraz allegadas, ou por outras 10 que não sabemos, & em Galliza constaria della como de cousa certa. Digo se esta doação he verdadeira, não por duvida da relação do Padre Yepes, cuja auctoridade he grande, mas por me não constar se vio elle o original, ou allega com algum traslado: o qual poderia estar viciado, porque como escreveo muito, não pôde ver todos os memoriaes em que se funda, como algumas vezes confessa: & assi será necessario fazer 20 ainda algum exame nesta materia, o qual deve aceitar bem o benevolo Leitor, pois he sò para mayor aclaração da verdade.

Digo ser cousa muy difficultosa, que sò nas Escrituras de Galliza se nomee por casada a Rainha Dona Tareja, sem aver disso memoria nas de Portugal. Neste mesmo anno de mil cento & vinte & quatro, a quatro do mez de Novembro deu a mesma Rainha huma herdade a Pelagio Mendez,

dez , & à sua molher Maria Garcia em Pereira , & diz ser demarcação della *In termino de Castineira per cima de Lamosa subtus Mons Alabrer discurrentes agoas Pavia , & Vauga Lamecensi territorio.* E nesta doação confirmão os senhores seguintes pela ordem , & palavras que proponho. *Ego Pelagius Bracharensis Episcopus conf. Ego Consul Fernandus conf.*
 10 *Ego Egas Gonsendiz conf. Suarius Venegas conf. Qui presentes fuerunt. Suarius testis , Pelagius testis , Sesnandus testis. Menendus propria aure Notarius depinxi.* Tem huma Cruz abaixo , & à roda estas letras. *Ego Regina Tarasia hanc cartam confirmo.* Vi a propria Escritura original em o Mosteiro de São João de Tarouca de nossa Ordem , (a) & nella acho que confirma o Conde Dom Fernando como
 20 qualquer dos outros vassallos da Rainha Dona Tareja , sem se dar a entender que estava casado , antes mostrandose que o não era , pois a Rainha sô faz doação , & poem sua firma separada , conforme o estilo dos Reys. Não sei que diga com esta diversidade de Escrituras , & modo de fallar tão differente.

No mesmo anno faz a Rainha Dona
 Ta-

(a) Archivo de S. João de Tarouca.

Tarefa doação à Sè de Braga do Couto de Falões, (a) como consta do livro desta Igreja intitulado, *Liber Fidei*, & não se nomea molher do Conde Dom Fernando, mas mostrase senhora absoluta. Em o anno seguinte de mil & cento & vinte & cinco se deu Foral a Ponte de Lima, o qual està na Torre do Tomo, (b) & na confirmação delle està o nome da Rainha, & de seu filho com estas palavras. *Ego Regina Tarsia, & filius meus Alfonsus Rex in hac carta manus nostras roboravimus.* E despois se seguem, *Comes Fernandus, Comes Gomezis conf. Pelagius Velasquis Curie dapifer confirmat. Sub manu Regine dominante Ripa Limie Sesnandus Ramires confirmat.*, & *multi alii bonorum hominum. Archiepiscopus Pelagius in Brachara. Petrus notavit.* Vão estas firmas propostas na forma em que estão no latim para mayor credito. Nesta Escritura noto tres circunstancias, A primeira, dizer a Rainha que faz aquelle Foral juntamente com seu filho, o qual ja se nomea Rey. A segunda, confirmar o Conde Dom Fernando como qualquer dos outros fidalgos Portuguezes. A terceira affirmar Sesnando Ramires (hum dos que confirmão) como

pos-

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

(b) Livro dos Foraes do Test. Velho fol. 59.

possuia as terras de Ribeira de Lima por doação , & mercê da Rainha. Todas estas particularidades mostram não ser a Rainha casada , nem o Conde Dom Fernando ter superioridade alguma em Portugal mais que os outros senhores.

10 Nem sò as doações de Portugal feitas neste tempo corrião nesta forma , mas ainda as que se celebravão no Reyno de Galiza, (a) O Bispo de Tuy traz em o livro que fez dos Prelados desta Igreja , huma doação muy notavel da Rainha Dona Tareja , & diz assi : *Era 1163. a 3. de Setembro a Rainha de Portugal Dona Tareja , mãy de Dom Afonso , os dous juntamente , com palavras mui devotas dizendo ella: Ego Tarasia Regina Adefonsi Imperatoris filia , offerecem , & concedem , & confirmão à Igreja de Santa Maria de*
20 *Tuy , & a seu Bispo Dom Afonso as Igrejas , & cousas seguintes , da maneira que as avia dado elRey Theodomiro dos Suevos em sua doação que diz: Testamento Regis Theodomiri , &c. E despois de o Auctor relatar extensamente o que continha esta doação , poem a firma da Rainha , & as ultimas palavras da Escritura no latim seguinte. Ego præfata Regina Tarasia*
banc

(a) Sandoval dos Bispos de Tuy. fol. 3.

hanc donationis cartam, vel testamentum propria manu roboro, Menendus proprie aulæ notator depinxi. Ego Pelagius Bracharensis Archiepiscopus conf. Ego Infans Adefonsus ipsius Regine filius confirmo. Ego Comes Fernandus confirmo. Ego Comes Gomes conf. Ego Fernandus Joannidis conf. Qui præsentés fuerunt, & viderunt, & audierunt. Petrus testis, Pelagius testis. Martinus testis.

10

Nesta Escritura se ve bem como a Rainha Dona Tareja com seu filho fazião as merces, & doações, & ella principalmente: e como o Conde Dom Fernando não tinha outro lugar mais que o de confirmar, como qualquer dos outros senhores, & Ricos Homens. A mesma prova fazem as outras Escrituras deste Reyno, como já disse, & por não cansar os Leitores, aponto hũa feita a 15. de Março do anno 1128. a qual està no livro das Ordens Militares da Torre do Tombo, (a) & concede nella a Rainha o Castello de Soure aos Templarios, & confirma o Conde Dom Fernando dizendo. *Ego Comes Fernandus donum quod domina mea Regina Militibus Templi donat, laudo, & concedo.* Quer dizer: Eu o Conde D. Fernando louvo, & outorgo

20

nes-

(a) Torre do Tombo em livro das Ordens Militares fol. 21.

nesta doação, a qual faz a Rainha minha senhora aos Cavalleiros do Templo.

10 Todas estas Escrituras se oppoem grandemente à de Monte de Ramo referida pelo Padre Yepes, & nellas não ha que pôr duvida, porque de todas vi os originaes, tirando a referida pelo Bispo de Tuy, & a que está no livro da Torre do Tombo; mas ambas vão bem fundadas na auctori-
dade do Auctor, & do livro; & posto que nellas se não diz expressamente, que o Conde Dom Fernando não estava casado com a Rainha (o que na Escritura de Monte de Ramo se affirma) com tudo he cousa muito para espantar, que sò naquella Escritura se faça menção do casamento, & em nenhuma outra se aponte cousa semelhante: o que se devia fazer para bem ao uso antigo, em que as Rainhas ainda que fossem
20 senhoras proprietarias dos Reynos, fazião as merces juntamente com seus maridos, antes elles se nomeavão primeiro, o que consta tambem de todas as Escrituras feitas em tempo do Conde Dom Henrique: pelo que não sem grande fundamento se pode ter por suspeitosa aquella doação de Monte de Ramo, na qual noto tambem as difficuldades seguintes.

Aquella demarcação do Estado de Portugal até o rio Hispaliosio, & os nomes de
Ti-

Tibres, & Guevres por onde corre he cou-
sa desusada nas Escrituras, & assi não ca-
rece de sospeita. Tambem dizerse que no
anno de 1124. reinava Dona Urraca em Cas-
tella & Leão, tem duvida por affirmar o
Bispo de Tuy, & o confirmar com Escri-
turas, que do anno de 1122. por diante se
acaba em os privilegios daquelles Reynos
a memoria de Dona Urraca, & começa a
de seu filho Dom Afonso dizendo, que rei- 10
nava em Leão, Castella, Toledo, &c.

Toda esta disputa, razões, & aucto-
ridades que se acumularão, pareceo conve-
niente propôr na resolução deste ponto: as-
si ficará facil aos leitores fazer eleição do
que for mais verisimil; que eu com me pa-
recer mais provavel a opinião que nega o
segundo casamento da Rainha, não ouzo
a resolver de todo a materia, & assi a reme-
to a juizos superiores. 20

Resta dizer, quem era o Conde Dom
Fernando, pois quando não fosse casado
com a Rainha, se não pode negar teve o
principal lugar no governo de seu tempo.
(a) O Conde Dom Pedro trata em o titu-
lo primeiro de seu livro da antiga, & il-
lustre familia dos de Pereira, que diz pro-
ceder do Conde Dom Mendo, Principe de-
cen-

(a) Conde Dom Pedro til. 13.

cendente dos Reys de Lombardia , segundo alguns Auctores , o qual veo a Espanha em tempo dos primeiros Reys de Leão , & nella deixou decendencia , que foy continuando na grandeza de seus antepassados. Deste Conde Dom Mendo diz , que decendia o Conde Dom Pedro Fernandes de Trava , pay do Conde Dom Fernando , de que ao presente escrevemos , & de Dom Bermu-
10 do Pires , o qual (como veremos) casou com a Infanta Dona Urraca irmãa delRey Dom Afonso Henriques. Conforme a esta decendencia era o Conde Dom Fernando illustrissimo , como diz o Bispo de Pamplona , & se presava de seu parentesco toda a nobreza de Galliza. (a) E assi não era muito que aspirasse ao casamento da Rainha Dona Tareja.

CA-

(a) Sandoval na Chronica delRey D. Afonso VII.

CAPITULO III.

*Intentão os Mouros algumas novidades,
& são atalhados. Na cidade do Porto
se poem o primeiro Bispo, a quem
a Rainha Dona Tareja faz
huma doação amplissima.*

TANTO que se soube da morte do Conde Dom Henrique, & a noticia della chegou aos Mouros confinantes, ouve alguns que vendo o governo de Portugal em mão de mulher, & o Principe Dom Afonso minino em tutorias, tiverão para si se lhes abria caminho para se satisfazerem dos agravos antigos causados pelas armas do Conde. Entre estes hum Rey chamado Bráfini (não se declara em particular a terra onde reinava) ajuntando exercito deu mostras de cometer a terra dos Christãos & a propria cidade de Coimbra, parecendolhe que com a confusão do estado presente, & pouca ordem das cousas lhe não pudessem os nossos fazer a resistencia que convinha. Porem como em aquelle tempo avia em Portugal muitos Capitães experimentados, & soldados de valor; se pôs tanto cuidado na defensão da Cidade, & das terras visinhas, & se fizeram preparações com tanta diligencia,

cia , que bastou o pregão da fama dellas para deter as bandeiras Mouriscas , & desviar o Rey barbaro de seu intento. Ha memoria deste caso em doação da Rainha Dona Tareja feita a Froyla Spasso da Igreja de Santa Leocadia em terra de Baiam , a qual pertence ao Mosteiro de Ansedede , annexo alguns annos a São Domingos de Lisboa , (a) & contem estas palavras. *Et*
10 *ista carta fuit scripta in ipso tempore de illa Regina , & de ipso Comite nomine Ferdinandus in vigilia Paschæ , & quando voluit venire ipso Mauro Rege nomine Brafimi , ad ipsa civitate Colimbriæ , & non venit ad illa civitas.* Significação. Foy escrita esta carta no tempo daquella Rainha (entende Dona Tareja de quem avia fallado) & do Conde Dom Fernando em vespóra de Pascoa , quando o Rey Mouro
20 chamado Brafimi queria vir contra Coimbra , aonde não ousou chegar.

Declarase ser feita esta Escritura na Era de 1150. que he o proprio anno em que morreo o Conde Dom Henrique , donde se ve claro que foy sua morte no principio do anno antes da Pascoa , pois em vespóra de Pascoa se fez a Escritura. Nella confirma o Infante Dom Afonso , filho de

(a) Archivo do Mosteiro de Ansedede o qual se guarda no Mosteiro de S. Domingos de Lisboa.

de Dona Urraca , o qual devia de assistir então na Corte de sua tia , ou por lhe vir dar os pesames da morte do Conde , ou por outras causas que não sabemos ; as palavras com que firma são estas. *Adefonsus filius Regina Donna Urraca quos videt confirmat.* E para mayor certeza de ser este , & não estar errado o nome , se segue a firma do Infante de Portugal deste modo : *Alius Infans nomine Adefonsus quos* 10 *videt confirmat.* Seguemse despois o Conde Dom Fernando , o Conde Dom Gomez , Gonçalo Rodrigues Mordomo da casa da Rainha , Paio Soares , Egas Moniz , João Viegas , & dos Prelados Dom Gonçalo Bispo de Coimbra , & Dom Hugo Bispo do Porto. E esta he a primeira vez que encontro com Bispo do Porto despois de sua restauração.

Na Torre do Tombo se conserva a 20 doação da cidade do Porto feita a este Prelado pela Rainha Dona Tareja , de que importa referir algumas palavras , & são as que se seguem. (a) *Quapropter ego Regina Tarasia gloriosi Imperatoris filia ad laudem , & gloriam Domini nostri Jesu Christi , & ob amorem Beatissimæ virginis Mariæ , & pro remissione peccatorum nostro-*

(a) Torre do Tombo no liv. 2. dos Foraes da leitura velha fol. 75.

10 *trorum , & redemptione animæ meæ , &
 parentum meorum , facio testamentum , &
 cartulam donationis per hujus scripturæ
 firmitatem Port. Sedi de toto illo Burgo
 sine alio hærede cum omnibus suis redi-
 tibus & adjacentiis , & cum Ecclesia
 Santi Petri , & Retundela , & Basso ,
 & Castro , quod à vulgo dicitur Lunata ,
 cum omnibus pertinentiis ; & Germinan-
 20 *di , quod primitus soror mea Regina Ur-
 raca dederat , & cum omnibus Regalibus
 hæreditatibus quæ intra ipsum Cautum
 continet. Dono itaque & concedo perpe-
 tua stabilitate supradictas hæreditates ,
 sive piscarias Sanctæ Mariæ Portuens.
 Sedis , & Domno Hugo ejusdem Eccle-
 siæ Episcopo , ejusque successoribus , &
 facio cautum firmissimum per suos termi-
 nos , &c. E conclue. Facta autem cartu-
 20 *la Era M. C. LVIII. & fuit roborata in
 die sancto Paschatæ mense Aprilis id est ,
 XIII. Kalend. Maii , Luna decima quinta.
 Anno Incarnationis dominicæ M; C. XX.
 Indictione VIII. Epact. nulla , Pontifica-
 tus autem domini Hugonis ejusdem Ec-
 clesiæ Episcopi auno VI. Quer dizer.***

Por tanto eu a Rainha Dona Tareja
 filha do glorioso Emperador , em louvor ,
 & gloria de nosso Senhor Jesu Christo , &
 por amor da Beatissima Virgem Maria ,
 &

& por remissão de meus peccados , & redempção de minha alma , & de meus paes , faço testamento & carta de doação pela firmeza desta Escritura à Sè do Porto de todo aquelle Burgo , sem que aja delle outro herdeiro , com todas suas rendas , & lugares vizinhos , & com a Igreja de São Pedro de Redondela , & Basto , & o Castello chamado Lueda , com tudo o que lhe pertence , & o Castello chamado Germello , o qual primeiro lhe avia dado minha irmãa a Rainha Dona Urraca , & com todas as herdades Reais comprehendidas em o mesmo Couto. Assi que dou , & concedo com firmeza perpetua as sobreditas herdades , ou pesqueiras a Santa Maria da Sè do Porto , & a Dom Hugo Bispo da mesma Igreja , & a seus successores , & lhe faço firmissimo Couto , &c. Foy feita esta Escritura na Era ne 1158. & firmada no dia santo da Pascoa no mez de Abril , a saber , a 14. das Calendas de Mayo , Lúa decima quinta , anno do Senhor de 1120. na indiçãõ quarta , Epacta nenhuma , no anno sexto do Pontificado de Dom Hugo Bispo da mesma Igreja. 10 20

Conforme a esta Escritura a restauração da Sè do Porto , & entrada de seu primeiro Bispo se fez no anno do Senhor de 1114. pois se diz como no anno de 1120.

Fr. A. Brandão; Tom. I. Y avia

avia seis annos que governava aquella Igreja , & assi ou esta Escritura està errada , ou a outra de Ansede , na qual confirma Dom Hugo ja no anno de 1112. E como a Escritura de Ansede seja original , & a da Torre do Tombo ainda que tresladada em livro mereça todo o credito pelas circunstancias , & particularidades que aponta , não deixa de causar embarço. Parece-me que nesta doação da Torre do Tombo se respeitaria sò o tempo em que Dom Hugo governou a Igreja do Porto depois de ser confirmado pelo Summo Pontifice , & na Escritura de Ansede se attentaria ao tempo de sua nomeação , & eleição , a qual se faria no anno de 1112. Deste modo ficão conformes as duas Escrituras , & se vê claramente , como o primeiro Bispo do Porto foy collocado nesta dignidade em tempo da Rainha Dona Tareja , & não em vida do Conde Dom Henrique , como alguns escrevem.

E como a Rainha Dona Tareja restaurou esta Igreja , assi parece que tomou à sua conta enriquecela com doações , & esmolas. Pelos annos adiante lhe dotou muitas terras. O Couto , & Igreja da Regoa , o Mosteiro de Santa Maria de Crestume , o de Bouças , parte da agoa do Rio Douro para colher os direitos da pesca , & outras

tras cousas que se podem ver em o Catalogo dos Bispos do Porto, (a) composto dou-
tamente pelo Bispo Dom Rodrigo da Cu-
nha, que hoje he meritissimo Arcebispo de
Braga, & Primaz de toda Espanha.

Nem sò a esta Igreja se estendeo a li-
beralidade da Rainha, mas tambem coube
grande parte della às outras Cathedraes de
seus Estados. (b) A tres de Abril de 1125.
dotou à Sè de Braga o Couto de São Ma- 10
mede em terra de Panoias (he a comarca
de Villa Real, como consta de Escrituras
antigas.) E ja de antes tinha dado à mes-
ma Igreja certas herdades, que tomou a
hum homem poderoso por nome Pedro Oso-
res, em pena da descortesia feita por elle
ao Arcebispo Dom Mauricio, & a hum seu
Arcediago. E mostrou neste lanço a pru-
dente Rainha, não sò liberalidade, mas 20
valor & constancia, & tanto mayor, quan-
to naquelle tempo com a occasião das guer-
ras, & turbulencia dos tempos se fazião os
nobres mais insolentes.

A' Igreja de Coimbra fez tambem a
Rainha Dona Tareja muitas esmolas. Doa-
ção desta Princeza são as villas de Coja
& Arganil de que hoje se intitulão os Bis-
pos

(a) *D. Rodrigo de Acunha no Catalogo dos Bispos do Porto p. 1. fsl. 16.*

(b) *Consta de varias Escrituras da Sè Braga.* (c)

pos de Coimbra, Condes, & senhores. (a) Dotoulhe mais a villa de Lourosa & nesta doação feita a 13. de Março do anno de 1115. estão as firmas das pessoas seguintes, as quais me pareceo conveniente apontar para que se veja como a Rainha possuia terras em Galliza, adquiridas (segundo ja mostramos) pelas armas do Conde Dom Henrique.

Pelagius Archiepiscopus Bracharensis
 10 *conf. Pctrus Abbas Cellanovens*
Monachorum meorum conf. Ildefonsus Tu-
densis Episcopus conf. Didacus Auriensis
conf. Gunsalvus Episcopus Colimbriensis
conf. Suarius Menendis qui vidit. Menen-
dus Moniz qui vidit. Fernandus Gunsa-
dis qui vidit. Pelagius Velasques palatii
præpositus conf. Pelagius Vermuiz Nota-
rius testis. Alfredus Magister conf. Pe-
 20 *trus testis. Aldefonsus testis. Guadinus*
testis. Pelagius testis.

Advirto, que não vão estas firmas postas em seu lugar, pois precede o Abbade de Cella Nova aos Bispos, o que devia de ser por desatento do que tresladou a doação no livro donde as tirei. E quis pôr anticipadamente assi esta, como as demais, por deixar impressos estes sinaes de piedade, & liberalidade da Rainha Dona Tare--

(a) Livro de Coimbra fol. 86.

reja, ja que nossos Auctores se não lembrão della mais que para a desacreditar em seus escritos.

CAPITULO V.

*Dos Officios principaes da Casa Real, con-
vem a saber Maiordomus, Dapifer,
& Signifer: Tocãose algumas
antiguidades.*

EM a doação feita pela Rainha Dona Tareja a Froyla Spasso, referida em capitulo antecedente se falla em Mordomo da Casa da Rainha na pessoa de Gonçalo Rodrigues, & são as palavras da Escritura *Gunsalbo Rodriguis Maiordomo de sua casa de illa Regina confirmat*. E pois he a primeira vez que encontramos com este officio, será bem dar alguma razão delle, & dos outros da Casa Real, que são Signifer, & Dapifer, os quaes se particularizão nas Escrituras.

Tres officios avia antigamente de muita estima na Casa Real, quaes erão o de *Signifer*, *Dapifer*, & *Maiordomus*. *Signifer* era o mesmo que Alferes mór, & tinha então maiores preeminencias: porque comprehendia muitas das que hoje pertencem ao Condestable. Huma das preeminencias

cias do Alferes antigo era , que sò elle tinha comedia particular no acompanhamento Real , quando elRey visitava as terras de seu Reyno. Para o que he de saber que costumavão os nossos Reys antigos (o que tambem Cromero adverte com particularidade dos Reys de Polonia) (a) visitar de ordinario as terras de seu senhorio a fim de alcançarem com os olhos o de que necessitava a boa administração da justiça , & a defensão , & fortificação dellas. E posto que os Reys de Portugal taixarão sempre com grande parcimonia os gastos ordinarios de sua Casa , reservando as demasias para as necessidades publicas da guerra , aonde nunca ha excesso que se possa censurar com nota de superfluidade: ordenarão prudentemente que nestas jornadas feitas em utilidade dos povos , lhe acudisse cada hum delles com certa copia de mantimentos , de que ha memoria no livro segundo das Inquirições delRey Dom Afonso Terceiro , & diz desta maneira , quando trata da colheita da terra de Figueredo. (a) *Item devem-lhe de dar a elRey onze teigas de pão coito à saquetaria , & huma teiga de pão coito à cosinha , & tres quartas de vinho à*

(a) Cromero no liv. 2. da descripção de Polonia.

(b) Livro das Inquirições delRey Dom Afonso III. as fol. 40.

à escansaria , & hum quarto de vinagre
 à cosinha , se o ouver na terra , & se não ,
 darão por elle hum quarto de vinho ; &
 hum vaca , & tres porcos , & seis car-
 neiros , & hum carneiro ao Alferes. E des-
 pois de nomear outras miudezas acrecenta
 adiante. Item devem dar no dia de pesca-
 do à cosinha delRey , ou Mordomo sessen-
 ta peixotas ; & doze peixotas ao Alferes.
 De sorte que em ambas estas verbas , &
 assentos se particulariza ao Alferes porção
 certa , cousa que a nenhum outro official
 da Casa competia.

O officio de *Dapifer* , ainda que pare-
 ça ser o de Trinchante , todavia considera-
 da bem a etymologia do nome , deduzin-
 doo à *ferendis dapibus* , que no latim quer
 dizer *trazer as igoarias* , mais se deixa ver
 que era o Veàdor da Casa , porque trazia as
 igoarias à mesa Real per mãos de moços
 Fidalgos , & assistia com hum cana de
 bengala na mão em hum dos cantos da ca-
 sa , & noutro o Mordomo mòr , & depois
 o Mestre sala , ou Trinchante com hum
 toalha lançada ao hombro descobria as mes-
 mas igoarias , & as administrava à pessoa
 Real.

O terceiro officio de Mordomo , que
 hoje se conhece por Mordomo Mòr , era
 de mayor preeminencia que todos : & para
 tes-

10

20

testemunho tresladarei o que d'elle se acha no livro delRey Dom Diniz, em que estão os Regimentos dos Officiaes da Casa. *Mordomo nosso, quer dizer, como mayor homem da casa delRey, para ordenar quanto ha em seu mantimento. Em algumas terras lhe chamão Senescal, que quer tanto dizer como official sem o qual se não deve fazer despesa em casa delRey. E ainda* 10 *chamarão os sabedores antigos, assi como, senex, que quer tanto dizer em latim, como velho, por razão que tem officio honrado, & calculus, que significa a pedra com que os antigos fazião suas contas: & perende tanto se mostra por este nome official honrado sobre as cousas. Até aqui as palavras deste livro.*

20 *Todos estes officios erão removiveis naquelle tempo, & assi vemos grandes mudanças, & variedades nelles. O officio de Mordomo, que (como vemos) tinha Gonçalo Rodrigues em o anno de 1112. exercitava em o anno seguinte de 1113. Egas Gozendes, como se vê em a doação da villa de Goes, feita pela Rainha Dona Tareja a Dom Aniam Trestariz, ou Vestraris, & no mesmo officio permaneceu em o anno de mil & cento & dezaseis, (a) como*

(a) Torre do Tomo no livro dos Foraes velhos fol. 36.

mo vê na Escritura de venda que fez a mesmas Rainha a Gosendo Alvres , & a sua molher Ausenda Mendes.

O officio de Trinchante , ou Veador da Casa teve nos primeiros annos do Reynado delRey Afonso Henriques Hermigio Moniz seu gram privado : entrou em seu lugar Egas Moniz , Aio do mesmo Rey : & do anno de mil cento & trinta & cinco até o de mil cento & trinta & nove se acha 10 seu nome nas Escrituras com o titulo de, *Dapifer.* (a) Em o anno de mil cento & quarenta exercitava o mesmo officio o Conde Dom Rodrigo , a quem outra vez socedeo Egas Moniz , até o anno de 1145. & depois entrou Fernão Pirez. (b)

No anno de 1130. era Fernão Cativo Alferes do Infante Dom Afonso Henriques , como consta da doação dos banhos de Coimbra feita pelo mesmo Infante ao Arcediago Dom Tello. (c) Ja no anno de 1135. era Garcia Mendes Alferes , como se prova da doação do Reguengo de Britto , que deu o mesmo Infante ao Mosteiro de Grijò ; (d) & no anno seguinte de 1136. tornou a ser Fernão Cativo Alferes , que assi firma 20 no

(a) Livro dos Testamentos de S. Cruz. fol. 49.

(b) Cartorio de Santa Cruz de Coimbra.

(c) Torre do Tomo liv. dos Foroes velhos fol. 46.

(d) Livro dos Foraes da leitura nova fol. 54.

no Foral de Miranda : & tinha o mesmo cargo outra vez Garcia Mendez no anno 1138. como se ve na Escritura de São Romão, que o Infante Dom Afonso fez a S. Cruz de Coimbra. (a)

10 Não sòmente avia esta variedade de se mudarem ora huns, ora outros ao mesmo officio, senão que à mesma pessoa se davão em diversos tempos differentes officios
destes, & o que era huma vez Alferes, o achamos em outra parte Mordomo, & o que era Dapifer, ou Mordomo da Casa, tornava a ser Alferes, ou Mordomo da Corte. Gonçalo Mendes de Sousa contemporaneo delRey Dom Afonso Henriques, foy muito tempo Mordomo da Casa, & se assina nas Eserituras com este nome, *Dapifer*. Tenho Escrituras do anno 1158. até o de 1163. em que continuadamente parece
20 que exercitou este officio: comtudo no anno de 1164. confirma com o titulo de Mordomo na doação que elRey Dom Afonso Henriques fez ao Mosteiro de S. João de Tarouca da quinta de Palhacã, (b) cujo original vi na propria casa, o mesmo Gonçalo Mendez se assina com o titulo de *Dapifer*, ou Mayordomo da Casa na doação do Castello de Santa Olaya feita no mez de

(a) Cartorio da S. Cruz liv. dor Testamentos fol. 26.

(b) Cartorio de S. João de Tarouca.

de Dezembro do anno de mil & cento & seis. Fernão Cativo (o qual mostrámos ser Alferes do Infante Dom Afonso Henriques) achamos Veador da Casa do mesmo Rey em Escritura da Igreja de São Martinho de Gaya, feita por elle a Dona Tareja Afonso fundadora do Mosteiro de Salseda.

Deixo outros exemplos, porque os referidos bastão ao intento da variedade com que se exercitavão os Officios da Casa Real, 10
os quaes se vierão pelo tempo adiante a perpetuar em familias particulares, & hoje vemos o officio de Mordomo Mòr na Casa dos Sylvas Condes de Portalegre, & Marquezes de Gouvea; na qual persevera ha mais de cem annos. O officio de Trinchante Mòr, se he o mesmo que o de *Dapifer*, està ao presente na familia dos Cunhas. O cargo de Alferes ha annos que pertence aos Menezes, & o Conde de Tarouca tem pretensão a elle, porque seus antepassados o exercitarão muito tempo. Porem ha se de advertir, que ha dous officios de Alferes, em que he bem fazer distincção. Hum dos que levão o guião Real nas batalhas; & outro dos que propriamente são Alferes Mayores do Reyno assi na paz, como na guerra, & nas Cortes, & juramento dos Principes costumão levar a bandeira Real: destes se deve entender o que neste capitulo 20
lo

lô fica dito. E pode ser, que antigamente ambos estes officios, que agora são distintos, andassem unidos, & competissem a huma mesma pessoa.

CAPITULO VI.

Como Nossa Senhora fez milagre em o Infante Dom Afonso, & se fundou por este respeito o Mosteiro de Carquere. Tocãose algumas curiosidades.

ESCREVEM nossos Auctores, que quando naceo o Infante Dom Afonso filho do Conde Dom Henrique, & da Rainha Dona Tareja, com ser de presença agradável, & proporcionado em todas as partes do corpo, trazia hum grande defeito nas pernas, que vinhão pegadas em parte huma na outra, com que deu muito que sentir a seus pais, & vassallos, parecendolhes, alem da deformidade do minino, que não poderia ser habil para a guerra. Com tudo não se devião de esquecer de pedir a nosso Senhor remediasse tão grande dano, & em particular o illustre Cavalleiro Egas Moniz (o qual, como vimos se encarregou da criação do Infante) como tão interessado na saude delle, parece que fez ao Senhor, &

& a sua gloriosa Mãy mais devotas petições, acompanhadas de esmolas, & boas obras, como se manifestou bem no successo, & effeito dellas.

Sendo o Principe de sinco annos, & correndo segundo nossa conta o anno do Senhor de mil & cento & quinze, appareceo em sonhos a Virgem Sacratissima Mãy de misericordia a Egas Moniz Aio do Infante, & lhe mandou fosse a hum lugar 10 que lhe limitou, pouco distante da cidade de Lamego, & que nelle acharia huma sua imagem, que tratasse de a fazer venerar, ordenandolhe huma Igreja; porque se assi o fizesse, & offerecesse nella o Infante Dom Afonso, receberia logo perfeita saude. Mais, dizem nossos Historiadores, acrescentou a Virgem Sacratissima, como daquelle Infante tinha seu Bendito Filho feito confiança para cousas grandes, & o escolhera para dilatar 20 por seu meyo & industria a santa Fè, & destruir os inimigos da Igreja; o que se cumprio à risca nelle, & em seus descendentes.

Ja tenho dito, como por estes annos tinha Egas Moniz o assento de sua casa em Cresconhe, & era senhor de muitas terras naquella Comarca de Riba Douro, & assi lhe ficaria mais à mão fazer diligencia sobre a invenção da Sagrada Imagem, & pôr
em

em execução o que a Rainha dos Anjos lhe mandara. Foise ao lugar apontado, & descobrindo o thesouro celestial, levantou huma Igreja em honra da Virgem nossa Senhora, à qual levou o Infante Dom Afonso, & precedendo a vigilia, & orações estabelecidas pela Mãe de misericordia, a usou o Senhor com o minino, & recebeo logo perfeita saude.

10

Deste milagre temos noticia (alem do dito de nossas Chronicas, & da tradição recebida) em huma commemoração antiga do Mosteiro de Alcobaça, ordenada pelos Padres daquelle Convento em louvor do glorioso Rey Dom Afonso Henriques, o qual não sò deixou entre os seus a fama de valeroso, mas a estimação de Santo. Darei della copia em o fim deste volume, por ora me sirvo das palavras seguintes. *Qui*

20

mox à puero in fide Beatæ Virginis matris Dei, Domine nostræ susceptus, cujus oraculo, & patrocinio tibiarum sanitatem recepisti, &c. Querem dizer. Que elRey Dom Afonso Henriques logo desde minino foy posto debaixo do emparo da Bemaventurada Virgem Mãe de Deos Senhora nossa, por cuja revelação, & intercessão alcançou a saude das pernas, &c. No que se allude sem falta ao apparecimento da Sagrada Virgem a Egas Moniz, &

o milagre que obrou no Infante Dom Afonso em o Mosteiro de Carquere.

Não está longe deste Mosteiro a quinta de Resende, a qual foy de Egas Moniz, & delles veyo por herança aos Fidalgos do appellido de Resende seus descendentes, dos quais a vierão herdar os Castros senhores de Roriz. (a) E para esta quinta he provavel se mudou este Fidalgo na occasião do milagre referido, assi para assistir à fabrica da Igreja, como para dar as graças à Rainha dos Anjos. E ainda se ve na mesma Quinta hum campo com o nome de Tavalado, aonde pode ser se exercitassem alguns daquelles jogos, a que os antigos erão muy affeiçãoados, com occasião da mercê que a gloriosa Virgem fizera ao Infante Dom Afonso, & ao Reyno todo. 10

O jogo do Tavalado se usava antigamente, porque fazião nelle os Cavalleiros experiencia de suas forças, & era deste modo. Fabricavase hum castello de madeira, em que se união as taboas por tal ordem, que nem por si podião cair, nem deixarião de vir ao chão, se fossem movidas com grande força. Fazião os Cavalleiros prova de suas forças com tiros de arremesso, & 20

(a) Os Castros posto que herdarão os senhorios de Resende, não são seus descendentes, mas vem de Egas Moniz por outra via, & por fêmea, como outros muitos.

o que derribava aquella fabrica levava o preço da festa. Este era o jogo do Tavalado, & o nome se conserva em o campo daquella quinta, & pertencer ella a Egas Moniz se affirma em o livro das Inquirições delRey Dom Afonso Terceiro com estas palavras. *Totæ istæ villæ sunt de honore de Resende, quæ fuit de domino Ega Monio, &c.* (a) Vai tanto como dizer, que
10 as quintas todas de que atraz se fizera menção pertencião à honra de Resende, a qual fora do senhor Dom Egas, &c. O nome de honra he muy usado em Escrituras antigas, & attribuiase naquelles tempos a certos lugares privilegiados, os quais permanecião debaixo do emparo dos Fidalgos principaes, & estes tinham a seu cargo defender, & emparar os moradores delles, os
20 quais erão obrigados a certo foro em cada hum anno. E porque alguns Fidalgos com occasião destas honras usurpavão às vezes terras que lhes não pertencião, derão occasião aos Reys mandarem devassar dellas. E neste sentido se ha de entender, quando se achar escrito que algum Rey mandou devassar das honras, & não cuidar que estas devassas se fazião das fidalguias usurpadas, como Duarte Nunes, & Gaspar Staço se persuadirão. Por

(a) Torre do Tom. no livro das Inquirições delRey Dom Afonso III.

Por estes lugares de Resende, Cresconhe, & Mosteiro de Carquere passava os annos de sua puericia o grande Rey Dom Afonso Henriques, tratando seu Ayo Egas Moniz de o instruir em todos os bons exercicios pertencentes àquella idade, em quanto o Ceo o hia habilitando com raros dotes, & favores particulares, para dar à execução as grandes cousas que depois fez em serviço de Deos, & dilatação da Fè, como a gloriosa Virgem pronosticara. Mas em quanto este tempo não chega, será bem dar noticia de outras cousas, & ver o que passava em Portugal, pois a visinhança, & pouca constancia dos Mouros o não deixavão estar quieto. 10

CAPITULO VII.

Das entradas que fizeram os Mouros em Portugal: da batalha de Miranda, cerco de Coimbra, & outros sucessos.

GOVERNAVA por este tempo a Monarchia dos Arabes de Africa, & Espanha Hali Abentefim, ou Texefim, como em o livro passado fica dito. Este Rey foy muy bellicoso, & por vezes passou a Espanha, causando com suas armas graves

Fr. A. Brandão; Tom. I. Z da-

danos à Christandade destas partes. Contra Portugal mostrou mais seu poder, parecendo-lhe que, como parte então mais pequena, fizesse menor resistencia, & fosse a primeira que se lhe sogeitasse. Já em vida do Conde Dom Henrique intentou de ganhar a cidade de Coimbra, & lhe pôz cerco muy apertado; mas foy rebatido pelas armas do Conde, como em o livro passado deixamos escrito. Nesta ocasião em que governava a Rainha, julgou a mesma empresa por acertada; & assi a repetio com a mesma vontade que dantes: & posto que os Portuguezes nesta ocasião fizeram brava resistencia; não deixarão de experimentar em suas vidas & terras a furia dos barbaros. Temos destas guerras não sabidas atégora, nem tratadas de nossos Historiadores, relações verdadeiras, as quais importa referir, & depois se irão ajuntando à certeza dos annos, & livrando de algumas duvidas que podem ocorrer.

Em o livro intitulado dos Testamentos de Santa Cruz de Coimbra, (a) o qual foy escrito em tempo de São Theotonio, està escrita a vida do Santo varão Martinho Vigario de Soure (do qual tratarei em outro lugar) & delle são as palavras seguintes

(a) *Do Archivo de Santa Cruz de Coimbra fol. 46.*

importantes aos successos destes annos.

Mortuo verò supra memorato eodem Rege Adefonso, nefandissimâ Maurorum rabies adversus Christicolarum fidem iterum cœpit aspirare. Ibenfatima namque Rex Maurorum nefandissimus ingenti Agarenorum multitudine circumfusus, Colimbrianos fines crudeliter deripuit, factaque belli congressione apud Municipium, quod dicitur Miranda, complures Portugalensium nobiles sceleratissimus ipse necando devicit. Nihilominus quoque municipio S. Eolaliæ natura munitissimo ab eodem Rege ad solum usque interfectis hominibus redactò, ad propria rediens in opidum Sauriensem frustra venisse cognovimus; nam Saurienses ferocem ejus adventum paventes, de prætaxati oppidi edificio sibi diffidentes, ingenti perculsi timore, eidem imposito igne Castello, in urbem Colimbriam profugosè redierunt. Per septem igitur annorum curricula ferarum cubilia depopulatum existens, per nobilissimæ denuo Reginae Tarasiæ consensum à præfata urbis restauratione anno LXI. in habitationem hominum revocari convaluit.

Morto elRey Dom Afonso, de que atraz se fez menção, se levantou outra vez contra os Christãos a furia dos Mahometanos, porque seu cruel Rey Ibenfatima ajun-

tando hum copioso exercito de Agarenos destruiu com grande crueldade a comarca de Coimbra. E saindo-lhe os nossos ao encontro junto à villa de Miranda , ficarão vencidos , & mortos muitos Portuguezes nobres. Não se contentou com estes males , mas ganhando o castello de Santa Olaia , o qual por natureza era fortissimo , & passados à espada seus defensores , o arruinou de todo , & deixou destruido. O mesmo intentava fazer ao castello de Soure , se os nossos temerosos de sua vinda , & desconfiados de lhe poder resistir , não puserão primeiro fogo ao lugar , & se vierão fugindo para Coimbra. E assi por espaço de sete annos esteve Soure despovoado , & feito morada de feras , atè que por consentimento da nobilissima Rainha Dona Tareja se pôde restaurar em o anno 61. da tomada de Coimbra. Atèqui as palavras daquela memoria.

Mais facil fora ao Auctor declarar o anno da restauração de Soure com palavras expressas , que dizer por rodeo fora o 61. da tomada de Coimbra. Mas como seja certo que esta Cidade se ganhou aos Mouros em o fim do anno de 1064. se fica concluindo ser esta povoação restaurada em o anno de 1124. ou no principio do anno seguinte , & como antes de se tornar a povoar,

voar, estivesse por espaço de sete annos sem moradores, consta ser destruida em o anno do Senhor de 1117.

Confirmase esta computação dos annos, & em parte se acreditão os successos referidos com as palavras de huma carta escrita pelo Cardeal Bernardo Legado Apostolico ao Papa Pascoal Segundo, cujo treslado vi em o livro das doações de Coimbra, & diz assi. (a)

10

Paschali Catholicae Romanae Ecclesiae Summo Pontifici B. tituli Sanctae Anastasiae Cardinalis, & servorum ultimus debita servitutis obedientiam. In Concilio quod 12. Kal. Burgis vestra celebravimus auctoritate. Depois de escrever algumas cousas tocantes à Sè de Coimbra acrescenta.

Ceterum dum affines Episcopi veteres ruinas, Castellorumque, vel villarum dissipationes, post Ildefonsi Regis mortem illatas, vera inquisitione memorarent, litteris Portugalensis Reginae, vel Baronum ejus, quibus ipsi pro certo noverant, edocti, hoc in anno multis hominum millibus amissis, suburbio etiam Colimbriae cremato intra muros civitatis Reginam vix vitam servasse, populis qui consilio aderant concedentibus, auctoritate veraci nobis

20

(a) Livro de Coimbra fol. 135.

bis intimarunt. Em Portugues significação.

10 Ao Summo Pontifice na Catholica, & Romana Igreja Pascoal, Bernardo Cardeal do titulo de Santa Anastasia, & o menor de seus servos offerece obediencia, & so-geição devida. Quando celebramos Conci-lio em Burgos a 18. de Fevereiro por vos-sa auctoridade, &c. Os Bispos visinhos em quanto relatão o que tinham sabido por ver-
 20 dadeira inquirição, tocante às ruinas anti-gas, destruições de villas, & castellos feitas despois da morte delRey Dom Afonso, souberão com certeza por cartas da Rainha de Portugal, & seus Barões, como em este mesmo anno forão mortos muitos mil ho-mens, & que abrasados os arrabaldes de Coimbra, escassamente teve a propria Rai-nha lugar de se pôr em salvo, & defender dentro da cidade, & isto nos affirmarão
 20 com toda a verdade, fazendo a isso fê as mais pessoas que vierão ao Concilio.

Não tem esta carta firma, nem se a-ponta o anno em que foi feita, (a) mas sabemos de certo que foy escrita antes do anno de 1118. porque o Papa Pascoal Se-gundo, a quem se escreveo falleceo em Ja-neiro deste anno; & assi seria escrità em o
 anno

(a) *Onuphris in Chronolog. fol. 153. Baron. ad anno. 1118.*

anno antecedente conforme à outra memoria da restauração de Soure.

Alem destas relações ha outras em o livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, as quais fazem muito em confirmação dos successos referidos, & do tempo dèlles. Diz a primeira. *In E. M. C. LIIII. Non. Julii fuit introitus in Castello Sanctæ Eulaliæ de gentibus Sarracenorum feria tertia.* Isto he. Na era de 1154. em as Nonas de Julho (vem a ser a 4. de Julho do anno de 1116.) em huma terça feira foy a entrada dos Mouros em o castello de Santa Olaia. A segunda memoria do mesmo livro diz assi. *In Era M. C. LV. obsedit Rex Hali Colimbriam X. Kal. Julii, & fuit ibi per tres hebdomadas.* Em a Era de 1155. a dez das Calendas de Julho (he a 21. de Junho do anno de 1117.) cercou elRey Hali a cidade de Coimbra, & perseverou em o cerco por tempo de tres semanas. 10 20

Não faça duvida nomearse Hali Rey, que em outra memoria se diz Iben Fatima; porque o nome do Emperador dos Mouros neste tempo era Hali Abentefim, ou Texefim, & assi concorda com aquellas relações, ainda que em ellas se não ponhão todos os appellidos deste Principe, ou se escreva seu nome com alguma variedade. Maior

10 Maior duvida pode causar contaremse estas cousas em dous annos distintos por estas ultimas memorias, as quaes se assinão juntas em as outras relações, porem nisto não ha difficuldade, que as primeiras relações to-
cáo a caso estes successos, & assi não ser-
via ao intento da Historia a noticia del-
les com mayor particularidade. E nestas ul-
timas memorias como se especifica o tem-
po, lhe devemos dar inteiro credito, pois
no principal não differem das primeiras.

20 De todas estas relações consta das gran-
des calamidades que padeceo o Reyno de
Portugal em o anno de 1117. & assi se con-
vence ser falso o que dizem nossos Aucto-
res da tomada de Leiria em este tempo por
elRey Dom Afonso Henriques. Quando es-
te Principe naquelle anno exercitara a mi-
licia, & governara Portugal, ainda avia
impossibilidade neste successo, pois não ti-
verão os Portuguezes anno menos acomodo-
ado para fazer conquistas que este de 1117.
Quanto mais que o Infante era então mini-
no de sete annos, como deixamos assenta-
do, & sua mãy governava, o que bem se
colhe das memorias referidas, pois em ella
sò fallão sem tratarem cousa alguma do In-
fante seu filho.

Averà quem julgue por menos impor-
tante a relação destas cousas, as quaes não
sen-

sendo de muita honra da Nação Portugueza, parece que não convinha resuscitarem do esquecimento, em que jazião sepultadas. Porém também a noticia dos casos adversos tem sua utilidade, & destes que referimos não resulta pequena gloria a nossos antepassados, pois com numero tão desigual de gente, como então se podia ajuntar em Portugal, ouzarão fazer rostro a hum Principe tão poderoso como Hali, & apresentar batalha, a quem as forças dos Christãos de Espanha unidas ficavão inferiores; & o que mais he, poderem despois da rota de Miranda sustentar o cerco de Coimbra contra gente vitoriosa em tempo tão contrario. Grande louvor se deve sem falta aos Capitães, & soldados Portuguezes daquelle tempo, pois huns morrerão em seu officio, outros defenderão sua terra. E a mesma Rainha Dona Tareja he digna de honrosa memoria, pois sendo molher não fugio o perigo, mas quis assistir em Coimbra, & acompanhar os seus em tempo da mayor difficuldade. Quanto mais que ainda que destas relações se não colhera outro fruto mayor, que o dar satisfação às leis da Historia, (a) bastante desculpa avia para divulgarmos estas cousas; (b) pois corre igoal obri-

(a) Nicolao de Lyra. (b) Paralip. cap. 27.

obrigação aos Escretores de relatar fielmente os vituperios, assi como os louvores.

C A P I T U L O VIII.

De algumas cousas tocantes ao Arcebispo de Braga Dom Mauricio, & à sua deposição.

1118. **E**M o principio do anno de 1118. chamou o Senhor para si (como piamente se pode crer) o Summo Pontifice Pascoal Segundo, depois de ter governado dezoito annos, sinco mezes, & nove dias. Foy dotado de virtude, sciencia, & animo qual convinha a tempo das perturbações causadas pelo Emperador Henrique Quinto: ao qual se oppoz em todo o tempo de seu Pontificado, até o declarar por excomungado, & privar do Imperio. Em seu lugar foy eleito Gelasio Segundo do nome, Monge primeiro de Monte Cassino, & depois Cardeal, & Cancellario Apostolico. Sua eleição foi a 23.^a de Janeiro do mesmo anno de 1118. Era Gelasio de grande coração, & assi não duvidou proseguir contra o Emperador Henrique as differenças passadas em defensão da liberdade Ecclesiastica, & magestade Pontifical. Mas como o Emperador viesse a Roma com gran-

grande exercito , foy necessario ao Pontifice retirar-se a Gaeta , & depois a França , aonde residio algum tempo no Mosteiro Floriacense.

Entretanto Henrique insolente com o bom successo , quis ter Pontifice de sua mão , & fez eleger o Arcebispo de Braga Dom Mauricio , a quem communmente chamão Burdino , nome de que usava antigamente. Achavase Mauricio nesta ocasião em Roma , & mal affeito ao Papa Gelasio , por lhe não conceder (segundo alguns escrevem) a Igreja de Toledo que pretendia , (a) allegando insufficiencia no Arcebispo Dom Bernardo , por causa de sua muita idade. Não nos consta a causa de sua ida a Roma , sò sabemos que aceitou a dignidade Pontifical , & a sustentou por espaço de tres annos com favores do Emperador , causando grave escandalo na Igreja Catholica. 10 20

Neste tempo fallecera o Padoa Gelasio Segundo , & fora nomeado em verdadeiro Pontifice Calixto Segundo , que d'antes se chamava Guido , (b) filho de Guilherme Conde de Borgonha , irmão (como em outro lugar se advirtio) do Conde Dom Raymundo genro delRey Dom Afonso Sexto. A morte de Gelasio foy a 29. de Janeiro do

(a) *Marian. lib. 10. cap. 11.* (b) *Livro 8. cap. 1.*

do anno de 1119. e a eleição de Guido em o primeiro de Fevereiro do proprio anno. Entre outras cousas que este Papa fez dignas de perpetua memoria foy restituir a paz á Igreja, com a prisão do Antipapa Mauricio, o qual houve às mãos em breve tempo, & o mandou desterrado para França, aonde acabou o restante de sua vida, encarcerado em o Mosteiro da Santa Trindade da Cava com a occasião, & probabilidade de aver feito primeiro penitencia de suas culpas. Não se pode deixar de condenar a ambição de Mauricio, pois por illicitos meynos pretendeo a summa dignidade. Mas de seus espiritos altivos, que lhe forão muita causa de se precipitar na occasião presente, nacerão outras acções em quanto esteve em Braga, que nos parecem louvaveis, qual foy alcançar a isenção de sua Igreja da superioridade que nella tinha o Arcebispo de Toledo Dom Bernardo, como Legado do Summo Pontifice (como ja em outro lugar advertimos) & fazer que os Bispos de Coimbra, os quais por auctoridade do mesmo Legado tratavão de negar a obediencia devida a Braga, o reconhecessem. (a) Ha disto huma Carta do Papa Pascoal para o Bispo de Coimbra Dom Gon-

(a) *Livr. Fidei da Sè de Braga.*

Gonçalo , a qual traduzida diz assi.

Pascoal Bispo servo dos servos de Deos , ao veneravel irmão Dom Gonçalo Bispo de Coimbra saude , & benção Apostolica. Quão grande crime seja desprezar a auctoridade Ecclesiastica , se deixa bem ver das palavras propheticas , quando se diz , ser como peccado de idolatria a pouca sogeição neste caso. Temos amoestado a vossa Fraternidade por humas Cartas IO & outras , que deis a reverencia & obediencia devida a nosso irmão Dom Mauricio Arcebispo de Braga , como àquelle que he vosso verdadeiro Metropolitano. Vos desprestastes nossos mandados , & fizestes pouco caso dos privilegios que temos concedido à Igreja de Braga com a auctoridade da Se Apostolica. Usando ainda da paciencia vos mandamos , que daqui em diante obedeçais ao dito Arcebispo como a vosso Metropolitano. E se faltardes por espaço de quarenta dias depois de receber esta Carta em lhe dar a devida obediencia , desse tempo em diante vos avemos por suspenso do officio Episcopal. Dada em Agnania a 3. das Nonas de Novembro. 20

Por este modo se reduzio o Bispo de Coimbra à sogeição de Braga com a industria de seu pastor Dom Mauricio.

Em

Em Braga foy nomeado por Arcebispo Dom Paio Mendez ; o Catalogo dos Prelados daquella Igreja aponta sua entrada no anno de 1116. devia ter respeito ao tempo em que Mauricio se ausentou della, sendo assi que a eleição de Dom Paio não podia ser antes da exclusão de Mauricio, a qual nos parece se fez algum tempo adiante. (a) O certo he, que no principio do
 10 anno de 1119. estava Dom Paio confirmado no Arcebispado, & como tal confirmava as doações Reais daquelle tempo. Permaneceu nesta dignidade quasi vinte annos, por onde averá lugar de o nomearmos ainda algumas vezes.

C A P I T U L O IX.

Da primeira entrada que fizeram os Monges de Cister neste Reyno. Tocãose particulares preeminencias que Portugal tem nas cousas Ecclesiasticas de Espanha.

1119. **P**OR este tempo entrou no Reyno de Portugal a Religião de Cister, que poucos annos antes se instituirá. (b) Governa-

(a) Livro de Coimbra fo. 135. na doação que a Rainha Dona Tareja faz ao Bispo Dom Gonçalo.

(b) Britto na Chron. de Cister. Yepes na 2. Centuria

nava a Abbadia de Claraval no Reyno de França do anno do Senhor de mil & cento & quinze o grande Patriarcha, & lume da Igreja São Bernardo, occupado em exercicios de vida santissima, & na fundação de novas Abbadias, de que coube ao Reyno de Portugal neste principio a boa sorte de huma dellas por modo maravilhoso. Estava o Santo Abbade em oração fervorosa depois de Matinas em dia de São João Baptista, de que foy muy particular devoto, contemplando as grandes virtudes daquelle prodigio de santidade, quando lhe appareceo o mesmo Santo na forma em que ordinariamente se pinta, & o moveo da parte de Deos a mandar Monges de sua Casa ao Reyno de Portugal a fundar huma Abbadia, & sem limitar lugar certo, o assegurou, que o Senhor o manifestaria.

Não pôz duvida São Bernardo no mandado do Santo Precursor, antes nomeou logo oito Monges, cujos nomes erão Boemundo, o qual avia de ser Abbade, Aldeberto, João, Bernardo, Alberico, Sizinando, Rolando, & Alano, aos quais mandou se partissem para Espanha, & nas ultimas partes della tratassem de fundar hum Mosteiro no lugar que o Ceo lhe sinalasse. Advirtioos tam-

tambem o Santo , que na provincia adonde os mandava acharião hum Santo hermitão , chamado João Ciritta , o qual os acompanharia , & ajudaria naquella obra , porque como era pessoa santa , o tinha escolhido o Senhor para esta obra. Chegarão os Monges de Claraval a este Reyno , & não longe da cidade de Lamego encontrarão o Santo hermitão , que por ordem do Ceo ja os buscava : & em sua companhia forão dar
10 conta aos Principes da terra do intento que trazião , & pedirão as licenças necessarias para fundar o Mosteiro.

Dizem nossos Escritores , que se partirão para Guimarães aonde residia o Infante Dom Afonso Henriques , de quem alcançarão favores , & a licença para fundar o Mosteiro , por governar ja este Reyno :
20 mas como neste tempo não governasse ainda aquelle Principe senão sua mãy a Rainha Dona Tareja , como se tem mostrado com evidencia no principio deste livro , & em muitos lugares desta obra ; diremos que se o Principe teve parte nesta licença , foy favorecendo os Monges para que a alcançassem , ou dandoa por commissão da Rainha , como em algumas occasiões (ainda que poucas) temos advertido que o fazia.

Fizerão volta os Monges de Claraval , & seu companheiro ao lugar aonde se en-
con-

contrarão , & chegando ao rio Baroza , que fica apartado da cidade de Lamego pouco mais de legoa & meia , seguirão o caminho para onde nace , & a pouco espaço derão na caida de humas serras , que quasi em circuito vão cercando hum pequeno valle , por onde correm dous rios de pouca agoa , os quaes entrão no mesmo Baroza. Este lugar , por ser solitario , escolherão para morada sua os Santos Monges , & fundarão huma hermidã , que despois mudarão porã o lugar , onde hoje se vê o Mosteiro de S. João de Tarouca , por ocasião de humas luzes que por algum tempo virão naquelle sitio. E a tudo deu boa ajuda com sua assistencia , & industria o Santo hermitão João Ciritta , o qual despois tomou o habito de Cister em São Christovão de Lafões , como se dirá em seu lugar proprio.

O Infante Dom Afonso fazendo huma jornada contra os Mouros , que vierão cercar a villa de Trancoso (da qual tratarei adiante) visitou esta Casa , & despois mandou fundar a Igreja della , fez couto das terras do Mosteiro , & o engrandeceo com doações , & esmolas. E posto que alguns assignem o principio desta ultima fundação , & ida de Trancoso no anno do Senhor de de mil & cento & vinte & hum , tenho por sem duvida que està errado o numero dos

Fr. A. Brandão; Tom. I. Aa an-

annos, & que ha de ser anno mil cento & trinta & hum, porque no de 1121. era o Infante ainda minino, & não exercitava a guerra, nem tinha o governo deste Reyno: & assi passarão quasi doze da primeira entrada dos Monges de Claraval, & principio que derão àquelle Mosteiro, à fundação da Igreja presente, & ampliação daquella Casa: a qual he digna de toda a veneração, pelo modo milagroso de sua fundação, pela observancia regular, em que sempre floreceo: donde procedeo sogeitaremse algumas Casas, assi neste Reyno, como fora delle, & ficarão filhações suas, admittindo sua visitaçào, & doutrina, & finalmente por ser a primeira que a Ordem Cisterciense, que vulgarmente chamão a Ordem de São Bernardo, teve neste Reyno.

20 E não sò neste Reyno de Portugal, mas em toda Espanha fica sendo a Casa de São João de Tarouca a primeira em antiguidade da Ordem de Cister, se respeitamos sua primeira fundação, & o tempo em que os Monges de Claraval vierão a este Reyno; porque as de Castella, & mais Reynos se fundarão despois do anno de mil & cento & vinte, como se pode ver nos Historiadores que tratão esta materia: particular preeminencia que teve o Reyno de Portugal nas cousas Ecclesiasticas de Espanha,

nha , ser sempre , ou pela mayor parte , o primeiro que tinha lugar nellas.

O primeiro Bispo que em Espanha fez o Apostolo Santiago foy S. Pedro de Rates , Arcebispo de Braga , segundo affirma Dextro.

O primeiro Martyr de Europa foy o mesmo São Pedro de Rates , como testifica Fr. Prudencio de Sandoval , fallando de Santo Epitacio.

10

As primeiras martyres de Espanha foram as filhas de Catelio Bracharense , como confessa o mesmo Auctor no livro dos Bispos de Tuy , folhas 4.

O primeiro Anachoreta de Europa foy Felix junto a Rates no anno de Christo 45. como se vê do Breviario Bracharense na vida de S. Pedro de Rates , & o nota o Doutor Padilha na Historia Ecclesiastica de Espanha , Centuria primeira cap. 16.

20

O Santo Frey João de Matta , Auctor da Religião da Santissima Trindade , poz nome de , *Domus Lusitaniae* , Casa de Portugal , ao primeiro Mosteiro que fundou , como confessa Roberto Gaguino , & o nota o Padre Fey Bernardino de Santo Antonio no seu Epitome das Redempções livro 1. cap. 13. §. 2. Pelo que parece que era Portugues ; o que se colhe tambem do seu appellido de Matta , & do de seus companhei-

Aa ii

ros ,

ros , que forão Frey Rodrigo de Penalva , fundador do Convento de Segovia , & Frey Helias do Valle , que fundou o Mosteiro de Toledo.

10 O principal hermitão dos que fundarão a Ordem de São Jeronimo , & que como Cabeça os trouxe de Italia a Espanha , foy Frey Vasco de Nação Portugues , fundador do Mosteiro de Pena Longa , & depois Val Paraíso , junto a Cordova , como refere largamente Frey Jose de Siguença.

O primeiro que instituiu Religião , a qual tivesse sò por instituto curar nos Hospitaes todas as infirmitades , foy João de Deos Portugues , natural de Montemor o Novo.

20 A primeira Recolleita da Serafica Ordem de S. Francisco que ouve em Espanha , foy a da Piedade , posto que os que a vierão fundar erão Castelhanos.

A santa Donna Beatriz da Sylva descendente das Casas de Villa Real , & Portalegre , foy a Instituidora da Ordem da Conceição em Castella , & tambem a que fez instituir naquelle Reyno o Tribunal da Santa Inquisição por revelação que teve , a qual communicou a elRey D. Fernando o Catholico , que a deu à execução , como escrevem o P. Gonzaga , & o nosso P. Fr. Francisco de Bivar.

O Mosteiro de Lorvão da Ordem do Patriarcha S. Bento , & agora de Monjas de nosso P. S. Bernardo , edificado em vida de S. Bento , parece o mais antigo de Espanha , como se pode ver nos Padres Britto , & Yepes.

O Mosteiro de S. Domingos de Santarem parece o mais antigo de Espanha , como se vê da Chronica do P. Fr. Luis de Sousa.

10

O Mosteiro de S. Francisco de Alenquer parece o mais antigo de Espanha , como se collige da Chronica de Fr. Marcos.

O Mosteiro de Penafirme he o mais antigo de Espanha , segundo confessa o P. Marques na sua Apologia da Ordem de S. Agostinho.

A primeira Casa que os Padres da Companhia de Jesus tiverão no mundo foy a de S. Antão em Lisboa , & o primeiro Collegio o de Coimbra.

C A P I T U L O X.

*De algumas cousas tocantes ao governo:
& jurisdição da Sè de Coimbra.*

EM o anno de 1120. ha huma memoria 1120. pertencente à Sè de Coimbra , que merece particularizarse. Tinha concedido o
Sum-

Summo Pontifice Pascoal Segundo ao Arcebispo Dom Mauricio , quando ainda era Bispo de Coimbra , as Igrejas de Viseu , e de Lamego , em quanto se não restituíão às suas dignidades. Ha copia desta concessão no livro Fidei Bracharense , a qual se tresladará no Appendice: bastem por ora as palavras seguintes. (a) *Duas præterea Episcopatum quondam Cathedralium Ecclesiis tuæ tuorumque successorum curæ provisionique committimus.* Isto he , Commettemos a vós , & a vossos successores o cuidado , & governo das duas Igrejas Cathedraes Viseu , & Lamego.

Sempre foy cousa natural soffrerem os homens mal qualquer sombra de sogeição alhea. O clero , & povo de Viseu parecendo-lhe que não possuíão sua liberdade , em quanto durava aquella subordinação aos Bispos de Coimbra , se resolverão em eleger Bispo que os governasse , (concorrião então os povos em a nomeação dos Prelados.) Foy eleito Dom Odorio , Prior que então era da mesma Igreja , por renunciação de São Theotonio , Prior depois o primeiro de Santa Cruz de Coimbra (b) (o qual renunciara aquella Igreja para poder visitar os lugares

(a) Liv. Fidei da Sè de Braga.

(b) Na vida de S. Theotonio que se guarda em Santa Cruz de Coimbra.

gares da Terra Santa) As cousas que são feitas sem fundamento, não permanecem. Cairão os moradores de Viseu no erro que commetterão, & se tornarão a sogeitar ao Bispo de Coimbra, que então era Dom Gonçalo; se obrigados com censuras, se de sua vontade, não consta. Porem em presença da Rainha Dona Tareja, & dos Grandes de sua Corte fizeram a promessa seguinte. (a)

10

In Era M. C. LVIII. Visenses Clerici coram Regina Donna Tarasia, & suis Baronibus dimiserunt, & abrenunciaverunt Episcopo Donno Gundisalvo electionem quam fecerant de Don Odorio tali modò. Imprimis Dominus Gundisalvus, qui Episcopus, & dominus eorum est, sine cujus voluntate electionem illam fecerant, dimisit illis malivolentiam, ut ab illo nullam lesionem eorum corporibus, vel rebus recipiant pro omnibus adversitatibus sibi nunc usque illatis. Et ille Dominus Odorius abrenunciavit illam electionem, & juravit super quatuor Evangelia, ut illam electionem non requirat, nec Visensem Episcopatum recipiat, nec alteri consentiat ad recipiendum sine voluntate Episcopi Domni Gundisalvi, ipso permanente in fide-

20

(a) Livro de Coimbra fol. 179.

fidelitate Regine Domne Tarasie, sicut Episcopus fidelis debet esse suo Regi, & Domino terre, & sic ipse juravit sine arte, & malo ingenio, ita & omnes clerici Visenses juraverunt, & ei fidelem obedientiam promiserunt. Imprimis Tedon Præbiter. Didacus Præbiter. Stephanus Præbiter. Nomina quibus hæc acta sunt.

10

Pelagius Gundisalviz.

Gunsalvus Gunsalviz.

Egas Gundesindiz.

Egas Moniz.

Menendus Moniz.

Ermigius Moniz.

Nuno Vida.

Menendus Venegas.

Gueda Menendiz.

Traduzida em vulgar diz assi.

20

Na era de mil & cento & sincoenta & oito (he o anno de mil & cento & vinte) os Clerigos de Viseu em presença da Rainha Dona Tareja & dos Grandes de sua Corte dimitirão, & renunciarão nas mãos do Bispo Dom Gonçalo a eleição que fizerão de Dom Odorio de tal modo. Primeiramente, que o mesmo Dom Gonçalo, a quem reconhecião por Bispo, & senhor, sem cujo consentimento se fizera aquella elei-

eleição , lhes perdoava o agravo daquella violencia , & nem d'elle , nem das mais injurias que lhe forão feitas , tomaria vingança em seus corpos ou fazendas. E o mesmo Dom Odorio renunciou a eleição que d'elle se fizera , & jurou nos Santos quatro Evangelhos não consentiria ser nomeado em Bispo de Viseu nem elle , nem outro algum sem consentimento do Bispo Dom Gonçalo , em quanto o dito Bispo fosse leal vas-
sallo da Rainha Dona Tareja , & lhe guardasse a fidelidade , que os Prelados leais devem ter a seus Reys , & senhores : & assi
tambem jurou o mesmo Bispo sem fraude , nem engano ; & jurarão os Clerigos de Viseu , & prometerão de lhe ser fieis , & obedientes. Primeiramente Tedom Sacerdote , Diogo Sacerdote , Estevão Sacerdote ; depois se nomeão os Ricos Homens , diante de quem se fez aquelle concerto , cujos nomes não he necessario repetir. 10 20

Assi ficarão então quietos os moradores de Viseu , & esta Igreja sogeita aos Bispos de Coimbra , até que pelo tempo adiante se lhe poz proprio Bispo , como tambem em Lamego em o anno que a Historia mostrarà. E ja de agora se pode notar o erro dos que dizem , se elegerão Bispos nestas cidades em tempo do Conde Dom Henrique , pois vemos aqui por Es-
cri-

critura authentica como em o anno do Senhor de mil & cento & vinte oito annos depois da morte do Conde, ainda em Vi-seu o não avia. Deu occasião a este engano o Arcebispo de Toledo Dom Rodrigo, com fazer pouco exame nas cousas de Portugal, & as tocar como cousa que lhe não pertencia. Mas nossos Escritores a quem corria obrigação differente, puderão fazer maior diligencia.

Outra cousa se pode advertir desta Es-critura, a qual he o governo da Rainha Dona Tareja, & plenario poder que tinha em Portugal neste tempo, donde se colhe que não era casada, nem governava seu filho Dom Afonso. O mesmo se deixa ver de outra concordia celebrada entre os Bispos de Coimbra, & do Porto, (a) a qual està no livro das Doações da Sè de Coimbra, & diz deste modo.

Gundisalvus Colimbriensis Episcopus, & Hugo Portuensis Episcopus faciunt inter se firmissimam amicitiam, remota omni deceptione ita, scilicet, ut Hugo Portuga-lensis Episcopus nullo modo inquietet, id est, neque per se, neque per alium, nec per suum ingenium, honorem quem tenet hodie Colimbriensis Episcopus, vel tenue-rit

(a) Livro de Coimbra fol. 134.

rit a flumine Dorii usque ad flumen Tagum, quandiu præfatus Colimbriensis Episcopus Colimb. Ecclesiam tenuerit. Gundisalvus verò Colimbriensis Episcopus similiter promittit, ut nullo modo inquiet. i. neque per se, neque per alium, neque per suum ingenium, honorem quem tenet vel tenuerit Portugalensis Episcopus à flumine Dorii usque ad Tudem, quandiu præfatus Portugalensis Episcopus Portugalens. Ecclesiam tenuerit. Et hæc amicitia est firmata in præsentia Regine Donæ Tarasiæ, & Comitis Domni Fernandi, & Baronum Portugalensium, & hoc totum sancitum in fide, puritate, & sui ordinis sanctitate. Non. Aprilis Era M. C. L. X. Comitis Domni Gomez, Pelagii Soarez, Egas Gozendez, Gonçalvi Rodriguez, Suarii Menendez, Petri Pelacz, Egas Moniz, Pelagii Velasquiz, Ermigii Moniz, Menendi Moniz, Sarracini Odoriz, Pelagii Guterrez, atque aliorum bonorum.

O sentido disto em summa he, que em presença da Rainha Dona Tareja, & dos Grandes de Portugal, firmarão entre si amizade & concordia os Bispos de Coimbra, & Porto, declarando, que o distrito do Bispado de Coimbra se comprehendia entre os rios Tejo, & Douro, & o do Porto desta cidade até Galliza. Não he o sentido perten-

tencer a estes Bispados tudo o que se continha nestes limites , pois entre o Porto , & Galliza està a cidade de Braga , mas que naquelles destritos avia terras pertencentes àquellas Igrejas. He a data da Escritura a sinco de Abril do anno de mil & cento & vinte & dous. Donde fica claro não se celebrar o contrato , como alguns escrevem no Concilio de Burgos , (a) o qual se fez em tempo do Papa Pascoal Segundo , & no anno do Senhor de mil cento & desasete , como ja deixamos advertido.

CAPITULO XI.

Restaurase o Castello de Santa Olaia , & a villa de Soure. São admitidos os Cavalleiros Templarios neste Reyno.

Do principio desta Ordem , & da de São João.

1122. **N** ão sò nas cousas Ecclesiasticas se tomava modo & assento mais conveniente , mas tambem nas seculares avia grande cuidado. E a Rainha Dona Tareja se mostrava zelosa de lhes dar a satisfação devida. E porque da entrada dos Mouros estavam ainda destruidas algumas fortalezas , tra-

(a) Frey Luiz dos Anjos no Catalogo dos Bispos do Porto fol. 443. p. 2.

tratou de se restaurarem , fazendo entrega dellas aos Capitães de mais confiança. Era pessoa principalissima no Reyno o Conde Dom Fernando , & muy favorecido da Rainha : a este Fidalgo fez entrega do Castello de Santa Olaya ja reedificado , & commetteo a restauração , & defensão de Soure. Ha disto memoria em o livro da Sè de Coimbra , (a) como ja em differente lugar temos mostrado. Fortaleceo o Conde a Santa Olaya , & lhe pôz grosso presidio de soldados : a povoação de Soure ou por se não obligar a tanto , ou por o tempo não dar então lugar , se reservou para outra ocasião. Em o mesmo livro da Sè de Coimbra ha outra relação tocante a este ponto , a qual diz assi. (b)

*In nomine Domin. Cum illum castrum quod appellatur Saurium , ob frequentem guerram Sarracenorum raro incoletur habitatore , placuit divinæ voluntati , per eximiam Reginam Tarasiam præfici-
cientem eidem Castello Gundisalum Gunsalvis pro Principe manu teneri. Quod Ego Gunsalvus Episcopus Colimbriensis comper-
tum habens , utilitati nostræ Sedis providens , sollicitus fui , Canonicos nostros Martinum Præsbiterum , Arias , fratrem-
que suum Menendum , ad Ecclesiam quæ
ibi*

(a) Livro de Coimbra fol. 216. Neste liv. cap. 1.

(b) Livro de Coimbra , ubi sup.

ibi jacebat destructa, reedificandam, atque obtinendam dirigere, &c.

Contem em nosso vulgar. Que estando despovoado o Castello de Soure por causa da continua guerra dos Mouros, approuve à divina bondade, que fosse habitado por meyo da excellente Rainha Dona Tareja, a qual commetteo a Capitania do dito Castello a Gonçalo Gonçalves. E tendo disto noticia o Bispo de Coimbra Dom Gonçalo sollicito do bem de sua diocese, escolheo a Martinho Presbytero, Arias, & seu irmão Mendo Conegos de sua Sè, para que fossem reedificar a Igreja do dito lugar, a qual estava destruida, &c.

Com summo gosto referi as palavras desta memoria, por nella encontrar com o Santo varão Martinho Vigario de Soure, cuja vida inculpavel, & santa morte com os trabalhos de seu cativeiro nos dará materia de superior escritura nos annos seguintes. Do Capitão Gonçalo Gonçalves se faz honrosa memoria na tomada de Santarem, & se mostra como capitaneou naquella insigne expedição parte da gente Portuguesa, & assi avia ainda lugar de seus louvores. Não devia permanecer muito tempo a villa de Soure em sua obediencia, porque em os annos seguintes, ainda em tempo da Rainha Dona Tareja, acho commet-

tida a Tenencia della aos Cavalleiros do Templo, sendo assi, que se fez a entrega a Gonçalo Gonçalvez em o anno de 1125.

A ordem dos Templarios, tão afamada por seus illustres principios & progressos, como pela miseravel ruina com que foy extinta, se fundara em o anno de mil & cento & dezoito na Santa Cidade de Jerusalem. (a) Forão seus primeiros Instituidores dous Cavalleiros nobres, chamados Hugo, 10 & Jofre, os quais tomarão por devação elles, & outros nove companheiros, de emparrar os peregrinos que passavão a Jerusalem de varias partes da Christandade, & de segurar os caminhos de ladrões, & gente facinorosa. Tomarão em o principio assento junto ao Templo de Jerusalem, donde lhes resultou o nome de Templarios. Nosso Padre São Bernardo, oraculo daquelle seculo, 20 lhes ordenou Constituições por que se governarão. E em quanto forão observantes dellas, se fizeram respeitados, ricos, & temidos. Não avia Reyno algum na Christandade, aonde se lhes não assinassem rendas, & lugares. Vierão a faltar no mundo (que tudo o tempo desbarata) quando estavam na mayor gloria, se com occasião merecedora de tão grande queda, ou sem ella, não determinamos. O

(a) *Vitriac. Hist. Oriental. c. 1. 65. Yep. cent. 7. fol. 153. Aubert. Mireus in Chronica Cister.*

O Reyno de Portugal foy hum dos que primeiro, & com mão mais liberal deu entrada a estes Cavalleiros. Ja no anno de 1126. os acho de assento nelle, & com terras proprias, das quais fazião concertos, & Escrituras. (a) Em o livro dos Foraes da leitura nova ha estas palavras junto ao Foral de Ferreira dado pela Rainha Dona Tareja. *Hec est charta conventionis, & firmitudinis, quæ Magistro Galdino, & Arnaldo de Rocha, cæterisque Templi fratribus, & simul junctis cum Pelagio Fernandez, & Pelagio Petriz, & uxoribus eorum; videlicet Marina Soaris, & Maior Soaris, placuit fieri de illa villa nostra, quæ appellatur Ferreira, quam insimul habemus.* A suma disto he: Que Dom Galdim, & Arnaldo de Rocha, & os mais Cavalleiros do Templo fazião contrato com Paio Fernandez, Paio Perez, & suas mulheres sobre a villa de Ferreira. E declara-se ser feita a Escritura no mez de Junho do anno referido de 1126. Donde se colhe ser a entrada desta Ordem em Portugal pouco depois de sua fundação, pois em tempo tão proximo a seu principio estavam de assento, & herdados neste Reino. Do que

(a) Torre do Tombo no liv. da Leitura nova fol. 135.

que resulta grande louvor à Rainha Dona Tareja , assi por admittir em seu tempo gente de tanta importancia , como na brevidade com que os enriqueceo em suas terras.

Dom Galdim o qual naquella Escritura se nomea Mestre , teve este titulo em Portugal todo o tempo de sua vida , não por ser o Gram Mestre da Ordem , que este residia em Jerusalem , mas por ser o principal dos Cavalleiros Templarios deste Reino , a quem os mais obedecião. (a) Era de nação Portugues , natural da cidade de Braga , de fidalguia antiga (como se pode ver em o titulo 56. do Conde Dom Pedro) filho de Paio Ramires , neto de Ramiro Aires , & bisneto de Aires Carpinteiro , todos Fidalgos conhecidos , de quem faz expressa menção o Conde. Por sua Mãe Dona Gontrode Soares era o Mestre da familia dos Correias , de cuja nobreza & antiguidade fica dito. Foy valeroso nas armas , como dà testemunho o mesmo Auctor. E de humma pedra que está no Convento de Thomar sobre a Capella do Mestre Dom Lopo Diaz de Sousa , consta que Dom Galdim passou à Terra Santa , & se achou com o Gram Mestre na tomada de Ascalon ,

Fr. A. Brandão; Tom. I. Bb &

(a) Conde Dom Pedro tit. 56. Hum letreiro que está no Convento de Thomar.

& em outros feitos de armas insignes por espaço de sinco annos, aonde deu boas mostras de seu valor. Fundou os Castellos de Thomar, Pombal, Ceres, Idanha, Monsanto, & Almourol, como se relata em a mesma pedra, & em parte testifica o Conde Dom Pedro.

10 Também a Ordem do Hospital de São João, a que vulgarmente chamão de Malta, teve entrada neste Reyno poucos annos depois dos Templarios, (a) & pelo tempo adiante foi adquirindo grande reputação, & rendas. Fora ella fundada em Jerusalem poucos annos antes da do Templo na forma seguinte. (b) Avia naquella cidade hum Hospital antigo, no qual com licença do Califa do Egyto se curavão os Christãos pobres, que vinhão das partes Occidentaes visitar os Santos Lugares. Depois que se
20 ganhou esta terra aos Infieis, hum singular varão administrador deste Hospital por nome Gerardo deu ordem, com que ouvesse alguns soldados para defensão dos peregrinos, os quais com grande cuidado começarão a vigiar o caminho que corre do mar até a Santa Cidade. Forão elles com isto crescendo em reputação & bons successos, & assi facilmente alcançarão do Papa Pas-
co-

(a) *Vitriac. c. da Histor. Orient.* (b) *Xepes.*

coal Segundo a fundação de sua nova Religião , & isenção do Hospital (o qual avia de ser Cabeça della) de hum Mosteiro chamado nossa Senhora a Latina , a que antes estava sogeito. O mesmo Gerardo foy o primeiro Mestre , & a nova Religião aceitou a Regra de Santo Agostinho , ainda que o Mestre a quem dantes reconhecia o Hospital por Cabeça era de Monges do Patriarcha São Bento. (a) Creceo esta Religião , & adquirio muitas rendas em todos os Reinos dos Christãos , & principalmente despois que se extinguiu a Ordem dos Templarios. Primeiro fez seu assento em Palestina , despois na Ilha de Rhodes , & ultimamente permanece em Malta , & em todas as partes foy , & he escudo dos Fieis , & terror dos Mouros , & Turcos.

10

CAPITULO VII.

Como não sò os Reys , mas senhores particulares davão Foraes às terras. Do modo do governo que então avia.

DA V ã o Foraes às terras , (que erão as 1124 leis particulares por que se governavão) não sò os Reys , & Principes soberanos ,

Bb ii

se-

(a) Yepes centur. 7.

senão também alguns Fidalgos, a quem os Principes concedião a povoação, ou governo dellas. Os primeiros que encontro nas Escrituras deste tempo, que dessem Foral, são Egas Gosendez, & João Viegas dalcunha, Ranha, decendentes de Dom Arnaldo de Baïam, hum illustre Capitão Frances que aportou a este Reyno no tempo que vierão os Gastos ascendentes de Egas Monis, pouco mais, ou menos. Alguns imaginão, que veo Dom Arnaldo em companhia do Conde Dom Henrique a Espanha, porem pareceme opinião falsa, porque seu neto Egas Gozendes he sò o que se acha nomeado nas Escrituras do tempo do Conde Dom Henrique até o principio do Reinado delRey Dom Afonso Henriques, & de seu pay, & avò se não acha memoria; por onde parece que erão ja fallecidos, & fallecerão em tempo dos Reys antecedentes.

O Foral que deu João Viegas com Egas Gozendes foy o de Sernancelhe, villa conhecida na comarca de Beira, (a) na qual ha ainda Castello em sitio forte, que demonstra antiguidades: he sua data a sete das Calendas de Novembro da era mil & cento & sessenta & dous, que vem a cair em vinte & seis de Outubro do anno presente de mil

(v) Torre do Tombo liv. dos Foraes velhos fol. 23.

mil & cento & vinte & quatro, & diz nelle que reinava então em Portugal a Infanta Dona Tareja, & era Bispo de Coimbra Dom Gonçalo. *Regnante in Portugalis Infanta Tarasia, Colimbriense Episcopo Gunsalvo*, que he ponto notavel para confirmação do tempo, que governou esta Rainha antes de se levantarem as discordias que depois teve com seu filho.

Pelos annos adiante forão dando For- 10
raes os Infantes do Reyno, os Prelados Ecclèsiasticos, & os Fidalgos particulares, de que apontarei alguns exemplos para ficar mais firme este antigo costume, & modo de governo. O Foral de Namão denominado Monforte foi dado por Fernão Mendez juntamente com seus filhos a oito de Julho da Era mil & cento, & sessenta & oito, & declara que reinava em Leão, & Estremadura elRey Dom Afonso, & que o In- 20
fante Dom Afonso imperava em Portugal. *Regnante Rege Alfonso in Legione, & in tota Estremadura, imperante in Portugalia Infante Domno Alfonso*. Este Fernão Mendez entendendo que era o Braganção, pela concurrencia dos annos. Nem obsta que lhe assinem filhos, o que parece encontrar o Conde Dom Pedro, quando affirma que a terra de Bragança ficou à Coroa deste Reyno por via da Infanta molher do mesmo
Fer-

Fernão Mendez ; porque sem falta teve filho , que chamarão Pero Fernandez , o qual possuio parte daquellas terras , & delle vem os do appellido de Chacim , Fidalgos muy estimados no tempo antigo , como adiante mostraremos.

10 A Infanta Dona Tareja filha delRey Dom Afonso Henriques deu Foral à villa de Ourem , & declara ser esta villa de seu senhorio : donde manifestamente se colhe , que foy a primeira terra que se dotou às Infantas de Portugal : & foy a data deste Foral no mez de Março do anno do Senhor de mil & cento & oitenta. Antes deste tempo tinha dado Dom Pedro Afonso , o que entendo ser filho delRey Dom Afonso Henriques , Foraes às villas do Figueirò & do Pedrogão , aquelle no anno de mil cento & setenta & quatro , & este no de
20 mil cento , & setenta & seis : & Gil Sanchez filho delRey Dom Sancho o Primeiro deu Foral às Sarzedas no anno de mil & duzentos & treze.

Os Capitães estrangeiros que vierão ao cerco de Lisboa , derão Foraes às terras que lhes forão assinadas , a saber , Dom Alardo a Villa Verde , correndo o anno de mil & cento & sessenta , Dom Jordão à Lourinhãa , Guilhelmo de la Corni à Attouguia , & finalmente Ruy Fernandez decen-
den-

dente de Dom Rolim à Azambuja.

Davão também Foraes às terras que lhes pertencião os Prelados Ecclesiasticos, & assi o deu Dom Sueiro Bispo de Lisboa à villa de Alhandra no anno de mil & duzentos & tres, o Bispo de Evora Dom Paio a Benavente, & finalmente os Abbades de Alcobaça derão Foraes a algumas villas daquella Abbadia, & as mandarão povoar, como em outro lugar diremos.

10

Em todos estes Foraes, ou nos mais delles, alem de se limitar o que os povos avião de pagar aos senhorios destas terras, se davão leys particulares que dispunhão o modo da justiça que se avia de guardar no crime, & civil: & por estas leis se governou o Reyno até o tempo delRey Dom Afonso Segundo, que foy o primeiro (de que nos consta) que fez ordenações, & leis geraes, as quais se conservão ainda na Torre do Tombo, & relataremos em seu lugar proprio. O modo com que se julgavão as causas conformandose com a ordem dos Foraes de cada huma das terras, era fazerse junta da gente principal daquella terra ante o Governador, Conde, Rico Homem, ou Adiantado, que naquelle tempo se chamava às vezes, *Tiumphado*, (a) & pe-

20

(a) *Tiumphado*. *Thynphado*, ou *Thyunphado*, tinha

pelos mais votos se tomava assento no que convinha fazerse. Dous exemplos temos a este intento, hum delles antes do principio do Reyno de Portugal, & outro do tempo que governava a Rainha Dona Tareja.

He o primeiro da Era de mil cento & nove, que cae no anno do Senhor de mil & setenta & hum, quando correndo demanda entre Flamula Ketas, que he o mesmo
 10 que Chamoá Ketas, & sua irmãa Adozinda Ketas, sobre certas herdades em Lodares, diz que vierão a Pombeiro aonde estava Egas Gomez, & com elle outros muitos homens nobres, os quaes apaziguarão a contenda. Consta de doação original do Mosteiro de Pombeiro. (a) *Devenimus inde ad consilium hic in acisterio de Palumbaris, ubi fuit Egas Gomisi, & alii multorum nobilium hominum, & provide-*
 10 *runt bene in ipso consilio: ut roborassemus unas ab aliis, ut nunquam nobis inquietaremus.*

O segundo caso acontenceo no mez de Março Era de mil cento & sincoenta & oito, que he anno de Christo de mil & cen-

por superior não só o Conde, mas também o *Vicecomes*, ou *Præpositus Comitatus*, o Visconde. Veja-se a Ley dos Visegodos liv. 2. tit. 2. Ley 26. e o liv. 9. tit. 1. Leys 1, 3, 4.

(a) *Carterio de Pombeiro.*

cento & vinte , querendo Froyla Belindez trocar certas herdades de Villa Meã , & de Parada com Toda Viegas , a qual lhe dava outra herdade em Rio de Galinhas , diz que vierão a Cresconhe diante de Egaz Moniz , & de outros nobres para confirmarem a troca daquellas terras , as quaes pertencião de algum modo ao Mosteiro de Arouca , & elles averiguarão o que na materia avia. (a) *Et devenimus inde Crescon ante domino Egas Moniz , & ibi Sesnando Odoris , & alii filii benenatorum , & exquisierunt ut ego Froila non habebat ibi in illas hereditates nulla causa , nisi herentia in Sancto Petro de Arauca. Et viderunt homines bonos , & domino Egas , ut ipsa cambiatione firmiter extitisset pro hac sententia , & ideo placuit mihi.* Não ha que reparar na barbaria do latim , basta tomarse o sentido das palavras que ja ficado , & advirto que parte dellas aponteijam em outro lugar , para mostrar que vivia Egas Moniz nesta quinta de Cresconhe , & que nella & outras terras suas da mesma comarca de Lamego se criou elRey D. Afonso Henriques em seus primeiros annos.

CA-

(a) Doações de Arouca num. 98.

CAPITULO XIII.

*Proseguese a mesma materia do modo da
decisão das causas. Tratase da digni-
dade dos Infanções.*

1124. **D**o tempo delRey Dom Afonso Henri-
ques temos exemplos mui notaveis acer-
ca do modo com que se decidião as cau-
sas ; fazendose juntas de gente nobre que
as resolvião. (a) Em Escritura do Mostei-
ro de Pedroso do anno de 1132. se diz ,
como avendo certas duvidas entre o Abba-
de do mesmo Mosteiro , & o de Paço , se
forão à cidade de Santa Maria (que he a
10 do Porto , por incluir a comarca da Feira ,
que se dizia terra de Santa Maria) & em
presença do Capitão Gèral Hermigio Mo-
niz se ajuntarão os bons da terra , que erão
Egas Odoris , Nuno Soares , Ero Telles ,
Tello Alvres , & Gomes Vazquez , os quais
assentarão se partisse pelo meyo a herdade
de que era a contenda , & ficasse a cada Mos-
teiro sua parte. São as palavras formaes da
Escritura estas. *Et venerunt ad consilium in
civitate Sanctæ Mariæ ante illum impera-
torem Ermigium Moniz & alios homines*
bo-

(a) Escritura original de Pombeiro.

*bonos qui ibi fuerunt , & convenerunt ,
& indicaverunt illos , Egas Odoris , Nu-
no Soares , Ero Telles , Tello Alvares ,
& Gomiza Velasquis , que partissent per
medium illa hereditate , &c.* Declarase na
Escritura , que reinava então o Infante D.
Afonso , & era Bispo de Coimbra Dom
Bernardo. *In temporibus regnante Infans
Adefonsus , Bernardus Episcopus Colim-
briensis.*

10

Hermigio Moniz , que aqui se nomea
Emperador (isto he Capitão Gèral , ou
Fronteiro Mòr) acho que foy o mayor pri-
vado do Infante Dom Afonso , como se
declara em o livro dos Testamentos de
Santa Cruz de Coimbra , (a) quando se
trata do exordio daquella Casa , porque
se diz que deste fidalgo se valeo o Ar-
cediago Dom Tello , para os favores que
pretendia do Infante na fundação daquelle
Convento , por fazer ventagem aos mais.
Não pude alcançar de que familia fosse ,
nem o sobrenome de Moniz o pode decla-
rar , por ser patronimico. Parece que não
viveo muitos annos , porque seu nome falta
nas Escrituras anticipadamente.

20

Outra duvida se moveo entre Gonçalo
Afonso Prelado do Mosteiro de São Mar-
ti-

(a) Livro dos Testament. da Santa Cruz de Coimbra.

tinho de Suylhaes em terra de Baiam, & Pero Paes, (a) & diz que se ajuntarão em Coimbra os senhores do Conselho, por chamado de Fernão Cativo, & Gonçalo Mendez, a quem se dà titulo de Vigairo delRey, que vem a ser Regedor supremo da Justiça; & relatase como se acharão presentes os Prelados de Portugal, & os Infanções, que erão Gonçalo Gonçalvez, Reimão Garcia, Gosendo Moniz, & Sarracino Espina. *Et erat Episcopus nomine Domno Odorio de Viseu, & Domno Menendo Lamecensi, & Domno Petro de Portugaye, & Archiepiscopus Domno Joannes Bracharensis, & illos Infanções, qui erant in Portugalle Gundisalvus Gundisalvis, Reimundus Garsia, & Gosendo Moniz, & Sarrazino Spina, &c.*

Resolveose nesta causa, que Pero Paez entregasse a Gonçalo Afonso a herdade sobre que era a contenda: foy dada a sentença no primeiro de Abril da era de 1191. que he anno de 1153. Confirma elRey, & alguns dos Grandes, que se acharão presentes.

O nome de Infanções que encontramos nestá Escritura pede fazermos digressão sobre a qualidade desta preeminencia. Primeira-

(a) Escritura da Torre do Tsmbo do livro dos Foraes antigos fol. 25.

ramente he cousa certa ser a dignidade de Infanção inferior à de Rico Homem, porque de Infanções erão alguns promovidos a Ricos Homens, como aconteceu a Ruy Gomez de Britteiros de quem trata o Conde Dom Pedro tit. 23. É mais porque el-Rey Dom Afonso Terceiro nas Cortes de Guimarães celebradas na era de 1294. que he anno de 1256. tratando do acompanhamento que avião de trazer os Fidalgos quando viessem à Corte, aventaja muito o dos Ricos Homens ao dos Infanções, pois concede que o Rico Homem venha acompanhado com gente de cavallo, sem permitir ao Infanção mais que tres lacaios, sem escudeiro algum de cavallo. Donde se infere a precedencia que fazia a dignidade de Rico Homem à de Infanção. (a) O que confirma el-Rey Dom Afonso o Sabio, & outros Auctores.

Com tudo alguns ouve que imaginarão ser o titulo de Infanções tão auctorizado que competia aos netos dos Reys, filhos de seus filhos os Infantes, & por essa razão tomarão o nome de Infanções, quasi alludindo com pouca variedade ao nome dos mesmos Infantes. E com o fundamento de alguns Auctores que o affirmão, & de conjecturas outras

(a) *Par. 2. tit. 1. l. 3.*

tras que o persuadem , chegarão a dar sentença na Casa da Supplicação , que os Infanções são filhos dos Infantes.

10 Não posso segurar esta opinião com o fundamento de Escrituras antigas , porque não descobri em nenhuma dellas cousa que a favoreça , antes vão suppondo todas , ser muito inferior a dignidade de Infanções à de Rico Homem , porque nem os Infanções tinham a preeminencia de firmar nas
20 Escrituras , como os Ricos Homens ; & se algumas vezes são nomeados , era com distinção , & depois dos mesmos Ricos Homens , como se pode ver na Escritura referida de São Pedro de Suilhães , aonde depois dos Ricos Homens , se nomea Gonçalo Gonçalves , & os mais Infanções que se seguem ; & a serem os Infanções netos de Reys , bem se lhe podia dar lugar entre os Ricos Homens mais calificados.

Poderse ha dizer , que os primeiros a que se deu o titulo de Infanções , ou fosse em tempo dos Reys Godos , ou dos Reys de Leão , seriam filhos de Infantes , & que pelo discurso dos annos , como o tempo tudo varia , se estenderia este titulo a Fidalgos de menor qualidade. Destes filhos dos Infantes , a quem se dava o titulo de Infanções , pode ser que alguns viessem morar na terra de Santa Maria , que chamamos
da

da Feira na comarca do Porto, que em algum tempo se chamou Cidade de Santa Maria: porque (como se colhe de Escrituras do Mosteiro de Pedroso) esta terra foy habitada de gente illustrissima pelos annos de novecentos até mil, quais forão o Duque, ou Capitão Mem Guterres, & o Conde Mem Lucidio, & os senhores de Marnel, muy chegados todos em parentesco aos Reys de Leão. Por esta causa nos privilegios que os Reys de Portugal forão dando aos Infanções, costumavão dizer, que os avião por igoais nas honras, & mais graças, & isenções aos antigos Infanções da terra de Santa Maria. Ha hum livro na Camara desta cidade de Lisboa, em que estão alguns privilegios concedidos por el-Rey Dom João o Primeiro aos cidadãos della, os quais privilegios se derivarão por especial graça às cidades do Porto, & Braga, & Guimarães, nos quais se falla por este modo, & se declara, que aquelles Infanções participassem as mesmas honras, & privilegios que tinham os Infanções antigos da terra de Santa Maria.

CAPITULO XIII.

O Infante Dom Afonso Henriquez se arma Cavalleiro em a Cidade de Çamora.

1125. **C**ELEBRE, & glorioso se pode reputar entre nossa gente o anno do Senhor de mil & cento & vinte & cinco, pois nelle tomou a ordem de Cavallaria o Infante Dom Afonso, filho da Rainha Dona Tareja, com cujas armas se illustrou o nome Portugues, foy sublimado à sua grandeza o Reyno de Portugal, se dilatou a Fè de Christo com grande gloria do povo baptizado, & abatimento dos inimigos da Fè Catholica. E porque o acto foy muy notavel, & o são tambem as palavras com que o refere a Historia dos Godos, será bem tresladalas neste lugar, para satisfação dos curiosos leitores, & são as que se seguem.

Era M. C. LXIII. Infans inclytus Alfonsus, Henrici Comitiss filius ætatis anno decimo quarto, in Ecclesia Zamorensi Cathedrali ab altari Salvatoris ipse sibi manu propria sumpsit militaria arma, ut mos est Regum, induit se lorica, ut Gigas, qui magnus erat corpore, similis factus

Etus est Leoni in facinoribus suis, & sicut catulus Leonis rugiens in venatione. Fuit pulcher aspectu, vultu desiderabilis, clarus ingenio, corpore decorus, animo intrepido. Rex Alfonsus Viriatus Christianus merito appellari potest, ob immensos pro Christo labores pro re Christiana exhaustos, & plurima facinora clarissime gessit. Totam Portugalliam armis à diversis hostibus protexit; & à Munda fluvio ad Betim, qui Hispalim præterfuit, propagavit imperium, & ad Oceanum usque bella gessit plurima, partim cum Sarracenis, partim cum Christianis, qui ejus felicitati vel invidentes, vel parum facientes, Regnum illi eripere tentarunt, sed ubique ferè victor evasit. A
 tradução he a seguinte.

Na Era de 1163. (he anno de 1125.) o inclito Infante Dom Afonso filho do Conde Dom Henrique, tendo 14. annos de idade, se armou Cavalleiro na Igreja Cathedral da cidade de Çamora. Elle mesmo com suas proprias mãos tomou as insignias militares do Altar do Salvador, a uso dos Reys, & se vestio a loriga, & como gigante (que era grande de corpo) se mostrou semelhante em suas façanhas ao Leão, & ao filho do Leão, quando anda mais feroz na montaria. Foy de gentil presença,
Fr. A. Brandão; Tom. I. Cc ama-

amavel por sua fermosura , de engenho claro , de corpo bem composto , & agradavel , de animo intrepido. Com razão podemos chamar a este Rey Dom Afonso o Viriato Christão , (ou o primeiro Hercules Lusitano ,) respeitando os immensos trabalhos que passou na dilatação da Fè , & as obras de valor estranho que executou. Elle foy hum escudo de Portugal , que o defendeo de varios inimigos. Dilatou seu imperio das cor-
rentes do Mondego até o rio Betis , o qual
passa por Sevilha , & até os remotos limites do mar Oceano. Teve muitas batalhas não sò com os Mouros , mas tambem com os Christãos , os quais envejando , ou não respeitando sua prospera ventura , tratarão de lhe tomar o Reyno , porem quasi sempre sahio vitorioso.

Com estas palavras celebra o Auctor
daquella antiga Historia não sò o primeiro
acto militar do grande Rey Dom Afonso
Henriques , mas faz hum breve , & verdadeiro elogio de seus louvores , os quais requerem abreviações , ja que pela multidão , & excellencia das cousas não podem dignamente ser relatados. Nomease neste anno de mil & cento & vinte & sinco o Infante Dom Afonso de quatorze sòmente , porque devia ser em o principio do anno , antes de elle chegar aos quinze de idade , os
quais

quais se cumprirão alguns mezes adiante, supposto ser o seu nascimento no anno de mil & cento & dez, como ja mostramos. Dizerse que dilatou este glorioso Rey seu imperio até o rio Betis, & o mar Oceano, se entende pela jornada que em seu tempo fez o Infante Dom Sancho a Sevilha, & por outras do proprio Rey ao Algarve, com as quais lhe ficarão os Mouros daquellas provincias reconhecendo vassalagem, como ja em outros lugares temos advertido. De tomar a ordem da milicia mais na cidade de Çamora que em outra parte, pode nacer escrupulo, supposto que esta cidade pertencia a Rey estranho, & mais fazendose declaração como o Infante Dom Afonso não foy armado Cavalleiro por outrem, senão por si mesmo.

Com muita probabilidade se pode afirmar estaria então a cidade de Çamora sujeita à Coroa de Portugal pelo contrato celebrado entre as duas irmãs Rainhas de Castella, & Portugal; o qual contrato ja em o livro antecedente està relatado, & poderia ser que as terras de que nelle se trata, ou parte dellas se entregassem a nos-
nos Principes, & permanecessem algum tempo debaixo de sua obediencia. (a)

Cc ii

O

(a) Sandoval na Chronica de D. Afonso VII. cap. 9.

O Bispo de Tuy faz memoria de huma chegada da Rainha Dona Tareja a Camora a fim de firmar tratos de paz com seu sobrinho Dom Afonso , & se valer de suas armas contra seu proprio filho. São suas palavras. *Neste tempo a Rainha Dona Tareja molher do Conde Dom Henrique de Portugal andava tambem em guerra com seu filho Dom Afonso Henriques , que se chamava Rey , pela demasiada amizade que a Rainha Dona Tareja tinha com o Conde Dom Fernando de Galliza. Desejaram a amizade delRey Dom Afonso de Castella , & vierão a Camora adonde fizeram tratos de paz por muitos dias de favorecerse os huns a outros. Até aqui o Auctor. Porem se nesta ida da Rainha , a qual aponta depois do anno de 1122. ha certeza nas cousas que allega , a não pode aver por termos averigoados , que as differenças entre a Rainha de Portugal & seu filho tomarão principio , & fenecerão em o anno de mil cento & vinteito , & assi não se podia antes deste tempo procurar a concordia de Castella pela razão allegada. Bem pode ser fosse esta ida da Rainha a Camora em o tempo que fez o contrato com sua irmãa Dona Urraca , & a tomar posse da Cidade , que era huma das que nelle vinhão incluidas , & por esta causa , (como ja disse-*

se-

semos) tomasse depois o Infante Dom Afonso a ordem de cavallaria na Igreja della. O certo he, que não sò o Infante de Portugal tinha paz com sua mãy por estes annos, mas começava ja a exercitar alguns actos de governo, & dominio em suas terras. E deixados outros exemplos, baste por ora huma doação feita no anno de mil & cento & vinte & quatro, a qual se conserva no Mosteiro de Refoios de Conegos Regulares, & diz assi. (a) 10

In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Sub Dei pietate Ego Infans Domnus Alfonsus in Domino Deo æternam salutem. Placuit mihi ut facerem tibi Menendo Alfonsi scripturam de uno Condado, quod est in Refoios, pro bono servicio quod mihi facis, & facies ex hodie, &c. E concludit, Hæc Carta exarata est idus Maii. Ego Infans Domnus Alfonsus filius Henrici Comitis in hac Carta manu mea roboravi. Era M. C. LXII. Em summa quer dizer, dà o Infante Dom Afonso seu Condado de Refoios a Mem d'Afonso por serviços que lhe avia feito, & esperava receber delle. Não deixa de ser consideravel o nome de Condado de Refoios. Mas ja o Conde Dom Pedro no titulo 21. 20
ata-

(a) Archivo ds Mosteiro de Refoios.

atalhou esta duvida , advertindo que antigamente chamavão Condados as grandes terras dadas pelos Reys aos Fidalgos.

Estas terras , ou Condado doou o mesmo Mendo Afonso com sua molher Gontina Paez em o anno de 1140. no mez de Junho ao Mosteiro do Refoios , (a) & a seu irmão Fr. Pedro , que era Prior da dita Casa , & na Escritura lhe chama tambem Condado ,
10 & faz menção que avia nelle huns Paços , & que tudo lhe avia dado em remuneração de seus serviços o inclito Infante Dom Afonso , filho do Conde Dom Henrique , & da Rainha Dona Tareja. Este Mendo Afonso seguiu a Corte , & foy do serviço del-Rey Dom Afonso Henriques , como se colhe de certa memoria de S. Cruz de Coimbra do anno de mil cento & sincoenta & sinco que adiante relatarei. (b) Tambem se
20 acha em algumas Escrituras seu nome entre as firmas dos Ricos Homens , como em o couto de Santa Comba feito em Junho do anno de 1137. na doação do direito Real de Tarouquella , que largou elRey Dom Afonso ao Prior de Grijò Tructesindo em Julho do anno 1142. & em outras. (c) Não me consta de sua linhagem. (d)
Hu-

(a) *Escritura de Refoios de Lima.*

(b) *Memoria de Santa Cruz de Coimbra.*

(c) *Cartorio de Grijò.* (d) *Conde D. Pedro tit. 59.*

Huma sua filha casou com Salvador Gonçalves , bisneto de Dom Aniam da Estrada , & delles vem os Farinhas , & Mouras , & outros fidalgos.

CAPITULO XV.

Das discordias que se levantarão entre a Rainha Dona Tareja , & seu filho.

Da batalha de Guimarães , & outros sucessos.

NA Chronica manu escrita delRey Dom 1128. Afonso Henriques se refere , (a) que casando sua mãy segunda vez com o Conde Dom Fernando , intentou de excluir da sucessão de Portugal a seu filho , por cujo respeito se moverão guerras civis entre o Infante , & seu padrasto , as quais se vierão rematar em huma memoravel batalha junto a Guimarães , de que resultou ficar a Rainha em prisão , o Conde descasado , & 10
excluido de Portugal , & o Infante vitorioso , & senhor deste Estado.

Destes principios (os quais assentão , ou suppõem pouco depois da morte do Conde Dom Henrique) vão deduzindo outros sucessos , como são o socorro que deu a sua tia Dom Afonso o Septimo Rey de Leão ,
&

(a) Chronica delRey Dom Afonso I. cap. 6.

10 & Castella, a batalha de Valdevez, o cerco de Guimarães, a ida de Egas Moniz a Castella, offerecendo sua vida a troco da palavra mal cumprida: a amoestação do Papa ao Infante Dom Afonso feita primeiro pelo Bispo de Coimbra, depois por hum Cardeal Legado, o pouco que a ella deferio o Infante, com algumas cousas de menos importancia (como o termo indecente com que elRey obrigou ao Legado levantasse as censuras que tinha postas, & a eleição de hum Bispo negro em a Sè de Coimbra) as quais parecerão tão mal ao Licenciado Duarte Nunez, que se resolveo em negar o segundo casamento da Rainha, & as guerras que dizem teve com seu filho, parecendolhe que destruidos estes fundamentos, se arruinava todo o mais edificio que nelles se funda. Importa referir algumas palavras deste Auctor na resolução presente, o qual depois de relatar o que se escreve em nossas Chronicas, diz assi.

20

Estas são as historias que entre gente vulgar andavão naquelle tempo, que todas dependem de huma, que he o casamento da Rainha, & sua prisão, a qual confutada, ficão todas no ar, como cousa vãa que erão. Porque se a Rainha Dona Tareja não casou, nem deu padrasto a seu filho, nem avia porque seu filho a pren-

prendesse , nem causa por onde virem a
 batalha , & o Infante Dom Afonso vencer
 o padraço , & desterralo , & prender a
 mãy : & se não prendeo a mãy , não avia
 para que vir elRey de Castella , & tor-
 nar armado cercar ao Infante , nem po-
 dia ir desbaratado , nem deixar sete Con-
 des presos , nem podia tornar outra vez
 a pôr outro tal cerco , & Egas Moniz
 fazelo tornar com preito , & omenagem 10
 que lhe fez , & por o não cumprir , ir nũ
 com sua molher , & filhos despídos com
 baraços ao pescoço ante elRey de Castel-
 la. E se a Rainha não foy presa , não po-
 dia ser verdade que o Papa mandasse
 excommungar elRey pelo Bispo de Coim-
 bra , & elRey fazer a hum negro Bispo ,
 & ordenalo. E se tambem o não elegeo
 por Bispo & ordenou , não podia ser ver-
 dade , que o Papa mandava ensinar el- 20
 Rey Dom Afonso como a hereje por hum
 Cardeal. Atéqui o Auctor referido.

Os fundamentos que allega para excluir
 o segundo casamento da Rainha , são (além
 da afeição , que lhe mostrava o Infante Dom
 Afonso em se nomear sempre seu filho nas
 doações) em o Arcebispo Dom Rodrigo
 não fazer memoria de tal casamento , & em
 a Rainha se mandar sepultar com o Con-
 de Dom Henrique , & finalmente huma doa-
 ção

ção em que a Rainha dà o direito da cidade do Porto ao Bispo Dom Hugo , feita em o anno de 1120. na qual confirma o Infante Dom Afonso , & suas irmãas ; & assi se convence não estar sua mãy casada.

10 Todos estes fundamentos são de pouco momento , como se pode ver em o que tratamos desta materia no segundo & terceiro capitulo deste nono livro. A doação do Porto ja atras fica referida , della não se prova cousa alguma contra o casamento da Rainha , pois nem o Conde Dom Fernando se nomea como seu vassallo (o que em outras Escrituras temos visto) : & por outra parte ainda que o casamento não estivesse celebrado neste anno de 1120. se podia celebrar em algum dos seguintes.

20 Com tudo tenho por mais provavel que a Rainha não casou segunda vez : mas não obstante este parecer digo , que he certo o que se refere da batalha de Guimarães , & das guerras entre a Rainha , & seu filho , sem ter dependencia do segundo casamento da Rainha ; porque ou nelle se siga humma opinião , ou outra , sempre consta da verdade dellas. E a ocasião , se o casamento se effeituou , seria o que dizem nossos Escritores ; & se não chegou a se pôr em execução seria a suspeita causada da muita valia do Conde , & de sua familiaridade
com

com a Rainha , que esta não se pode negar , pois na vida de São Theotónio (a qual se conserva de mão em Santa Cruz de Coimbra escrita pouco depois da morte do Santo) se diz , como prègando este Santo hum dia chegou a reprehender a Rainha Dona Tareja , & o Conde Dom Fernando , os quais se acharão presentes : & nota o Auctor , ser tão conhecida a virtude do servo de Deos , que não causou esta liberdade indignação , mas confusão àquelles Principes. Esta fama corria então da Rainha , ainda que não saberei affirmar se teve bastante fundamento , por constar da nação Portuguesa , pelo grande recato que tem na honestidade das mulheres , ser demasiadamente escrupulosa , & credula , & que nota muito estas faltas , por quaesquer cousas & indicios leves. Mas deixado este ponto , façamos prova da resolução proposta. 10 20

No livro dos Testamentos de Santa Cruz (ja adverti como fora escrito em vida de S. Theotónio por hum dos primeiros doze companheiros deste Santo) se contem as palavras seguintes. *Tello Archidiaconus honestior vita omni clero , & moribus , quærebatur precibus à clero , & populo Episco-*

(a) Livro dos Testament. de S. Cruz no prime.

copus, quod & tunc fieret, Regina Tharasia, & Comite Fernando in hoc nitentibus, nisi divino nutu Regina unà cum suo Comite à Regno expulsis, ejus filius, avorum seu atavorum propago dignissima, una die bellando (quod forte videbitur mirum) susciperet principatum. Vay o Aucthor tratando do credito, & reputação em que vivia o Arcediago Dom Tello, & diz como

10 por ser na vida & costumes exemplar entre todos os Ecclesiasticos, o pretendia por Bispo o povo, & clero de Coimbra (estava então à Sè vaga por morte do Bispo Dom Gonçalo) & acrescenta, que isto sem falta se pusera em effeito, se não acontecera que excluidos do Reyno a Rainha, & o Conde Dom Fernando (não sem vontade divina) seu filho dignissimo decendente de seus mayores com a batalha, & vitoria

20 de hum dia (o que não deixa de causar espanto) se fizera senhor absoluto do Reyno.

Com esta memoria digna de toda a veneração, & credito, concorda quanto aos pontos principais a Historia dos Godos, & diz assi: (a) *Era M. C. LXVI. mense Junii, die Joannis Baptistæ iniit Regnum, vel potius principatum Portugalliae, Alfonsus, victis adversariis, qui Tharasia*

ma-

(a) *Historia dos Godos.*

matre Regnum invaserant, & Regno pulsus praelium commissum est in campo Sancti Mamantis, vulgo Mametis, prope castellum Vimarense in regione Interamni. Em vulgar quer dizer. Na Era de 1166. (he anno de Christo de 1128.) no mez de Junho em dia de S. João Bautista começou a reinar Dom Afonso, ou a ter o senhorio de Portugal, vencidos primeiro seus contrarios & excluidos do Reyno, o qual 10
 lhe querião usurpar com ajuda, & consentimento de sua mãy Dona Tareja. Deuse a batalha no campo de São Mamede junto a Guimarães na provincia dentre Douro & Minho.

Destes dous lugares consta, como ouve guerras entre a Rainha & seu filho; & deste segundo se vê, como a batalha foy junto a Guimarães em dia de São João Bautista do anno de 1128. O tempo destas 20
 guerras não devia ser muito, pois em o fim de Março deste mesmo anno vejo conformes estes Principes, & assinar o Infante nas doações que sua mãy fazia, como se pode notar na Escritura de Fragoas, a qual deixo referida em o Capitulo segundo deste livro. Ja em 27. de Mayo deste anno parece que avia rompimento de guerra entre a Rainha Dona Tareja, & seu filho. Faz o Infante neste tempo doação amplissima do

do Couto de Figueiredo, & do Castello de Penafiel, com mais alguma ajuda de dinheiro, à Sè de Braga, & ao Arcebispo Dom Paio, & nella diz estas palavras. (a) *Et quando habuero terram Portugalensem acquisitam, civitatem, & Sedem tuam, & ea quæ ad eam pertinent; tibi, tuisque successoribus in pace dimittam.* Quer dizer: Quando eu chegar a adquirir a terra de Portugal, vos farei entrega, & a vossos successores de vossa cidade, & Sè, & de tudo o que lhe pertence. Parece que tratava então de adquirir o Reyno por armas, porque aquella palavra, *acquisitam*, não denota herança, mas conquista. E daqui se deixa ver como o Arcebispo de Braga favorecia as partes do Infante, o que devião fazer muitos outros senhores do Reyno, parte pela esperança que nelle tinham, & parte tambem pela emulação do Conde Dom Fernando. E assi mais devião de ser as terras nesta ocasião por parte do Infante, que os dous Castellos de Neiva, & Faria, que nossas Historias lhe assinaõ.

Sobre o successo da batalha de Guimarães escrevem nossos Auctores, que o Infante sahio desbaratado do primeiro encontro, & que tornando à peleja por conselho

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

Iho de seu Ayo Egas Noniz (o qual lhe acudio com alguma gente de refresco) alcançou a vitoria. Eu nas memorias authenticas que deixo citadas, não acho relação desta variedade, mas simplesmente se attribue a vitoria ao Infante, o que tenho por mais certo.

Sobre a prizão da Rainha Dona Tareja não posso concordar com nossos Escri-
tores, porque elles a fazem muy dilatada, 10
tanto que até despois da rota de Badajoz
(a qual foy no anno de 1169.) affirma o
Poeta Portugues durar a prizão da Rainha,
sendo certo (como veremos adiante) que
falleceo ella no anno de 1130. Nem tam-
bem a posso pôr em duvida, pois sei que
a Rainha esteve cercada, & veyo a poder
de seu filho. Referese em o livro Fidei da
Sè de Braga, (a) como na Era de 1188.
(que he no anno de 1150.) ouve differença 20
entre o Arcebispo Dom João (este foy o
que chamarão Peculiar, successor de Dom
Paio) & dous irmãos chamados Pero Go-
dinho, & Mendo Godinho sobre huma her-
dade de Pitães, a qual o Arcebispo dizia
pertencerlhe por concessão de Nuno Soa-
rez, de quem fora primeiro, por doação
da Rainha Dona Tareja feita à Sè de Braga;
&

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

& os dous irmãos allegavão , que a mesma Rainha lha dera , quando esteve cercada no castello de Lanhoso. *Fratres verò prædicti* (são as palavras da Escritura) *qui eam tenebant prædictam hæreditatem, dicebant se eam accepisse à Regina prædicta, cum obsessa teneretur in Lagenoso.*

O castello de Lanhoso he fortissimo por sitio , & para o tempo antigo parece inexpugnavel , està distante da villa de
 10 Guimarães sò duas leguas: he muy provavel , que perdida a batalha se retirasse a elle a Rainha , se ja não he que se deixou ficar nelle em quanto o Conde Dom Fernando se foy encontrar com o Infante junto a Guimarães , a qual villa me não consta quais partes seguia , sendo provavel se inclinaria ao Infante , como a seu natural , & de quem esperaria favores , ainda que nossas Chronicas dão a entender , que
 20 favorecia as partes da Rainha.

Que a Rainha viesse a poder de seu filho , consta assi do successo das cousas , pois vemos ficar o Infante com o senhorio absoluto de Portugal deste tempo em diante ; & parece deduzirse de humas palavras do livro dos Testamentos de Santa Cruz , que dizem assi. *Petiverat namque quondam, ipse presbyter à Regina, & permissum non dederat, quia tunc omnia perturba-*
ta,

ta, nec sui ipsius potestatem habuerat.
 Vai tratando do Arcediago Dom Tello, o qual para fundar o Mosteiro de Santa Cruz, se diz que tinha pedido à Rainha Dona Tareja o sitio delle, & sendolhe prometido o não alcançara, por estarem então as cousas perturbadissimas, & nem a mesma Rainha ser senhora de si propria.

Porem não entendo que ouve nesta prisão os encarecimentos referidos por nossos Historiadores, de se pôr a Rainha em ferros & amaldiçoar seu filho, pois he contra todo o bom discurso; & se convence de falsidade em vermos a Rainha brevemente reconciliada com elle: & até o mesmo Conde Dom Fernando, ainda que se passou a Castella, acho reduzido à amizade do Infante D. Afonso, & confirmando nas doações deste Principe, de que adiante se proporão exemplos. Pelo que tenho por suspeito tudo o que nisto se funda, & em particular, o caso do Bispo negro de Coimbra, como adiante mostrarei.

10

20

CAPITULO XVI.

Como elRey de Castella entrou com exercito em Portugal em favor de sua Tia a Rainha Dona Tareja, & como ouve batalha com seu primo o Infante Dom Afonso Henriquez.

1128. **E**M o tempo que a Rainha Dona Tareja (perdida a batalha de Guimarães) se vio cercada em o Castello de Lanhoso, he provavel escreveo a seu sobrinho Dom Afonso Rey de Leão & Castella, & lhe pedio o socorro que confissão nossos Auctores. Confirmão a jornada delRey de Castella a Portugal na ocasião destas guerras, não sò os Portuguezes, mas tambem os Castelhanos, & assi com pouco fundamento a negou Duarte Nunes. Em a circunstancia do tempo não fallão com a particularidade, & diligencia necessaria, por que nossos Auctores assentão estes successos, & os referidos em o Capitulo antecedente, pouco depois da morte do Conde Dom Henrique (o qual he falso.) Os Castelhanos como a materia não he propria sua, se não cansão em averiguar o tempo della. Eu o assino em o anno presente não sò com muita probabilidade, suppondo o que todos admitem,

tem, ser esta vinda delRey de Castella a Portugal em socorro da Rainha Dona Tareja, & por petição sua; mas ainda com certeza, pois o cerco de Guimarães, que succedeo a esta guerra, foy em o anno seguinte de mil cento & vinte & nove, como mostrarei adiante.

Tanto que em Portugal se soube das prevenções que fazia elRey de Castella, se unirão os Portuguezes não sò os que até então seguião as bandeiras do Infante Dom Afonso, mas muitos da parte contraria, por se temer que elRey de Castella com sombra de dar favor à Rainha, tratasse de sogear a terra de Portugal, & fazerse senhor della, offerta que segundo alguns escrevem lhe fizera a mesma Rainha, para o obrigar a vir em sua ajuda. O Infante D. Afonso sabendo que seu primo o vinha commetter pela parte de Galliza, lhe sahio ao encontro na veiga de Valdevez, a qual por causa desta batalha se chama ainda hoje a Veiga de Matança, & està entre a Villa dos Arcos, & a Freguezia de S. Andre de Guilhadeses: aonde não avendo lugar de concerto, se deu a batalha, que foi humada bem feridas daquelle tempo. Vencerão os Portuguezes, & o Infante Dom Afonso fez por seu braço obras maravilhosas. Contão nossos Autores, que elRey de Castella

se sahio da batalha ferido em huma perna, & que entre os prisioneiros se acharão depois sete Condes. Alcançou o Infante entre outros despojos huma grande Reliquia do Santo Lenho, a qual se depositou na Igreja de Grade, distante huma legoa do lugar da batalha, & se conserva ainda hoje com memoria continuada dos muitos milagres, & singular consolação, & devação da gente da terra, & he tambem abonado testemunho desta vitoria.

Esta he a primeira batalha entre Portuguezes & Castelhanos das que pertencem à nossa Historia, conforme ao tempo de que escrevo, & a noticia que alcansei; não duvidando de outras mais antigas; assi em vida do Conde Dom Henrique, como em tempo delRey de Portugal Dom Garcia, de que em parte se tem tratado no segundo tomo desta Historia. E pois esta he a primeira vez que escrevo as discordias destas duas Nações, & na Historia se ha de offerecer muitas vezes esta materia, desde agora prometo de escrever com tão pouca paixão, & tanta chaneza o que for mais conforme à verdade, que todos conhecão não ser meu intento mais que tratála; pois alem de ser cousa indecente ao Historiador fazer exaggerações nas cousas de sua patria, & usar nas alheas de palavras acerbadas,

bas , & ditos mordaces , mais proprios de
 invectivas , que de Historia ; ou faltar na
 verdadeira relação , & louvores devidos (co-
 mo vejo que tem feito alguns Escriitores
 Castelhanos , & outros estrangeiros , tratan-
 do as cousas de Portugal) he certo que se
 não grangea com isto credito : antes se dà
 ocasião a notarem , & vituperarem todos a
 paixão de quem escreve. (a) Já Polybio no-
 tou por esta causa a Fabio Romano , & a 10
 Filino Cartaginense , porque escrevendo as
 guerras destas Republicas , cada hum afei-
 tava as acções dos seus , & reprovava as
 dos outros. Notese embora este vicio em
 outros Escriitores , que a mim se me não
 poderá imputar com verdade ; & tanto mais
 quanto as cousas de Portugal têm pouca
 necessidade de exaggerações , & menos de
 se defraudar a alhea gloria , pois a que
 nossa gente alcansou em todas as idades , 20
 foy grande , como forão as obras , das quais
 ouzou dizer o Poeta Portugues.

*As verdadeiras nossas são tamanhas ,
 Que excedem as sonhadas fabulosas.*

Muitas guerras ouve entre a nação Por-
 tugueza , & Castelhana em todo o discurs-
 so

(a) Polybio no livr. 1. da Historia fol. 21.

so de tempo que tiverão Reys separados. Grandemente se admira Franqui da continuação , & porfia com que estas duas nações se fizerão mal huma à outra , & posto que elle fazendo força nos odios capitães de ambos , não tire outra utilidade destas guerras mais que serem causa de se exercitar a milicia , podemos levantar mais o discurso , & affirmar sem temeridade ,

10 permitio Deos o exercicio das armas entre Portuguezes , & Castelhanos (nações escolhidas por elle entre todas as do mundo , para mayor augmento da Christandade) para servir a emulação antiga ao mayor fructo de suas empresas. E assi vemos , que firmadas as ultimas pazes destes dous Reynos , & dividida entre elles a conquista do Mundo (que sò o restante do mundo se podia offerecer como materia igoal a estas

20 Nações , quando se punha fim a suas contendas) se occuparão como em competencia huns & outros na conquista de novas terras. Ganhouse pelas armas dos Castelhanos hum novo mundo cheo de varios Reynos , & senhorios , de que tem entrado no gremio da Igreja Catholica milhares de almas. Pelo valor , & navegação dos Portuguezes se adquirio o Brasil na America , muitos Reynos , & senhorios em Africa , Estados importantissimos na Asia , sem muitas Ilhas em

em diversas alturas do mar Oceano , de que tem resultado grande augmento à Igreja do Senhor , com que se vai renovando de novas plantas em lugar dos troncos velhos , que nas partes do Norte , & em outras por causa das heregias estão della separadas.

ElRey de Castella magoado ao presente da ruina de seu exercito , & cheo de indignação , & proposito de se satisfazer ao diante , se retirou a seus Reynos. O Infante Dom Afonso alcansada tão importante vitoria , reduzio brevemente à sua obediencia todo o senhorio de Portugal , & sua propria mãy se lhe devia entregar com toda a gente de guerra que estava em Lanhoso , de sorte que ja no anno de 1129. não avia quem levantasse contra elle lança , como consta de certa doação de Arouca feita pelo mesmo Infante a Monio Rodriguez em 8 dos Idos de Abril da Era de 1167. que são seis de Abril do anno de 1129. na qual diz estas palavras. (a) *Ego Infans Alfonsus Henrici Comititis filius , ab omni pressura alienus , & Colimbrien-sium , ac totius urbium Portugal. Dei providentia dominus securus effectus , &c.* Isto he: Eu o Infante Dom Afonso , filho do

(a) Archivo do Mosteiro de Arouca original , & no livro das Doações.

do Conde Dom Henrique, livre ja de todo o cuidado, & por divina providência feito senhor em pacifica posse de Coimbra, & de todas as cidades de Portugal, &c. Bem se deixa ver destas palavras não só a brevidade com que o Infante se fez senhor do Estado de Portugal, como imos mostrando, mas tambem as guerras, & diferenças antecedentes, as quais ficão relata-
 10 das, & confirmadas. & assi se pode ter por cousa sem duvida, que do anno do Senhor de mil & cento & vintoito começou o senhorio deste Principe, & antes deste tempo não ha d'elle memoria. E nesta conformidade pertence a seu reinado a Historia, que ja daqui em diante se for escrevendo.

C A P I T U L O XVII.

Como o Infante Dom Afonso tomou o governo de Portugal. Do Estado das cousas da Christandade, em particular de Espanha.

1128. **C**HEGAMOS a dar principio às cousas do Infante Dom Afonso Henriques, materia illustre, gloriosa, e a mais importante desta Historia; porque este felicissimo Principe não só com as armas & valor deu lustre ao nome de Portugal, & esten-
 deo

deo seu senhorio ; mas foy o primeiro que alcançou com sua espada o titulo Real ; o defendeo com a mesma das forças dos Principes Christãos , & engrandeceo contra as dos Mouros com vitorias continuas , & milagrosas. Necessario era hum engenho igoal à grandeza de suas obras , mas em quanto o Ceo o não concede , professarei hum diligente investigador , & fiel relator de suas façanhas tantas em numero , & tão grandes na excellencia ; que faltando a noticia de muitas , as que ficarão são bastantes a dar lugar a este inclyto Rey entre os mais insignes em paz , & guerra que o mundo teve. Quando tomou o governo de Portugal , este era o Estado das cousas da Christandade. 10

Faltara em Roma no fim do anno de mil & cento , & vinte & quatro o insigne Pontifice Calixto Segundo , venturoso na pacificação da Igreja com a prisão do Antipapa Mauricio (de quem ja tratamos) & com a restituição , que por meyo della deu , de paz universal à Christandade. Por sua morte foy eleito Honorio Segundo do nome , natural de Bolonha , o qual antes se chamava Lamberto , & era Bispo de Ostia. Este Pontifice acabou de extirpar as reliquias do scisma passado com a renunciação que fez o Antipapa Celestino , successor de Gre-

Gregorio , o qual tambem tinha renunciado. Presidio Honorio na Igreja de Deos até o anno de 1130. em que foy eleito Innocencio Segundo.

As cousas da Terra Santa estavam nesta ocasião prosperas , & florentes. ElRey Balduino (de quem ja fallamos) (a) governou aquelle novo Reyno dezoito annos com grande valor , & cuidado. Com suas armas ,
 10 & socorro dos Principes Occidentaes se ganharão aos infieis as cidades de Tripol , Ptolemaida , Beryto , & Sidonia ; posto que em huma batalha ficarão as cousas dos Christãos notavelmente affligidas , as quais com animo , & prudencia , foy elRey sustentando até o anno do Senhor de mil & cento & dezoito , em que lhe sobreveo a morte , fazendo jornada contra os infieis do Egypto. Estava então em Hierusalem Bal-
 20 duino de Burgo , Conde de Edessa , parente do Rey defunto , (b) & hum dos senhores que passarão de França à primeira Conquista , o qual se julgou por digno da successão daquelle Reyno por concorrerem nelle partes de bom Capitão , & Religioso Principe , ainda que avia em França Eustachio irmão de Balduino , a quem pertencia
 a

(a) *Guilhe. Tyrius lib. 10. cap. 27. & lib. 11. cap. 10. 13. 14. 15. & 31.*

(b) *Idem lib. 12. cap. 4.*

a Coroa ; mas julgouse a vinda deste Principe por muy dilatada , & que poderia arriscar o Estado do Reyno , o qual requeria assistencia de pessoa Real. Balduino , tomando o sceptro , teve logo que sentir os revezes da fortuna , ficando em certo recontro cativo de Balac Rey dos Turcos , o qual o teve em prisão dezoito mezes. Ganhouse entre tanto pelas armas dos Fieis a Cidade de Tyro , fortissima em sitio , & de grande importancia ; & foy nesta empreza o principal louvor dos Venezianos , os quais assistirão nella com grande armada. ElRey restituído aos seus por grande copia de dinheiro , alcançou algumas vitorias , primeiro dos Turcos , (a) logo dos Alcalonitas , & finalmente dos Damascenos , & corria ja o anno do Senhor em mil cento & vinte & seis. Ao fim veyo a morrer no de mil & cento & trinta & hum , cheio de dias , & boas obras , deixando por herdeiro Fulcon , (b) casado com sua filha Melesenda , dos quais era nacido Balduino , Rey pelo tempo adiante daquelles Estados.

O Imperio Occidental administrava desde anno de mil cento & vinte & sinco Lothario Duque de Saxonia com mayor ventura da Igreja Catholica , a qual fora grandemente per-

(a) *Idem lib. 12. cap. 17.* (b) *Ibid. cap. 28.*

perseguida pelos Emperadores Henriques antecessores de Lothario. (a) Não careceo sua eleição de duvidas, que teve por oppositores Conrado, & Frederico Duques de Franconia, & Suevia, sobrinhos do ultimo Henrique: mas em breve se reconciliarão por meyo de nosso Padre S. Bernardo, columna do povo Christão, & refugio nas perturbações daquelle tempo. Lothario administrou
 10 o governo do Imperio até o anno de 1138. em que falleceo, deixando illustre fama, por socorrer à Igreja, & ao Pontifice Innocencio Segundo, no tempo em que se moverão as perseguições, de que ainda trataremos.

Em Constantinopla reinava o Emperador João Comneno, (b) & teve o sceptro do anno de mil & cento & dezoito até o de mil cento & quarenta & tres.

20 Rey de França era Luis o Gordo, filho de Filippe: (c) o principio de seu reinado foy no anno de mil cento e dez, & chegou ao de mil cento & trinta & sete: era segundo primo do Conde Dom Henrique, por quanto Filippe seu pay fora filho delRey Henrique, irmão do Duque Ro-

(a) Panuin. in Chronolog. do an. 1125. Baron. ibi. Mexia na vida de Lothario. Baptista Egnat & outros.

(b) Panuin. ubi sup.

(c) Emilius na vida delRey Roberto, & mais adiante.

Roberto , o qual , como temos mostrado , era avô paterno do Conde DomH enrique.

Reinava em Castella Dom Afonso o Septimo do anno de 1122. pouco mais ou menos. Em Aragão , & Navarra o valeroso Rey Dom Afonso , o qual fora casado com a Rainha de Castella Dona Urraca , & por este respeito he contado tambem de alguns Auctores entre os Reys desta Coroa com nome de Afonso Septimo. Foy muy bellicoso , & depois de aver feito cousas insignes em armas , veio a morrer desgraciadamente no anno de 1124. em huma batalha que lhe derão os Mouros , estando no cerco de Fraga. Por sua morte se dividirão & diminuirão seus Estados. Os Aragonenses levantarão por Rey a Dom Ramiro seu irmão , Monge então do Patriarcha S. Bento. Os Navarros derão o Reyno a Dom Sancho bisneto de Dom Sancho , o ultimo Rey de Navarra , a quem matou em batalha seu irmão Dom Fernando o Primeiro, Rey de Castella , pay de Dom Afonso Sexto, & bisavô delRey Dom Afonso Henriques. E para mayor clareza desta ascendencia , & do parentesco dos Reys Christãos de Espanha naquelle tempo :

Devemos advertir que pelos annos de 1015. começou a reinar em Navarra Dom Sancho Mayor , filho delRey Dom Garcia o Tem-

10 TemblOSO ; (a) tempo em que possuia o Reyno de Leão Dom Bermudo o Terceiro , o qual foy o Rey 24. em numero daquella Coroa , começando a contar delRey Dom Pelaio , & governava Castella com titulo de Condado Dom Sancho neto do grande Conde Fernão Gonçalvez. Foy casado elRey Dom Sancho o Mayor com Dona Nuna filha do Conde Dom Sancho , & herdou por via de sua molher o senhorio de Castella , quando o Conde Dom Vela , & outros seus parentes matarão à traição a Dom Garcia , filho & successor do Conde Dom Sancho , cujo triste caso aconteceu no anno do Senhor de mil & vinte & nove.

20 Veyo a fallecer elRey Dom Sancho no anno do Senhor de 1035. deixando seus Estados repartidos na forma seguinte. A D. Garcia o mais velho de seus filhos ficou Navarra , Reyno naquelle tempo mais dilatado. Dom Fernando alcançou Castella , Dom Gonçalo Sobrave. A outro filho natural (ou de outra primeira molher , como affirmão alguns Auctores) fez entrega das terras de Aragão , ordenando se intitulassem todos Reys , & assi tiveram principio em hum mesmo dia os Reynos de Castella , Aragão , & Sobrave nos filhos delRey Dom

(a) Mariana na tabla dos Reys de Espanha. Carril. na Hist. Chronolog. & outros.

Dom Sancho. Não viveo elRey Dom Gonçalo muito tempo, nem seu Reyno de Sobrave permaneceu, antes se unio brevemente com os Estados de Aragão, & Navarra visinhos. ElRey Dom Fernando de Castella casou com humã irmãa delRey de Leão Dom Bermudo com o qual teve guerra, & matandoo em humã batalha ficou senhor de ambos estes Reynos, os quais deixou muy acrecentados a seus tres filhos 10
 Dom Sancho Rey de Castella, Dom Afonso de Leão, & Dom Garcia de Portugal & Galliza; todos os quais Reynos brevemente se tornarão a unir em elRey Dom Afonso, o segundo dos irmãos, a quem chamamos o Sexto, respeitando os Reys de Leão seus antecessores, que se ouvermos de attentar sò a Castella era o primeiro do nome. Não tenho que declarar aqui sua descendencia, pois temos mostrado, como por 20
 sua morte ficarão duas filhas, Dona Urraca Rainha de Castella & Leão, Dona Tareja de Portugal, mãy dos dous Principes Afonsos, que possuião estas Coroas na occasião presente, em que vai correndo nossa Historia.

Dom Ramiro Rey de Aragão (hum dos filhos delRey Dom Sancho o Mayor) foi morto pelos Mouros junto a Grauz no anno do Senhor de 1063, depois de ter
rei-

reinado 28. annos : deixou por herdeiro a seu filho Dom Sancho Ramirez , o qual morreo de huma setada no cerco de Huesca , correndo o anno do Senhor em 1054. Depois d'elle reinarão successivamente seus filhos Dom Pedro , que morreo no anno de 1104. & Dom Afonso o Batalhador , de quem temos escrito ser morto desgraciadamente junto a Fraga , correndo o anno de Christo de mil & cento & trinta & quatro.

10 Dom Garcia Rey de Navarra , filho mais velho delRey Dom Sancho o Mayor , moveo guerra a seu irmão Dom Fernando Rey de Castella , & sendo nella morto , deu causa a se diminuir o Reyno de Navarra , tomando nesta perturbação algumas terras d'elle os Aragoneses , & outras os Castelhanos. Ficarãolhe dous filhos , o mais velho se chamava Dom Sancho , o segundo Dom
20 Ramon ; & este matando a seu irmão com intento de o herdar , não sò ficou excluido da herança , mas foy ocasião de se unir Navarra com Aragão , porque em seu odio nomearão os Navarros por seu Rey a Dom Sancho Ramires Rey de Aragão , de quem temos fallado : o qual possuio em sua vida esta Coroa , & a deixou em successão a seus filhos Dom Pedro , & Dom Afonso , que a governarão.

Morto Dom Afonso sem filhos , se torna-

narão a separar os dous Reynos. Em Aragão foi nomeado Dom Ramiro, irmão do Rey defunto, Monge então do Patriarcha São Bento. Os Navarros fizeram eleição de Dom Garcia, neto de Dom Sancho, o que dissemos ser morto por seu irmão Dom Ramon. Era este Dom Garcia filho de hum filho delRey chamado Dom Ramiro, o qual por ser minino quando matarão seu pay, perdeu por então o Reyno; que os Navarros em odio de Dom Ramon o fratricida, buscarão Rey de idade & valor, que os defendesse de sua tyrannia. 10

Conforme esta decendencia elRey Dom Garcia de Navarra, sucessor de Dom Afonso o Batalhador, era sobrinho do mesmo Dom Afonso, filho de seu primo segundo. O mesmo Dom Afonso era primo segundo da Rainha de Castella Dona Urraca, com quem esteve casado, & da Rainha de Portugal Dona Tareja, bisnetos todos tres de Dom Sancho o Maior Rey de Navarra. E assi fica claro o parentesco do Infante Dom Afonso de Portugal com os outros Reys de Espanha, por via de Dom Sancho o Mayor Rey de Navarra; alem do qual tinha com elRey de Castella mais estreita consanguinidade, pois erão netos ambos por via materna delRey Dom Afonso o Sexto, não fallando em o outro parentesco que ti-

Fr. A. Brandão; Tom. I. Ee nhão

nhão por via de seus pais os Condes Dom Raymundo, & Dom Henrique.

Comprehendia então o Estado do Infante Dom Afonso algumas terras em Galiza, toda a provincia de entre Douro, & Minho, a que chamamos Tralosmontes, & as terras da Beira entre os Rios Douro, & Mondego. Com tão estreito & limitado poder fez continua guerra aos Mouros, & quasi sempre com prospera fortuna, ganhoulhes toda a terra da Estremadura, a qual se dilata de Coimbra até Cintra por espaço de quasi quarenta legoas. Conquistou Alentejo, sogeitou o Algarve, & muitas terras de Andaluzia, como expressamente o diz a Historia dos Godos, posto que estas ultimas se rebellarão pelo tempo adiante, por não aver Christãos que as habitassem, nem presidios que as enfreassem.

10
20 O modo com que possuio seus Estados foi sempre de senhor independente. Por sua grande piedade quis fazer seu Reyno feudatario à Santa Sè Apostolica, & ao Mosteiro de Claraval de nossa Ordem Cisterciense.

Nunca usou titulo de Conde, de ordinario se nomea Infante, & algumas vezes Principe, não na forma que hoje se intitulão os filhos dos Reys herdeiros, mas por ser senhor dos Portuguezes. Em a doação

ção do Couto de Regalados feita pelo Infante ao Arcebispo de Braga Dom Paio, estão estas palavras no principio. *Ego Infans Adefonsus per divinam clementiam Portugalensium Princeps*. Eu o Infante Dom Afonso pela divina clemencia Principe dos Portuguezes, isto he, senhor dos Portuguezes. De sorte, que o nome de Infante lhe competia por filho de Rainha, que andava no predicamento dos outros filhos de Reys: o de Principe tomava pelo senhorio da terra. Se alguma vez o acharem intitulado com esta palavra, *Dux*, deve significar Capitão, & não Duque. O titulo de Rey tomou depois da batalha de Ourique, ainda que antes della o vejo nomeado algumas vezes Rey, como em o Foral de Ponte de Lima, em huma Escritura de São João de Alpendorada, na Escrirura do Couto do Mosteiro de São Christovão de Lafões, & em outros lugares, o que devia de se lhe attribuir como a Principe absoluto, senhor de Reyno.

10

20

CAPITULO XVIII.

De algumas consas tocantes ao governo da paz. Dos primeiros annos do Infante Dom Afonso.

Em primeiro lugar se me offerece a eleição do Bispo de Coimbra Dom Bernardo, com a qual se hão de refutar alguns erros de nossas Historias. Ja atraz mostrei como estava vaga a Igreja de Coimbra por morte do Bispo Dom Gonçalo em o tempo das guerras civis entre a Rainha Dona Tareja, & seu filho; & como prevalecendo o Infante foy nomeado por Bispo Dom Bernardo, excluindo o Arcediago Dom Tello, a quem dantes os privados da Rainha se inclinavão. E conforme a esta resolução de que dà certeza o livro dos Testamentos de Santa Cruz, seria a eleição de Dom Bernardo do mez de Julho de mil cento & vinteito em diante, pois em o fim de Junho tomou o Infante Dom Afonso o governo do Reino. (a) A tres de Setembro deste mesmo anno confirma Dom Bernardo, com o nome de Bispo eleito, como se pode ver em a Escritura do Couto de Co-

(a) Livro da S^e de Coimbra. fol. 87.

Coja, que lhe fez o Infante Dom Afonso.

(a) Confirmação mais na mesma Escritura Paio Soarez, Nuno Vida, Alvito Rechamundez, Gonçalo Diaz, Ermigio Curiaë Dapifer. E são testemunhas, Randulfo, Paio Diaz, & Fernando, Pedro escrivão do Infante notou a Carta, & tem ella por firma o nome de Portugal com huma Cruz no meio.

Tambem consta da eleição do mesmo Bispo de huma confirmação de certos casaes em São Pedro do Sul, que lhe fez o mesmo Infante (b) no fim deste proprio anno, sobre os quais avia precedido grande contenda. (c) E foi o caso, que deixando João Gozendez (hum dos Fidálgos principaes daquelle tempo, como se colhe da suggestion do Mosteiro de Lorvão aos Bispos de Coimbra feita pelo Conde Dom Henrique, na qual confirma) entre outros legados, muitas herdades à Sè de Coimbra, se oppuserão Mendo Nunez, Sueiro Nunez, & Elvira Nunez filhos de huma sua irmãa, a esta herança, dizendo que seu tio lhes avia deixado parte della. E como lhes faltasse Escritura, & Dom Gonçalo Bispo então de Coim-

10

20

(a) *Archivo da mesma Sè na gaveta 16. no sacco de Alafões.*

(b) *Livro da Sè de Coimbra fol. 87. & fol. 115.*

(c) *Archivo da mesma Sè.*

Coimbra os contrariasse, se diz forão a Vi-
seu ante Gonçalo Gonçalvez, & os Infan-
ções, & Barões de Alafões, os quais tra-
tarão de os concertar com o Bispo, alle-
gando serem bons Cavalleiros, & seus pa-
rentes. Foy feita a composição com se dei-
xarem certos casaes àquelles Fidalgos, fa-
zendo elles renunciação de toda a outra fa-
zenda, & desta que ficou à Sè de Coimbra
10 fez confirmação o Infante Dom Afonso ao
Bispo Dom Bernardo em o anno referido
de 1128. & nella estão assinados Ermigio
Moniz, Paio Soarez, Vida Nunez, Afon-
so Paez, Afonso Conde, Alvito Recha-
mundes, & seguemse outros com nome de
testemunhas. Advirto que a folhas 187. do
mesmo livro està outra Escritua sobre a
mesma materia, a qual tem dez annos menos
na Era por falta de quem tresladou o livro,
20 porque confirma nella o Bispo Dom Bernar-
do, & não podia ser antes do anno de 1128.

Em o fim de Fevereiro do anno seguin-
te de 1129. largou o Bispo Dom Bernar-
do a Dom Hugo Bispo do Porto por em-
prestimo a Villa de Entreambos os Rios,
(a) & diz que o faz pelo grande amor que
entre elles avia.

No anno de 1130. ha muitas Escritu-
ras

(a) Livro das Doações da Sè de Coimbra fol. 177.

ras das quais consta ser Bispo de Coimbra Dom Bernardo , & assistir em Portugal. Em huma faz o Infante Dom Afonso doação à Sè de Braga da terra de Regalados: (a) he sua data a 20. de Julho , & confirmação nella os senhores seguintes nesta forma. *Bernardus Colimbriensis Episcopus confirmat , Comes Fernandus confirmat , Fernandus Captivus Alferez conf. Gueda Menendiz conf. Ermigius Moniz Curie Dapifer conf. Petrus Cancellarius Infantis notavit.* 10

Outra doação ha tambem do mesmo anno muy notavel , he da Villa de Soure feita aos Templarios pelo Infante D. Afonso , (b) em que diz lhes concede esta Villa pelo bem de sua alma , & de seus paes , & pela grande afeição com que os tratava como irmão de cada hum. Nella estão as firmas dos Senhores deste modo. *Bernardus Colimbriensis Episcopus confirmat , Egas Gosendiz conf. Pelagius Goterrez da Sylva conf. Ermigius Venegas conf. Joannes Rania conf. Suerius Menendis conf. Ermigius Moniz Curie Dapifer conf. Egas Moniz conf. Laurentius Alferez conf. Reimundus Garsia confirmat , Petrus Paes confirmat.* 20

Nes-

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

(b) Torre do Tombo no livro das Ordem Militares fol. 20.

Nesta conformidade se acha o nome do Bispo Dom Bernardo nas Escrituras dos annos seguintes, as quais agora não cito por brevidade. E sendo certo (como mostraremos) ser a morte da Rainha Dona Tareja em o anno de 1130. se fica refutando bastante o dito de nossas Chronicas ácerca da eleição de hum Bispo negro em Coimbra, & da vinda de hum Cardeal a ensinar a Fè a elRey Dom Afonso Henriques. Escreve o Auctor da Chronica delRey Dom Afonso, que estando presa a mãy deste Principe, se mandou queixar ao Summo Pontifice do mau termo que com ella se usava. E vindo o Bispo de Coimbra, o qual então assistia em Roma, a fim de reduzir à concordia estes Principes, & não podendo conseguir este effeito, se tornou a Roma, deixando promulgadas censuras contra elRey Dom Afonso, o qual dizem fez então Bispo de Coimbra hum Clerigo negro, por nome Martinho. Isto alem de não ter verisimilidade alguma, se convence ser falso destas Escrituras allegadas, & do modo da eleição do Bispo Dom Bernardo, do que faço a demonstração seguinte.

Se algum Bispo de Coimbra podia ad-revtir elRey Dom Afonso no tempo da prisão de sua mãy, foy Dom Bernardo, por ser sua eleição no principio do governo deste

te Principe , & não aver outro Bispo de Coimbra , quando a Rainha Dona Tareja ficou em poder de seu filho até o tempo em que morreo. Não he possivel que fosse Dom Bernardo , por onde he falso o que se diz nesta materia. Que neste tempo não ouvesse outro Bispo em Coimbra , consta clarissimamente das Escrituras propostas , & que a Dom Bernardo não pudesse acontecer o que se refere daquelle Bispo de Coimbra ,
10
que veio de Roma a amoestar elRey Dom Afonso , & se voltou na forma referida , se prova primeiramente de sua assistencia em Portugal em o decurso destes dous annos em que viveo a Rainha. Mostrase mais em ser este Bispo da facção do Infante Dom Afonso no tempo destas alterações , (a) pois (como ja em outro lugar advertimos) tratando a Rainha Dona Tareja de se eleger em Coimbra em lugar do Bispo Dom Gonçalo o Arcediago Tello , succedeo neste meyo
20
tempo a guerra civil entre a mesma Rainha , & seu filho , de que resultou a victoria do Infante , & a eleição de Dom Bernardo , por parecer & approvação dos privados do Infante : & assi he cousa muy difficiltosa , que este mesmo Bispo favorecesse despois as partes da Rainha. Quanto
mais

(a) *Livro dos Testament. de Santa Cruz de Coimbra.*

mais que nesta prizaõ da Rainha não ouve as indecencias particularizadas por nossos Auctores, como tambem não durou muito; pois a vida desta Princeza foy breve, & antes da morte estava conforme com seu filho, & ainda o mesmo Conde Dom Fernando, principal occasião daquellas guerras; pois em huma das Escrituras allegadas vemos sua firma entre a dos outros Senhores, & não sabemos de outro Conde Dom Fernando a quem se attribua.

10 Deste principio se fica destruindo o que mais se refere da vinda do Cardeal a este Reyno, depois do successo do Bispo de Coimbra, & dos termos indecentes que el-Rey usou com elle; pois não durando a prisão da Rainha o tempo que dizem, nem avendo nella os apertos que fingem, nem avia lugar para o successo do Bispo de Coimbra, nem para a vinda do Cardeal Legado. Por differente caminho a exclue 20 Duarte Nunez, parecendolhe ser neste tempo tão pequena a auctoridade dos Cardeaes, que não podião bem exercitar o officio de Embaixadores do Summo Pontifice, pois erão sò meros Curas das Igrejas de Roma. Porem ja mostramos em outro lugar, como exercitavão o officio de Legados Apostolicos os Cardeaes daquelle tempo, & ainda veremos alguns exemplos. Nem esta di-

dignidade he tão moderna como pareceo àquelle Auctor , (a) pois ja no anno do Senhor de 765. faz menção della o Cardeal Cesar Baronio , como de cousa principalissima , dizendo. *Aqui se faz a primeira vez memoria de sete Bispos Cardeaes, aquelles, que tendo seus Bispados mais vesinhos a Roma, assistião ao Summo Pontifice como adjuntos, &c.* E assim se pode negar a vinda daquelle Cardeal a Portugal , pelo respeito allegado. Com mayor fundamento a excluimos, pois não precederão as causas que della se assinao. 10

Não deixarei de apontar aqui o que escreve Rogerio de Hoveden (b) Auctor Ingles contemporaneo delRey Dom Afonso, donde pode ser se tomasse occasião do que se finge da vinda do Cardeal. Diz elle, que vindo o Cardeal Jacinto por Legado a a Espanha (o que foy muitos annos adiante) suspendeo alguns Bispos, & Abbades, & querendo fazer o mesmo ao Bispo de Coimbra , elRey Dom Afonso Henriques o não consentio , & lhe mandou dizer saisse de suas terras, se não que lhe cortaria huma perna. E que o Cardeal com grande medo se poz logo a caminho. Pode ser que 20

(a) *Baron no anno de 765. n. 12.*

(b) *Rogerio na Hist. delRey Henrique II. fol. 64o.*

que isto desse causa às outras fabulas que se contão.

CAPITULO XIX.

Do cerco de Guimarães posto por elRey de Castella. Da ida de Egas Moniz a Toledo. Da probabilidade destes successos, & da causa delles.

1129. **M**uy celebrada he em nossas Historias a ida de Egas Moniz a Castella com sua mulher & filhos, (a) por dar satisfação ao Emperador Dom Afonso da promessa feita no cerco de Guimarães. E foy o caso segundo dizem, que sentido o Emperador da desgraça passada na rota de Valdevez, & desejando sanearse desta quebra, fez preparação de gente de guerra com o mór segredo possível, & entrando em Portugal pela parte de Galliza, se veio quasi repentinamente lançar sobre a villa de Guimarães, aonde então residia a Corte, & assistia o Infante Dom Afonso.

Neste cerco não pode aver duvida, porque o confessa elRey Dom Afonso Henriques, sendo ainda Infante em huma doação

(a) Chronica escrita de mão cap. 8. 9. & 10.

ção do Cartorio de Pedroso , que faz a Mem Fernandez de certas herdades no Couto de Osseloia em terra de Vouga , cuja data he no mez de Mayo da Era de 1167. que he anno de 1129. & diz que lhe faz esta merce polo aver bem servido com Sueiro Mendez o Grosso , & outros de sua geração no cerco de Guimarães que lhe pusera elRey de Castella seu parente. São as palavras formais que declarão isto. *Pro servitio quod mihi fecisti in obsidione Vimarennensi adversus Regem Alfonsum meum consanguineum unà cum Suario Menendi dictus Grossus , & cum aliis de suo genere.* Assi que ja em Mayo de 1129. tinha precedido o cerco em Guimarães.

Avia pouco que esta Villa fora ganha-da pelo mesmo Infante , que segundo dão a entender nossos Escritores , devião seguir as partes da Rainha Dona Tareja , & assi se conquistaria ; ou entregaria com o Castello de Lanhoso , & mais forças de sua parcialidade ; & por esta causa , & brevidade do tempo não estava ainda tambem fortalecida como convinha , nem avia nella a gente da guerra necessaria. Por estas razões julgou o prudente Capitão Egas Moniz ayo do Infante , & principal ministro de suas cousas , ser conveniente usar então de cautela com o inimigo. E assi passado al-

algum tempo do cerco , sahio fora da Villa , & pedindo audiencia particular ao Emperador , lhe soube propor com tão boa ordem o estado das cousas presentes , como a empresa era de grão difficuldade pela fortaleza da Villa , valor do Infante Dom Afonso , & da gente Portugueza que dentro estava , a qual era pela mayor parte exercitada em guerras , & com a memoria fresca da vitoria de Valdevez estava mais animada. Que considerasse como Principe Catholico , não servião para mais estas dissensões entre os Reys Christãos , que de consumirem suas forças , de propor aos Mouros alegre espectaculo , & lhes facilitar as empresas. Com estas , & outras razões obrigou Egas Moniz ao Emperador levantar o cerco ; ajuntandose (segundo dizem) a promessa que fez de obrigar o Infante a
10
20 ir às Cortes de Leão nas occasiões que as ouvesse. O que eu não approvo , fundado no que fica dito da soberania de Portugal , & sò admito a promessa de se restituirem algumas terras que os Portuguezes possuião em Leão , & Galliza.

Não soube o Infante Dom Afonso destes tratos , & assi ficou admirado , quando vio repentinamente levantar-se o cerco ; & cheo de indignação quando lhe constou da promessa que fizera seu ayo. Mas elle como

mo tinha traçado o cumprimento della por ordem differente do que se imaginava, soube aplacar a ira do Principe na occasião presente com razões efficaces, & pelo tempo adiante dar satisfação ao que avia prometido, por hum modo raro, qual foy ir-se a Toledo com sua mulher & filhos, & apparecer ante o Emperador Dom Afonso em trajos humildes com cordas ao pescoço, offerecendo sua vida propria, & dos seus, a troco da palavra mal cumprida. E posto que este espectaculo causasse ao principio indignação naquelle Principe, com tudo tomando melhor acordo, & com o parecer dos Grandes de sua Corte fez bom acolhimento à illustre familia, & deu por quite o leal vassallo de sua promessa. E com isto fizerão volta a Portugal, & todos alegres pelo bom successo, & com exemplo de fidelidade, & imitação pouco vulgar aos futuros. 10 20

Reprovão alguns Auctores esta Historia, (a) & se persuadem ser equivocação, ou engano de outra semelhante, que poucos annos antes acontecera em Castella. E foy que quando elRey Dom Afonso de Aragão fazia guerra em Castella contra sua mulher a Rainha Dona Urraca, o Conde D. Pe-

(a) *Duarte Nunes.*

Peransures não obstante que avia feito ome-
nagem a elRey de algumas fortalezas , as
entregou despois à Rainha. E ainda que a
acção parecia justificada , por ser aquella
Princesa Rainha proprietaria , a quem seus
vassallos devião obediencia ; cuidadoso des-
pois da fé que a elRey de Aragão tinha
dado , se foy offerecer como reo com hu-
ma corda ao pescosso , para que lhe desse
10 o castigo merecido. Alterouse elRey ao
principio com aquella vista , & reportando-
se despois , & ainda advertido pelos seus ,
como aquelle Cavalleiro cumprira bem com
o que devia a sua lealdade , o tratou bem ,
& com palavras de louvor , & honra lhe
perdoou aquella offensa. Com este successo
querem se enganassem nossos Historiadores ,
referindo outro semelhante de Egas Moniz ,
o qual tem por fabuloso. Mas não sei que
20 contradição ou duvida pode aver no exem-
plo de lealdade que deu Egas Moniz , por
aver precedido outro no Conde Dom Pe-
ransures , quando a verdade do primeiro
facilita mais a possibilidade , & verdade do
segundo:

Reprovão mais a ida de Egas Moniz
a Castella na forma referida , por notarem
indecencia em elle , & seus filhos irem me-
os despidos , & a molher em trajo pouco
decente , não vendo , que alem do exemplo
do

do Conde Dom Peransures varão insigne, & veneravel daquella idade, ja antigamente precedera outro no Consul Mancino sem o julgar por indecente a Antiguidade. (a) Estando no cerco de Numancia o Consul Mancino Hostilio, se mandou entregar despedido & maniatado aos inimigos, vendo que faltavão os Romanos aos de Numancia em alguns concertos que tinham feïto. Porem elles que se não presavão menos de vencer os Romanos com primores, que com esforço & armas, deixarão ir o Consul livremente, dizendo se não satisfazia bem a quebra da fê publica com o castigo de huma particular pessoa, ainda que tão principal como era o Consul. Feito insigne, & bemafortunado, & de igoal louvor a ambas as partes, a que não ficou inferior a ida do illustre Portugues a Castella; a qual não he bem que se negue sò por conjecturas mal fundadas. 10 20

Ja tenho advertido, que as Historias antigas não devem ser reprovadas com facilidade, pois a tradição he de muita força, & sò se devem emendar, quando ouver Escrituras, & Doações authenticas que as contradigão. Mas querer annullar o que ellas dizem sem fundamento de Escrituras,

Fr. A. Brandão; Tom. I. Ff por

(a) *Paterc. lib. 2. Histor.*

por parecer proprio , & discurso particular (como fazem alguns) nem merece louvor, nem deixa de ser atrevimento. Esta ida de Egas Moniz a Castella está fundada na tradição antiga , escrita por nossos Auctores , & pelos estranhos , não contem indecencia , ou impossibilidade alguma , nem se reprova por Escritura , ou doações ; não vejo porque se aja de negar.

- 10 O Doutor Frey Bernardo de Brito (*a*) allega em confirmação desta ida de Egas Moniz certa memoria da fundação de Santa Maria da Estrella , Mosteiro de nossa Religião , hoje annexo ao Collegio de S. Bernardo de Coimbra , a qual se continha em hum livro antigo das fundações das Casas de nossa Ordem. E nellas se dizia expressamente como aquelle Mosteiro se fundara pelo bom successo de Egas Moniz , & por
- 20 voto que fizera quando foy a Castella. Ajuntandose tambem o milagre de dous Ussos , de que a Virgem Senhora nossa o livrara andando a caça. Este successo dos Ussos , & do perigo em que se vio Egas Moniz , achei eu confirmado em huma memoria do Mosteiro de Carquere , que me veio à mão. (*b*)

Faz tambem muito em prova desta ida de

(*a*) Brito Hist. de Cist. lib. 5. cap. 10.

(*b*) Memoria escrita de mão do Mosteiro de Carquere.

de Egas Moniz a Castella , & do modo que forão elle & os seus , levando cordas ao pescosso , o debuxo que està no sepulchro deste Fidalgo em paço de Sousa , aonde se vê a sua imagem a cavallo com outras que parecem de filhos , & criados todos meios despídos com cordas as pescosso , os quais parece representão esta ida a Castella , & o modo della , conforme a tradição antiga. Estava esta sepultura em Capella particular à entrada da Igreja , não ha muito tempo que se mudou para a Capella Mòr , aonde permanece , ainda que hoje se não pode ver toda em circuito , por ficar encostada na parede da mesma Capella. 10

No assento que tomou Egas Moniz em Guimarães com elRey de Castella , de fazer que o Infante fosse a suas Cortes , não convenho com nossos Chronistas , por parecer , que a occasião das guerras entre Portugal & Castella em aquelle tempo tiveram outros fundamentos. (*) E que nunca os Reys daquelle Reino intentarão soberania em Portugal , o que se prova bem do que deixamos escrito , & da aução de nossos Principes à Coroa de Castella : & se verá mais claramente quando se escreverem as guerras delRey Dom Fernando o Segundo de Leão com elRey Dom Afonso Henriques, 20

Ff ii

(*) Note-se a incoherencia da syntaxe no periodo acima.

ques, & o recontro de Badajoz, em cuja relação desacertão nossos Escretores. Poderia ser que ouvesse promessa da restituição de algumas terras de Galliza, que o Emperador pretenderia, & o Infante tinha em seu poder.

10 O tempo desta volta delRey de Castella a Portugal foi em o principio do anno de 1129. pois (como fica provado) ja em Mayo do dito anno tinha passado o cerco de Guimarães. E o mesmo se confirma do que dizem nossas Historias, que passada a batalha de Valdevez, com brevidade fez este Principe volta a Portugal (posto que desacertão no anno) & a razão isto mesmo persuade, suppondo a magoa & desejo de vingança que levava. A ida de Egas Moniz seria algum tempo adiante, & como nos não possa constar a
20 certeza d'elle, não sem causa a incluimos com a Historia das outras cousas destes annos.

CAPITULO XX.

*Da morte da Rainha Dona Tareja , em
que tempo succedeo. Referemse al-
guns exemplos de piedade
desta Princesa.*

EM o anno do Senhor de mil & cento 1130.
& trinta ao primeiro dia de Novem-
bro falleceo a Rainha Dona Tareja , mãy
do inclito Rey Dom Afonso Henriques.
Em o Epitome da Historia dos Godos se
declara esta verdade com as palavras seguin-
tes. (a) *Era M. C. LXVIII. obiit Regina
Tarasia mater Alfonsi, Kalendis Novem-
bris anno secundo Regni ejus.* Que he :
Nas Calendas de Novembro da Era de mil 10
& cento & sessenta , & oito (vem a ser o
primeiro dia de Novembro do anno referido
de mil e cento & trinta) morreo a Rainha
Dona Tareja mãy de Dom Afonso no segun-
do anno do reinado deste Principe. Em
particularizar o segundo anno do reinado de
Dom Afonso , declara mais ser a morte
desta Princeza em o anno de mil & cento
& trinta , pois (como deixamos bem pro-
vado) em 24. de Junho do anno de mil
&

(a) *Epit. da Historia dos Godos.*

& cento & vinteito tomou o Infante Dom Afonso o Estado de Portugal , & seu governo.

Tambem o livro dos Obitos de Santa Cruz concorda em parte com esta memoria , quando diz que a Rainha Dona Tareja falleceo em o primeiro dia de Novembro , posto que não declara o anno. Vicio ordinario dos que antigamente apontavão
10 estas lembranças nos livros das Calendas ; escrevião pelos dias dos mezes os obitos das pessoas insignes , & deixavão de dizer o anno. Parecialhes seria facil de saber aos futuros o que a elles era patente ; & maior bem nos fizeram deixando a memoria dos annos , ainda que não particularizassem os mezes nem os dias. Mas elles respeitavão a obrigação de encomendar a Deos as almas destes defuntos , & para isto notavão
20 os dias de sua morte , sem curar da certeza , ou embaraço que podia resultar a nossas Historias com a duvida dos annos.

Ha quem julgue ser fallecida a Rainha Dona Tareja em Julho deste proprio anno de mil & cento & trinta ; (a) porque em doação do Infante seu filho à Igreja de Braga da terra de Regalados se aponta por causa o bem da alma de seu pay , & de sua mãy.
Mas

(a) *Stacio das antiguidades cap. 22.*

Mas como o Infante Dom Afonso diga, que faz aquella esmola por sua alma, & de seu pay, & mãy, & se verifique bem offerecela por si, sendo ainda vivo; o mesmo se pode dizer de sua mãy, que não era ainda morta. (a) Outra cousa noto eu nesta doação (da qual tenho a copia do livro Fidei de Braga) bem digna de se advertir, a qual he confirmar nella o Conde D. Fernando, o qual segundo boas conjeituras he o mesmo que teve guerra com o Infante os annos passados, pois não ha noticia de outro pelas Escrituras daquelle tempo: donde se califica bem o pensamento de se reduzir o Conde a concordia com o Infante, & ainda de se congraçar a Rainha Dona Tareja com o mesmo Infante antes de sua morte. 10

O Doutor Frey Bernardo de Brito Chronista Mòr deste Reyno, (b) não sò approva esta conformidade entre a Rainha, & o Infante seu filho, referindo certa Carta que a Rainha lhe escreveo antes de morrer, mas tem para si, que acabou ella santamente em nosso habito de Cister: os fundamentos se podem ver em o Capitulo sexto do segundo livro da Chronica da Ordem. (c) E não du- 20

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

(b) Brito na Chronica de Cister lib. 2. cap. 6.

(c) Na Chronica de Cister.

duvido em que acabasse religiosamente esta Princeza, pois não só foy espelho de perfeições & graças, dotada de gentis partes; mas vivendo teve alguns lanços de rara virtude, & dignos de fazermos delles particular memoria.

10 Alem das partes naturaes de fermosura, & brandura de que foi dotada a Rainha Dona Tareja, não se pode negar que foy insigne em algumas virtudes. Na liberalidade, na piedade com os pobres, & sobretudo na humildade. De todas estas cousas irei apontando algumas memorias, & exemplos. (a) Na Carta de Foral, dada pelo Conde Dom Henrique aos moradores de Tentuguel em o anno de mil & cento & oito, se contem estas palavras. *Ego Comes Henricus unà cum uxore mea formosissima Tarasia*. Que he: Eu o Conde Dom
20 Henrique juntamente com minha molher a fermosissima Dona Tareja. E na firma está o sinal da Rainha nesta forma. *Ego supradicta dulcissima Tarasia confirmo*. Eu a sobredita dulcissima Dona Tareja confirmo. Chaneza grande daquelle tempo, deixaremse escritas estas particularidades, mas boa confirmação de nossa verdade, & destes dotes naturaes da Rainha.

Sua

(a) Livro de Coimbra fol. 116.

Sua grande liberalidade se declara nas doações , fundações de Templos , & merces feitas a toda a sorte de pessoas , de que dão em parte testemunho nossos Escritores. E em particular o cuidado dos pobres , que he digno de mayor louvor , se nos particulariza em humas palavras do livro terceiro delRey Dom Diniz , & dizem : (a) *Notum facimus quod Sautum de Madões , quod jacet in termino Lamecensi , quod quidem Sautum illustrissima domina Tarsasia quondam Regina Portugalliae reliquit , legavit , seu & donavit pro pauperibus sustentandis , &c.* Em vulgar. Fazemos saber , que chegando à nossa noticia como o Souto de Madões sito em o termo de Lamego , o qual deixou em legado , ou doação para sustentação dos pobres a illustrissima Dona Tareja , antigamente Rainha de Portugal , &c. Vai elRey Dom Diniz mostrando a obrigação que tinha de fazer se continuasse obra de tanta piedade , & faz sobre isto certo contrato com Dom Vasco Bispo de Lamego , o qual nos não pertence. A Escritura delle foy passada em Leiria a quinze de Abril da Era de mil trezentos & trinta & nove , que he anno de mil & trezentos & hum.

Pa-

(a) Torre do Tombo no livro 3. delRey D. Diniz fol. 17.

Para a humildade da Rainha Dona Tareja tenho entre outros advertido hum passo na vida de S. Theotonio mui notavel. Estava este Santo revestido para dizer Missa (entendo que seria em Viseu, aonde servio de Prior antes da restauração dos Bispos daquella Igreja) chegou a Rainha Dona Tareja, mandoulhe dizer que fosse breve na Missa. (a) Não se moveo o Santo com este recado, antes com muita inteireza respondeo: Que no Ceo havia outra Rainha muito mais excellente a quem elle tinha determinado de offerecer aquella Missa com summa veneração & pausa, & portanto se resolvesse em a ouvir o tempo que ella durasse, ou tornarse para casa, & apartarse da Igreja. Constancia he esta propria dos Santos, que se não sabem sogear ao appetite dos Principes. A qualquer senhora de muito menos calidade a quem hoje acontecera este lanço, tiveramos que satisfazia bem a sua obrigação, se com silencio, & paciencia venerara o zelo do culto divino, com que se deu a reposta, & assistira ao sacrificio da Missa. Mais fez a Rainha, que acrecentou lagrimas, & penitencia, & se prostrou aos pès do Santo, pedindolhe perdão da culpa que commettera.

(a) *Archivo de S. Cruz na vida de S. Theotonio p. 1.*

ra. São dignas de notar as palavras com que se nos descreve esta acção tão heroica, & traduzidas dizem assi.

Conhecendo então a Rainha sua culpa, se acusava por miseravel peccadora, confessando ser o Santo varão Theotonio justo, & verdadeiro, & mandandoo chamar depois da Missa, se lançou a seus pès, nem se quis levantar senão por rogos do mesmo Santo, a quem pedio com lagrimas, & humildade, lhe desse penitencia por aquelle excesso, & rogasse ao Senhor por ella: & sendo amoestada, que outro dia se acautelasse, & não fallasse ociosamente em materia tocante ao culto divino, o prometeo firmemente, & se apartou d'elle com melhoria de sua consciencia.

Quando considero este lanço tão louvavel, & digno de espanto, me confundo em mi mesmo, pois hum descuido tão leve, & tão commum a todos, como querer ouvir huma Missa breve, julgavão os Santos antigos por cousa muy culpavel, & (o que mais he) choravão os Principes do outro tempo como grave peccado: donde não posso deixar de me admirar de nossos Escritores tratarem com tão pouco decoro (como o fazem em seus escritos) a huma Princeza tão pia & religiosa, que quando em toda sua vida não ouvera outro sinal de virtu-

10

20

tu-

tude & religião christãa, este nos bastava para calificar sua bondade. E assi me persuado, que as sospeitas que della ouve com o Conde Dom Fernando, forão mal fundadas, & o casamento com Dom Bermudo irmão do Conde mera calumnia, pois este Fidalgo foy casado com huma filha da mesma Rainha, como adiante mostraremos: & ser casado primeiro com a mãy, & depois com a filha he cousa tão barbara, (a) que
10 louvo muito o zelo de quem disse fora semelhante patranha introduzida em nossas Historias por algum Mouro, ou Judeu em descredito do Santo Sacramento do Matrimonio. Pelo mesmo não se podem livrar nossos Escritores de mal advertidos em divulgar huma cousa tão infame, & mais quando repugna a todo o bom discurso, & à mesma verdade.

Dizem que em pena deste peccado se
20 fundou em Galliza o Mosteiro de Sobrado. Isto he tão falso, como a causa que se lhe assina. Podese ver o que escreve o Mestre Frey Antonio de Yepes na Centuria quarta da fundação deste Mosteiro, & acharse ha como foy edificado muitos annos antes de nacer a Rainha Dona Tareja. Como he possível que de huma cousa tão notavel, como

(a) *Stacio das antiguidades.*

mo estar huma filha da Rainha Dona Tareja casada com seu padrasto; e a mesma Rainha (se he certo que casou segunda vez) com hum irmão de seu marido; não ficasse alguma memoria authentica? Sabemos do livro da Vida de São Theotónio, como se suspeitava mal da familiaridade do Conde Dom Fernando com a Rainha (ainda que, segundo nos parece, sem causa): consta da Historia dos Godos, que Dom Bermudo irmão do Conde foy genro da Rainha, dos outros excessos se não escreve cousa alguma: como nos persuadirão nossos Escritores a lhe darmos credito sem auctoridade de Escrituras antigas, sendo por outra parte estas cousas tão pouco crediveis? Nem os Summos Pontifices daquelle tempo ouvirão de sofrer tão grande exorbitancia sem fazer huma demonstração muy notoria, da qual com tudo não consta, sabendo nós por outra parte as muitas vezes que por mandado dos mesmos Pontifices se annullarão casamentos dos Reys de Espanha, por aver entre os contrahentes alguma razão de parentesco não dispensada. Fique logo como cousa sem duvida, que Dom Bermudo, genro da Rainha Dona Tareja, não foy primeiro casado com ella, nem esta Princeza teve dous irmãos por maridos. O casamento com o Conde Dom Fernando permaneça
na

na mesma contingencia em que o deixamos.

O corpo da Rainha Dona Tareja se levou à Sè de Braga, aonde jazia o Conde Dom Henrique, & vemos hoje as sepulturas destes Principes na Capella Mòr da mesma Sè, aonde se mudarão por ordem do Arcebispo Dom Diogo de Sousa em o anno do Senhor de 1513. como ja dissemos. O Epitafio que se pôz no sepulchro da Rainha por mandado do Arcebispo Dom Frey Agostinho de Castro, he o seguinte.

D. O. M.

Reginæ Tarasie Alfonsi Castellæ, & Leonis Rêgis Imperatoris nuncupati filie, Comitiss Henrici uxori, Didacus à Sousa Archiepiscopus Brach. Hisp. Primas M. P. Anno à Christo nato M.D.XIII.

20

Quer dizer: A Deos, Optimo, & Maximo, Dom Diogo de Sousa Arcebispo de Braga, & Primaz de Espanha, mandou fazer este sepulchro à Rainha Dona Tareja filha delRey Dom Afonso de Castella, & Leão, que chamarão Emperador, molher do Conde Dom Henrique. Em o anno do Senhor de 1513.

CAPITULO XXI.

Accommettem os Mouros a villa de Trancoso. Acode o Infante Dom Afonso, & alcança algumas vitorias. Da ajuda que nellas deu hum Monge de Cister por nome Aldeberto.

NÃO ha memoria destas guerras em 1131. nossas Historias, que assi nellas como em outros pontos essenciaes forão defeituosas. O primeiro que as tirou a luz com seu trabalho, & boa diligencia foy o Doutor Fr. Bernardo de Brito, Chronista Mór deste Reyno, na Historia que compôz de nossa Religião sagrada. (a) A' mão me veio hum relatorio antigo, no qual entrê os principios do Mosteiro de São João de Tarouca, se contão algumas cousas tocantes ao Reyno de Portugal, entre as quais està tambem a jornada de Trancoso, & dependencias della, por cujo respeito darei no Appendice deste livro o treslado deste memorial, & farei nelle algumas advertencias: porque como he treslado, & não original, tem algumas faltas, mormente na computa-

10

(a) Brito na Chronica de Cister lib. 2. cap. 4.

tação dos annos, de que os antigos não fazião muito caso.

10 E para proceder com a distincção necessaria, advirto em primeiro lugar, que não posso concordar com o Auctor, nem memorial referido em quanto affirmão ser o anno de 1122. ou 1121. proprio desta empreza, por quanto me parece ser ainda neste tempo o Infante Dom Afonso minino de pouca idade; & ter por certo que não governava o Estado de Portugal, de que o relatorio vai fazendo supposição. E assi julgo, que em lugar do anno 1121. se ha de mudar 1131. em que bem se poderia fazer esta guerra, sendo ja o Infante senhor absoluto do Reyno.

20 Huma sò duvida se pode offerecer contra esta resolução forçosa à primeira vista, a que quero satisfazer por livrar de trabalho os que depois especularem estas materias: a qual he, que do mesmo relatorio consta, como elRey Dom Afonso Henriques lançou a primeira pedra na Igreja de São João de Tarouca, quando tornava victorioso desta guerra de Trancoso, & isto parece se fez no anno de 1122. como consta do letreiro seguinte, o qual permanece junto da porta da mesma Igreja.

Fundata fuit ista Era M. C. LX. II. Kalend. Julii. Que vem a ser se fundou aquel-

aquella Igreja na Era de 1160. a dous das Calendas de Julho, & he o mesmo que no anno do Senhor de 1122. a 30. de Junho. Logo bem se infere que no mesmo anno se fez a jornada de Trancoso, pois se afirma que a Igreja se começou a fundar quando elRey vinha della.

Bem concluia o argumento, se a Era do letreiro fora a que se pretende, & tivera a significação apontada. Porem deve-se advertir estar elle escrito com estas palavras. Era M. CLX. & assi fica respondendo ao anno do Senhor de 1152. por valer a letra X. escrita naquella forma 40 & não 10. (como ja em outras partes fica advertido.) E ainda digo que o sentido das palavras não deve ser que no anno de 1152. se começou a fundar a Igreja, mas que então se acabou, sendo principiada vinte annos antes. Isto se convence do proprio relatorio, porque se diz nelle, como elRey Dom Afonso depois de se principiar a obra da Igreja, fez Couto da casa ao Abade João Ciritta. E a Escritura do Couto foi feita em Junho do anno do Senhor 1140. como consta do Archivo do mesmo Mosteiro. (a) Pelo que he certo, que a Igreja de São João se começou a fundar antes deste.

Fr. A. Brandão; Tom. I. Gg anno

(a) Archivo de S. João de Taroucas

anno de 1140. E assi naquelle letreiro da porta da Igreja, em que se allude ao anno de 1152. se não aponta seu principio, mas o remate.

10 Isto supposto digo, que elRey de Badajoz por nome Albucazan, convocando neste tempo o mayor exercito que pode, fez entrada pelas terras da Beira, & destruindo algumas povoações dos Christãos menos fortificadas, chegou a pôr cerco à villa de Trancoso. Teve recado o Infante destas cousas, & recolhendo a gente de guerra nas terras de entre Douro & Minho, aonde estava, veio buscar o inimigo com summa brevidade. A cidade de Lamego fica em caminho, a quem vem daquella provincia demandar estas partes da Beira. Nella se alojou o Infante, & teve novas que vivião pouco distante huns Monges Santissimos da
20 Ordem de Cister, os quais alguns annos antes vierão a Portugal por mandado de nosso Padre São Bernardo, & tinham principiado o Mosteiro de São João de Tarouca. Era o Infante religioso Principe, que tratava de fundar em Deos todas suas obras; & nesta empreza (a qual parecia perigosa) quis ter ao Senhor mais propicio. Bem entendeo de quanta importancia lhe seria a intercessão dos servos de Deos, a quem seu modo de vida angelica, & rara virtude

de fazia cada hora mais conhecidos, por mais que vivião retirados, & tratavão de se sepultar ao mundo. Visitou o Infante o lugar onde vivião, & não pouco admirado de sua pobreza & aspereza, pediu aos Religiosos todos, rogassem a Deos por elle; & ao Prior Aldeberto o acompanhasse naquella jornada. Satisfizerão os servos de Deos a huma & outra cousa; o Prior foy com o Infante, & levou ordem para dizer Missa, & entre as peças sagradas se particulariza hum Cruz, a qual dizem se perdeu em hum dos recontros que depois tiverão.

Entre tanto os Mouros se tinham apoderado da villa, & executado crueldades barbaras. Chegou o exercito Christão à vista dos inimigos, & depois de alguns recontros de menor importancia, ao fim alcançou perfeita vitoria. Advertese na memoria referida, que vencião os Christão em quanto o servo de Deos Alberto, como outro Moyses, fazia oração a Deos, & combatia o Ceo com seus rogos: & elRey declara em huma doação feita a São João de Tarouca, como em huma das batalhas que teve com os Mouros sem assistencia do varão de Deos, ficarão elles superiores; em forma que parece não consistia a vitoria dos Christãos, mais que no bom despacho que alcançavão do Ceo as orações de Aldeber-

to. Tornou a recuperar a villa de Tranco-
so, & os Mouros se forão desbaratados.

Das reliquias deste exercito, & de ou-
tra gente que sobreveio refez o Rey Mou-
ro seu campo, & determinou de provar se-
gunda vez ventura. Sahio ao encontro ao
nosso exercicito em lugar que lhe pareceo
acomodado, mas tambem então alcançarão
os Christãos a vitoria, & fizerão grande ma-
tança nos Arabes. Tinha o Infante prome-
tido de fundar o Mosteiro de São João,
por a morada dos Religiosos até aquelle
tempo ser muy humilde, & os edificios po-
bres, & limitados: lembrado de sua pro-
messa tornou a visitar o lugar onde vivião
os Religiosos, & mandou abrir os alicer-
ses da Igreja, & deixando renda competen-
te, se foy continuando a fabrica. Avia hum
architeto natural de Tarouca, a quem se
deixou encomendada a obra, & foy nella
tão diligente, & a traçou com tanto pri-
mor & ordem, que contente despois do
edificio, quis deixar seu nome entalhado em
hum pedra com estas palavras, em que se
relata ser elle o Auctor da obra.

Joannes Froylaci de Tarauca fecit hoc.

Isto he João Froylaco de Tarouca fez
este edificio.

E na verdade não teve o Auctor pouca razão de se jactar daquella obra , por lhe sair o templo (ainda que não muy grande) de tão boa proporção , & tão bem fabricado , que causa deleitação à vista , & devação ao animo com sua bem ordenada capacidade. As palavras do Relatorio mais importantes ao que temos dito são as seguintes. (a)

Post paucos dies Mauri venerunt , & depopulaverunt Trancosum , & ipse Rex venit cum suis cohortibus Lamecum , & transibat justa Barosam , & recordatus est fratrum , qui erant in illis locis , & iivit cum bonis hominibus videre locum de sua vivenda , & cum invenisset eos pauperes , viventes in tuguribus , compassus est de illis , & rogavit ut mitterent cum eo Fratrem Aldebertum , ut oraret Domino pro sua oste , & miserunt eum , & unam Crucem , & unum Calicem , ut celebraret , quia tunc sacerdos erat ; & dum bellum committeret , & ipse oraret , Rex vicit Mauros , & tulit Trancosum , sed in bello amisit Crucem quam tulerat de Monasterio , & consecutus est per suam orationem alia multa bona , & ut satisfaceret illi , & suis Fratribus , & Do-

10
20
mi-

(a) Relatorio de S. João de Tarouca.

mino Deo , promisit ædificare Monasterium , & dum rediret , vicit iterum per Dei adjutorium , & bonis orationibus Aldeberti magnam multitudinem Sarracenorum. Propter quod venit in hunc locum , & astantibus Fratribus , & Joanne Ciritta , & aliis multis cum Epis. Bracharens. Lamecens. ipse Rex primum lapidem jecit , acclamantibus militibus , & caboribus suis , & dedit Abbati Joanni Cirittæ cautum , cujus tenor talis est.

Diz em nosso vulgar. Passados poucos dias vierão os Mouros , & roubarão Trancoso , elRey com seu exercito veio por Lamego , & passando pelo rio Barosa se lembrou dos Frades que vivião naquella terra , & foy com alguns de sua companhia ver o lugar de sua morada , & como achasse estarem em estreita pobreza vivendo em choças , se compadeceo delles. E rogoulhes mandassem em sua companhia a Frey Aldeberto para fazer oração a Deos por seu exercito. Os Frades o mandarão dandolhe hum Cruz , & hum Caliz para celebrar Missa por ser Sacerdote. E como entrassem em batalha , & o servo de Deos fizesse oração , elRey venceu os Mouros , & tornou a ganhar Trancoso. Mas na guerra se perdeu a Cruz , que trouxerão do Mosteiro : & pelas orações do Santo Religioso alcançou

çou elRey muitos outros bens. E para satisfazer ao que devia a Deos, & a seus servos, prometeo de edificar o Mosteiro. E quando tornava venceo outra vez grande multidão de Arabes com ajuda de Deos, & pelas boas orações de Aldeberto. Por esta causa veio ao Mosteiro, & em presença dos Frades, & de João Ciritta, & outros muitos; assistindo tambem os Bispos de Braga, & Lamego, lançou elRey a primeira pedra com grandes acclamações dos Cavalleiros, & gente de guerra. E deu ao Abbade João Ciritta a Escritura de Couto, cujo theor he o seguinte, &c. 10

Destas palavras consta a mayor parte do successo referido; as outras particularidades se colhem do mesmo relatorio, & de doação feita à Casa de São João, a qual se pode ver na Chronica de Cister. Huma duvida se pode mover, a que importa dar solução, a qual he, como se nomea Bispo de Lamego entre os Senhores que assistirão com elRey ao principio da fabrica, se no anno de 1131. em que assentamos esta jornada, & vinda delRey Dom Afonso a São João, não avia ainda Bispo nesta Cidade. Duas repostas me occorem. A primeira, que seria este o Bispo de Coimbra, cuja jurdição se estendia naquelle tempo a Lamego, & nomearse sò Bispo de Lamego, 20

go, seria por ficar o Mosteiro de São João nesta comarca; como vemos exercitarse em os Principes de muitos titulos, os quais em algumas partes se denominão sò do titulo daquelle Reyno, ou provincia. Tambem se pode dizer (& pode ser que seja o mais certo) que elRey Dom Afonso não tornaria a São João logo depois da jornada de Trancoso, mas depois do anno de mil & cento & quarenta, quando ja em Lamego avia particular Bispo. E conforme a esta computação se começaria a fundar a Igreja de São João de Tarouca, que hoje permanece, deste tempo em diante, & se acabaria em o de mil & cento & sincoenta & dous, como consta do letreiro referido.

C A P I T U L O XXII.

Dos principios do insigne Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com a relação do Arcediago Dom Tello, & outros companheiros, que com elle tomarão o habito.

1131. C E L E B R E foi por este tempo a fundação de Santa Cruz de Coimbra, Mosteiro illustre de Conegos Regulares de Santo Agostinho, & seminario insigne de Prelados, & Santos. Foy seu primeiro fundador

dor hum mancebo nobre chamado Tello, natural da mesma Cidade, o qual então era Arcediago da Sè, & vivia com notavel exemplo de vida. Nossas Historias communmente dão por fundador de Santo Cruz de Coimbra o inclyto Rey Dom Afonso Henriques, mas com ser certo que elle fez muito nesta Casa, & a dotou das rendas que possue, em forma, que meritissimamente se pode nomear fundador della; não ha duvida que o Arcediago Tello foy o primeiro que emprendeo aquella obra, (a qual elRey Dom Afonso tomou depois à sua conta) & porque de tudo isto nos vierão às mãos os testemunhos de mayor credito, será bem propor parte delles, para satisfação dos curiosos leitores. 10

Em o livro dos Testamentos deste Mosteiro estão no principio as seguintes palavras. *Ab Incarnatione Domini anno 1131, octava indictione, secundo anno rebellionis Petri Apostatae filii Leonis contra piissimum sanctumque Papam Innocentium Secundum, dum adhuc Leodoicus Francorum Rex viveret, & Hispaniae Christianorum pars in tres divisa Monarchias trino administraretur imperio: Superiores siquidem illius partes scilicet Aragon, & Navarra usque ad montem, quem incolae Avia vocitant, sub Alfonso Aragonensium* Re-

Rege castissimo , atque in congressibus bellorum strenuissimo , regebantur devote , his exceptis quas bellicis studiis forti manu bellando ceperat à Sarracenis. Ultima vero quasi pars minima Portugal cum Colimbria ab Alfonso Comitis Henri-
 ci , & Reginae Tarasiæ Magnorum avo-
 rum dignissima prole ; partibus mediis
 utpote majoribus Castella cum suis Ex-
 10 trematuris , & Gallecia Imperatori magno Comitis Raimundi , & Urracæ Reginae filio Alfonso subditis , Archiepiscopo Bracharæ Pelagio , & Colimbriensi Episcopo Bernardo , Archidiaconus Tello sibi adjuncta procerum juxta Apostolorum duodena-
 rium manu , Monasterii Sanctæ Crucis in suburbio Colimbriæ jacere adortus est fun-
 damentum.

Quer em Summa dizet , como no an-
 20 no de 1131. o Arcediago Dom Tello com doze companheiros deu principio ao Mosteiro de Santa Cruz nos arrabaldes de Coimbra : & declarase como governava então a Igreja de Deos o Papa Innocencio Segundo ; era Rey de França Luis , & em Espanha governavão tres Afonsos. Em Aragão , & Navarra Dom Afonso , a quem louva de bellicoso , & casto. Em Portugal Dom Afonso , filho do Conde Dom Henrique , & da Rainha Dona Tareja. Em Castella , Es-
 tre-

tremadura , & Galliza Dom Afonso , filho do Conde Dom Raimundo , & da Rainha Dona Urraca. Particulariza mais , que era Arcebispo de Braga Dom Paio , & Bispo de Coimbra Dom Bernardo.

Lançouse a primeira pedra do edificio em 28. de Junho , vespóra dos gloriosos Apostolos São Pedro & São Paulo , como consta do mesmo livro , & logo no anno seguinte de 1132. em dia do Apostolo São Mathias tomarão o habito os doze companheiros , os quais com outros que sobrevierão , em breve tempo chegarão a numero de 72. Deste tempo que os servos de Deos se recolherão em aquelle Mosteiro , tomou el-Rey Dom Afonso à sua conta a fabrica delle , & o accrecentou , & enriqueceo de modo , que com muita razão lhe attribuem os Auctores toda aquella obra. E assi diz a Historia dos Godos , que elRey Dom Afonso começou a edificar Santa Cruz de Coimbra , & a ponte sobre o rio Mondego em a Era de 1170. no quarto anno de seu reinado , que vem a ser o anno de 1132. em que vestirão o habito àquelles Religiosos. São as palavras daquella Historia as que se seguem. *In Era M. C. LXX. idem Alfonsus cepit edificare monasterium Sanctæ Crucis in suburbio Colimbriæ , & pontem fluminis Mundæ juxta eandem urbem anno Regni sui quarto.*

10
20
Não

Não sò as outras pessoas confessão ser o Mosteiro de Santa Cruz obra Real, & propria delRey Dom Afonso, mas o proprio Rey o conhecia, & o affirmava publicamente, como consta de algumas Escrituras daquella casa; por ora baste huma Carta escrita por elRey ao Papa Alexandre Terceiro, de que temos a copia em o mesmo livro dos Testamentos a folhas 13. na
10 qual assinando elRey alguns serviços que avia feito à Sè Apostolica, ajunta a Casa de Santa Cruz, a qual diz fundara para peculio particular da Camara Apostolica. *Ecclesiam Sancte Crucis in Camaram vobis fundavi, vestraeque jam dudum singulariter protectioni obtuli.*

Com a grandeza das despesas feitas por mão Real, & tão liberal como a delRey Dom Afonso, foi crescendo o Mosteiro em
20 edificios, & rendas, de sorte que sempre foi, & he hoje (ainda que ja diminuido na fazenda, a qual se applicou ao Bispado de Leiria, & à Universidade de Coimbra) hum dos mais ricos & sumptuosos que ha em Espanha. Nem faltou nos Religiosos em tanto discurso de annos a religião, & exemplo, com que se fazião benemeritos de todo o respeito, & favor dos Principes; & particularmente em os principios, como mais vezes acontece, florescerão insignes varões
em.

em santidade , boas letras , & prelasias.

Doze companheiros teve em o principio o Arcediago Tello ; os mais insignes forão São Thetonio , de cuja vida avemos de tratar no anno de sua morte. João cognominado Peculiar , o qual por varias dignidades chegou a ser Arcebispo de Braga , Odorio Bispo de Viseu , Sisnando Prelado da Igreja de Monte Mòr , & o Auctor da Historia antiga do livro intitulado , *Testa- 10 mentos* , o qual em o gentil estilo , & acertado discurso com que escreve , acredita bem seus merecimentos. Chamavase Salva- do , segundo se colhe da inscripção da vida do Santo varão Martinho , Prior , ou Vigario de Soure ; & ser dos primeiros companheiros do Arcediago Tello , se vê em humas palavras , que diz a folhas cinco , (a) quando mostra que o Arcediago tinha em costume de lhe lançar a benção a 20 elle , & aos outros , quando passavão por onde estava.

Foi Tello natural da propria cidade de Coimbra , de paes nobres ; (o pai se dizia Odoario , & a mãy Eugenia) dotado de gentis partes , & cultivado em seus primeiros annos com bons exercicios de letras , & virtudes. Começou a florescer em tempo do

(a) Livro dos Testamentos fol. 5.

do Conde Dom Henrique , & era ja então Arcediago da Sè de Coimbra , & com este titulo , & o de principal Ministro da Casa acompanhou o Bispo de Coimbra Dom Mauricio , quando foi à Terra Santa em o anno 1103. como ja temos assentado. Deu mostras de sua muita prudencia neste ministerio , & de grande amor de Deos na devação com que visitou os Lugares Sagrados. Fazendo volta ao Reyno foi crescendo em reputação & virtudes , em forma que por morte do Bispo de Coimbra Dom Gonçalo , successor de Mauricio , foi julgado por benemerito daquelle lugar ; & ao parecer de todos se não podia sublimar a elle pessoa de mais talento. Foi com tudo preferido Dom Bernardo por mais favorecido dos privados do Infante Dom Afonso , o qual neste tempo , excluindo sua mãy Dona Tareja do Reyno , entrara no governo d'elle. Varios são os caminhos por onde o Senhor chama a seus escolhidos , & as desgraças da ventura são muitas vezes de gram felicidade a quem as padece. A repulsa que soffeo Tello lhe fez dar de mão a todas as cousas da vida , & a emprender huma obra tão heroica , como a fundação de Santa Cruz , & a mudança de seu estado , tomando o habito religioso em esta Casa.

Moverão-se algumas duvidas entre os
Co-

Conegos da Sè de Coimbra , & os novos Religiosos de Santa Cruz ; para atalhar a ellas se foy Dom Tello a Italia , & achando o Summo Pontifice Innocencio Segundo em a cidade de Pisa , foi delle bem recebido , & alcansou isenção , & muitas premienças de seu Mosteiro , com Cartas de favor para o Infante Dom Afonso , & para Dom Bernardo Bispo de Coimbra , as quais mostram ser feitas a 13. das Calendas de Junho , no anno sexto do Pontificado de Innocencio , que vem a ser a vinte de Mayo do anno do Senhor de mil cento & trinta & cinco. Chegando a Portugal não lhe durou a vida muito , porque passados cinco mezes lhe naceo huma postema , que o molestou algum tempo , & ao fim o veio acabar , depois de ter feito no tocante a sua consciencia o que se esperava de pessoa tão exemplar : & assi falleceo com grandes actos de contrição & devação , sinaes bem claros da salvação de sua alma. He muy louvado do Auctor daquella Historia de casto , humilde , verdadeiro , obediente , constante nas adversidades , soffredor nas tribulações , & finalmente insigne na observancia das tres virtudes theologaes , Fè , Esperança , & Charidade. Com tão grande numero de virtudes podemos piamente crer , que possue no Ceo muitos grãos de gloria , & que

que nos pode mais favorecer com sua intercessão, que necessita da nossa.

CAPITULO XXIII.

Do levantamento de Dom Bermudo Perez, cunhado do Infante Dom Afonso: como foi atalhado. Tocãose algumas cousas deste Fidalgo & de sua successão.

1131. **N**o proprio anno de 1131. em que o Mosteiro de Santa Cruz teve principio, ouve em Portugal hum movimento de guerra, o qual se não fora atalhado com diligencia, pudera causar grande perturbação no Reyno. Dom Bermudo Perez, cunhado do Infante Dom Afonso, tratou de se lhe rebellar no castello de Ceres: ajuntou o Infante com muita brevidade alguma gente de guerra, & dando sobre elle tomou o Castello, & o desterrou a elle, castigando alguns de sua parcialidade.

Era Dom Bermudo irmão do Conde Dom Fernando, & ambos estes senhores com favor da Rainha Dona Tareja pretenderão os annos passados o senhorio de Portugal: o qual Dom Bermudo julgaria deverselhe, porque alem de estar casado com a filha da Rainha Dona Tareja, a mesma Rai-

Rainha como Senhora proprietaria deste Reyno, o escolheo para successor nelle. Assim o dà a entender a Historia dos Godos, quando diz que o Infante Dom Afonso venceu em Guimarães seus adversarios, os quais com o favor da Rainha Dona Tareja tratavão de se apoderar do Reyno.

Ficarão por então quietas estas discórdias, o Conde Dom Fernando se foi para Castella, seu irmão Dom Bermudo se deixou ficar em o Reyno possuindo algumas terras, que se lhe darião para sustentar seu estado. Mas como destas differenças resultasse ficar Dom Bermudo mal visto do Infante (que nunca a competencia de reinar deixou lugar a muitos favores) & por outra parte não faltassem assi de seus criados, como dos Fidalgos que favorecerão as partes da Rainha, mãos conselheiros, intentou segunda vez apoderarse do Reyno, porem antes de executar seus intentos foi atalhado: devia revelar-se ao Infante Dom Afonso seu pensamento, & pôz nelle o remedio que convinha. Em huma memoria antiga achei, que Dom Bermudo fazendo resistencia em o Castello de Ceres, fora entrado por força, & ficara morto, & o Castello arruinado. Porem tenho por mais certo o que outros dizem, que elRey ouve a suas mãos o cunhado, & a fortaleza, o que se

confirma com Escrituras do Mosteiro de Sobrado, que he da Ordem de Cister em Galliza, referidas pelo Mestre Yepes, as quais affirmão, que Dom Bermudo tomou o habito de Cister naquelle Mosteiro, & acabou nelle religiosamente.

Parece, que quando o Infante Dom Afonso o ouve em seu poder, o obrigou a deixar as terras de Portugal, & retirarse a
10 Galliza, aonde desenganado com os successos adversos da pouca constancia das cousas desta vida, fez aquella troca & mudança de estado, que as Escrituras de Sobrado assinão. Dellas mesmas consta que a Infanta de Portugal filha do Conde Dom Henrique, com quem estava casado Dom Bermudo, se chamava Dona Urraca, & foi sua molhier terceira: donde se vê claro ser falso o que diz o Conde Dom Pedro, &
20 outros que o seguirão, que esta Infanta se chamava Dona Tareja. Porem foi tão inconsiderado o Conde em o que escreveo deste casamento (dizendo, que Dom Bermudo fora primeiro casado com a Rainha Dona Tareja, mãy desta Infanta, & que por lha tomar seu irmão o Conde Dom Fernando, se casara então Dom Bermudo com a filha da mesma Rainha,) que o menor erro que commette he, não lhe acertar com o nome.

Ja tenho mostrado o pouco fundamen-
 to com que estas cousas se escreverão, co-
 mo não ha Escritura antiga, de que se co-
 lha o casamento da Rainha Dona Tareja
 com Dom Bermudo, & ainda no casamen-
 to de seu irmão ha as duvidas que ja apon-
 tei; como ha outras Escrituras que referem
 algumas particularidades nesta materia, não
 perdoando ao credito daquella Rainha, &
 todavia não apontão cousa tão indecente, 10
 como casarse sua filha com aquelle que pri-
 meiro fora seu padraсто, sendo assi que tes-
 tificação este casamento da filha da Rainha
 com o mesmo Dom Bermudo. Como o Sum-
 mo Pontifice ouvera de atalhar estes exces-
 sos, se os ouvera, & impedir não casasse
 Dom Bermudo com a Infanta de Portugal,
 se primeiro casara com sua mãy della. Co-
 mo he falso dizerse que o Mosteiro de So- 20
 brado se edificara em penitencia deste pec-
 cado, pois muito antes estava fundado, co-
 mo se pode ver em o que sobre isto escre-
 ve o Padre Yepes. Todas estas cousas, &
 outras que não importa dizer, ou repetir,
 arguem de falsidade o que da indecencia
 deste casamento se trata. E assi deve ficar
 sò por certo, que Dom Bermudo foi genro
 da Rainha de Portugal Dona Tareja casa-
 do com Dona Urraca sua filha mais ve-
 lha, da qual Infanta posto que o Conde
 Hh ii Dom

Dom Pedro , & nossas Chronicas lhe não sabem o nome , ja mostramos por Escrituras authenticas ser filha de nossos primeiros Principes o Conde Dom Henrique e a Rainha Dona Tareja.

10 Ficou decendencia de Dom Bermudo , & da Infanta de Portugal , segundo refere o Conde Dom Pedro , que forão duas filhas , a primeira ouve nome Dona Sancha , a qual foi nora de Egas Moniz o Ayo delRey Dom Afonso Henriques , molher de seu filho Sueiro Viegas : tiverão dous filhos , Vermui Soares , & Lourenço Soares , dos quais não ficou legitima decendencia , & humas filhas por nome Dona Tareja Soares , que casou com Dom Gonçalo Mendez , & delles procedeo a successão que toca à casa dos Sousas , posto que tambem esta faltou. A segunda
20 filha de Dom Bermudo , & da Infanta Dona Urraca se chamou Dona Tareja , & foi casada (segundo diz o Conde Dom Pedro) com Fernão de Ayres Betitella , dos quais naceo João Fernandez o bom de Lima , & delle procederão outros Fidalgos deste apellido ; do qual ha hoje em Portugal (sem outras Casas , & Morgados que não tem titulo) a Casa dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira , Condes de Arcos , & vem tambem por linha masculina a Condessa que hora he de Castro , senhora proprietaria deste

te Estado , o qual por casamento està unido à familia dos Ataides. Huma cousa notei em o contrato celebrado entre os Reys de Castella & Portugal Dom Fernando Quarto , & Dom Diniz Primeiro anno de mil duzentos & noventa & sete , que faz muito em abono dos Fidalgos da familia dos Limas , (a) & he que entre os Grandes que os Reys trouxerão consigo para firmarem aquelle contrato , vinha da parte delRey de Castella Dom Fernão Fernandez de Lima , & da delRey de Portugal Dom João Fernandez de Lima , ambos Ricos Homens , que não he pequeno indicio de nobreza florescer em ambos os Reynos esta familia em lugares tão levantados. Os Limas tem por armas o escudo partido em tres pallas. A primeira de Aragão & as duas esquarteladas dos Sylvas , & Souto Mayor , & por timbre o Leão das armas.

Da nobreza de Dom Bermudo trata o Conde Dom Pedro no titulo 13. & nós temos ja dito o que tocava a nossa Historia , quando escrevemos do Conde Dom Fernando irmão do mesmo Dom Bermudo , o que não he necessario repetir outra vez.

CA-

(a) Torre do Tombo no livro 3. dos Direitos Reaes a fol. 150.

CAPITULO XXIII.

*De alguns appellidos de Familias nobres
que se achão nas Escrituras
deste tempo.*

1131. **N**ESTE mesmo anno de mil cento & trinta & hum no mez de Junho, faz Paio Gonçalvez doação ao Mosteiro de Lorvão, de tudo o que tinha em a villa de Midões, & diz que a faz com parecer de seus amigos, Garcia Paez & Paio Carvalho, para que os Religiosos se ajudem a sustentar & tenham que repartir com os pobres, & para fabrica da Igreja, com condição que sempre d'elle aja memoria em aquelle Mosteiro. (a) Os que se acharão presentes se nomeão nesta forma. *Pelagius Carvalio, Garcia Pelaiz, Petrus Dominguis, Fernandus Brandião, Tructe Sendus. Pelagius præsbyter qui fuit Magister de Domno Pelagio Gunsalviz, cum duobus Fratribus de Laurbano, Petrus, & Didacus, & alii multi homines qui audierunt, & viderunt, & unanimiter confirmaverunt. Joannes Lazaris, Gundisalvo Sandiz.* Destas firmas, que não he
ne-

(a) No Archivo de Lorvão no Codice antigo de pergamino, escrito quasi todo de letra Gotica 3. folhas antes do fim.

necessario reduzir a Portugues , se nos dà noticia de tres appellidos , que ja então avia , que são Carvalho , Brandão , & Sande.

Dos Carvalhos se conservão neste Reyno muitos Morgados ricos , & de ramos diferentes. He muy antigo o dos senhores de Carvalho. E posto que commummente se tenha por primeiro instituidor Bertholomeu Domingues ; (a) do livro da Sè de Coimbra em que se trata dos Bispos , consta , que o instituiu Domingos Feirrol , & que o Bertholomeu Domingues deu principio ao Hospital , & Albergaria daquelle morgado. Porém este livro não he muy certo. Em outro volume das doações da mesma Sè se diz , que no anno do Senhor de 1178. o Bispo de Coimbra Dom Bermudo deu a Dona Bel- lida , & a seus filhos Gonçalo Fernandez , & Bertholomeu a Igreja de Carvalho , & declara que o fazia por seu pay , & os de sua geração serem benemeritos da Igreja de Coimbra. (b) E assi ficão bem antigos os que possuem aquelle morgado. Forão continuando os senhores d'elle com grande valor & fidelidade no serviço dos Reys de Portugal , & tem dado alguns Capitães de muito nome , entre os quais foy Gil Fer- nan-

(a) O Codice antigo dos Bispos de Coimbra na vida do Bispo Bermudo.

(b) Codice de Coimbra , fol. 116.

nandez de Carvalho Mestre de Santiago, que floreceo em tempo delRey Dom Afonso o Quarto, & outros Capitães mais modernos, que o imitarão, de que fará a Historia menção em seus lugares. Os Carvalhos tem por armas em campo azul huma estrella de ouro entre huma caderna de crescentes de prata; & por timbre hum Cisne de sua còr de prata com huma estrella douro no peito, armado de ouro.

Dos Brandões ha tradição que vierão de Inglaterra, & que dous irmãos do tempo do Conde Dom Henrique jazem sepultados em Grijò. Falla o Conde Dom Pedro em Brandões no titulo 44. (a) & mostra como Martim Brandão o velho casou com Dona Tareja Fernandez, neta de Diogo Gonçalves o famoso, que morreo na batalha de Ourique, & assi trata de outros do mesmo appellido. As principaes Casas, & Morgados desta familia forão nas cidades de Evora, aonde por parte de succesão anda ja em outras familias; em o Porto, aonde ainda permanecem, & alguns ramos se derivarão por outras partes. Se o Fernão Brandão, ou Brandião, (como o nomea a Escritura atraz) foy ascendente de Martim Brandão & dos mais, não posso determinar; posto que se faz

(a) Conde Dom Pedro tit. 44.

faz muy provavel que o seria , pois pelo tempo adiante acho muitos do mesmo nome , & he proprio nas gerações tomarse ordinariamente o nome do primeiro ascendente. (a) ElRey Dom Pedro deu o castello de Aronches a Fernão Martinz Brandão seu vassallo , & este mesmo , ou outro do mesmo nome foi Ayo delRey Dom Fernando. (a) Tambem hum dos dous Regedores de Evora , que defenderão as partes de Portugal em tempo delRey Dom João o Primeiro , se chamava Fernão Martinz Brandão. Trazem os Brandões por armas em campo azul sinco Brandões de ouro acesos em aspa ; & por timbre tres Brandões do escudo em roquete atados com hum torçal de ouro. 10

Ha Fidalgos differentes deste appellido , que trazem outras armas , dos quais trataremos quando lhes couber lugar. 20

Dos Sandes escreve o Conde Dom Pedro no titulo 45. & mostra descenderem do tronco illustre & antigo dos de Riba de Visella , posto que lhes dà sua derivação , & nome mais moderno , que este tempo do principio delRey Dom Afonso Henriques , nem faz menção de Gonçalo Sandiz. Mas nos

(a) Livro 3. de entre Tejo & Guadiana da Torre do Tombo a fol. 194.

(b) Livro 3. dos Estravagantes fol. 214.

nos referimos o que contem as Escrituras com toda a verdade , o ajustar com seus ditos as successões das familias , he dos que escrevem da Nobreza. Os Sandes tem por armas em campo vermelho hum Leão de ouro entre quatro flores de lis do mesmo postas em Cruz , & elle armado de prata ; & por timbre meyo Leão de vermelho com hum flor de lis de ouro sobre a cabeça.

C A P I T U L O XXV.

Com se fundou o Castello de Leiria. Descrevese o sitio & fertilidade desta terra, & as cousas que tem mais notaveis.

1135. **E**M o anno do Senhor de mil e cento & trinta & cinco mandou o Infante Dom Afonso fundar o Castello de Leiria, em lugar acomodado para reprimir a furia dos Mouros , & proseguir a conquista das terras da Estremadura. Different resolução he esta da que seguem nossos Chronistas, os quais affirmão ganharse esta praça a primeira vez no anno do Senhor de 1117. por elRey Dom Afonso , & assi a suppoem fundada , & tornarse a recobrar em o anno de 1145. Da primeira conquista diz Duarte Nunez , seguindo a Chronica de mão , estas palayras. Na-

Naquelle mesmo anno (vai fallando do anno de 1117.) ajuntou o Infante alguma gente, determinado de não estar vago, & ganhar honra com os mãos visinhos que tinha, & fez entrada pela terra de Leiria, cujo Castello combateo rijamente; & posto que fosse mui forte, & os Mouros se defendessem com muito esforço, tomou o Castello por força, matando à espada os mais dos Mouros que achou. Tomada a Villa, & deu ao Prior Dom Theotonio de Santa Cruz de Coimbra, que era hum homem Santo, & em que elle tinha muita devação, & a elle & ao seu Mosteiro fez doação do temporal & espiritual della, em que o Prior poz por Alcaide Paio Goterrez, homem principal, & esforçado.

Muitos erros se contem nestas poucas regras. O primeiro da circumstancia do tempo em que se faz ganhada Leiria, & entregue ao Prior de Santa Cruz de Coimbra. O segundo, em se affirmar foi feita doação do temporal & espiritual desta Villa ao mesmo Mosteiro. O terceiro em se dizer que o Prior de Santa Cruz poz de sua mão o Alcaide. O quarto, em se dizer que foi conquistada a mesma Villa. E quanto ao primeiro, ja fica bem provado em que anno se fundou o Mosteiro de Santa Cruz, &

10 & assi he impossivel, que no anno de 1117. se fizesse a esta Casa doação alguma, nem ao Prior della, pois nem era fundada, nem avia Prior ou forma de Convento, nem a ouve em os quinze annos seguintes. Ajuntase a esta implicação ser o Infante Dom Afonso naquelle tempo minino de sete annos, & incapaz de exercitar a milicia; & ser por outra parte o anno de 1117. o me-
 10 nos accomodado que os Portuguezes tiverão para conquistas; pois com a entrada dos Arabes nas terras de Coimbra, destruição de Soure, & Santa Olaia, perda da batalha de Miranda, escassamente lhes ficava lugar de se defenderem, quanto mais de proseguir as conquistas.

20 O segundo erro se redargue bem da propria doação de Leiria por elRey Dom Afonso a Santa Cruz. (a) a qual se conserva na mesma Casa, & nella se declara como se dava a Igreja de Leiria a Santa Cruz, & porque não pareça que isto se fez só da segunda vez, se particulariza que isso mesmo era o que o Mosteiro da primeira vez possuiria: são as palavras que o declararão estas. *Cujus Castri Ecclesiam do supradicto Monasterio cum omnibus illis, que in prima populatione possederant, &c.*
 De

(a) Archivo de Santa Cruz & no livro dos Testamentos fol. 28.

De sorte que a doação primeira, & segunda foi do mesmo, & assi nunca se estendeo ao dominio secular daquella terra. Provase mais esta verdade de huma notavel Escritura que ha em Santa Cruz, & tem por titulo o Testamento delRey Dom Afonso Henriques, não pelo ser, mas porque elRey testou nella, & fez declaração de todos os bens que avia dado àquelle Mosteiro. (a) E tratando do que dera em Leiria, diz assi. 10

Dedi etiam vobis totum Ecclesiasticum illius Castri quod dicitur Leirena, & omnes Ecclesias que in eodem Castro, & per suos terminos fuerint fabricandæ. Deivos tambem (diz elRey fallando com os Religiosos de Santa Cruz) todo o Ecclesiastico daquella villa que se chama Leiria, & todas as Igrejas que nella, & em seus termos se fabricarem. E vai elRey nesta Escritura apontando os tempos em que fi- 20

zera, cada huma daquellas merces, & tratando dellas com tanta particularidade, que não ha duvida, se algum ora dera o dominio secular de Leiria a Santa Cruz, que o declarara, & de o não fazer, se convence muito bem não lho aver dado.

E daqui se vai tambem manifestando o terceiro erro, porque se Santa Cruz não te-

(a) Archivo de Santa Cruz.

teve o dominio secular de Leiria , não pertencia a seu Prior nomear o Alcaide desta praça. Faz mais em confirmação dizer expressamente a Historia dos Godos , que el-Rey Rom Afonso fizera Capitão da Leiria a Paio Goterrez , & ser este hum dos Fidalgos principaes que então avia , & não parecer cousa verisimil quisesse fazer omenagem daquella fortaleza a outra pessoa menor , que ao Rey & senhor da terra.

O ultimo erro de ser conquistada Leiria a primeira vez , se manifesta de muitos lugares authenticos do Archivo de Santa Cruz & de outras partes. Em a doação de Leiria atraz referida diz elRey Dom Afonso. (a) *Quod castrum in terra deserta à fundamento ego primitus erexi , sed peccatis exigentibus à Sarracenis destructum iterum illud reedificavi , &c.* Isto he em lingoagem. O qual castello (entende Leiria) eu primeiro levantei dos fundamentos em terra desabitada , & sendo depois por nossos peccados destruido pelos Mouros , o tornei a reedificar O mesmo affirma este Rei em huma Carta que escreve ao Papa Adriano Quarto , na qual diz assi. (b) *Obtuli namque ego ei inter cætera totum Ec-*

(a) Livro dos Testamentos de Santa Cruz fol. 28. 3.
o mesmo original.

(b) Livro dos Testamentos de Santa Cruz fol. 10.

clesiasticum cujusdam castrum, quod vocatur Leirena, quod castrum credatis revera me è fundamento in terra deserta construxisse, & contra Sarracenos qui prope erant armasse, per illud enim mihi dedit Deus Sanctarem, & totam terram ejus per circuitum. Vai elRey fallando do Mosteiro de Santa Cruz, & pedindo ao Summo Pontifice o receba debaixo de sua protecção, & diz como lhe tinha dado entre outras cousas o direito Ecclesiastico de huma fortaleza chamada Leiria, a qual elle avia edificado em terra despovoada, que fortificara contra os Mouros visinhos, & por cujo meio entendia lhe dera Deos Santarem com as mais terras de seu termo.

Conforme a estas auctoridades bem claro he, que não ganhou elRey a primeira vez o Castello de Leiria por combate, mas que o fundou de novo. E para sabermos pontualmente em que tempo teve principio esta fundação, importa recorrer à Historia dos Godos, na qual se achão as palavras seguintes. *Era M. C. LXXIII. 4. Idus Decembris idem Rex cepit ædificare Castellum Leirene loco edito, & apto ad coerendos Barbaros, qui agrum Colimbriensem incursabant. Est in extremis limitibus Scalabitani, & Colimbriensis agris situm hoc oppidum aptissimo loco ad hostes*

tes prohibendos. Cui præfecit strenuum ducem Pelagium Gutierri. Ab illo tempore vis, & audacia Sarracenorum cæpit infirmari. Em vulgar dizem assi. Na Era de 1173. a 4. dos Idos de Dezembro (vem a ser a dez de Dembro do anno de 1135.) o mesmo Rey (entende Dom Afonso Henriques, de quem vai fallando) mandou edificar o Castello de Leiria em lugar alto, &
10 muy acomodado para reprimir os Barbaros, os quais fazião correrias pelos campos de Coimbra. Está situado este Castello nos confins de Coimbra & Santarem, & he acomodadissimo para rebater os inimigos. Fez elRey entrega delle ao valeroso Capitão Paio Goterrez, & deste tempo em diante começarão a declinar as cousas dos Mouros.

20 E para que se veja a boa eleição que fez elRey Dom Afonso em mandar povoar, & fortalecer Leiria, darei huma breve relação do sitio, & bondade desta terra. A quem faz caminho da parte do meio dia contra o Norte pela estrada que vem de Lisboa para Coimbra, se offerece despois de hum espaço de terras montuosas. (mas fructíferas, cheas de olivæes & vinhas) hum soberbo penhasco sobre hum monte prolongado pelo mesmo modo de Sul a Norte, em o qual o Castello de Leiria está
tã

tà fundado. Do principio do Rochedo (o qual com mayor carranca fica opposto ao Sul) toma origem por aquella parte o muro , que decendo faz circuito à fralda do monte pelo Oriente & Norte , atè tornar a subir ao alto quasi para a parte do Occidente. Neste ambito se incluia a Villa antiga de Leiria , ficando toda em terra montuosa & levantada , & mui defensavel por natureza. Ao presente occupa mais hum valle de mayor capacidade , que fica entre o Meyodia & Oriente antes de se chegar ao Castello , pelo qual faz hum largo rodeo o rio Lis : o qual deixando toda a Villa & Castello à mão esquerda , vai dobrando contra o Norte aonde estão os arrabaldes da Cidade , atè se ajuntar com o rio Lena que corre da outra parte do Castello mais desviado : & de ambos juntos Lis , & Lena se derivou o nome de Leiria. O Castello he por estremo forte no sitio , de grandes & fermosos edificios , fortalecido com torres & baluartes , & cercado de particular muro : o qual , & o da novoação que fica no alto , com parte dos edificios vai sentindo os damnos do tempo , & dà que notar o descuido de quem deixa ir perdendo tão nobres antigoalhas , que se poderão conservar com bem pouco custo. A Cidade não he grande , mas mui alegre & bem

assentada , & faz aprazivel vista a quem a contempla do Castello , ou de outra parte alta. A terra he fertil , & abundante de pão , azeite , & vinho ; & pudera ser rica , se não ouvera descuido na cultura dos campos : os quais regados dos rios Lis , & Lena , que correm em huma vea , se vão estendendo para o Norte , & depois para o Occidente por espaço de quatro legoas com largura em partes de mais de meia.

Foy esta povoação por algum tempo assento dos Reys de Portugal , aonde celebrarão Cortes algumas vezes , & o que mais a ennobreceo com sua presença foi elRey Dom Diniz , & a Rainha Santa Isabel , como se conserva na tradição dos moradores da terra. Nem era muito folgar a Rainha Santa de viver nesta terra , pois era sua porção que elRey lhe fez della a 4. de Julho do anno de 1300. como se verá em sua vida. Donde podem ver os moradores de Leiria a obrigação que tem de fazer particulares festas a esta Santa , cujos vassallos forão em outro tempo , & no presente he de crer são seus favorecidos , & lembrados diante de Deos. A mesma tradição nos assegura da occasião que ouve para suas armas , que são hum pinheiro verde , & hum corvo em cima delle. Porque dizem que quando elRey Dom Afonso tomou a ultima

ma vez esta Cidade aos Mouros (suppoem
 que a ganhou primeiro , & não mandou
 fundar , segundo temos dito) tendo posto
 seu campo em hum tezo , que agora cha-
 mão o Cabeço delRey , se poz hum corvo
 em hum grande pinheiro que alli estava ,
 & começando os nossos a combater o Cas-
 tello , esteve o corvo sempre com as azas ,
 & vozes fazendo grande festa ; o que to-
 mado em bom sinal pelos soldados , com- 10
 metterão a porta da treição , & achandoa
 sem vigias , ganharão com facilidade a for-
 taleza. Daqui dizem ficou a Leiria por ar-
 mas o Corvo , & o Pinheiro.

Era antigamente Villa. ElRey Dom
 João Terceiro a fez Cidade , & alcansou
 do Summo Pontifice a fizesse Episcopal ,
 desmembrando do Bispo de Coimbra , &
 do Mosteiro de Santa Cruz , & Arcebispa-
 do de Lisboa o que bastou para sustentação 20
 honrada do Bispo , & do Cabido. Em seu tem-
 po se edificou a Sé junto ao rio (servindo pri-
 meiro de Igreja Cathedral a Igreja de S. Pedro
 da povoação antiga) & ficou hum dos no-
 bres, & magestosos edificios deste genero que
 ha em Espanha. Da outra parte do rio entre
 o Sul & Oriente se levanta hum monte da
 grandeza , & altura do do Castello , em o
 qual por devação da Virgem Sacratissima
 da Incarnação , que alli começou a resplan-
 de-
 li ii

decer com milagres , fundou o povo desta Cidade com esmolas dos fieis que de varias partes concorrião , huma Igreja da mesma invocação , a qual he tambem obra de grande perfeição , & magestade. Tem mais a Cidade tres Mosteiros , dous de Religiosos , & hum de Freiras , afora outro antigo de Conegos Regulares , que esteve no Castello , & hoje se não habita. Mais quatro Freguezias , & algumas Hermidas todas de perfeição , & ornato conveniente. A Alcaidaria Mòr do Castello he da Casa de Villa Real , & os Duques alem dos aposentos da fortaleza em que viverão algum tempo , tem casas junto ao rio da fabrica antiga , & mediana grandeza , em que se aposentão quando vem a esta Cidade.

20 Sendo pois Leiria terra abundante pela fertilidade do monte & campo , estando o Castello , & povoação antiga em lugar defensavel & forte , entre Santarem & Coimbra , fronteiras principaes naquelle tempo dos Christãos & Mouros ; bem se deixa ver como era lugar acomodado para se fazer delle guerra , & impedir as correrias dos Arabes , & com quanta razão o escolheo elRey Dom Afonso para Praça de armas , & freo dos Mauritanos : o que lhe socedeo tão bem , que por este meio entendia lhe ficara facil a conquista de Santarem ,

rem, & mais terras da Estremadura, como elle mesmo dà testemunho na Carta escrita ao Papa Adriano Quarto, de que atras referimos algumas palavras.

CAPITULO XXVI.

Das guerras que se renovarão entre o Infante Dom Afonso de Portugal, & o Emperador Dom Afonso de Castella, como ouve nellas varios successos.

HUMA nova guerra se levantara neste 1136. tempo entre Portugal, & Castella, se ja não foi continuação da passada, de varios acontecimentos, & graves damnos para ambos os Reynos. Trata della o Bispo de Tuy Dom Frey Prudencio de Sandoval, (a) & cita huma Historia antiga do archivo de Toledo. Não particulariza o tempo que durarão, nem quando acontecerão; mas por boas conjeituras se colhe, que terião principio em o anno de 1136. & perseverarião até o fim do anno seguinte, por sabermos que então se assentou paz entre estes dous Principes, & parecer bastante o tempo de anno & meio para as cou-

(a) Sandoval na Chronica do Imperador Dom Afonso VII. cap. 36.

cousas que se contão ; & quando tivessem o principio mais atrazado , não ha duvida que se rematarão por então no tempo que dizemos. Em nossa Senhora de Val Paraiso , Mosteiro celebre de Cister entre Camora & Salamanca , ha hum privilegio do Emperador Dom Afonso o Setimo de que faz menção o Mestre Fr. Antonio de Yepes ,
10 (a) o qual remata deste modo. *Faêta Carta donationis Zamore quarto Nonas Oêto-*
bris , tempore quo Guido Romanæ Eccle-
sie Cardinalis Concilium in Valle Olesi
celebravit , & ad colloquium Regis Por-
tugallie cum Imperatore venit. Era M.
C. LXXV. Quer dizer : Foi feita esta Carta de Doação em Camora a quatro das Nonas de Outubro (que he a quatro do mesmo mez) no tempo que Guido Cardeal da Igreja Romana celebrou Concilio em Val-
20 ladolid , & veio (entende a Camora) com o Emperador às vistas , & praticas que teve com elRey de Portugal. Na Era de 1175.

As causas deste rompimento entre os dous Principes não sinala o Auctor , sò em certa entrada que fez o Emperador em Portugal diz , que pretendia tomar o Reyno a seu primo. *E o Emperador com toda a cavallaria , & gente do Reyno de Leão*
(diz

(a) Yepes tom. 7. no appendice.

(diz o Bispo de Tuy) tomou o caminho para Galliza com determinação de entrar por aquella parte em Portugal, & não levantar a mão da guerra até conquistar o Reyno. E esta he sem duvida sò a causa destas guerras, & a que a Historia dos Godos tantas vezes allegada dà dellas. Parece que cada hum destes Principes queria para si o que o outro possuia. O de Portugal fundado em direito que pretendia ter 10 por sua mãy, do qual ja tratamos: & o de Castella ou pela offerta da mesma Rainha de Portugal quando esteve presa, ou para pagar a seu Primo na mesma moeda.

Vindo à relação, diz o Auctor allegado, que elRey Dom Garcia de Navarra se concertou com o de Portugal, para que fizesse guerra ao Emperador pela parte de Galliza, em quanto elle com sua gente o accommettia pelas terras de Castella. Fei- 20 tos estes contratos entrou elRey de Portugal com exercito por Galliza, ganhou Tuy, & algumas terras outras desta provincia. Avia então nella dous Condes muy poderosos que o ajudavão, a saber, Dom Gomez Nunez, senhor da terra de Toronho, & Dom Rodrigo Perez Velozo, o qual possuia grandes herdades, & senhorio em terra de Lima. Por parte do Emperador estavam os Condes Fernão Perez, Dom Rodri-

drigo Vela , & Fernande Annes , senhor de Alleriz & de outras terras , ao qual dà o Auctor muitos louvores pelo valor que mostrou nestas guerras , affirmando , que não sò defendeo bem o que lhe tocava , mas de tal modo offendeo elRey de Portugal , que por vezes o lançou maltratado daquella comarca , & não declara nisto particularidade alguma.

10 Acrescenta o Auctor , como elRey D. Afonso de Portugal edificou o Castello de Celmes em terra de Lima , & deixando nelle bastante presidio de soldados , se voltou a Portugal a outros negocios de importancia. Nesta occasião tendo o Emperador noticia destas cousas se partio a grandes jornadas contra os de Celmes , dos quais tinha recebido mayores damnos , & apertando com cerco estreito , & grandes combates o Castello , o ouve às
20 mãos , & pondo em prizão muitos Cavalheiros Portuguezes , & recobradas outras fortalezas ganhadas pelos mesmos em aquella comarca ; fez volta a Leão para continuar a guerra de Navarra.

ElRey de Portugal entrou com novo exercito por Galliza (julga o Auctor que o fez por saber da ausencia do Emperador) & tomando algumas terras , & fortificando outras que os Principes rebeldes lhe entregarão , fez volta a Portugal com bre-

vidade pelo pedir assi alguma necessidade do Reyno ; & acrecentado seu campo tornou à conquista de Galliza , aonde diz que fez males , & damnos. E chegando à terra de Lima com intento de recobrar Celmes , lhe sairão ao encontro os Capitães do Emperador com exercito ordenado , com os quais veio à batalha , a qual relata o mesmo Auctor com estas palavras. (a)

O Conde Dom Fernando Peres , & 10
o Conde Dom Rodrigo Vela , & os demais Capitães do Emperador , se ajuntarão com toda a gente de guerra que tinham , & com ella caminharão em busca delRey de Portugal , & chegarão a encontrarse em o lugar que se diz (Cerneja) donde se desafiarão à batalha , a qual se derão com grande colera. Porem sendo os delRey mais em numero , ainda que os Cavalleiros Gallegos pelejarão como bons , forão vencidos. Ficou preso o Conde Dom Rodrigo Vela com outros Cavalleiros , & soldados , & com o ardil dos soldados o Conde Dom Rodrigo fugio da prizaõ com elles. 20

Diz mais , que contente por então el-Rey com esta vitoria , acodio com presteza a Portugal a dar socorro ao Castello de He-

(a) Sandoval na Chronica de Dom Afonso VII. c. 26.

Herena , o qual avia edificado fronteiro a Santarem , mas que antes de chegar a elle , os Mouros o entrarão por combate , matando os defensores , que passavão de 250. entre os quais avia Cavalleiros principaes ; successo que causou tristeza a todo o Reyno , & a elRey pena notavel.

10 Ultimamente refere como o Conde Fernando Joannes , ou Fernam de Annes , continuandose a guerra de Galliza , entrou por vezes em Portugal , & teve alguns recon-tros com elRey , em hum dos quais hum soldado do Conde deu a elRey huma lança-da , da qual esteve em cama muitos dias , & com isto remata o capit. 26. reprehendendo a estes Principes por consumir assi as forças , & armas da Christandade , as quaes se devião empregar contra os inimígos da Fè Catholica.

20 Eu não tenho que acrescentar nem diminuir na relação destas guerras , pois em nossas Historias se não tratão , nem me veio à mão memoria authentica dellas ; & assi me accommodo com o que diz o Auctor , sò noto as advertencias que faz escusadas , dizendo que elRey Dom Afonso de Portugal entrara por Galliza , sabendo que o Emperador se ausentara desta provincia , & que os Portuguezes vencerão a batalha de Cerneja , por serem mais em numero que os Leo-
ne-

nezes , ou Gallegos. Pareceme que elRey acudiria pessoalmente a estas guerras de Leão , & Galliza , quando as que trazia com os Mouros na Estremadura , & Alentejo lhe dessem lugar ; tambem julgo que bem poderiam vencer os Portuguezes , ainda que fossem mais em numero seus contrarios. Da grandeza de animo delRey D. Afonso Henriques , de seu raro valor , & obras heroicas não tenho que fazer abonação , pois são bem notorias. A ousadia & esforço dos Portuguezes tambem he sabido , & mais no tempo de seus Reys naturaes & particulares , os que são julgados por pouco amigos o confissão. Em o particular de acabar grandes cousas com pouca gente tem dado tão notaveis exemplos , que admirados os Escritores ou recorrem a milagre , ou notão os Portuguezes de temerarios ; sendo assi que he herança de nossos antepassados (como bem pondera o Poeta Portugues) que

*Os muitos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.*

E no discurso destas mesmas guerras se tinha experimentado esta verdade , quando elRey de Portugal saindo ao encontro do Emperador em os Arcos de Valdevez ,
com

com a pouca gente de seu senhorio alcançou vitoria , como nossos Historiadores , & os de Castella confessão , & atraz fica provado.

10 Não carece de difficuldade dizer o Auctor , que elRey Dom Afonso ganhou a cidade de Tuy em o principio destas guerras , por sabermos que esta cidade , & outras villas , & castellos do Reyno de Galiza erão da Coroa de Portugal quando morreo a Rainha Dona Tareja. Mas como em tempo de guerras aja tanta variedade , bem poderia acontecer que se perdesse esta Cidade , & depois se tornasse a ganhar pelas armas dos Portuguezes. Pelo menos em seus limites não ha duvida se fazia guerra , de que resultarão os damnos que elRey D. Afonso de Portugal mandou satisfazer à Igreja de Tuy com esmolas de sua fazenda , em 31. de Outubro do anno de mil & 20 cento & trinta & sete , como consta de hum doação referida pelo mesmo Auctor em o livro que fez dos Bispos desta Cidade.

Sobre o Castello de Herena , o qual diz ganharão os Mouros a elRey em o tempo destas discordias , pode aver mayor duvida , a qual he bem que se trate com mais particularidade.

CA-

CAPITULO XXVII.

Do que se pode ter àcerca do Castello de Herena. Tocase a fundação de Tomar, & Ourem.

PELA semelhança do nome parece que 1136.
o Castello de Herena, do qual se fez menção em o Capitulo antecedente, he o mesmo que Leiria. E podese confirmar esta opinião por se dizer, que fundara el-Rey Dom Afonso aquelle Castello para enfrear a soltura dos Mouros de Santarem, & lhes impedir as entradas que de ordinario fazião por suas terras, motivo que el-Rey teve na fundação de Leiria, como 10
se refere na Historia do Godos, & memorias authenticas de Santa Cruz de Coimbra ja referidas.

Faz contra esta opinião o tempo em que se trata da perda desta fortaleza, pois sendo (segundo diz o Bispo de Tuy) quando el-Rey Dom Afonso andava occupado nas guerras de Galliza atraz referidas, devia ser em o anno do Senhor de 1136. ou ao muito em o seguinte de 1137. E como a destruição, & entrada de Leiria se fizesse depois da grande batalha de Ourique, & em o anno do Senhor de mil & cento
&

& quarenta (como adiante veremos) se fica convencendo não ser Leiria o Castello de Herena , ainda que em os nomes aja alguma semelhança.

10 Mas conforme ao sucedido neste tempo , & ainda ao que se conta da fundação deste Castello fica , ser elle o mesmo que o de Tomar , insigne em os annos presentes pelo assento da Ordem dos Templarios , & muito mais nōs seguintes , por se escolher para cabeça da milicia illustrissima de Christo. (a) Da fundação deste Castello se faz memoria em o livro dos Mestrados da Torre do Tombo , aonde entre outras cousas tocantes a este ponto , se contem o testemunho antigo de hum visinho de Tomar na forma que se segue.

20 *Gil Esteves visinho de Tomar testemunha jurada disse , que ouvira dizer a seu avô Martim Tinoca , ouvira dizer a Dom Mendo da Porta (que fora no pobramento de Tomar) que elRey de Portugal dera o castello de Ceres aos Freires do Templo por escaimbo das Igrejas de Santarem , & que pobrando elles , hum besteiro veio ao Mestre Dom Galdim Paes , & disselhe , que lhe mostraria hum lugar que fora pobrado de antigo , & que assim vie-*

(a) Livro das Ordens Militares fol. 94.

viera pobrar o Castello de Tomar. E disse que onde està Santa Maria de Tomar, ouvira dizer a muitos velhos, que avia hum nobre Cidade de Christãos chamada Nabancia, & que a dita Igreja fora Mosteiro de Frades.

Não diz mais este testemunho nem aponta o anno da fundação deste Castello, mas com particularizar que fora povoado pelo Mestre Dom Galdim, recorre ao tempo delRey Dom Afonso Henriques, em que floreceo este Cavalleiro. Entra a Historia dos Godos & declara como no anno do Senhor de 1137. aconteceo hum grande desgraça aos Christãos em Tomar, *Era M. C. LXXV. evenit infortunium Christianis in Tomar.* E assi se pode deduzir com muita probabilidade, não sò que antes do anno de mil & cento & trinta & sete se fundou o Castello de Tomar, mas que esta perda dos Christãos nelle em o anno referido, foi a mesma que sinala o Bispo de Tuy (a) aconteceo aos do Castello de Herena, por quanto não sabemos de outro Castello fronteiro a Santarem em que se possa verificar o que diz aquelle Auctor.

E quanto a se chamar Herena, o que hoje se chama Tomar, se pode dizer se faria

(a) Sandoval sup.

ria allusão ao nome de Santa Eyria , a qual em Latim se diz Herena , & padecendo antigamente martyrio nesta terra , credivel he lhe desse tambem o nome , como a Santarem , aonde està sepultada , posto que sò em Santarem ficou permanente. Bem vejo não serem estes fundamentos solidos , pois se firmão sò em dedução do nome , & conjeituras ; mas aonde não concede mais luz a antiguidade , podem servir até se descobrirem outros mayores.

O Castello de Tomar se foi em este tempo entrado pelos Mouros , se restaurou depois , & fez tão forte & de excellente fabrica , que pôde muito bem , defendido pelo esforço dos Cavalleiros Templarios , fazer resistencia ao poder todo junto do Emperador de Marrocos , & à multidão de Arabes de Africa & Espanha , quando em o anno de mil & cento & noventa lhe vierão pôr cerco , reinando em Portugal Dom Sancho o Primeiro , como bem testefica hum letreiro da mesma fortaleza , feito com lembrança de caso tão insigne ; o qual trasladarei em seu lugar proprio , mostrando fazer allusão ao tempo referido , & não ao delRey Dom Afonso Henriques , como erradamente alguns imaginarão.

A villa de Tomar , huma das mais conhecidas deste Reyno , fica na provincia da Estre-

Estremadura, & està situada em hum plano. Dividea das ruinas da antiga cidade de Nabancia o rio Nabam, servindolhe de muro pela parte do Oriente. Da parte do Occidente a ampara hum monte, em cuja mayor altura, continuando com a obra antiga dos Templarios, està hoje o Real Convento dos Religiosos da Ordem de Christo, cabeça do Mestrado della. E fazendo o dito monte dous braços, hum para o Norte & outro para o Sul, se avisinha cada hum delles tanto ao rio, que deixão duas estreitas entradas, como duas portas para a villa. O sitio della he fresco, cercado de hortas & pomares, que se regão humas com agoa do rio, outras com noras. Junto da ponte, da banda onde esteve a povoação da antiga Nabancia, està o Mosteiro de Santa Eyria, edificado no mesmo lugar onde degolarão a Santa, ficandolhe a fonte onde foi martirizada dentro da clausura do Mosteiro. Todas as pedras que della tirão saem com veas de sangue, & fazem muitos milagres. He a villa, & todo seu termo mui abundante de azeite. Tem duas Igrejas Collegiadas; huma dellas he Capella Real da invocação de São João Baptista. Santa Maria, que he a outra, he a Matriz, & Commenda da Meza Mestral, a que estão anexos todos os dizimos que sua

10

20

Magestade come da Barra a fora. Tem Tomar hum Prelado com jurisdição quasi Episcopal. Ha nella o Contador do Mestrado de Christo. Hum Juiz da Ordem , & Almojarife do Mestrado. Tem alem disso Juiz de Fora , & Ouvidor, o qual he juntamente Corregedor de Abrantes.

10 Com ser provavel o que deixamos escrito de ser o Castello de Herena o mesmo que o de Tomar , pela certeza do tempo em que os Portuguezes tiverão aquella perda , com tudo respeitando a etymologia do nome , se pode dizer que seria o Castello de Ourem , fundado em a mesma comarca , & de sitio inexpugnavel. O que aponto sò com a probabilidade que se tira de conjectura , & semelhança do nome. Foi esta Villa pelos annos adiante patrimonio da Rainha Dona Tareja , filha delRey Dom Afonso
20 Henrique , & na Torre do Tombo està o Foral que esta Princeza mandou passar a seus moradores. Não ha inconveniente algum que elRey a fundasse primeiro , & depois de restaurada a desse a sua filha. Mas como não temos Escrituras que o certifiquem , não se pode dar disto segurança. Està a villa de Ourem fundada em alto , ao qual se sobe de todas as partes com alguma difficuldade , & ficava por este respeito muy defensavel em o tempo antigo.
Tem

Tem Igreja Collegiada fundada pelo Marquez de Valença, filho primogenito do primeiro Duque de Bragança. Seu terreno he fertil, & principalmente de vinho excellentissimo. He cabeça de Condado ha muitos annos, & foi o primeiro titulo que elRey Dom João o Primeiro deu ao grande Condestable Dom Nuno Alves Pereira em premio de seus assinalados serviços, & por esta causa se nomeão os Duques de Bragança primeiro Condes de Ourem, que de nenhum dos outros Condados que possuem.

10

CAPITULO XXVIII.

De alguns Fidalgos que se assinalarão nestas guerras de Portugal, & Castella. Tocãose antiguidades mui notaveis.

N o discurso destas guerras ouve alguns 1136. senhores Portuguezes que seguirão as partes de Castella, & outros que se abalixarão no serviço de seu verdadeiro Senhor, o Infante Dom Afonso Henriques. Destes hum dos principaes foy Gonçalo de Sousa, tão estimado naquelle tempo do mesmo Infante. Delle refere o Auctor da vida de S. Senhorinha (o qual foi Religioso professo do Mosteiro de Basto da Ordem de São

Bento) hum successo , que sem falta devia ser neste tempo em que duravão as guerras entre Portugal & Castella : & por me não constar do anno certo , o lanço neste lugar com as palavras do Auctor referido , que são as seguintes. (a)

Digovos que estando folgando em sua terra hum Principe nobre , & Cavalleiro deste Reyno , o qual era mui privado del-Rey Dom Afonso , & avia nome Dom Gonçalo de Sousa , e muy poderoso , & a
10 *todo o conselho delRey era com elle , estando elle assi hum dia em sua terra folgando , chegarão a el mensageiros dizendo , que os inimigos lhe corrião a terra , & Villas , & Castellos , & que tinbão os inimigos cercado o Castello de Aguiar. O qual Cavalleiro logo chamou , & assoon suas gentes as mais que elle pode aver da*
20 *sua terra , & foise para aver de descercar o dito Castello de Aguiar , & chegando aonde jaz o corpo da Santa , não lhe lembrou de pedir merce a esta Santa , & a lhe fazer reverencia , & oraçom. E indo ainda perto da Igreja em ametade de hum campo , esteve pegada a mula em que hia o dito Cavalleiro , a qual elle com esporas nem pancadas não podia abalar : &*
ven-

(a) Vida de S. Senhorinha escrita de mão.

vendo elle isto , lembrouse como passara pela Igreja de Santa Senborinha sem lhe pedir a benção , & sem lhe fazer oração , & soforando a mula por detraz para se tornar à Igreja desta Santa , a qual mula logo tornou , & o dito Cavalleiro fez sua oração , encomendandose mui devotamente à Santa Senborinha , & de hi foise seu caminho com suas companhas , & descercouse seu Castello , & correo depois os inimigos , & tornou-se para sua casa com victoria. E deixou encomendado a todos os fieis Christãos que sempre fizessem honra , & reverencia a Santa Senborinha , & a todo aquel que alguma cousa que lhe demandasse com razom , a acharia nella. 10

Com estas palavras nos relata o Auctor o modo milagroso com que Dom Gonçalo de Sousa descercou o seu Castello de Aguiar , & seguio o alcance aos inimigos ; o que devia ser por aquella parte de Monforte , & Rio Livre sobre Chaves , atè os meter em Galliza , & terra de Mont-Rey : & com isto seguraria tambem o mesmo Castello de Monforte , & terras visinhas que estavam a sua obediencia , como consta de Escrituras , & principalmente de huma do Cartorio da Sè de Braga do anno 1151. na qual se nomea Gonçalo de Sousa por senhor de Monforte sobre Chaves. 20

ves. *Domnus Gunsalvus de Sousa tenens Montem fortem supra Flavias.*

O Castello de Aguiar que Gonçalo de Sousa descercou, era o Castello de Aguiar de Pena: para o que he de saber, que avia em a provincia de entre Douro & Minho tres Castellos fundados em alto, que se chamarão de Aguiar. Sobre o Rio Sousa avia hum delles, & tão antigo, que ja no
10 anno de 995. quando Almançor entrou por estas terras (como consta da Historia dos Godos) era nomeado & conhecido. De outro Castello de Aguiar de Neiva ha novas no Ducado de Barcellos, differente do Castello de Neiva, que està junto ao mar. O terceiro he o Castello de Aguiar de Pena nos confins dentre Douro & Minho, & Tralos Montes à vista das montanhas de Barrozo. He crespo de torres, baluartes,
20 & cubelos, & està fundado sobre a coroa de hum penha talhada de hum parte por natureza, que parece obra feita à mão, donde tomou o nome de Aguiar de Pena, & deste terceiro falla o Auctor referido; porque da terra de Sousa solar de D. Gonçalo, & aonde elle residia, fica a Igreja de Santa Senhorinha em meio do caminho, a quem pelos concelhos de Unhão, de Filgeiras, & Celorico de Basto vem demandar este Castello.

Não

Não seguiu o mesmo partido de Gonçalo de Sousa o Conde Dom Gomes Nunez, que chamão de Pombeiro pelas muitas doações que fez àquella Casa, & por estar nella sepultado. Era filho do Conde Dom Nuno de Cella Nova, o qual posto que o Conde Dom Pedro faz irmão de São Rosendo, parece mais provavel que era filho, ou neto de algum seu irmão, por quanto São Rosendo foy antes d'elle mais de cento & sincoenta annos. Mas esta resolução examinarão mais de vagar os Genealogistas. A mãy do Conde Dom Gomez se chamava Dona Sancha, irmãa de Mem Viegas de Sousa, & tia de Dom Gonçalo de Sousa.

10

Seguiu pois o Conde Dom Gomes a parcialidade da Rainha Dona Tareja contra seu filho o Infante Dom Afonso Henriques, & depois as bandeiras do Emperador Dom Afonso contra o mesmo Infante, & devia inclinar-se à parte da Rainha por estar casado com Dona Elvira filha do Conde Dom Pedro de Trava, como se diz no livro velho das Linhagens, & ficar por esta via cunhado dos dous irmãos Dom Fernando & Dom Bermudo, principaes contrarios do Infante Dom Afonso.

20

O fundamento que tenho para tomar este parecer, he achar no Conde D. Pedro, (a)
que

(a) Conde Dom Pedro.

que foy este Conde Dom Gomes Nunes
deserdado , & que a sua herança viera a
Gonçalo de Sousa seu primo em sua vi-
da sòmente , & que por sua morte ficara
ao Mosteiro de Pombeiro : & parece posto
em boa razão , que hum tal Fidalgo , como
o Conde , se não deserdaria neste Reyno , se
não fosse por encontrar a parte do Infante
que prevaleceo , & pôde executar despois
10 aquelle rigor. Ajuda muito a isto sabermos
que andava elle occupado no serviço do Em-
perador , & que tinha muitas terras em Gal-
liza a que podia retirar-se , ainda que per-
desse as que possuia neste Reyno , & por-
que a confirmação pende de huma doação
mui notavel , que o Emperador lhe fez , a
darei aqui traduzida , reservando para o Ap-
pendice o Latim della. (a)

20 *Eu Afonso pela graça de Deos Rey
de Espanha , filho do Conde Dom Raymun-
do , com consentimento de minha mãy Do-
na Urraca , filha delRey Dom Afonso de
boa memoria , faço Carta de doação a vos
Dom Gomes Nunez de todas aquellas her-
dades que forão de vossa avô a Condessa
Dona Gontinha , & de vosso tio o Conde
Dom Fernão Mendez , em toda aquella ter-
ra que de mim tendes em Toronho , com
to-*

(a) Cartorio de Pombeiro.

toda a criação, a saber escravos, & escravas, arvores, & bemfeitorias: & douvos estas terras assi da jurisdição secular, como a dos Mosteiros, as que estão ermas & povoadas, as Parochias, & Ermidas, como melhor as possuirão os que forão de vossa geração, & da estranha. E alem disso vos dou minha palavra, que se Deos me der a terra, em qualquer parte da qual se acharem herdades de vossos paes, que todas desde agora vos prometo, pelo bom serviço, & agradavel fidelidade que até agora tivestes: para que possaes fazer dellas o que quiserdes, vendendoas, ou trocandoas, assi vos como vossos descendentes, ou aquelles a quem as venderdes, & isto para sempre. Se alguém de vossa gente, ou da estranha quizer ir contra esta doação, primeiramente fique qualquer que seja excommungado, separado da comunicação da Santa Madre Igreja, & atormentado no Inferno com Judas o traidor. Foi feita esta Carta em Segovia, quando voltava a Rainha Dona Tareja com seu filho Dom Afonso do cerco de Toledo com o exercito de Gáliza, correndo a Era de mil & cento & sincoenta & seis a doze das Calendas de Outubro. Responde a Era sobredita ao anno de Christo de 1118. em vinte de Setem-

tembro. Devia ser posto este cerco à cidade de Toledo para a ganharem a elRey Dom Afonso de Aragão, porque neste tempo estava de posse della, & lhe deu privilegio, como se pode ver em Sandoval na Chronica do Emperador Dom Afonso Septimo, capitulo septimo. Seguese a firma.

Reinando a Rainha Dana Urraca com seu filho Dom Afonso na cidade de Leão.

10 Eu elRey Dom Afonso confirmo o que mandei fazer.

Eu o Conde Pedro Froyas confirmo.

Eu o Conde Gonçalo Bermudes confirmo.

Eu Alfonso Conde confirmo.

Eu Rodrigo Pirez filho do Conde Dom Pedro.

Eu Ansur filho do Conde Dom Sancho.

Eu Paio Rodrigues.

20 Eu Ayres Pirez.

Eu Bernardo Arcebispo de Toledo confirmo.

Eu S. Bispo de Salamanca.

Eu Daniel Capellão delRey.

Eu Pedro Notario delRey roboro o que escrevi.

Desta Escritura se vê como o Conde Dom Gomez Nunez seguia as bandeiras do Emperador Dom Afonso avia alguns annos, por ser affeiçãoado a este Principe, que o
re-

remunerava com os acrescentamentos de que falla a Escritura: *Se Deos me der a terra na qual ouver fazenda de vossos paes, desde agora vola prometo.* Avialhe confirmado a terra de Toronho, & prometendo-lhe agora a fazenda que ouvesse de seus paes nas terra que ganhasse, mostrava que era aquella fazenda no mesmo Reyno de Galliza, aonde estavam muitas terras sogeitas a Portugal, que o Conde Dom Henrique tinha ganhado, como vimos no fim do livro oitavo, & conservou sua mulher a Rainha Dona Tareja, pela aução que tinham nellas: & como o Emperador as julgasse tambem por suas, intentava recuperalas, & condicionalmente prometia inteirar na posse das que pertencessem à sua herança ao Conde Dom Gomes, o qual ou por dependente do Emperador nas terras que erão de seu senhorio, ou por genro do Conde Dom Pedro de Trava seu Ayo, seguiu as bandeiras do Emperador, encontrando as partes do Infante Dom Afonso Henriques nas discordias que se moverão entre ambos, causadas ao principio da rebellião do Conde Dom Fernando filho do mesmo Conde Dom Pedro de Trava: donde resultou o deserdaremno do que tinha em Portugal, como diz o Conde Dom Pedro, & passarse a fazenda a Gonçalo de Sou-

- Sousa em sua vida ; ou , como a mim me parece mais certo por algum tempo de sua vida ; (a) porque no fim fez o Conde Dom Gomes seu testamento na era de mil & cento & setenta & nove , que vem a ser anno de Christo de mil & cento & quarenta & hum , & nelle deixa ao Mosteiro de Pombeiro muitas terras que possuia em Portugal , & se mandava enterrar no proprio
- 10 Mosteiro , sinal manifesto que residia ja neste Reyno , & lhe erão restituídas as terras que doava. E podera bem ser , que fosse admitido à graça do Infante Dom Afonso no anno atraz de mil & cento & quarenta , quando se fizerão as pazes entre os dous Reys de Portugal , & Castella , como adiante veremos. A fazenda se devia dar a Gonçalo de Sousa pelo valor com que elle , & seu irmão , Sueiro Mendes o
- 20 Grosso , defenderão as partes do Infante na guerra , que teve com sua mãy a Rainha Dona Tareja , & na que despois se seguiu com elRey de Castella.

CA-

(a) Conservase no Cartorio de Pombeiro.

CAPITULO XXIX.

Da successão dos Bispos do Porto & Braga, com alguma relação de suas pessoas, & cousas notaveis.

VAGARÃO por estes annos as Igrejas Cathedraes do Porto, & Braga, & coube a sorte de ambas successivamente a João Peculiar, pessoa insigne daquella idade. Em o Porto faltou o Bispo Dom Hugo em o anno do Senhor de 1135. E em Braga o Arcebispo Dom Paio Mendes em o de 1137. Foi Dom Hugo Prelado zeloso, amigo do bem, & augmento de sua Igreja, em seu tempo viverão os Conegos em communidade, ao exemplo dos de Braga & Coimbra, & perseverarão annos neste modo de vida tão louvavel, até que o tempo que tudo altera fez mudança nelles, & introduzio a divizão das rendas entre os Bispos, & Cabido. Foi o Bispo Dom Hugo mui respeitado dos Principes de seu tempo, & por seu respeito fizeram muitas esmolas, & doações à Sè do Porto; pois alem das que fez a Rainha Dona Tareja, de que temos ja dito, sabemos que elRey Dom Afonso Henriques enriqueceo esta Sè com outras de novo, dandolhe à Igreja de Meinedo, que

que hoje he Arcediagado, o Couto de São Pedro de Cova, & outras esmolas, com que aquella Sè foi em grande augmento, com louvor igoal do Bispo Dom Hugo, o qual com seu procedimento, & industria lhe solicitava os acrecentamentos.

10 O Arcebispo Dom Paio Mendes (o qual como ja advertimos entrou em lugar de Mauricio, o que foi Antipapa pelos annos de 1118.) foi, segundo se colhe de doações do archivo de Braga, pessoa muy illustre, & irmão dos insignes Capitães Sueiro Mendez de Maia o Bom, & Gonçalo Mendez o Lidador. (a) Em 9. de Junho do anno 1133. faz o Arcebispo Dom Paio doação de quatro casaes à Sè de Braga, & diz que os ouvera de seu irmão Soeiro Mendez, ao qual forão dados pela Rainha Dona Tareja, & despois confirmados pelo In-
20 fante Dom Afonso. *Et illas hereditates dedit ei Regina Tarasia Suario Menendi pro Carta, & suo filio Infans Domnus Alfonsus postea confirmavit, & fratre meo Suario reliquit mihi omnia sua in jussione mea, &c.* Quer dizer o que ja fica relatado, & colhese claramente ser ja naquelle anno morto Sueiro Mendez, o que tambem se deixava ver das Escrituras, nas
quaes

(a) Livro Fidei da Sè de Braga.

quaes por este tempo vai faltando seu nome, sendo a ultima em que vi sua firma do anno de 1130. & he a doação do castello de Soure feita aos Templarios pelo Infante Dom Afonso. Em tempo deste Arcebispo creceo muito a Igreja de Braga em reputação, & rendas; porque sem outras esmolas de pessoas pias, & legados que derão, a Rainha Dona Tareja dotou a esta Sè o Couto de Falões, o Infante D. Afonso a Igreja de Sam Paio de Moure, & o Couto de Regalados, com outras cousas de que faz memoria o livro Fidei da mesma Sè. 10

Dom João Peculiar successor do Bispo Dom Hugo no Porto, & do Arcebispo D. Paio em Braga foi Frances de nação, & hum dos memoraveis varões daquella idade, pelo muito tempo que viveo, varios estados que teve, & grandes dignidades que alcançou. Parece que veio de França em o tempo do Arcebispo de Toledo Dom Bernardo, quando da volta que fez de Roma trouxe com sigo a Espanha alguns sogeitos principaes de sua nação Francesa. Em Portugal seguiu primeiro a vida Heremitica, & fundou o Mosteiro de São Christovão de Lafões, em o qual foi primeiro Prior, & depois Abbade o insigne Santo João Ciritta, do qual daremos noticia mais larga em sua vida. Que fosse João Peculiar 20

o fundador desta Casa, dilo expressamente elRey Dom Afonso Henriques na Escritura do Couto que mandou passar ao Prior João Ciritta, & a seus hermitães em o mez de Outubro da Era de 1175. que he anno de 1137. affirmando que os Heremitães daquela Casa tomarão a regra Heremitica de João Bispo do Porto, fundador daquela Casa. (a) *Qui ibi Heremiticum Ordinem*
 10 *in præsentiæ tenent, vel tenebunt per manus Joannis Portugalensis Episcopi præfati loci fundatoris.*

Deste lugar de São Christovão o qual he de grande aspereza no sitio, & de igoal devação pelo retrahimento & solidão, se veio João Peculiar a Coimbra a rogo do Arcediago Dom Tello a dar principio ao illustre Convento de Santa Cruz, & foi hum dos doze primeiros Companheiros que teve
 20 o Arcediago naquella empresa, & hum dos que mais o ajudarão & animarão nella. Tudo isto consta do livro dos Testamentos de Santa Cruz, em o qual não longe do principio estão escritas estas palavras tiradas do Latim. (b) *Tinha vindo hum mancebo chamado João por sobrenome Peculiar, & bem mostrou ser peculio do Senhor,*

(a) Escritura original do Archivo de São Christovão de Lafões.

(b) Livro dos Testamentos de Santa Cruz.

nhor , pois vindo de França ordenou hum Mosteiro em São Christovão com sua doutrina , & exemplo. A este trouxe a si o Arcediago para companheiro de seu trabalho & premio , & lhe declarou seu proposito , & o lugar que escolhera , &c.

Ha quem julgue foi primeiro João Peculiar Mestre Escola na Sè de Coimbra , donde fez companhia ao Arcediago na fundação de Santa Cruz , & depois residindo em Grijò Mosteiro tambem de Conegos Regulares , foi eleito em Bispo do Porto. Porem o lugar referido do livro dos Testamentos , mostra bem claro que em São Christovão residia , quando o Arcediago D. Tello quis dar principio à obra de Santa Cruz , & para dizermos que teria aquelle lugar na Sè de Coimbra antes de fundar o Mosteiro de São Christovão , não o consentem as palavras allegadas , pois dão a entender , que tanto que veio de França se retirou logo a São Christovão , & deu principio àquelle Mosteiro. 10 20

No livro Fidei da Sè de Braga ha hum Carta do Emperador Dom Afonso Rey Castella para este Arcebispo , em que lhe pede confirme em Bispo de Lugo a D. João Abbade Samaciense , da qual Carta referida tambem por Vaseu em seus escritos , querem colher alguns a Primazia de Braga ,
Fr. A. Brandão; Tom. I. Ll pois

pois estando Portugal distinto dos outros Reynos, dos Arcebispos Bracharenses dependião os outros Prelados. Porem daqui sòmente se convence ser a Igreja de Lugo algum tempo suffraganea à de Braga, ou que o Arcebispo Dom João, como Legado que foi algum tempo do Summo Pontifice, dava seu consentimento nas eleições.

10 Quando o Bispo Dom João Peculiar foi promovido na Igreja do Porto à de Braga, se elegeo em Bispo do Porto D. Pedro o primeiro do nome, a quem o livro dos Obitos de Santa Cruz faz tambem Conego daquela Casa. Não foi sua vida larga, porque governando o Bispado menos de sete annos, não devia ter muita idade quando lhe foi dada aquella Igreja; pois era sobrinho de seu antecessor o Arcebispo Dom João Peculiar, o qual viveu ainda mais de
20 trinta annos. Alcansou em seu tempo algumas terras, & Igrejas pela liberalidade & piedade delRey Dom Afonso Henriques, o qual lhe confirmou tambem algumas doações daquela Sè, & fallecendo deu lugar a ser nomeado em Bispo Dom Pedro o segundo, a quem chamão Pitoes, o qual teve tambem por successor outro Dom Pedro: & assi he difficultoso distinguir entre seus nomes, & apontar ao certo o tempo em que cada hum governou o Bispado.

CAPITULO XXX.

Dos Foraes de algumas terras , & de outras cousas pertencentes ao governo da paz destes annos.

POSTO que os primeiros annos do governo do Infante Dom Afonso forão de pouca quietação, como se pode advertir das guerras, & variedades que temos contado; com tudo, como seu animo era generoso & grande, não deixou de se applicar aos negocios de paz, & bem de seus vassallos no meyo da mayor turbulencia das guerras. A algumas terras se derão Foraes: são as mais notaveis Guimarães, Miranda, & Cea. Em 10 o Foral de Guimarães ha humas notaveis palavras, com que o Infante agradece aos moradores daquella Villa o estremado serviço que lhe avião feito. (a) *Proinde quod vos fecistis honorem, & cabum super me, & fecisti mihi servitium bonum, & fidele.* Pro quanto vos me tratastes com respeito & bom acolhimento, & me servistes bem, & lealmente; & declarando mais a qualidade daquelle serviço, diz ser o trabalho, & pena que em sua companhia sofrerão em

Ll ii

Gui-

(a) *Archivo Real lib. dos Foraes da leitura nova fol. 71.*

Guimarães. *Qui mecum sustinuerunt male, & pena in Vimaranes.* No que allude sem falta alguma ao trabalho do cerco que lhe poz o Rey de Castella ; ou a algum aperto em que se virão os moradores daquella Villa no tempo das discordias passadas entre o Infante & sua Mãe ; se por ventura seguirão a voz do Infante , no que se não pode determinar cousa certa. O que
10 não tem duvida he , que os moradores de Guimarães se assinalarão muito no serviço do Infante , por cujo respeito lhe concede muitas preminencias , & dà por livres suas herdades , & os isenta de pagarem para fossos , & outras imposições. Não està bem declarado o anno em que se passou este Foral , mas consta que foi antes da batalha de Ourique , pois se não dà a este Principe mais que titulo de Infante , & assi que foi nos
20 primeiros annos de seu reinado.

Nos Foraes de Miranda & Cea , ambos os quais se derão em o anno de 1136. (a) estão as firmas de alguns Fidalgos , & são Fernão Cativo , Gonçalo Rodrigues , Egas Moniz , Gonçalo de Sousa o Velho , Tructesendo Vermuiz , Gunstado Diaz , Paio Goterrez , Randulfo Zoleima , & estes parece que confirmão ; seguem-se como teste-
mu-

(a) *Archivo Real v. s. fol. 31. v. 54.*

munhas no Foral de Cea, (a) Paio Carvalho, Garcia Mouro, Salvador Trosendes, Pedro Reiriques, & Sueiro Mendes. Advirto que nestas firmas às vezes ha embaraço por culpa dos que copiarão os livros da Torre do Tombo, & assi se apontão os nomes dos Ricos Homens fora dos lugares, entre os outros que são testemunhas. Mas tambem se saiba que nas doações Reais ordinariamente todos os que firmão de qualquer modo, são pessoas de qualidade & da Casa & serviço dos Reys, & alguns achamos ao principio firmar como testemunhas, que pelo tempo adiante alcançarão a preminencia de Ricos Homens. 10

Huma Escritura original mui notavel deste tempo vi na Torre do Tombo, (b) em a qual o Infante Dom Afonso dà ao Mosteiro de S. Romão de Neiva hum seu Reguengo com tudo o que lhe pertencia. He a data no mez de Setembro da Era de 1171. que he anno de 1133. Na firma da Escritura està hum Cruz com o nome de Portugal à roda, & os nomes de alguns Grandes nesta forma. *Laurentius Bene adjutor bujus rei, Gonsalvus de Sousa, Gomiso de Sousa, Petro Fogaza, Fernandus Captivus Alferes, Gunsalvus Vermois,* 20

(a) No original està escrito *Pelagius Carvalio*.

(b) *Escritura original da Torre do Tombo.*

mois, & fratres ejus, Joanes Mendes Mayordomus hujus Curiae. Estes senhores confirmão, seguemse por testemunhas: *Pedro, Gonçalo, Guterre, Pedro Cancellario do Infante.*

10 O Lourenço que confirma em primeiro lugar nesta Escritura, de ve ser Lourenço Viegas o Espadeiro., filho de Egas Moniz: parece que por seu respeito concedeo o Infante Dom Afonso aquella es-
mola. De firmarem alguns senhores com o nome proprio sòmente ha muitos exemplos. Na doação que elRey fez do lugar dos Banhos que chamavão da Rainha, aonde se fundou o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cuja data he em o anno de 1130. confirma em segundo lugar Fernando Alferes; o qual era Fernão Gomez dalcunha Cativo, filho do Conde Dom Gomez de Sobrado.
20 No Foral que se da aos Mouros Forros de Lisboa anno de 1170. estão as firmas seguintes: *Comes Valascus, Cerveira Alcaide, Domnus Galdinus.* E nesta conformidade ha outras Escrituras.

Podese notar firmar primeiro Gonçalo de Sousa que Gomez de Sousa; sendo assi que Gomez de Sousa parece ser o avô de Gonçalo de Sousa, cujo nome era Egas Gomez, por não sabermos neste tempo de outro do mesmo nome, mas isto seria inad-
ver-

vertencia , ou erro do Notario. Mayor duvida faz chamarse Gonçalo de Sousa nas outras Escrituras de Miranda , & Cea o velho , que se declara com a palavra , *senior* ; pois ainda que elle teve hum neto do mesmo nome , a cujo respeito se poderia chamar assi , não era ainda nacido neste tempo. Pode ser que o nome de *senior* , se referisse ao senhorio que teria em alguma destas terras , sendo Governador , ou Fronteiro nellas. 10

O appellido de Fogaça não he usado nas Escrituras daquelle tempo , porem esta que allego he original , & assi carece de duvida. A continuação da decendencia , que os Fidalgos presentes deste appellido trazem de Pedro Fogaça , examinarão os Escriitores da Nobreza ; nós trataremos do que pelo tempo adiante fizerão em serviço da Republica. Trazem elles por armas o campo franchado , ao primeiro de vermelho cinco faxas de ouro , & ao segundo de ouro hum fogaça de azul gretada de prata , & assi os contrarios ; & por timbre hum feixe de lenha ardendo. 20

Fim do nono Livro.

10

20

30

Fin de la page

INDICE

Dos Capitulos que contém este Livro.

LIVRO PRIMEIRO

DA MONARCHIA LUSITANIA.

- C** AP. I. *Da vinda do Conde Dom Henrique a Espanha , varias opiniões que ha de sua linhagem. . . . pag. 1*
- C** AP. II. *Resolve-se como cousa mais provavel ser o Conde D. Henrique filho dos Duques de Borgonha , & descendente por varonia dos Reys de França. 12*
- C** AP. III. *Em que tempo veio a Espanha o Conde Dom Henrique , como se occupou na guerra antes de lhe ser dado Portugal , & se effectuar seu casamento. 21*
- C** AP. IIII. *Do Conde , & Governador de Coimbra Dom Sisnando , & do que ouve em Portugal mais notavel em seu tempo. 31*
- C** AP. V. *Do Estado Ecclesiastico de Portugal , quando o Conde Dom Henrique chegou a Espanha. Trata-se dos primeiros Bispos de Braga , & Coimbra Fr. A. Brandão; Tom. I. Mm des-*

	<i>despois de sua restauração.</i>	45
CAP. VI.	<i>Como governou o Estado de Coimbra Martim Moniz, genro do Conde Sisnando, & das cousas mais notaveis de seu tempo.</i>	58
CAP. VII.	<i>Como foi Portugal entregue ao Conde Dom Raymundo. Das cousas de seu tempo, & successão dos Bispos de Coimbra.</i>	64
CAP. VIII.	<i>Do tempo em que foy dado o Estado de Portugal ao Conde Dom Henrique, & se celebrou seu casamento.</i>	72
CAP. IX.	<i>Em que forma foy Portugal dado ao Conde Dom Henrique, mostrase como os Reys de Portugal não reconhecerão superioridade a outro Rey</i>	78
CAP. X.	<i>Como as Conquistas de Portugal não forão limitadas, & comprehenderão sempre o Algarve: mostrase como este Reyno não foy dado pelos Reys de Castella.</i>	92
CAP. XI.	<i>Em que se prosegue a materia dos limites da conquista de Portugal, referem-se Escrituras antigas, mostrase como este Reyno não foy nunca Con-</i>	102
CAP. XII.	<i>Em que se trata da qualidade da Rainha Dono Tareja. Disputase se foy filha legitima delRey Dom Affonso o Sexto.</i>	110
	CAP.	

CAP. XIII.	<i>Proseguese a materia da legitimidade da Rainha Dona Tareja, citase hum Breve do Papa Gregorio Septimo, do qual consta a resolução deste ponto.</i>	119
CAP. XIII.	<i>Mostrase como a Rainha Dona Tareja teve aução á herança dos Reynos de Leão, & Castella, referemse Escrituras notaveis.</i>	129
CAP. XV.	<i>Do principio do Governo do Conde Dom Henrique, dos Principes Christãos, que então avia, refere-se a ida do Conde à Igreja do Apostolo Santiago.</i>	138
CAP. XVI.	<i>Dos principios que teve a Sagrada Ordem de Cister, & como os Christãos fizeram jornada à terra Santa, e ganharão a Jferusalem.</i>	147
CAP. XVII.	<i>Da jornada que fez a Roma o Arcebispo de Braga S. Giraldo, das preminencias, & favores que alcançou do Summo Pontifice.</i>	154
CAP. XVIII.	<i>Do direito da Primazia de Espanha, o qual pertence à Igreja de Braga.</i>	158
CAP. XIX.	<i>Em que se prosegue a mesma materia da Primazia, & se mostra coma pretence ao Arcebispo de Braga.</i>	165
CAP. XX.	<i>Como o Conde Dom Henrique reprimio certa rebellião dos Mouros de</i>	

<i>Lamego , & repartio as terras desta comarca por alguns Cavalleiros.</i>	176
CAP. XXI. <i>Do nobreza de Egas Moniz, & de outros Fidalgos. Tratase que cousa era antigamente Rico Homem.</i>	182
CAP. XXII. <i>Da jornada que fez o Conde Dom Henrique à Terra Santa. Tocãose algumas cousas que succederão em Palestina, & como o Conde tornou a seus Estados.</i>	190
CAP. XXIII. <i>De algumas doações feitas pelo Conde Dom Henrique & Rainha Dona Tareja às Igrejas, & Mosteiros: foraes de algumas terras.</i>	201
CAP. XXIII. <i>Do cerco de Coimbra, em que os Portuguezes resistirão a todo o poder dos Mouros. De algumas duvidas que o Conde Dom Henrique teve com os moradores desta cidade.</i>	210
CAP. XXV. <i>Da morte de S. Giraldo Arcebispo de Braga, & delRey Dom Afonso o Sexto. Como se rebellou Cintra, & a tornou a ganhar o Conde Dom Henrique.</i>	214
CAP. XXVI. <i>Examinase o anno em que nasceo elRey Dom Afonso Henriques. Citãose varias Escrituras ao intento.</i>	219
CAP. XXVII. <i>De algumas cousas tocantes à criação delRei Dom Afonso Henriques, & de suas Irmãas as Infantas.</i>	230
CAP-	

- CAP. XXVIII. De como o Conde Dom Henrique ganhou algumas terras em Leão, & Galliza. Como se perderão outras na Estremadura. 238
- CAP. XXIX. Da morte do Conde Dom Henrique, & de algumas cousas tocantes a seu enterro, & sepultura. 245
- CAP. XXX. De algumas pessoas insi-gnes do tempo do Conde Dom Henrique, & do que pertence a suas familias, & decendencia 251
- CAP. XXXI. De outros Fidalgos deste tempo do Conde Dom Henrique, dos quaes se sabe pelas Escrituras, & pelo livro das linhagens. 258
- CAP. XXXII. Como a vida heremetica teve principio em Portugal. Tratase particularmente dos Hermitães da Serra de Ossa, que começaram em tempo do Conde Dom Henrique. 269

L I V R O IX.

DA MONARCHIA LUSITANIA

- C**AP. I. Por morte do Conde Dom Henrique, Governa o estado de Portugal a Rainha Dona Tareja. pag. 277
- CAP. II. Em que se trata se casou se-
gun-

- gunda vez a Rainha Dona Tareja, & se apontão razões por ambas as partes. 283*
- CAP. III. Em que se prosegue a mesma materia, & se assenta como mais provavel, que não casou segunda vez a Rainha Dona Tareja. 295*
- CAP. IIII. Intentão os Mouros algumas novidades, & são atalhados. Na cidade do Porto se poem o primeiro Bispo, a quem a Rainha Dona Tareja faz huma doação amplissima. 305*
- CAP. V. Dos Officiaes principaes da Casa Real, convem a saber Maiordomus, Dapifer, & Signifer: Tocão-se algumas antiguidades. 313*
- CAP. VI. Como Nossa Senhora fez milagre em o Infante Dom Afonso, & se fundou por este respeito o Mosteiro de Carquere. Tocãose algumas curiosidades. 320*
- CAP. VII. Das entradas que fizerão os Mouros em Portugal: da batalha de Miranda, cerco de Coimbra, & outros successos. 325*
- CAP. VIII. De algumas cousas tocantes ao Arcebispo de Braga Dom Mauricio, & à sua deposição. 334*
- CAP. IX. Da primeira entrada que fizerão os Monges de Cister neste Reyno. Tocãose particulares preeminencias que*
Por-

<i>Portugal tem nas cousas Ecclesiasticas de Espanha</i>	<i>338</i>
CAP. X. <i>De algumas cousas tocantes ao governo , & jurisdição da See de Coimbra.</i>	<i>345</i>
CAP. XI. <i>Restaurase o Castello de Santa Olaia , & a villa de Soure. São admitidos os Cavalleiros Templarios neste Reino. Do principio desta Ordem , & da de São João.</i>	<i>352</i>
CAP. XII. <i>Como não sò os Reis , mas senhores particulares davão Foraes às terras. Do modo do governo que então avia.</i>	<i>359</i>
CAP. XIII. <i>Proseguese a mesma materia do modo da decisão das cousas. Tratase da dignidade dos Infanções. . . .</i>	<i>366</i>
CAP. XIII. <i>O Infante Dom Afonso Henriquez se arma Cavalleiro em a Cidade de Çamora.</i>	<i>372</i>
CAP. XV. <i>Das discordias que se levantarão entre a Rainha Dona Tareja , & seu filho. Da batalha de Guimarães , & outros successos.</i>	<i>379</i>
CAP. XVI. <i>Como elRey de Castella entrou com exercito em Portugal em favor de sua Tia a Rainha Dona Tareja , & como ouve batalha com seu primo o Infante Dom Afonso Henriquez. . . .</i>	<i>390</i>
CAP. XVII. <i>Como o Infante Dom Afonso tomou o governo de Portugal. Do Es-</i>	<i>ta-</i>

	<i>tado das cousas da Christandade , em particular de Hespanha.</i>	<i>396</i>
CAP. XVIII.	<i>De algumas cousas tocantes ao governo da paz. Dos primeiros annos do Infante Dom Afonso. . . .</i>	<i>408</i>
CAP. XIX.	<i>Do cerco de Guimarães posto por elRey de Castella. Da ida de Egas Moniz a Toledo. Da probabilidade destes successos , & da causa delles. 416</i>	
CAP. XX.	<i>Da morte da Rainha Dona Tareja , em que tempo succedeo. Referemse alguns exemplos de piedade desta Princesa.</i>	<i>425</i>
CAP. XXI.	<i>Accommettem os Mouros a villa de Trancoso. Acode o Infante Dom Afonso , & alcança algumas vitorias. Da ajuda que nellas deu hum Monge de Cister por nome Aldeberto. . .</i>	<i>435</i>
CAP. XXII.	<i>Dos principios do insigne Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra , com a relação do Arcediago Dom Tello , & outros companheiros , que com elle tomarão o habito.</i>	<i>444</i>
CAP. XXIII.	<i>Do levantamento de Dom Bermudo Perez , cunhado do Infante Dom Afonso : como foi atalhado. Tocãose algumas cousas deste Fidalgo & de sua successão.</i>	<i>452</i>
CAP. XXIIII.	<i>De alguns appellidos de Familias nobres que se achão nas Escrituras deste tempo.</i>	<i>458</i>
	CAP-	

- CAP. XXV.** *Como se fundou o Castello de Leiria. Descrevese o sitio & fertilidade desta terra, & as cousas que tem mais notaveis.* 462
- CAP. XXVI.** *Das guerras que se renovarão entre o Infante Dom Afonso de Portugal, & o Emperador Dom Afonso de Castella, como ouve nellas varios successos.* 473
- CAP. XXVII.** *Da que se póde ter àcerca do Castello de Herena. Tocase a fundação de Tomar, & Orem.* . . . 481
- CAP. XXVIII.** *De alguns Fidalgos que se assinalarão nestas guerras de Portugal, & Castella. Tocãose antiguidades mui notaveis.* 478
- CAP. XXX.** *Dos Foraes de algumas terras, & de outras cousas pertencentes ao governo da paz destes annos.* 533

C A T A L O G O

*Das Obras impressas , e mandadas compôr pela Academia
R. das Sciencias : com os preços , por que se ven-
dem brochadas.*

-
- I.** **B**REVES Instrucções aos Correspondentes da Aca-
demia sobre as remessas dos productos naturaes
para formar hum Museo Nacional , *folheto* 8.º - 120
- II.** Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a manu-
factura do Azeite em Portugal remettidas á Aca-
demia por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mes-
ma, 1. vol. 4.º - - - - - 480
- III.** Memorias sobre a Cultura das Oliveiras , em
Portugal remettida á Academia pelo mesmo Au-
thor, 1. vol. 4.º - - - - - 480
- IV.** Memorias de Agricultura premiadas pela Aca-
demia , 2. vol. 8.º - - - - - 960
- V.** Paschalis Josephi Mellii Freirii Historia Juris-
Civilis Lusitani Liber singularis , 1. vol. 4.º - 640
- VI.** Ejusdem Institutiones Juris Civilis , et Crimin.
Lusit. , 5. vol. 4.º - - - - - 2400
- VII.** Osmia , Tragedia coroada pela Academia, *folh.*
4.º - - - - - 240
- VIII.** Vida do Infante D. Duarte , por André de Re-
zende , *folh.* 4.º - - - - - 160
- IX.** Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal , ou
Lexicon Etymologico das palavras , e nomes Por-
tuguezes , que tem origem Arabica , composto por
ordem da Academia , por Fr. João de Sousa , 1.
vol. 4.º - - - - - 480
- X.** Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitani-
cum Linnæanis nominibus illustratum. 1. vol. 8.º 200
- XI.** Ephemerides Nauticas , ou Diario Astronomico
para o anno de 1789 , calculado para o Meridiano
de Lisboa , e publicado de ordem da Academia 1.
vol. 4.º - - - - - 360
- O mesmo para todos os annos seguintes até 1798
inclusivamente, - - - - -
- XII.** Memorias Economicas da Academia Real das
Sciencias de Lisboa para o adiantamento da Agricul-
tura , das Artes , e da Industria em Portugal e suas
Conquistas , 3. vol. 4.º - - - - - 2400

- XIII.** Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza , dos Reinados dos Senhores Reys D. João I. , D. Duarte , D. Affonso V. , e D. João II. , publicada por José Corrêa da Serra', 3. vol. fol. - 5400
- XIV.** Avisos interessantes sobre as mortes apparentes mandados recopilar por ordem da Academia, folh. 8.º - - - - - gr.
- XV.** Tratado de Educação Physica para uso da Nação Portugueza , publicado por ordem da Academia Real das Sciencias por Francisco de Mello Franco , Correspondente da mesma , 1. vol. 4.º 360
- XVI.** Documentos Arabicos de Historia Portugueza , copiados dos originaes da Torre do Tombo com permissão de Sua Magestade , e vertidos em Portuguez por ordem da Academia pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa , 1. vol. 4.º - - - 480
- XVII.** Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia , escritas por Diogo de Couto em forma de Dialogo , com o titulo de *Soldado Pratico* , publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa por Antonio Caetano do Amaral , Socio Effectivo da mesma , 1. tom. 8.º mai. - - - - - 480
- XVIII.** Flora Cochinchinensis, sistens Plantas in Regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliae observatae in Sineni Imperio , Africâ Orientali , Indiaeque locis variis. Labore ac studio Joannis de Loureiro Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponensis Socii : Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita , 2. vol. 4.º mai. - - - - - 2400
- XIX.** Synopsis Chronologica de Subsídios , ainda os mais raros , para a Historia , e Estudo Critico da Legislação Portugueza , mandada publicar pela Academia R. das Sciencias , e ordenada por José Anastasio de Figueiredo , Correspondente do Numero da mesma Academia 2. vol. 4.º - - - - - 1800
- XX.** Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza , publicado por ordem da Academia Real das Sciencias por Francisco José de Almeida , Correspondente da mesma 1. vol. 4.º 360
- XXI.** Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha , publicadas de ordem da Academia , 1. vol. 8.º - - - - - 600
- XXII.** Advertencias sobre os abusos , e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha , publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias

por Francisco Tavares , Socio Livre da mesma	
<i>folh.</i> 4.º - - - - -	120
XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza , 6. vol.	
4.º - - - - -	4800
XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino , por	
Joaquim José Ferreira Gordo , Correspondente da	
Academia , 1. vol. 4.º - - - - -	400
XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza , 1.º vol.	
<i>fol. mai.</i> - - - - -	4800
XXVI. Compendio da Theorica dos Limites , ou In-	
troducção ao Methodo das Fluxões , por Francisco	
de Borja Garção Stockler , Socio da Academia , 1.	
vol. 8.º - - - - -	240
XXVII. Ensáio Económico sobre o Commércio de Por-	
tugal , e suas Colónias , offerecido ao Principe do	
Brazil N. S. , e publicádo de ordem da Academia	
Real das Sciencias pelo seu Sócio Jozé Joaquim	
da Cunha de Azerêdo Coutinho , 1 vol. 4.º - - -	480
XXVIII. Tratado de Agrimensura , por Estevão Ca-	
bral , Socio da Academia , 1. vol. 8.º - - -	240
XXIX. Analyse Chimica da Agoa das Caldas , por	
Guilherme Withering , em Portuguez e Inglez ,	
<i>folh.</i> 4.º - - - - -	240
XXX. Principios de Tactica Naval , por Manoel do	
Espirito Santo Limpo , Correspondente do Nu-	
mero da Academia 1. vol. 8.º - - - - -	480
XXXI. Memorias de Mathematica e Physica da Aca-	
demia Real das Sciencias , 2. vol. <i>fol.</i> - - -	4000
XXXII. Memorias para a Historia da Capitania de	
S. Vicente , por Fr. Gaspar da Madre de Deos ,	
1. vol. 4.º - - - - -	480
XXXIII. Observações Historicas , e Criticas para ser-	
virem de Memorias ao Systema da Diplomatica	
Portugueza , por João Pedro Ribeiro , Socio da A-	
cademia , Part. 1. ^a 4.º - - - - -	480
XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Lo-	
garithmicarum et Trigonometricarum , curante An-	
tonio Felkel , 1. vol. 4.º - - - - -	960
XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes ,	
1. vol. 4.º - - - - -	800
XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches , Prin-	
gle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doen-	
ças dos Exercitos , por Alexandre Antonio das	
Neves : para distribuir-se ao Exercito Portuguez. <i>fo-</i>	
<i>lh.</i> 12.º - - - - -	gr.
XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da	

- Peste. *Segunda edição accrescentada com o Opusculo*
de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569., folh.
12.º - - - - - 120
- XXXVIII. Hyppolyto, Tragedia de Euripedes, ver-
tida do Grego em Portuguez, pelo Director de hu-
ma das Classes da Academia; *com o texto*, 1.º vol. 4.º 480
- XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á se-
tima casa decimal, publicadas de ordem da Real
Academia das Sciencias por J. M. D. P. 1.º vol.
8.º - - - - - 480
- XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação
Portugueza posterior á publicação do Codigo Filip-
pino por João Pedro Ribeiro, Part. 1.ª e Part. 2.ª 1800
- XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler,
Secretario da Academia Real das Sciencias, Tom.
1.º vol. 8.º - - - - - 800
- XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia
Portugueza, publicada com notas pelo Director
da Classe da Litteratura da Acad. R. das Scien-
cias. 6 Tom. em 8.º - - - - - 3600

Estão no prélo as seguintes.

Taboadas Perpétuas Astronomicas para uso da Navega-
ção Portugueza.

Memorias Economicas. 4.º vol.

Memorias para servir á Historia das Nações Ultramarinas,
que vivem nos Dominios Portuguezes, ou lhes são vizi-
nhas.

Memorias para a Capitania do Maranhão.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza,
pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, e Joa-
quim de S. Agostinho de Brito França Galvão, 1.º vol.

Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real
das Sciencias, 3.º vol.

Actas e Memorias da Academia Real das Sciencias, 3.º vol.

Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes, pelo
Director da Classe de Litteratura, com Notas do Editor,
2.º, 3.º, 4.º, 5.º, e 6.º, vol.

Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P. 1.º vol.

*Vendem-se em Lisboa na logea de Bertrand; e em Co-
imbra, e no Porto tambem pelos mesmos preços.*

121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200

201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300

301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400

